

O VÉU PINTADO SOMERSET MAUGHAM



ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O VÉU PINTADO SOMERSET MAUGHAM



ASA



Ficha Técnica

Título original: The Painted Veil

Título: O Véu Pintado

Autor: W. Somerset Maugham

Traduzido do Inglês por Ana Maria Chaves

© The Royal Literary Fund

Capa: Panóplia®

Imagem da capa: © 2006 Painted Veil Productions, LLC.

All rights reserved.

ISBN: 9789892311791

Edições ASA

é uma chancela do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.leya.com

www.leya.pt

«...esse véu pintado a que os que vivem chamam Vida.»

PREFÁCIO

Esta história foi inspirada pelos versos de Dante que discorrem assim:

*Deb, quando tu sarai tornato al mondo,
E riposato della lunga via,
Seguito il terzo spirito al secondo,
Ricorditi di me, che son la Pia:
Siena mi fè; disfecemi Maremma:
Salsi colui, che, innanellata pria
Disponando m'avea con la sua gemma.*

«Peço-te que, quando ao mundo tornares, e da longa jornada repousares, seguido que for o terceiro espírito ao segundo, te recordes de mim, que sou a Pia. Siena me fez, Maremma me desfez: sabe-o aquele que após noivar me desposou com o seu anel.»

Era eu à data aluno de Medicina no Hospital de St. Thomas e as férias da Páscoa concederam-me seis semanas só para mim. Parti, de saco na mão e vinte libras no bolso. Tinha vinte anos. Fui a Génova e a Pisa, depois a Florença. Aí, na via Laura, aluguei um quarto – de cuja janela podia avistar a admirável cúpula da catedral – a uma senhora viúva com uma filha que, depois de muito regatear, me cedeu o quarto e as refeições por quatro liras por dia. Receio não ter sido para ela grande negócio, pois o meu apetite era voraz e eu era capaz de devorar uma montanha de macarrão sem problemas. Ela tinha uns vinhedos nas colinas da Toscana e lembro-me de que o Chianti que vinha de lá era o melhor que alguma vez bebi em toda a Itália. A filha dava-me lições de Italiano todos os dias. Parecia-me na altura ser já uma mulher madura, mas suponho que não teria mais de vinte e seis anos.

Tinha tido pouca sorte. O noivo, oficial do exército, tinha morrido na guerra, na Abissínia, e ela estava consagrada à virgindade. Era ponto assente que, após a morte da mãe (senhora jovialmente roliça e de cabelo grisalho que não fazia tenção de morrer um dia antes do que Nosso Senhor achasse por bem decretar), Ersília entraria para um convento. Ela, porém, aguardava esse momento com alegria. Apreciava uma boa risada. Os almoços e jantares decorriam sempre em ambiente muito alegre, mas levava as lições demasiado a sério e, quando eu dava sinais de estupidez ou desatenção, batia-me nos dedos com uma régua preta. Eu deveria ter-me indignado por ser tratado como uma criança se isso não me trouxesse à memória os pedagogos de outros tempos de que falavam os livros, o que me dava imensa vontade de rir.

Os meus dias eram laboriosos. Começava cada um traduzindo algumas páginas das peças de Ibsen, para adquirir domínio e à-vontade na escrita dos diálogos; depois, de Ruskin em punho, esquadrihava os cenários de Florença. Maravilhei-me, seguindo à risca as instruções, com a torre de Giotto e as portas de bronze de Ghiberti. Mostrei a apropriada dose de entusiasmo ante os Boticellis dos Uffizi e virei a espalda do desdém dos meus verdes anos àquilo que o mestre não aprovava. Depois do almoço tinha a lição de Italiano e a seguir saía de novo para ir visitar igrejas e passear nas margens do Arno, perdido em pensamentos. No fim do jantar saía em busca de aventuras, mas era tanta a minha inocência, ou pelo menos a minha timidez, que voltava sempre para casa tão virtuoso como tinha saído. Embora me tivesse dado uma chave, a Signora suspirava de alívio quando me ouvia entrar e trancar a porta, pois receava sempre que me esquecesse de o fazer; e depois lá voltava à minha leitura atenta da história dos Guelfos e dos Gibelinos. Tinha a amargurada consciência de que não era de todo assim que se comportavam os escritores da época romântica, embora duvidasse que algum deles tivesse conseguido passar seis semanas em Itália com vinte libras no bolso e apreciasse muitíssimo a minha vida sóbria e industriosa.

Como já tinha lido o *Inferno* (com a ajuda de uma tradução, mas procurando conscienciosamente no dicionário as palavras que não sabia), comecei o *Purgatório* com a Ersília. Quando chegámos à passagem que atrás transcrevi, ela disse-me que Pia era uma fidalga de Siena cujo marido, suspeitando que ela cometia adultério, mas receando mandá-la matar por causa da família dela, a levou para o seu castelo de Maremma onde acreditava que os vapores venenosos fariam o trabalho; ela, porém,

demorava tanto a morrer que ele, impaciente, ordenou que a atirassem da janela. Não sei onde Ersília foi buscar tudo isto – a nota explicativa do meu Dante era menos detalhada –, mas por algum motivo a história prendeu-me a imaginação. Passava-a e repassava-a mentalmente e, durante muitos anos, passava de vez em quando dois ou três dias a pensar nela. Costumava repetir o verso: *Siena mi fê; disfecemi Maremma*. Mas este era apenas um entre os inúmeros temas que me alimentavam a fantasia e esqueci-o durante longos períodos. Claro que não a via como uma história moderna nem me ocorria nenhum cenário no mundo de hoje onde tais acontecimentos pudessem, plausivelmente, ter lugar. Foi só quando fiz uma longa viagem pela China que o encontrei.

Penso que é o único romance que escrevi em que parti de uma história e não de uma personagem. É difícil explicar a relação entre personagem e enredo. É difícil pensar numa personagem em abstracto; no momento em que se pensa nela, pensa-se nela em determinada situação, a fazer determinada coisa, pelo que a personagem e, pelo menos, a sua acção principal parecem resultar de um acto simultâneo da imaginação. Neste caso, porém, as personagens foram escolhidas à medida da história que eu ia gradualmente desenvolvendo e construídas a partir de pessoas que eu tinha conhecido em circunstâncias diversas.

Deparei-me, no caso particular deste livro, com algumas das dificuldades com que um autor pode ser confrontado. Inicialmente tinha chamado Lane ao herói e à heroína, um nome bastante inócuo, mas parecia haver em Hong-Kong pessoas com esse apelido, pelo que foi movida uma acção que os proprietários da revista onde o meu romance era publicado em episódios resolveram com duzentas e cinquenta libras, sendo eu obrigado a mudá-lhes o nome para Fane. Nessa altura, porém, o Secretário Colonial Adjunto, sentindo-se ele próprio injuriado, ameaçou levar também o caso a tribunal. Fiquei surpreendido, pois em Inglaterra um primeiro-ministro, um arcebispo de Cantuária ou um chanceler podem ser usados como personagens de uma peça de teatro ou de um romance sem que os detentores de tão altos cargos se dignem sequer pestanejar. Causava-me, por isso, estranheza que o ocupante temporário de tão insignificante cargo se considerasse visado; mas, para evitar problemas, substituí Hong-Kong pela colónia imaginária de Tching-Yen¹. No entanto, quando a questão foi levantada já o livro tinha sido publicado, pelo que teve de ser retirado das bancas; mas, como é natural em casos como este, um determinado número de críticos astutos que o tinham recebido antecipadamente evocaram este

ou aquele pretexto para não o devolverem e esses exemplares têm hoje valor bibliográfico – penso que serão cerca de sessenta e os coleccionadores pagam somas elevadas por eles.

¹ Tching-Yen foi substituído por Hong-Kong na presente edição. Tching-Yen foi substituído por Hong-Kong na presente edição.

Ela soltou um grito assustado.

– O que foi? – perguntou ele.

Apesar da penumbra em que as persianas corridas mergulhavam o quarto, ele viu o rosto dela subitamente desfigurado pelo terror.

– Alguém tentou abrir a porta.

– Bem, talvez fosse a *amah*², ou algum dos criados.

– Nunca aparecem aqui a esta hora. Sabem que faço sempre a sesta depois do almoço.

– Quem mais poderia ser?

– O Walter – sussurrou ela com lábios trémulos.

Apontou para os sapatos dele. Ele tentou calçá-los, mas o nervosismo dela roubava-lhe a destreza, pois tanta ansiedade estava a afectá-lo e, além disso, os sapatos estavam do lado mais apertado da cama. Com um breve suspiro de impaciência ela deu-lhe a calçadeira. Em seguida ela própria vestiu um quimono e dirigiu-se descalça para o toucador. Usava o cabelo muito curto e, com um pente, tinha conseguido retocar-lhe a desordem antes de ele acabar de apertar o segundo sapato. Estendeu-lhe o casaco.

– Como é que eu saio?

– É melhor esperar um bocadinho. Vou espreitar para ver se está tudo bem.

– Não pode ser o Walter. Ele só sai do laboratório às cinco.

– Então quem será?

Falavam agora em surdina. Ela tremia. Ele percebeu que ela perderia a cabeça numa emergência e, de repente, isso irritou-o. Se não era seguro, por que diabo lhe tinha dito que era? Ela controlou a respiração e tocou-lhe no braço. Ele seguiu-lhe o olhar. Estavam virados para as janelas que abriam

para a varanda. As persianas estavam fechadas e travadas. Viram a maçaneta branca de porcelana rodar lentamente. Não tinham ouvido passos na varanda. Era aterrador seguir a lentidão do movimento. Passou-se um minuto e nem o mais pequeno ruído. Nisto, com a irreabilidade do sobrenatural, e do mesmo modo furtivo, silente e petrificante, viram a maçaneta branca de porcelana da outra janela rodar também. Era tão assustador que Kitty, descontrolada, abriu a boca para gritar; ele, porém, apercebendo-se do que ela ia fazer, tapou-lha rapidamente com a mão e o grito foi abafado pelos seus dedos.

Silêncio. Ela encostou-se a ele com os joelhos a tremer e ele receou que fosse desmaiar. De semblante carregado e queixo crispado, ele levou-a até à cama, onde a sentou. Ela estava tão branca como o lençol e o rosto dele, apesar de bronzeado, também estava pálido. Ficou parado ao lado dela, de pé, a olhar com assombrado fascínio para a maçaneta de porcelana. Nenhum deles abriu a boca e ele reparou então que ela estava a chorar.

– Por amor de Deus, não faça isso – sussurrou, irritado. – Se fomos apanhados, fomos apanhados. Temos de enfrentar a situação de cabeça erguida.

Ela procurou o lenço e ele, percebendo o que ela queria, estendeu-lhe a bolsa.

– Onde está o seu chapéu?

– Deixei-o lá em baixo.

– Meu Deus!

– Francamente, veja se se controla. Há noventa e nove por cento de probabilidades de não ser o Walter. Por que diabo iria ele voltar para casa a esta hora? Nunca vem a casa a meio da tarde, ou vem?

– Nunca.

– Aposto consigo o que quiser que era a *amah*.

Ela ofereceu-lhe a sombra de um sorriso. A voz dele, cheia e acariciante, tranquilizava-a. Ela pegou-lhe então na mão e apertou-a afectuosamente, o que lhe deu um instante para se recompor.

– Oiça, não podemos ficar aqui para sempre – disse ele, por fim. – Sente-se capaz de ir dar uma espreitadela à varanda?

– Creio que nem consigo pôr-me de pé.

– Tem *brandy* por aqui?

Ela abanou a cabeça. Ele, cada vez mais impaciente, não sabia muito bem o que fazer. Uma ruga ensombrou-lhe a fronte por momentos. De repente ela apertou-lhe a mão com mais força.

– E se ele está lá fora à espera?

Ele forçou um sorriso e a sua voz manteve o tom gentil e persuasivo de que tinha absoluta consciência.

– Não é muito provável. Pense bem, Kitty. Como é que pode ser o seu marido? Se ele tivesse entrado e visto um chapéu estranho na entrada, subido as escadas e encontrado o quarto fechado à chave, teria certamente reagido de uma maneira ou de outra. Deve ter sido um dos criados. Só um chinês seria capaz de rodar a maçaneta daquela forma.

Ela sentia-se agora mais segura de si.

– Não é nada agradável, mesmo que tenha sido só a *amah*.

– A essa podemos dar-lhe a volta e, se necessário, calo-a pelo medo. Ser funcionário do governo não tem muitas vantagens, mas pelo menos sempre dá para tirar algum partido.

Ele devia ter razão. Ela levantou-se e, virando-se para ele, estendeu-lhe os braços: ele enlaçou-a e beijou-a nos lábios. O arrebatamento era tanto que doía. Ela adorava-o. Ele soltou-a e ela aproximou-se da janela. Puxou o fecho para trás, entreabriu a persiana e espreitou. Não havia viva alma. Saiu para a varanda, espreitou para o quarto de vestir do marido e, depois, para a sua própria salinha de leitura, ambos vazios. Voltou para o quarto e disse, abanando a cabeça:

– Ninguém.

– Estou convencido de que tudo não passou de uma ilusão de óptica.

– Não se ria. Eu fiquei aterrorizada. Vá sentar-se na minha salinha enquanto calço as meias e os sapatos.

Ele fez o que ela ordenou e, passados cinco minutos, ela apareceu. Ele estava a fumar um cigarro.

– Pode arranjar-me um *brandy* com soda?

– Claro, é só tocar a campainha.

– Da maneira como as coisas estão, não creio que isso a prejudique.

Esperaram em silêncio que o criado chegasse e ela lhe desse as suas ordens.

– Telefone para o laboratório e pergunte se o Walter está – disse ela. – Lá não conhecem a sua voz.

Ele levantou o auscultador e pediu a ligação. Perguntou se o Dr. Fane estava e pousou o auscultador.

– Ainda não voltou depois do almoço – informou. – Pergunte ao criado se ele esteve aqui.

– Não me atrevo. Vai parecer tão estranho... se ele esteve e não o vi.

O criado trouxe as bebidas e Townsend serviu-se. Quando lhe ofereceu uma, ela recusou.

– O que é que vamos fazer se era o Walter? – perguntou ela.

– Talvez ele não se importe.

– O Walter?

O tom de voz era incrédulo.

– Sempre o achei muito tímido. Há homens que não suportam cenas, sabe. E ele tem bom senso suficiente para saber que não tem nada a ganhar com um escândalo. Não acredito nem por um minuto que fosse o Walter, mas, mesmo que fosse, a impressão que tenho é que não vai fazer nada. Penso que vai ignorar o facto.

Ela reflectiu um instante.

– Ele está terrivelmente apaixonado por mim.

– Bem, melhor ainda. Você consegue dar-lhe a volta – disse ele, oferecendo-lhe aquele sorriso encantador que ela sempre achara tão irresistível. Era um sorriso lento que começava a desenhar-se nos seus olhos azuis-claros e ia descendo em graus perceptíveis até à boca bem delineada. Os dentes eram pequenos, brancos e perfeitos. Era um sorriso tão sensual que lhe derretia o coração dentro do peito.

– Não estou muito preocupada – disse ela, num lampejo de irreverência.

– Valeu a pena.

– A culpa foi minha.

– Porque veio? Fiquei admirada quando o vi.

– Não pude resistir.

– Você é um querido.

Ela encostou-se mais a ele, com os olhos pretos muito brilhantes fixos nos dele e a boca entreaberta de desejo, e ele envolveu-a nos seus braços.

– Sabe que pode sempre contar comigo – disse ele.

– Sou tão feliz ao seu lado. Só desejava poder fazê-lo tão feliz como você me faz.

– Já não está assustada?

– Odeio o Walter – respondeu ela.

Sem saber o que dizer, ele beijou-a e sentiu a suavidade do rosto dela contra o seu.

Pegou-lhe então no pulso, cingido por um pequeno relógio de ouro, e viu as horas.

– Sabe o que é que eu devo fazer agora?

– Desaparecer? – disse ela a sorrir.

Ele concordou. Por momentos ela agarrou-se a ele com mais força, mas sentiu nele a vontade de partir e soltou-o.

– É uma vergonha a maneira como negligencia o seu trabalho. Ponha-se a andar.

Ele nunca conseguia resistir à tentação de namorar.

– Parece estar com uma pressa danada de se ver livre de mim – disse ele pouco convicto.

– Sabe que detesto deixá-lo ir embora.

A resposta dela foi dada em voz baixa, grave e séria. Lisonjeado, ele deu uma risada.

– Não preocupe a sua linda cabecinha com o nosso visitante misterioso. Tenho a certeza de que foi a *amah*. E depois, se houver algum problema,

garanto-lhe que a livro dele.

– Fala a voz da experiência?

O sorriso dele foi divertido e complacente.

– Não, mas gabo-me de ter a cabeça bem assente nos ombros.

Ela foi à varanda para o ver sair. Ele disse-lhe adeus. Ao olhar para ele, sentiu uma certa excitação: ele tinha quarenta e um anos, mas um corpo flexível e o passo saltitante de um rapaz.

A varanda estava na sombra e ela deixou-se aí ficar, languidamente, com o coração apaziguado por este amor feliz. A casa erguia-se em Happy Valley, na encosta, pois não tinham posses para morar lá em cima, no Pico, a zona nobre, mas também a mais cara. Porém, o seu olhar absorto mal captou o azul do mar e a azáfama do porto. Os seus pensamentos iam todos para o seu amor.

Claro que era uma estupidez comportarem-se como tinham feito nessa tarde, mas, se ele a desejava, como podia ela ser prudente? Ele tinha vindo duas ou três vezes depois do almoço, quando ninguém se atrevia a enfrentar o calor tórrido da tarde, e nem os criados o tinham visto entrar ou sair. Ela não conseguia adaptar-se a Hong-Kong. Odiava a cidade chinesa e ficava nervosíssima de cada vez que ia àquela casa duvidosa perto de Victoria Road onde costumavam encontrar-se. Era uma espécie de bazar e os chineses que por lá estavam sentados olhavam-na com antipatia; odiava o sorriso melífluo do velho que a acompanhava às traseiras da loja e daí ao primeiro andar por uma escada esconsa. O quarto aonde ele a conduzia era sujo e desmazelado, e ela estremecia só de olhar a enorme cama de madeira encostada à parede.

– Tudo isto é terrivelmente sórdido, não é? – disse ela a Charlie a primeira vez que lá se encontraram.

– Era, até você entrar – foi a resposta dele.

Claro que ela esqueceu tudo no momento em que ele a tomou nos braços.

Ah, como detestava não ser livre, não serem livres os dois! Não gostava

da mulher dele. Os pensamentos itinerantes de Kitty detiveram-se por um momento em Dorothy Townsend. Que infelicidade alguém chamar-se Dorothy! Ficava-se logo datada. Ela tinha pelo menos trinta e oito anos. Mas Charlie nunca falava da mulher. Era evidente que não gostava dela, que ela o matava de tédio. Mas ele era um cavalheiro. Kitty sorriu com afectuosa ironia: bem típico daquele bonzão; podia ser-lhe infiel, mas jamais permitiria que uma palavra de menosprezo em relação a ela lhe aflorasse aos lábios. Ela era uma mulher sobre o alto, mais alta do que Kitty, nem gorda nem magra, com uma farta cabeleira castanha clara, e nunca poderia ter sido dona de outra beleza que a própria da juventude. As feições eram correctas, sem serem marcantes, e frios os olhos azuis. Tinha uma pele para a qual ninguém olharia duas vezes e as faces primavam pela ausência de cor. E vestia-se como – bem, como aquilo que era, a esposa do secretário colonial adjunto de Hong-Kong. Kitty sorriu e encolheu levemente os ombros.

Claro que ninguém podia negar que Dorothy Townsend tinha uma voz agradável. Era uma mãe extremosa, como Charlie sempre dizia, e aquilo a que a mãe de Kitty chamava uma grande senhora. Mas Kitty não simpatizava com ela. Não gostava dos seus modos desprentensiosos, e a delicadeza com que tratava as pessoas quando as recebia para o chá ou para um jantar era verdadeiramente exasperante, pois sentia-se inevitavelmente o pouco interesse que por elas nutria. O que se passava, supunha Kitty, era ela não querer saber de mais nada a não ser dos filhos: tinha dois rapazes num colégio em Inglaterra e um outro, de seis anos, que ela própria iria acompanhar a Inglaterra no ano seguinte. O seu rosto era uma máscara. Sorria e, no seu estilo agradável e cortês, dizia o que se esperava que dissesse; no entanto, e apesar de toda a sua cordialidade, mantinha o interlocutor à distância. Tinha alguns amigos íntimos na colónia que a admiravam muito. Kitty perguntou-se se Mrs. Townsend não a acharia demasiado vulgar, e corou de repente. Afinal ela não tinha motivos para se dar ares. Era verdade que o pai tinha sido governador colonial, o que foi uma honra enquanto durou – todos se levantavam quando ela entrava e os homens cumprimentavam-na quando passava de carro –, mas o que poderia haver de mais insignificante do que um governador colonial aposentado? O pai de Dorothy Townsend vivia com uma pensão numa casa modesta em Earl's Court. Para a mãe de Kitty seria uma tremenda maçada se ela lhe pedisse que fosse visitá-lo. Bernard Garstin, o pai de Kitty, era conselheiro do rei e, de um momento para o outro, poderia até ser nomeado juiz. Além

disso, viviam em South Kensington.

Kitty, a viver em Hong-Kong desde o casamento, tinha tido dificuldade em aceitar que a sua posição social fosse ditada pela profissão do marido. Sem dúvida que todos se tinham mostrado muito simpáticos e que durante dois ou três meses eles tinham sido convidados para festas quase todas as noites; quando foram jantar ao Palácio do Governo, o governador recebeu-a como uma noiva; mas Kitty depressa se apercebeu de que, como esposa do bacteriologista oficial, a sua importância era muito reduzida, o que a enfurecia.

– É absurdo de mais – disse um dia ao marido. – Sim, aqui não há quase ninguém com quem nos dêsemos ao trabalho de perder cinco minutos em Inglaterra. A minha mãe nem em sonhos convidaria algumas destas pessoas para jantar.

– Não deve deixar que isso a preocupe – disse ele. – Sabe, isso não tem importância nenhuma.

– Claro que tem. Só mostra como são estúpidos, mas tem a sua graça, quando penso em todas as pessoas que costumavam frequentar a nossa casa em Inglaterra, que aqui sejamos tratados como lixo.

– Do ponto de vista social, o homem de ciência não existe – disse ele com um sorriso.

Agora ela sabia-o, mas não o sabia quando se casara com ele.

– Não creio que me divirta muito ser convidada para jantar pelo director da companhia de navegação – disse ela, a rir, para que o que acabara de dizer não parecesse demasiado petulante.

Talvez ele tenha vislumbrado a censura por detrás da leveza do tom, pois pegou-lhe na mão e apertou-a timidamente.

– Lamento muito, minha querida Kitty, mas não deixe que isso a afecte.

– Ah, não, não vou deixar que isso aconteça.

Não podia ter sido o Walter naquela tarde. Devia ter sido um dos criados e esses não interessavam. Os criados chineses estavam sempre a par de tudo, mas ficavam de boca fechada.

O coração bateu mais depressa quando recordou o modo como a maçaneta branca de porcelana rodara lentamente. Não podiam voltar a arriscar-se daquela maneira. Mais valia voltarem à loja chinesa. Ninguém que a visse entrar iria desconfiar e estariam completamente em segurança. O dono da loja sabia bem quem Charlie era e não era louco para descobrir a careca ao secretário colonial adjunto. Aliás, que importava o resto, se Charlie a amava?

Saiu da varanda, entrou na saleta, deixou-se cair no sofá e estendeu a mão para os cigarros. Foi então que os seus olhos repararam num bilhete deixado em cima de um livro. Abriu-o. Estava escrito a lápis.

Querida Kitty,

Aqui está o livro que queria. Ia precisamente enviar-lho quando encontrei o Dr. Fane que se ofereceu para o levar uma vez que ia passar por casa.

V. H.

Tocou a campainha e, quando o criado entrou, perguntou-lhe quem tinha trazido o livro e quando.

– Patrão trazer, senhora, depois d’almoço – respondeu o rapaz.

Então tinha sido o Walter. Acto contínuo, telefonou para o gabinete do secretário colonial, pediu para falar com Charlie e contou-lhe o que tinha acabado de descobrir. Seguiu-se uma pausa antes de ele responder.

– O que hei-de fazer? – perguntou ela.

– Estou no meio de uma reunião importante. Receio não poder falar consigo agora. O meu conselho é que não se precipite.

Pousou o auscultador. Percebeu que ele não estava sozinho, mas não tinha paciência para esperar.

Sentou-se outra vez, desta feita à escrivaninha, e, com o rosto apoiado entre as mãos, procurou analisar a situação. Claro que o Walter podia simplesmente ter pensado que ela estava a dormir: não havia razão nenhuma para ela não se fechar à chave. Procurou lembrar-se se estavam a conversar. Decerto não estavam a conversar em voz alta. E depois havia o chapéu. Uma loucura o Charlie tê-lo deixado lá em baixo. Mas agora não adiantava nada recriminá-lo, tinha sido um lapso perfeitamente natural e nada garantia que Walter o tivesse visto. O mais provável era estar com pressa e ter deixado o livro e o bilhete a caminho de alguma reunião de trabalho. O mais estranho era ele ter tentado abrir a porta e depois as duas janelas. Se a julgasse a dormir, não era nada o seu estilo ir acordá-la. Que parva que tinha sido!

Sacudiu levemente a cabeça e sentiu de novo no coração aquela dor tão doce que sentia sempre que pensava em Charlie. Tinha valido a pena. Ele tinha dito que ficaria ao lado dela, e, se acontecesse o pior, bem... o Walter que fizesse um escândalo se quisesse. Ela tinha Charlie; queria lá saber! Talvez o melhor para ele fosse mesmo descobrir. Nunca tinha gostado de Walter e, desde que se apaixonara por Charlie Townsend, era-lhe penoso e enfadonho submeter-se às carícias do marido. Só queria não ter mais nada que ver com ele. Não via como ele poderia provar fosse o que fosse. Se a acusasse, negaria tudo e, se chegasse a um ponto em que já não pudesse negar mais, bem, poderia sempre atirar-lhe a verdade à cara e ele que fizesse o que entendesse.

Poucos meses depois de se ter casado percebeu que tinha cometido um erro; a culpa, porém, ainda tinha sido mais da mãe do que dela.

Havia um retrato da mãe na sala e os olhos preocupados de Kitty pousaram nele. Não sabia por que motivo ainda o mantinha ali, pois não nutria grande afecto pela mãe; havia também um do pai, mas esse estava lá em baixo, em cima do piano de cauda. Tinha sido tirado quando ele fora nomeado conselheiro do rei e representava-o de toga e cabeleira. Mas nem isso conseguia dar-lhe um ar imponente; era um homem pequenino e mirrado, de olhos cansados, lábio superior descaído e boca fina; o fotógrafo, sorridente, tinha-lhe dito para pôr um ar satisfeito, mas ele conseguira apenas mostrar-se austero. Foi por isso que Mrs. Garstin, habituada a que os cantos da boca descaídos do marido e o olhar melancólico lhe dessem geralmente um ar vagamente deprimido, o tinha escolhido de entre todas as provas por achar que lhe conferia um ar forense. Porém, o retrato dela mostrava-a com o vestido com que tinha ido à cerimónia de posse, na Corte, quando o marido tinha sido nomeado conselheiro do rei. Estava imponente no seu vestido de veludo, com a cauda disposta de modo a favorecer-lhe a figura, ramo de flores na mão e plumas no cabelo. De pé, altiva. Era uma mulher de cinquenta anos, magra e sem peito, de maçãs do rosto salientes e nariz grande, mas bem desenhado. Tinha uma farta e sedosa cabeleira preta e Kitty sempre tinha desconfiado que, se não era propriamente pintada, alguma coisa ela lhe punha. Os seus belos olhos negros nunca estavam quietos, sendo este o seu traço mais notório. Quando falava com a mãe era desconcertante ver aqueles olhos inquietos no rosto impassível e sem rugas, de tez amarelada. Deslocavam-se de uma parte do seu corpo para outra, daí para as restantes pessoas e de

novo para ela, e a sensação que dava era a de estarem constantemente a criticá-la, a avaliá-la – mas sem perder de vista tudo o que se passava em redor – e de que as palavras que dizia não tinham qualquer relação com os pensamentos.

Mrs. Garstin era uma mulher dura, cruel, manipuladora, ambiciosa, parcimoniosa e muito estúpida. Era uma de cinco filhas de um solicitador de Liverpool e Bernard Garstin tinha-a conhecido quando foi colocado no Norte. Ele parecia na altura um jovem promissor e o pai dela vaticinou que iria longe. Mas não foi. Era esforçado, laborioso e competente, mas faltava-lhe força de vontade para progredir. Mrs. Garstin desprezava-o. Reconhecia, porém, ainda que com amargura, que só através dele poderia alcançar o sucesso, pelo que chamou a si a tarefa de o orientar de acordo com os seus desejos. Infernizava-o sem dó nem piedade. Descobriu que, quando queria que ele fizesse alguma coisa que lhe feria a sensibilidade, bastava fazer-lhe a vida num inferno até que ele, exausto, acabasse por ceder. Ela, por seu turno, tratava de cultivar relações com quem pudesse vir a ser-lhe útil. Adulava os solicitadores que pudessem dar trabalho ao marido e tornava-se íntima das suas mulheres. Desfazia-se em atenções com os juízes e respectivas esposas. Empenhava-se ao máximo com os políticos de futuro promissor.

Ao longo de vinte e cinco anos, Mrs. Garstin nunca convidou quem quer que fosse para jantar por gostar da pessoa. Dava frequentemente grandes jantares, mas a parcimónia era nela tão forte quanto a ambição. Detestava gastar dinheiro. Regozijava-se de ser capaz de fazer um brilharete igual ao de outras pessoas por metade do dinheiro. Os seus jantares eram longos e elaborados, mas económicos, e nunca foi capaz de reconhecer que os convidados, enquanto comiam e conversavam, sabiam muito bem o que estavam a beber. Envolvia um Moselle espumoso num guardanapo e julgava que os convidados o tomavam por champanhe.

Bernard Garstin tinha um currículo razoável, mas não muito extenso.

Outros que haviam sido chamados depois dele já o tinham há muito ultrapassado. Mrs. Garstin obrigou-o a concorrer ao Parlamento. Os custos da campanha foram suportados pelo partido, mas também aí a sua parcimónia lhe frustrou a ambição e não houve nada nem ninguém que a convencesse a gastar o dinheiro suficiente para sensibilizar os eleitores. Os donativos de Bernard Garstin para as inúmeras fundações para que se espera que todo o candidato contribua ficaram sempre um pouco aquém do aconselhável, e ele foi derrotado. Por muito que tivesse agradado a Mrs. Garstin ser esposa de um membro do Parlamento, suportou com coragem a decepção. A posição do marido tinha-a posto em contacto com uma série de personalidades de destaque e estava ciente dos benefícios sociais que isso lhe traria. Sabia que Bernard nunca deixaria a sua marca no Parlamento, mas ela só queria que ele lá entrasse para poder reivindicar a gratidão do partido, o que certamente conseguiria lutando contra dois ou três candidatos derrotados à partida.

Bernard continuava, no entanto, a não progredir na carreira e muitos outros, mais novos do que ele, já tinham sido feitos conselheiros. Era absolutamente necessário que ele o fosse também, não só porque de outro modo seriam quase nulas as esperanças de chegar a juiz, mas também por causa dela; mortificava-a entrar nas salas de jantar atrás de mulheres dez anos mais novas. Neste ponto, porém, encontrou no marido uma obstinação a que não estava habituada havia anos. Ele receava não ter trabalho suficiente como conselheiro do rei. Mais valia um pássaro na mão do que dois a voar, era o que ele dizia, ao que ela respondia que os provérbios eram o último refúgio dos pobres de espírito. Ele falou-lhe então na possibilidade de o seu rendimento passar para metade, ciente de que nenhum outro argumento poderia ter mais peso na opinião dela. Mas ela nem quis ouvir. Chamou-lhe pusilânime e não lhe deu sossego até ele ceder, como sempre fazia. Candidatou-se então ao lugar e foi prontamente nomeado conselheiro.

Mas os seus maus pressentimentos eram justificados. Não se afirmou como líder e eram muito poucas as causas para defender. Escondia, porém, a decepção que isso lhe poderia ter causado e, se recriminava a mulher, era só no seu íntimo. Tornou-se talvez um pouco mais calado, mas sempre o fora em casa, e ninguém na família detectou qualquer mudança. As filhas nunca o tinham visto senão como fonte de rendimento; sempre tinham considerado perfeitamente natural que ele levasse uma vida de cão para lhes proporcionar tecto, alimento, vestuário, férias e dinheiro para gastos; e agora, vendo que por culpa dele o dinheiro entrava com menos fartura, a

indiferença que já sentiam ganhava laivos de exasperado desprezo. Nunca lhes passou pela cabeça perguntarem-se quais seriam os sentimentos daquele homenzinho subjugado que saía de casa de manhã cedo e regressava à noitinha precisamente a tempo de se vestir para o jantar. Era para elas um estranho, mas, como pai, achavam que amá-las e sustentá-las não era mais do que a sua obrigação.

Havia, porém, em Mrs. Garstin uma coragem que, em si mesma, era admirável. Não deixava que ninguém do seu círculo de relações mais próximo, que para ela era o mundo, visse o quanto a mortificava a frustração das suas esperanças. Não operou qualquer mudança no seu estilo de vida. Graças a uma gestão prudente, conseguiu continuar a dar jantares tão ostentatórios como anteriormente e a receber os amigos com a mesma alegria esfuziante que tinha cultivado durante tantos anos. Era detentora de um manancial de fluente e incisiva tagarelice, que no círculo social em que se movia passava por conversa. Era uma convidada de grande utilidade entre pessoas menos destros na arte da conversa inconsequente, pois nunca se intimidava ante um novo tópico e podiam confiar nela para quebrar rapidamente um silêncio embaraçoso com uma observação apropriada.

Agora já era muito pouco provável que Bernard Garstin fosse alguma vez nomeado juiz do Supremo, mas ainda podia aspirar a ser juiz de um tribunal de comarca ou, na pior das hipóteses, das colónias. Entretanto Mrs. Garstin teve a satisfação de o ver ser nomeado juiz municipal de uma cidade de Gales. Porém, era nas filhas que ela depunha todas as esperanças. Arranjando-lhes bons casamentos, esperava compensar todas as decepções de uma vida. Tinha duas filhas, Kitty e Doris. Doris não apresentava quaisquer traços de beleza, com um nariz demasiado comprido e uma figura atarracada, pelo que Mrs. Garstin não podia desejar para ela mais do que vê-la casada com um jovem que vivesse desafogadamente e tivesse uma profissão digna.

Mas Kitty era uma beldade. Já em criança prometia vir a sê-lo, com os seus grandes olhos castanhos, fluidos e alegres, o cabelo castanho encaracolado com reflexos avermelhados, uns dentes perfeitos e uma tez

encantadora. As feições nunca seriam muito correctas, pois tinha o queixo demasiado quadrado e o nariz demasiado grande, se bem que não tão comprido como o de Doris. A sua beleza dependia em grande parte da sua juventude e Mrs. Garstin sabia que ela tinha de casar no primeiro esplendor da virgindade. Quando debutou estava deslumbrante: a pele continuava a ser o que de mais belo tinha, mas os olhos, orlados de longas pestanas, eram tão cintilantes e ao mesmo tempo tão fluidos que o coração estremecia só de olhá-los. Era, além disso, possuidora de uma jovialidade encantadora e do desejo de agradar. Mrs. Garstin dedicava-lhe todo o afecto de que era capaz – um afecto duro, competente, calculista. Tinha sonhos ambiciosos – não era um bom casamento o que ela queria para a filha, mas um casamento fabuloso.

Kitty tinha sido educada sabendo que ia ser uma mulher bonita e tinha fortes suspeitas quanto à ambição da mãe, que ia de encontro aos seus próprios desejos. Foi lançada na vida social e Mrs. Garstin realizava verdadeiros prodígios conseguindo convites para bailes onde a filha pudesse encontrar os melhores partidos. Kitty fazia sucesso. Era tão divertida quanto bonita e rapidamente tinha doze exemplares do sexo masculino apaixonados por ela. Mas nenhum era o ideal, e Kitty, encantadora e afável com todos, tinha o cuidado de não se comprometer com nenhum. A sala de South Kensington enchia-se aos domingos à tarde de jovens apaixonados, mas Mrs. Garstin reparava, com um sinistro sorriso de aprovação, que não precisava de se esforçar para os manter longe de Kitty. Kitty estava preparada para namoriscar com todos e divertia-se a lançá-los uns contra os outros, mas quando eles se declaravam, o que nenhum deixava de fazer, recusava-os com tacto, mas determinação.

A primeira temporada passou sem que surgisse o pretendente perfeito, e a segunda também; mas ela era jovem e podia esperar. Mrs. Garstin dizia às amigas que a filha achava uma pena uma rapariga casar-se antes dos vinte e um anos. Mas passou a terceira e depois a quarta. Dois ou três dos seus antigos admiradores voltaram a declarar-se, mas continuavam sem um tostão; um ou dois jovens mais novos do que ela também se declararam e o mesmo fez um antigo funcionário da Índia, agraciado com a Ordem do Império das Índias: tinha cinquenta e três anos. Kitty continuava a frequentar inúmeros bailes, ia a Wimbledon e ao Lord's, a Ascot e a Henley. Divertia-se imenso, mas continuava a não haver ninguém de posição e rendimento satisfatórios que a pedisse em casamento. Mrs. Garstin começou a ficar preocupada. Reparou que Kitty começava a atrair

os homens de quarenta anos e até mais velhos. Lembrou então à filha que daí a um ou dois anos já não seria tão bonita e que estavam a chegar constantemente à sociedade novas jovens casadoiras. Mrs. Garstin falava sem rodeios em família e avisou a filha de que ia ficar sem alternativas.

Kitty encolhia os ombros. Achava-se tão bonita como dantes, talvez até mais, pois nos últimos quatro anos tinha aprendido a vestir-se e, além disso, tinha tempo de sobra. Se quisesse casar só por casar havia uma dúzia de jovens que correriam a agarrar a oportunidade. O homem certo havia de chegar mais tarde ou mais cedo. Porém, Mrs. Garstin avaliava a situação com mais astúcia: com o coração amargurado por causa da filha, essa jovem lindíssima que tinha perdido todas as oportunidades, baixou um pouco a fasquia e voltou-se para as profissões liberais de que o orgulho a tinha feito desdenhar, e começou a procurar um jovem advogado ou um homem de negócios cujo futuro lhe inspirasse confiança.

Kitty completou vinte e quatro anos e continuava por casar. Mrs. Garstin estava desesperada e muitas vezes não hesitava em dizer à filha umas verdades e perguntava-lhe por quanto tempo mais ainda esperava que o pai a sustentasse. Ele tinha dispendido somas que mal conseguia arranjar para lhe criar oportunidades e ela não as tinha aproveitado. Nunca ocorreu a Mrs. Garstin que talvez fosse a sua dura afabilidade que tivesse afugentado todos aqueles jovens, filhos de pais ricos ou herdeiros de um título, cujas visitas ela tinha encorajado com exagerada cordialidade, e atribuía o insucesso de Kitty à sua estupidez. Chegou a vez de Doris debutar. Continuava a ter o nariz comprido, fraca figura e dançava bastante mal. Porém, logo no primeiro ano ficou noiva de Geoffrey Dennison, filho único de um próspero cirurgião a quem, durante a guerra, tinha sido concedido o título de baronete. Geoffrey herdaria o título – não será grande honra ser médico e baronete, mas um título, graças a Deus, é sempre um título – e uma fortuna muito confortável.

Kitty, em pânico, casou-se então com Walter Fane.

Tinha-o conhecido há muito pouco tempo e nunca lhe tinha dado grande atenção. Não fazia ideia de quando e onde se tinham encontrado a primeira vez até ele lhe dizer, depois de ficarem noivos, que tinha sido num baile aonde uns amigos o tinham levado. Nessa altura ela não lhe prestou certamente atenção nenhuma e, se dançou com ele, foi só por ser simpática e não se importar de dançar com quem a convidasse. Já não se lembrava dele quando, passados um ou dois dias, ele veio cumprimentá-la num outro baile. Nessa altura comentou até que ele aparecia em todos os bailes onde ela estava.

– Sabe uma coisa, já dancei consigo pelo menos uma dúzia de vezes e tem de me dizer o seu nome – disse-lhe ela por fim, com o seu ar sorridente.

Ele ficou obviamente perplexo.

– Quer dizer que não sabe? Mas eu já lhe fui apresentado.

– Ah, mas as pessoas falam sempre entre dentes. Não me admirava nada se você não fizesse a mais pequena ideia de qual é o meu.

Ele sorriu-lhe. O seu rosto estava sério e ligeiramente tenso, mas o sorriso era muito doce.

– Claro que sei. – Calou-se por um momento. – Não é curiosa? – perguntou então.

– Tanto quanto a maior parte das mulheres.

– Não lhe ocorreu perguntar a alguém como eu me chamava?

Divertia-a pensar por que razão acharia ele que isso poderia interessar-lhe minimamente. Porém, como gostava de agradecer, olhou-o com o seu sorriso radiante, e os seus olhos belíssimos, como lagos de orvalho sob frondes de arvoredor, emanaram uma bondade fascinante.

– Bem, então qual é?

– Walter Fane.

Ela não entendia por que razão ele frequentava tantos bailes, pois não dançava muito bem e parecia não conhecer quase ninguém. Passou-lhe de repente pela cabeça que poderia estar apaixonado por ela, mas afastou o pensamento com um encolher de ombros: já tinha conhecido raparigas que pensavam que todos os homens que encontravam estavam apaixonados por elas e sempre as tinha achado absurdas. No entanto, deu a Walter Fane um pouco mais de atenção. Uma coisa era certa, ele não se comportava como todos os outros jovens que se tinham apaixonado por ela. A maior parte deles diziam-lho abertamente e queriam logo beijá-la: muitos o fizeram. Mas Walter Fane nunca falava dela e falava muito pouco de si mesmo. Era bastante calado, o que não a incomodava, pois não lhe faltava o que dizer e gostava de o ver rir dos seus ditos espirituosos. No entanto, quando falava, nunca era a despropósito. Era obviamente tímido. Parecia que vivia no Oriente e estava em gozo de licença.

Certo domingo à tarde ele apareceu na casa de South Kensington onde ela morava. Estava lá mais uma dúzia de pessoas e ele ficou sentado durante algum tempo, pouco à vontade, e depois foi-se embora. Mais tarde a mãe perguntou à filha quem era ele.

– Não faço a mínima ideia. Convidou-o para cá vir?

– Convidei, sim. Conheci-o em casa dos Baddeleys. Disse que te tinha encontrado em vários bailes e eu disse-lhe que estávamos sempre em casa aos domingos.

– O nome dele é Fane e está no Oriente a fazer não sei o quê.

– Pois está, é médico. Ele está apaixonado por ti?

– Juro que não sei.

– Pensava que já soubesses quando um rapaz está apaixonado por ti.

– Mesmo que estivesse não me casava com ele – disse Kitty, despreocupada.

Mrs. Garstin não respondeu. O seu silêncio pesava com desagrado. Kitty corou: sabia que para a mãe já não era importante com quem ela casasse desde que isso significasse ver-se livre dela.

Na semana seguinte encontrou-o em três bailes e agora, que a timidez se tinha diluído um pouco, ele mostrava-se mais comunicativo. Era médico diplomado, mas não exercia; era bacteriologista (Kitty tinha apenas uma vaga ideia do que isso significava) e estava colocado em Hong-Kong. Ia voltar para lá no Outono. Falou-lhe muito da China. Ela estava habituada a dar a impressão de se interessar por tudo aquilo que as pessoas lhe contavam, mas a vida em Hong-Kong parecia ser realmente muito animada; havia clubes, ténis, corridas, pólo e golfe.

– Dança-se muito por lá?

– Ah, sim, penso que sim.

Ela perguntava-se se ele não estaria a contar-lhe tudo isto com segundas intenções. Parecia gostar da sua companhia, mas nunca, por um apertar mais forte da mão, um olhar ou uma palavra que fosse deixou escapar o mais leve indício de ela ser para ele algo mais do que a jovem que encontrava por acaso e convidava para dançar. No domingo seguinte ele voltou a aparecer. Entretanto o pai dela chegou a casa. Não tinha podido ir jogar golfe por causa da chuva e ele e Walter Fane tiveram então uma longa conversa. Quando terminaram, ela perguntou ao pai de que tinham falado.

– Parece que ele está colocado em Hong-Kong. O juiz do Supremo é um velho amigo meu. O rapaz pareceu-me invulgarmente inteligente.

Ela sabia que, por norma, o pai se aborrecia de morte com os jovens com quem, primeiro por causa dela e, agora, por causa da irmã, tinha sido obrigado a fazer sala.

– Não é muito habitual o pai gostar de qualquer um dos meus amigos – disse ela.

Os olhos dele, bondosos e cansados, pousaram nela.

- Vais por acaso casar com ele?
- Claro que não.
- Ele está apaixonado por ti?
- Não dá sinais de estar.
- Gostas dele?
- Acho que nem por isso. Irrita-me um bocado.

Ele não era nada o tipo dela. Baixo, mas não atarracado, mais delgado do que magro; moreno e sempre bem barbeado, de feições correctas e bem definidas. Os olhos, quase pretos, mas muito longe de serem grandes, não primavam pela mobilidade, detendo-se nos objectos com singular persistência; uns olhos curiosos, mas pouco aprazíveis. O nariz, correcto e delicado, a fronte distinta e a boca bem desenhada deveriam fazer dele um belo homem. Surpreendentemente, porém, não o era. Quando Kitty, finalmente, começou a pensar nele, ficou admirada por as suas feições, consideradas uma a uma, serem tão correctas. A expressão do seu rosto era levemente sarcástica e agora que o conhecia melhor apercebia-se de que não se sentia inteiramente à vontade junto dele. Não havia nele uma réstia de alegria.

Quando a temporada de Verão estava prestes a chegar ao fim, já se tinham encontrado muitas vezes, mas ele continuava tão distante e impenetrável como no início. Não se mostrava propriamente tímido com ela, mas sim envergonhado, e as suas conversas mantinham-se estranhamente impessoais. Kitty chegou à conclusão de que ele não estava minimamente apaixonado por ela. Gostava dela, do seu trato fácil, mas quando regressasse à China em Novembro nunca mais se lembraria dela. Parecia-lhe até bem possível que estivesse noivo de alguma enfermeira dos hospitais de Hong-Kong, filha de algum pastor, uma mulher feia, apagada, com pé chato e muito activa; era exactamente essa a mulher que lhe convinha.

Mas eis que chegou o anúncio do noivado de Doris com Geoffrey Dennison. A Doris, com dezoito anos, fazia um casamento vantajoso, e ela estava com vinte e cinco e solteira. E se acabasse por não se casar? Naquela temporada a única pessoa que a tinha pedido em casamento fora um rapaz de vinte anos que ainda estava a estudar em Oxford: não podia casar com um rapaz cinco anos mais novo do que ela. Tinha deitado tudo a perder. No ano anterior tinha recusado um cavaleiro da Ordem de Bath, viúvo e com três filhos. Estava quase arrependida de o ter feito. A mãe ia tornar-se insuportável e a Doris, a Doris que tinha sido sempre a sacrificada, porque

estava previsto que ela, Kitty, fizesse o casamento perfeito, não ia deixar de cantar vitória. O coração de Kitty soçobrou.

Uma tarde, porém, quando regressava a casa a pé vinda do Harrod's, encontrou por acaso Walter Fane em Brompton Road. Ele parou para a cumprimentar e, a meio da conversa, perguntou-lhe inopinadamente se ela queria ir dar uma volta com ele por Hyde Park. Ela não estava particularmente interessada em voltar para casa, que não era de momento um lugar muito agradável, e lá foram passear, conversando disto e daquilo como costumavam fazer, até que ele lhe perguntou onde é que ela ia passar o Verão.

– Ah, refugiamo-nos sempre no campo. O meu pai está exausto ao fim de um ano de trabalho, percebe, e vamos para o lugar mais calmo que pudermos encontrar.

Kitty falava por falar, pois sabia muito bem que o pai não tinha trabalho suficiente para se cansar e que, mesmo que tivesse, os seus desejos nunca seriam auscultados na escolha das férias. Acontece que os lugares mais calmos eram também os mais económicos.

– Não acha que aquelas cadeiras têm um ar bastante convidativo? – disse Walter subitamente.

Ela seguiu-lhe o olhar e viu duas cadeiras verdes, sozinhas na relva debaixo de uma árvore.

– Sentemo-nos então.

No entanto, depois de se sentarem, ele parecia cada vez mais absorto. Era um ser muito estranho. Contudo, ela continuou a tagarelar o mais animadamente possível, perguntando-se por que razão ele a teria convidado para dar um passeio. Talvez fosse confidenciar-lhe a sua paixão pela enfermeira de pé chato de Hong-Kong. Mas, de repente, ele virou-se para ela cortando-lhe uma frase a meio, o que lhe dava a certeza de ele não estar

a prestar atenção, e ela reparou que o seu rosto estava branco como a cal.

– Quero dizer-lhe uma coisa.

Ela olhou para ele de imediato e viu que os seus olhos transbordavam de penosa ansiedade e que a voz lhe saía a custo, baixa e insegura. Porém, antes que ela tivesse tempo de perguntar a si mesma o significado de tanta agitação, ele continuou.

– Quero perguntar-lhe se quer casar comigo.

– Apanhou-me completamente desprevenida – respondeu ela, tão surpreendida que o fitava de olhar vazio.

– Não sabia que eu estava terrivelmente apaixonado por si?

– Nunca o demonstrou.

– Sou muito retraído e desajeitado. Tenho sempre mais dificuldade em dizer as coisas que sinto do que as que não sinto.

O coração dela começou a bater um pouco mais depressa. Já tinha sido pedida em casamento muitas vezes, mas sempre em tom alegre ou sentimental, e tinha respondido da mesma maneira. Porém, ainda ninguém a tinha pedido em casamento desta forma tão abrupta e, ao mesmo tempo, tão estranhamente trágica.

– É muito amável da sua parte – disse ela, reticente.

– Apaixonei-me por si a primeira vez que a vi. Já tinha querido fazer-lhe a pergunta antes, mas nunca fui capaz de me forçar a concretizá-la.

– Não sei se essa será a melhor maneira de mo dizer – e deu uma risada.

Sentia-se feliz por esta oportunidade para rir um pouco, pois naquele dia magnífico e ensolarado o ar que os rodeava parecia subitamente carregado de maus presságios. Ele franziu sombriamente a testa.

– Sabe muito bem o que quero dizer. Não queria perder a esperança. Mas agora vai-se embora e, no Outono, sou eu que tenho de voltar para a China.

– Nunca pensei em si dessa maneira – disse ela, algo perdida.

Ele não respondeu. Limitou-se a olhar a relva, cabisbaixo. Era uma pessoa muito estranha. Mas agora que ele lho tinha comunicado ela tinha a misteriosa sensação de que o amor que ele lhe oferecia era algo que nunca antes tinha encontrado. Estava um pouco assustada, mas também empolgada, e a impassividade dele era vagamente comovente.

– Tem de me dar tempo para pensar.

Ele continuou sem responder. Sem se mexer. Estaria disposto a prendê-la ali até ela se decidir? Seria um absurdo. Ela tinha de conversar primeiro com a mãe sobre o assunto. Devia ter-se levantado quando lhe respondeu; mas tinha ficado à espera, a pensar que ele iria responder, e agora, não sabia

porquê, era-lhe difícil esboçar qualquer movimento. Não estava a olhar para ele, mas tinha plena consciência do seu aspecto; nunca se tinha imaginado a casar com um homem tão poucos centímetros mais alto do que ela. Sentada ao lado dele, reparou como eram correctas as suas feições e fria a expressão do rosto – era estranho não poder deixar de tomar consciência da paixão avassaladora que lhe dominava o coração.

– Eu não o conheço, não sei absolutamente nada a seu respeito – disse, com voz trémula.

Ele olhou-a e ela sentiu os seus olhos serem arrastados para os dele. Tinham uma ternura que nunca lá tinha visto, mas também algo de suplicante, como os olhos de um cão depois de ser açoitado, o que a exasperou ligeiramente.

– Penso que melhoro com o convívio – disse ele.

– Claro que é tímido, não é?

Esta era certamente a proposta de casamento mais bizarra que lhe tinham feito. E, mesmo agora, continuava a parecer-lhe que estavam a dizer um ao outro as últimas coisas que seriam de esperar em semelhante ocasião. Não estava minimamente apaixonada por ele. Por isso, não sabia porque hesitava em recusá-lo de imediato.

– Sou mesmo estúpido – disse ele. – Quero dizer-lhe que a amo mais do que qualquer coisa no mundo, mas para mim é terrivelmente difícil dizê-lo.

Também isto era estranho, pois, por mais inexplicável que pudesse ser, tinha-a deixado comovida: gostava mais dele naquele momento do que alguma vez tinha gostado antes. Doris ia casar em Novembro. Por essa altura ele estaria a caminho da China e, se ela casasse com ele, estaria a acompanhá-lo. Não ia ter graça nenhuma ser dama de honor no casamento da Doris e bem contente ficaria se se pudesse escapar. E depois a Doris estaria casada e ela continuaria solteira! Todos sabiam que a Doris era muito jovem e isso ia fazê-la parecer mais velha. Ia colocá-la na prateleira. Não seria um casamento muito bom para ela, mas sempre era um casamento, e o facto de ter de ir viver para a China tornava tudo mais fácil. Tinha medo da língua afiada da mãe. Sim, todas as jovens que tinham debutado com ela há muito que estavam casadas e a maior parte com filhos; já estava farta de ter de ir visitá-las e derreter-se em desvelos com as criancinhas. O Walter Fane oferecia-lhe uma vida nova. Virou-se para ele, com um sorriso de que conhecia bem o efeito.

– Se eu, num impulso, aceitasse casar consigo, quando estaria a pensar casar comigo?

Ele reteve um súbito suspiro de prazer e as faces brancas ruborizaram-se.

– Já. Imediatamente. O mais depressa possível. Passaríamos a lua-de-mel em Itália. Agosto e Setembro.

Isso salvá-la-ia de passar o Verão com o pai e a mãe num vicariato de província alugado por cinco guinéus por semana. Pela mente passou-lhe fugaz o anúncio do *Morning Post* a participar que, tendo o noivo de regressar ao Oriente, o casamento teria lugar de imediato. Conhecendo a mãe como conhecia, seria de esperar que fizesse um estardalhaço; pelo menos por agora a Doris ficaria em segundo plano e, quando chegasse a vez do casamento mais pomposo da Doris, já ela estaria longe.

Estendeu-lhe a mão.

– Creio que gosto muito de si. Tem de me dar tempo para me acostumar.

– Então é sim? – atalhou ele.

– Suponho que sim.

Ela conhecia-o muito pouco nessa altura, e agora, embora já estivessem casados há quase dois anos, pouco melhor o conhecia. A princípio sentira-se tocada pela sua afabilidade e lisonjeada, se bem que surpreendida, pela sua paixão. Era extremamente atencioso, sempre preocupado com o bem-estar dela; Kitty nunca expressava o mais pequeno desejo que ele não se apressasse a satisfazer. Estava constantemente a trazer-lhe pequenos presentes. Quando lhe acontecia estar adoentada não poderia haver ninguém mais carinhoso ou atencioso. Parecia ser ela que lhe fazia um favor quando lhe dava a oportunidade de fazer por ela alguma coisa extenuante. E era sempre extraordinariamente delicado. Levantava-se quando ela entrava numa sala, dava-lhe a mão para a ajudar a sair do carro, se por acaso a encontrava na rua tirava o chapéu, quando ela saía da sala corria a abrir a porta para ela passar e nunca entrava no seu quarto de dormir ou de vestir sem primeiro bater à porta. Nunca a tratava como Kitty tinha visto muitos homens tratar as mulheres, mas como se fossem ambos hóspedes de uma casa de campo. Era agradável, mas ao mesmo tempo ligeiramente cómico. Sentir-se-ia mais à vontade se ele fosse mais informal. Nem as relações conjugais conseguiam aproximá-la mais de Walter Fane, embora nesses momentos ele fosse ardente e impetuoso, mas também estranhamente histérico e sentimental.

Para ela era desconcertante aperceber-se de quão emotivo ele realmente era. O seu autodomínio seria fruto da timidez ou de treino prolongado, não sabia qual; parecia-lhe ligeiramente embaraçoso que, quando repousava nos seus braços depois de lhe satisfazer o desejo, ele, que tinha tanta vergonha de dizer disparates e um verdadeiro pavor de cair no ridículo, usasse nesses momentos uma linguagem infantil. Ela tinha-o ofendido seriamente uma

vez, rindo-se e dizendo-lhe que aquilo era de uma pieguice insuportável. Nesse momento tinha-o sentido afrouxar o abraço de imediato, quedando-se em silêncio por mais um instante e, depois, sem uma palavra, tinha-a deixado e voltado para o quarto dele. Mas ela não queria magoá-lo e, passados um ou dois dias, disse-lhe:

– Você é tão pateta. Claro que não me importo com os disparates que diz quando fala comigo.

Ele tinha rido, envergonhado. Entretanto ela não tardara a descobrir que ele tinha uma preocupante incapacidade para extravazar emoções. Era um complexado. Quando iam a uma festa e toda a gente começava a cantar, Walter era incapaz de se juntar aos demais. Ficava sentado, a sorrir, para mostrar que estava bem-disposto e divertido, mas o sorriso era forçado, mais como um esgar escarninho, e era impossível não sentir que, para ele, todas aquelas pessoas tão divertidas não passavam de uma cambada de parvos. Era também incapaz de participar nos jogos de sala que Kitty, sempre animadíssima, achava tão estimulantes. Durante a viagem para a China tinha recusado terminantemente fantasiar-se, quando toda a gente o tinha feito, estragando a alegria da festa ao mostrar, de forma tão óbvia, que considerava tudo aquilo uma estopada.

Kitty era muito alegre e de riso fácil, capaz de passar o dia inteiro a tagarelar, e o silêncio dele desconcertava-a. Tinha, além disso, uma mania que a exasperava: não responder a nenhum dos seus apartes. Verdade seja, não careciam de resposta, mas seria agradável se ele dissesse alguma coisa. Se estava a chover e ela dizia «Está a chover a potes», gostaria de o ouvir replicar «Pois está». Mas ele continuava calado. Às vezes só lhe apetecia abaná-lo.

– Eu disse que estava a chover a potes – repetia ela.

– Eu ouvi – respondia ele, com o sorriso forçado do costume.

Assim, mostrava que não tinha tido a intenção de a ofender. Se não falava era porque não tinha nada para dizer. Mas, pensava Kitty com um sorriso nos lábios, se as pessoas só falassem quando tivessem alguma coisa para dizer, a raça humana não tardaria a perder o dom da fala.

Claro que o que se passava era que ele não tinha o mínimo encanto pessoal. Por isso não era nada popular, tal como ela descobriu pouco depois de ter chegado a Hong-Kong. Do trabalho dele tinha apenas uma ideia muito vaga. Bastava-lhe perceber, o que fazia com toda a clareza, que ser bacteriologista oficial não era grande cargo. Além disso, ele não parecia muito interessado em falar com ela sobre essa faceta da sua vida. Ela, com a sua propensão natural para se interessar pelas coisas no início, tinha-lhe feito perguntas, mas ele tinha-se esquivado habilmente.

– É tudo muito aborrecido, muito técnico – disse numa outra ocasião. – E muito mal pago.

Era muito reservado. Tudo o que ela sabia a respeito da família dele, origem, educação e da vida que levava antes de a conhecer tinha-lho arrancado com perguntas directas. Era estranho, mas a única coisa que parecia irritá-lo eram as perguntas; e quando ela, para satisfazer a sua curiosidade natural, disparava uma saraivada de perguntas, as respostas dele tornavam-se cada vez mais abruptas. Ela tinha a inteligência de perceber que ele não gostava de responder, não por ter algo a esconder, mas apenas pelo seu natural secretismo. Aborrecia-o falar de si próprio. Deixava-o envergonhado e contrafeito. Não sabia como fazer para se abrir. Gostava de ler, mas só lia livros que Kitty achava muito enfadonhos. Quando não estava ocupado com tratados científicos, lia livros sobre a China ou livros de história. Nunca estava descontraindo nem ela pensava que disso fosse capaz. Gostava de jogar ténis e *bridge*.

Ela não era capaz de entender por que razão ele se tinha apaixonado por ela. Não conseguia imaginar ninguém menos adequado para este homem retraído, frio e controlado. No entanto, tinha a certeza absoluta de que ele a

amava loucamente. Seria capaz de fazer qualquer coisa para lhe agradar. Era como cera nas mãos dela. Quando pensava numa faceta que ele lhe tinha mostrado, uma certa faceta que só ela tinha visto, sentia por ele algum desprezo e perguntava-se se a sua tendência para o sarcasmo, a par de um tolerante desprezo por tantas coisas e pessoas que ela admirava, não seria meramente uma fachada para encobrir uma profunda fraqueza de espírito. Calculava que devia ser inteligente, todos pareciam achar que sim, mas salvo raras exceções, quando estava bem-disposto e com duas ou três pessoas de quem gostava, nunca o tinha achado espirituoso. Não a aborrecia, propriamente, mas deixava-a indiferente.

Embora Kitty tivesse encontrado a mulher dele em vários chás, só conheceu Charles Townsend algumas semanas após a sua chegada a Hong-Kong. Só lhe foi apresentada quando, acompanhada pelo marido, foi jantar a casa dele. Kitty manteve-se na defensiva. Charles Townsend era o secretário colonial adjunto e ela não estava disposta a mostrar para com ele a condescendência que, apesar dos seus modos refinados, denotava em Mrs. Townsend. A sala onde foram recebidos era espaçosa e estava mobilada num estilo simples e confortável, como todas as outras salas que tinha visto em Hong-Kong. Era um jantar de gala. Eles foram os últimos a chegar e, mal entraram, uma equipa de criados chineses devidamente fardados começou a servir bebidas e azeitonas. Mrs. Townsend recebeu-os com a informalidade habitual e, olhando para a lista, disse a Walter quem ia ser o seu par ao jantar.

Kitty viu um homem alto e bonito aproximar-se.

– Este é o meu marido.

– Sou eu que vou ter o privilégio de me sentar ao seu lado – disse ele.

Ela sentiu-se imediatamente à vontade e o sentimento inicial de hostilidade desvaneceu-se por completo. Embora os olhos dele sorrissem, tinha vislumbrado neles uma surpresa passageira que entendia perfeitamente e lhe dava uma certa vontade de rir.

– Não vou conseguir comer nada – disse ele. – E, se bem conheço a Dorothy, o jantar está estupendo.

– Porquê?

– Ninguém me avisou. Como é que eu podia adivinhar que ia conhecer uma beldade avassaladora?

– E agora o que é que eu respondo?

– Nada. Deixe a conversa por minha conta e repeti-lo-ei vezes sem conta.

Kitty, imperturbável, perguntava-se o que lhe teria dito a mulher a seu respeito. Ele devia ter perguntado. E Townsend, fitando-a com os seus olhos sorridentes, lembrou-se de repente.

– Como é ela? – tinha perguntado ele, quando a mulher lhe disse que tinha conhecido a noiva do Dr. Fane.

– Ah, uma boneca. Uma atriz.

– Já representou?

– Ah, não, acho que não. O pai é médico ou advogado ou coisa parecida. Acho que vamos ter de os convidar para jantar.

– Mas não há pressa, pois não?

Quando estavam sentados à mesa, lado a lado, ele disse-lhe que conhecia Walter Fane desde que ele tinha vindo para a colónia.

– Costumamos jogar *bridge*. Ele é de longe o melhor jogador do clube.

Ela contou a conversa a Walter quando regressavam a casa.

– Isso não quer dizer nada, sabe.

– E ele, que tal joga?

– Nada mal. Joga bem quando tem bom jogo, mas quando as cartas não ajudam é um desastre.

– Joga tão bem como você?

– Eu não tenho ilusões acerca das minhas qualidades. Diria que sou um jogador muito bom de segunda classe. O Townsend pensa que é de primeira. Mas não é.

– Não gosta dele?

– Não gosto nem deixo de gostar. Creio que não é mau profissional e é um bom desportista. Mas não me interessa muito.

Não era a primeira vez que a moderação de Walter a exasperava. Não entendia porque seria necessária tanta prudência: ou se gostava das pessoas ou não se gostava. Ela tinha gostado muito de Charles Townsend. E sem esperar. Ele era provavelmente o homem mais popular da colónia. Constava que o secretário colonial iria aposentar-se em breve e todos tinham esperança de que Townsend lhe sucedesse. Jogava ténis, pólo e golfe. Tinha pôneis de corrida. Estava sempre pronto a satisfazer um pedido. Nunca se deixava dominar pela burocracia. Não se dava ares. Kitty não sabia por que motivo lhe tinha desagradado ouvir falar tão bem dele, o que a levava a pensar que fosse um presumido: que tola tinha sido; essa era a última coisa de que poderiam acusá-lo.

Tinha gostado daquela noite. Tinham falado dos teatros de Londres, de

Ascot e Cowes, tudo coisas que lhe eram próximas, pelo que o encontro bem poderia ter decorrido numa das convidativas mansões de Lennox Gardens; e, depois do jantar, quando os homens vieram para a sala, ele tinha vindo sentar-se outra vez ao lado dela. Apesar de não ter dito nada de particularmente espirituoso, tinha-a feito rir; devia ter sido a forma como o dissera. Havia um tom acariciante na sua voz grave e bem timbrada e uma expressão deliciosa nos seus olhos azuis, afáveis e cintilantes que a faziam sentir-se tão à vontade junto dele. Claro que era um homem encantador. Era isso que tornava o seu convívio tão agradável.

Era alto, um metro e oitenta pelo menos, pensava ela, e detentor de uma bela figura; estava evidentemente em excelente forma e não tinha um grama de gordura a mais. Vestia muito bem, era o homem mais bem vestido da sala, e tudo lhe ficava bem. Ela gostava de um homem elegante. Os seus olhos vaguearam até Walter: devia realmente tentar vestir-se um pouco melhor. Reparou nos botões de punho e nos botões do colete de Townsend e recordou-se de ter visto uns muito parecidos na Cartier. Claro que os Townsends tinham rendimentos próprios. O rosto dele estava intensamente bronzeado, mas o sol não lhe tinha roubado às faces o tom saudável. E ela gostava daquele bigodinho revirado que não lhe escondia os lábios carnudos e vermelhos. Tinha o cabelo preto, curto e liso, todo penteado para trás. Mas sem dúvida que os olhos, por baixo de umas sobrancelhas espessas, carregadas, eram a sua melhor feição: azulíssimos, irradiavam uma ternura sorridente que persuadia quem os olhava da brandura da sua disposição. Nenhum homem com uns olhos azuis assim seria capaz de magoar alguém.

Kitty não pôde deixar de sentir que ele lhe tinha causado uma forte impressão. Se não lhe tivesse dito coisas tão encantadoras, os olhos, ardentes de admiração, tê-lo-iam traído. A sua descontração era deliciosa. Não tinha complexos de espécie nenhuma. Kitty sentia-se muito à vontade nestas circunstâncias e admirava a maneira como, por entre os ditos espirituosos que pontuavam a conversa, ele interpunha aqui e ali frases bonitas, lisonjeiras. Quando ela lhe apertou a mão à despedida, ele apertou-lha de uma forma que não deixava dúvidas.

– Espero que voltemos a vê-la muito em breve – disse, descontraidamente, mas os seus olhos deram às palavras um significado que ela não pôde deixar de apreender.

– Hong-Kong é tão pequena, não é? – disse ela.

Quem teria imaginado então que daí a três meses as coisas chegariam onde chegaram? Ele dizia-lhe sempre que tinha ficado louco por ela naquela primeira noite. Ela era a coisinha mais bonita que já tinha visto. Lembrava-se até do vestido que ela levava; por sinal era o vestido de noiva e, nas palavras dele, ela parecia um lírio do campo. Percebeu que ele estava apaixonado por ela antes de ele lho dizer e, um pouco assustada, tentou mantê-lo à distância. Mas ele era impetuoso de mais e era-lhe difícil consegui-lo. Tinha medo de deixar que ele a beijasse, pois só a ideia dos seus braços a envolvê-la lhe fazia disparar o coração. Nunca se tinha apaixonado antes, mas era maravilhoso. E agora, que sabia o que era o amor, sentia uma súbita simpatia pelo amor que Walter lhe dedicava. Arreliava-o, a brincar, e percebia que ele gostava. Tinha até chegado a ter um certo medo dele, mas agora sentia-se mais confiante. Brincava com ele e era divertido ver o sorriso renitente com que no início reagia às suas graças, entre o surpreso e o satisfeito. Já não faltava muito, pensava ela, para ele se tornar bem humano. Agora, que tinha aprendido alguma coisa sobre a paixão, dava-lhe prazer tocar ao de leve os seus afectos, qual harpista dedilhando as cordas da sua harpa. E ria-se quando via como isso o deixava confuso e perplexo.

E depois, quando Charlie se tornou seu amante, a relação com Walter tornou-se subitamente absurda. Mal conseguia olhar para ele, tão sério e senhor de si, sem nunca se rir. Mas ela estava feliz de mais para nutrir por ele sentimentos negativos. Afinal, se não fosse ele, nunca teria conhecido Charlie. Tinha hesitado durante algum tempo antes de dar o passo decisivo, não porque não quisesse render-se à paixão de Charlie, pois a sua igualava a dele, mas porque a educação que havia recebido e todas as convenções

sociais a isso a instavam. Foi com espanto que depois descobriu (e o último acto aconteceu por acaso, pois nenhum deles se tinha apercebido da oportunidade até ela se lhes apresentar diante dos olhos) que em nada se sentia diferente do que era antes. Tinha suposto que isso iria trazer-lhe alguma fantástica mudança, não sabia qual, fazendo-a sentir-se outra pessoa. E quando teve oportunidade de se olhar no espelho ficou admirada ao ver a mesma mulher que tinha visto na véspera.

- Está zangada comigo? – perguntou ele.
- Adoro-o – respondeu ela num sussurro.
- Não acha que foi uma tonta em desperdiçar tanto tempo?
- Uma rematada tonta.

A felicidade que sentia, às vezes quase de mais para a suportar, revigorou-lhe a beleza. Logo antes de casar, quando começou a perder a primeira aura de frescura, o seu aspecto era mortiço, fatigado. Diziam os mais impiedosos que estava a murchar. No entanto, há uma diferença abissal entre uma donzela de vinte e cinco anos e uma mulher casada da mesma idade. Primeiro era como um botão de rosa cujas pétalas começam a amarelecer nas orlas, e depois, subitamente, era uma rosa em toda a sua plenitude. Os olhos cintilantes ganharam uma expressão mais profunda; a pele (esse traço que tinha sido desde sempre o seu maior orgulho e alvo dos mais extremosos cuidados) estava deslumbrante: não era comparável nem a um pêsego nem a uma flor; eles é que podiam comparar-se a ela. Parecia ter de novo dezoito anos. Estava no auge de uma exuberante beleza. Era impossível não se dar por isso, e as amigas perguntavam-lhe, em íntimos apartes confidenciais, se estava para ter bebé. Os indiferentes, os que costumavam dizer que ela era apenas uma mulher muito bonita de nariz comprido, admitiam agora que a tinham julgado mal. Ela era o que Charles lhe tinha chamado a primeira vez que a vira, uma beldade avalassadora.

Eles geriam com perícia os seus amores. Tinha as costas largas, dizia-lhe ele («Então não preciso de lhe gabar a figura», atalhava ela, gracejando); por ele não havia problema; mas, por causa dela, não podiam correr o mínimo risco. Não podiam encontrar-se a sós muitas vezes – para ele nem metade das que gostaria, pois em primeiro lugar tinha de pensar nela – fazendo-o algumas vezes no bazar chinês, outras em casa dela depois do almoço, uma vez por outra, quando não estava ninguém. No entanto, ela encontrava-o com frequência por aqui e por ali. Nessas alturas divertia-a imenso ver a formalidade com que ele a tratava, jovial como sempre, com a

mesma atitude que tinha com toda a gente. Quem poderia imaginar, quando o ouviam espicaçá-la com o seu encantador sentido de humor, que ainda há pouco a tinha estreitado num abraço apaixonado?

Ela adorava-o. Era esplêndido de botas altas, elegantes, e calções brancos, quando jogava pólo. Com o equipamento de ténis parecia simplesmente um rapaz. Claro que ele se orgulhava da figura que tinha – a melhor figura que ela já vira – e não se poupava a esforços para a manter. Nunca comia pão, batatas ou manteiga e fazia muito exercício. Ela gostava dos cuidados que ele dispensava às mãos, indo à manicura uma vez por semana. Era um atleta espantoso e no ano anterior tinha vencido o campeonato local de ténis. Era sem dúvida o melhor dançarino com quem tinha dançado. Dançar com ele era como um sonho. E ninguém diria que tinha quarenta anos. Ela própria lhe dizia que não acreditava.

– Estou convencida de que não passa de um *bluff* e tem é vinte e cinco.

Ele ria-se, todo satisfeito.

– Minha querida, eu tenho um filho de quinze anos, sou um senhor de meia-idade. Mais dois ou três anos e serei um velhote barrigudo.

– Será adorável mesmo com cem anos.

Ela gostava das suas espessas sobrancelhas pretas e perguntava-se se não seriam elas que conferiam aos seus olhos azuis aquela expressão tão perturbante.

Era dotado para imensas coisas. Tocava piano bastante bem, *rag-time*, claro, e era capaz de cantar uma canção divertida com uma voz bem timbrada e plena de bom humor. Ela não acreditava que houvesse alguma coisa que ele não fosse capaz de fazer: desempenhava também o seu cargo com muita inteligência e ela partilhou da sua satisfação quando ele lhe disse que o governador o tinha felicitado de forma especial pelo modo como tinha levado a cabo uma incumbência difícil.

– Apesar de ser eu a dizê-lo – disse ele a rir, com os olhos radiantes do amor que sentia por ela –, nenhum dos meus colegas teria feito melhor.

Ah, como ela desejava ser antes mulher dele e não do Walter.

Claro que ainda não havia a certeza de Walter saber a verdade e, se não sabia, talvez fosse melhor deixar as coisas como estavam; mas, se sabia, bem, no fim seria para todos a melhor coisa que podia acontecer. A princípio ela tinha aceitado, se não de bom grado pelo menos com resignação, encontrar-se com Charles às escondidas; mas com o tempo a paixão tinha aumentado e ela estava a ficar desde há algum tempo cada vez mais irritada com os obstáculos que os impediam de estar sempre juntos. Ele tinha-lhe dito muitas vezes que detestava aquele cargo que o obrigava a ser tão discreto, os laços que o prendiam e os laços que a prendiam: como seria maravilhoso, dizia ele, se fossem livres os dois! Ela entendia o seu ponto de vista; nenhum deles queria provocar um escândalo e era naturalmente necessário pensarem muito bem antes de darem outro rumo à vida; mas, se conseguissem alcançar a liberdade, ah, então tudo seria tão simples!

Bem vistas as coisas ninguém iria sofrer muito. Ela sabia exactamente como eram as relações dele com a mulher. Era uma mulher fria e há anos que o amor tinha acabado entre eles. Era o hábito que os mantinha juntos, a conveniência e, claro, os filhos. Era mais fácil para Charlie do que para ela: Walter amava-a; mas, por outro lado, vivia absorvido pelo seu trabalho; e um homem sempre tinha o seu clube; poderia ficar um pouco transtornado a princípio, mas recuperaria depressa; e não havia razão para que não casasse até com outra pessoa. Charlie tinha-lhe dito que não conseguia entender como é que ela tinha cometido o desvario de se casar com Walter Fane.

Ela perguntou-se, esboçando um sorriso, porque é que ainda há poucos minutos tinha ficado tão apavorada com a ideia de Walter os ter apanhado. Claro que era assustador ver a maçaneta da porta rodar lentamente. Mas,

afinal, eles sabiam qual era a pior coisa que Walter podia fazer e estavam prontos para isso. Charlie sentiu-se tão aliviado quanto ela por aquilo que ambos desejavam mais do que qualquer coisa no mundo lhes ser oferecido assim, como facto consumado.

Walter era um cavalheiro, era da mais elementar justiça reconhecê-lo, e amava-a; tomaria a atitude correcta e dar-lhe-ia o divórcio. Tinham cometido um erro e era uma sorte terem dado por ele antes de ser tarde de mais. Ela pensou exactamente no que lhe diria e como iria tratá-lo. Seria cordata, com um sorriso nos lábios, mas firme. Não havia necessidade de se zangarem. Mais tarde ficaria sempre contente de o encontrar. E esperava sinceramente que os dois anos que tinham passado juntos continuassem a ser para ele uma recordação inestimável.

«Suponho que a Dorothy Townsend não se vai importar nada de se divorciar do Charlie» pensou ela. «Agora que o miúdo mais novo vai voltar para Inglaterra será muito melhor para ela estar lá também. Aqui em Hong-Kong não há absolutamente nada para ela fazer e assim pode passar sempre as férias com os filhos. Além disso, os pais dela vivem em Inglaterra.»

Era tudo muito simples e tudo se podia resolver sem escândalos nem ressentimentos. E depois ela e Charlie podiam casar. Kitty soltou um suspiro profundo. Seriam muito felizes. Valia a pena suportar alguns incómodos para o conseguir. Em confusa sucessão, uma imagem atrás da outra, pensou na vida que levariam juntos, no quanto se divertiriam e nas pequenas viagens que fariam, na casa onde iam viver, nos cargos a que ele ascenderia e na ajuda que ela lhe daria. Ele ia ter grande orgulho nela e ela, ela adorava-o.

Porém, todos estes sonhos eram perpassados por uma corrente de apreensão. Curiosamente, era como se as madeiras e as cordas da orquestra tocassem melodias acadianas e os bombos, em surdina, mas agoirentos, percutissem um sinistro tan-tan. Mais tarde ou mais cedo Walter ia chegar a casa e o coração dela batia muito depressa só de pensar em enfrentá-lo: era estranho que ele se tivesse ido embora essa tarde sem lhe dizer nada. Claro que não estava com medo dele; afinal o que poderia ele fazer-lhe, era a pergunta que repetia a si mesma, sem conseguir, contudo, serenar a inquietação. Repetiu mais uma vez o que iria dizer-lhe. O que adiantava fazer uma cena? Ela lamentava imenso o sucedido, Deus era testemunha de que não queria fazê-lo sofrer, mas não tinha culpa de não o amar. Não se ganhava nada em fingir, era sempre melhor contar a verdade. Esperava não o magoar demasiado, mas tinham errado e a única atitude sensata era

reconhecê-lo. E pensaria sempre nele com afecto.

Mas, enquanto dizia tudo isto a si mesma, um medo súbito cobriu-lhe de suor as palmas das mãos. E, como estava aterrorizada, começou a ficar cada vez mais zangada com ele. Se quisesse fazer uma cena o problema era dele; mas que não ficasse surpreendido se ouvisse mais do que gostaria. Ia dizer-lhe que nunca tinha sentido nada por ele e que nem um só dia tinha passado desde o casamento sem que ela se tivesse arrependido. Que enfadonho que ele era. Ah, como ele a aborrecia cada vez mais! Achava-se tão superior a toda a gente que até dava vontade de rir; não tinha o mínimo sentido de humor; ela odiava o seu ar petulante, a sua frieza e autodomínio. Era fácil ser tão controlado quando não se interessava por mais nada nem mais ninguém além de si mesmo. Tinha nojo dele. Detestava deixar que ele a beijasse. O que tinha ele para ser tão presumido? Dançava pessimamente, era um desmancha-prazeres em qualquer festa, não sabia cantar nem tocar nenhum instrumento, não jogava pólo e no ténis não era melhor do que ninguém. O *bridge*? O que é que interessava o *bridge*?

Kitty foi alimentando as emoções até ao auge da fúria. Ele que se atrevesse a censurá-la. Tudo o que tinha acontecido era culpa dele e só dele e ela estava feliz por ele finalmente saber a verdade. Odiava-o e só desejava não voltar a vê-lo. Sim, estava feliz por tudo ter acabado. Porque não a deixara ele em paz? Tinha-a massacrado até a convencer a casar com ele e agora ela estava farta.

– Farta – repetiu ela em voz alta, trémula de raiva. – Farta! Farta!

Ouviu o carro parar junto ao portão do jardim. Ele já vinha a subir a escada.

Ele entrou na sala. O coração dela batia descontrolado e tremiam-lhe as mãos; por sorte estava deitada no sofá. Tinha nas mãos um livro aberto, como se estivesse a ler. Ele deteve-se por um instante à entrada da sala e os seus olhos encontraram-se. O coração dela sucumbiu; sentiu de repente um arrepio percorrer-lhe os membros e estremeceu. Sentia-se, como se costuma dizer, como se alguém estivesse a pisar-lhe a sepultura. O rosto dele estava de uma palidez de morte; já o tinha visto assim uma vez, quando estavam os dois sentados em Hyde Park e ele a tinha pedido em casamento. Os seus olhos pretos, imóveis e imperscrutáveis, pareciam anormalmente grandes. Ele estava a par de tudo.

– Voltou cedo – comentou ela.

Os lábios tremiam-lhe tanto que mal conseguia articular as palavras. Estava aterrorizada. Tinha até medo de desmaiar.

– Penso que vim à hora do costume.

A voz dele estava estranha. Tinha-a elevado na última palavra para dar um ar despreocupado à resposta, mas era uma coisa forçada. Ela perguntou-se se ele a veria tremer dos pés à cabeça. Só com grande esforço não desatou a gritar. Ele baixou os olhos.

– Vou mudar de fato.

Saiu da sala. Ela estava sem pinga de sangue. Durante dois ou três minutos não foi capaz de se mexer. Por fim, levantando-se a custo do sofá como se tivesse tido uma doença e estivesse ainda muito fraca, conseguiu firmar os pés, mas não sabia se as pernas a suportariam. Apoiada às mesas e às cadeiras saiu para a varanda e foi até ao quarto agarrada à parede. Vestiu um vestido comprido e, quando voltou à saleta (só usavam o salão quando davam uma festa), ele estava parado junto a uma mesa a olhar para as

imagens do *Sketch* e ela teve de se se obrigar a entrar.

– Vamos descer? O jantar está pronto.

– Fi-lo esperar muito?

Era terrível não conseguir impedir os lábios de tremer.

Quando é que ele ia falar?

Sentaram-se e, por um momento, reinou o silêncio entre ambos. Por fim ele fez um comentário e a sua tremenda banalidade deu-lhe um ar sinistro.

– O *Empress* não chegou hoje – disse ele. – Se calhar alguma tempestade o atrasou.

– Era para chegar hoje?

– Era.

Ela olhou para ele e viu que tinha os olhos fixos no prato. Seguiu-se uma outra observação, igualmente trivial, acerca do torneio de ténis que ia começar e falou bastante sobre o assunto. A sua voz era habitualmente agradável, com variações de tom, mas agora soava monocórdica, o que a tornava estranha e pouco natural. A impressão que dava era a de estar a falar de muito longe, e durante todo o tempo os seus olhos estiveram fixos no prato, na mesa ou no quadro pendurado na parede. Não queria encontrar os dela. Ela percebeu que ele não suportava olhá-la.

– Vamos subir? – disse ele quando o jantar terminou.

– Se quiser.

Ela levantou-se e ele segurou a porta para ela passar, mas os seus olhos mantiveram-se baixos enquanto ela passou. Quando chegaram à sala de estar ele pegou novamente no jornal ilustrado.

– Este é o último *Sketch*? Acho que nunca o vi.

– Não sei. Não reparei.

O jornal estava lá em casa há duas semanas e ela sabia que ele o tinha lido e relido de uma ponta a outra. Ele pegou no jornal e sentou-se. Ela deitou-se outra vez no sofá e pegou no livro. À noite, quando estavam sozinhos, jogavam geralmente *coon-can* ou faziam uma paciência. Ele estava recostado numa poltrona, confortavelmente instalado, e parecia concentrar toda a atenção na ilustração para que estava a olhar. Não virou a página. Ela tentou ler, mas não conseguia ver as letras. As palavras estavam enevoadas e a cabeça começou a doer-lhe violentamente.

Quando se dignaria ele falar?

Estiveram assim sentados em silêncio durante uma hora. Ela desistiu de fingir que estava a ler e, deixando o romance cair no colo, fitava o vazio. Tinha medo de esboçar o mais pequeno gesto, emitir o mais pequeno som.

Ele continuava imóvel na poltrona, na mesma posição confortável, a olhar para a ilustração com aqueles seus olhos imóveis, muito abertos. A sua imobilidade era estranhamente ameaçadora, dando a Kitty a sensação de um animal selvagem pronto a atacar.

Quando, de repente, ele se pôs de pé, ela assustou-se. Entrelaçou as mãos e sentiu-se empalidecer. Era agora!

– Tenho umas coisas para fazer – disse ele com a mesma voz serena e monocórdica, desviando os olhos. – Se não se importar, vou para o escritório. Suponho que já se terá ido deitar quando eu terminar.

– Estou muito cansada esta noite.

– Então boa-noite.

– Boa-noite.

Ele saiu da sala.

Na manhã seguinte ela telefonou a Townsend para o gabinete logo que pôde:

- Sim, o que é?
- Quero vê-lo.
- Minha querida, estou ocupadíssimo. Eu tenho o meu trabalho.
- É muito importante. Posso ir aí ao seu gabinete?
- Ah, não, eu no seu lugar não o faria.
- Bem, então venha você aqui.
- Não tenho maneira de me escapar. E se for esta tarde? Mas não acha que seria melhor eu não ir a sua casa?
- Tenho de falar consigo imediatamente.
- Seguiu-se uma pausa e ela receou que a ligação tivesse sido cortada.
- Está a ouvir? – perguntou ansiosa.
- Estou, sim. Estava a pensar. Aconteceu alguma coisa?
- Não posso contar pelo telefone.
- Seguiu-se novo silêncio antes de ele voltar a falar.
- Bom, ouça, eu posso arranjar maneira de nos encontrarmos à uma hora durante dez minutos, se isso lhe convier. O melhor é ir para a loja do Ku-Chou e eu vou lá ter assim que puder.
- O bazar? – perguntou ela, com desalento.
- Bom, não podemos encontrar-nos no átrio do Hotel Hong-Kong, não é?
- respondeu ele.
- Ela detectou um laivo de irritação na voz.
- Está bem. Eu vou para a loja do Ku-Chou.

Apeou-se do riquexó em Victoria Road e subiu a ladeira íngreme até à loja. Deteve-se por um instante à entrada, como se estivesse interessada nas quinquilharias expostas, mas um rapaz que estava à porta a angariar clientes reconheceu-a de imediato e endereçou-lhe um sorriso rasgado, de conviência. Disse qualquer coisa em chinês a alguém que estava do lado de dentro e o patrão, um homem pequenino de cara bolachuda vestido com uma túnica preta, veio cá fora cumprimentá-la. Ela entrou logo em seguida.

– Mr. Townsend não vir ainda. Ir pra cima, sim?

Ela dirigiu-se para o fundo da loja e subiu as escadas periclitantes e escuras. O chinês subiu atrás dela e abriu a porta do quarto. Estava abafado e no ar pairava o cheiro acre do ópio. Ela sentou-se numa arca de sândalo.

Pouco depois ouviu passos pesados que faziam ranger os degraus. Townsend entrou e fechou a porta. A expressão era carregada, mas desanuviou ao vê-la e endereçou-lhe o seu sorriso encantador. Depois tomou-a de imediato nos braços e beijou-a nos lábios.

– Então qual é o problema?

– Já me sinto melhor só de o ver – disse ela a sorrir.

Ele sentou-se na cama e acendeu um cigarro.

– Está muito abatida esta manhã.

– Não admira – respondeu ela. – Acho que não preguei olho a noite inteira.

Ele fitou-a. Ainda sorria, mas o seu sorriso era algo forçado, pouco natural, e ela julgou vislumbrar nos seus olhos uma névoa de ansiedade.

– Ele sabe – disse ela.

Seguiu-se uma pausa de segundos antes de ele responder.

– O que foi que ele disse?

– Não disse nada.

– O quê? – Ele olhou-a intensamente. – O que a leva a pensar que ele sabe?

– Tudo. O ar dele. A maneira como falou comigo durante o jantar.

– Mostrou-se desagradável?

– Não, pelo contrário, foi escrupulosamente delicado. Mas pela primeira vez desde que nos casámos não me deu um beijo de boas-noites.

Ela baixou os olhos. Não estava certa de Charlie ter compreendido. Normalmente Walter abraçava-a, colava os seus lábios aos dela e nunca mais os tirava. E todo o seu corpo se enternecia de paixão com aquele beijo.

– Porque é que acha que ele não disse nada?

– Não sei.

Seguiu-se nova pausa. Kitty estava sentada na arca de sândalo, imóvel, com a atenção centrada em Townsend, ansiosa. A expressão dele estava de novo carregada, com rugas de tensão entre as sobrancelhas e os cantos da boca ligeiramente descaídos. Mas logo os olhos se ergueram irradiando um brilho de malicioso divertimento.

– Pergunto-me se ele irá mesmo dizer alguma coisa.

Ela não respondeu. Não entendia o que ele queria dizer.

– Afinal não seria o primeiro homem a fechar os olhos num caso do género. O que ganha ele com um escândalo? Se tivesse querido fazer escândalo, teria forçado a entrada no seu quarto. – Os olhos dele cintilavam e os lábios abriram-se-lhe num sorriso rasgado. – Nós devíamos parecer um par de idiotas chapados.

– Só queria que tivesse podido ver a cara dele ontem à noite.

– Calculo que estivesse transtornado. Foi um choque, naturalmente. É uma humilhação dos diabos para qualquer homem. Faz sempre figura de parvo. E o Walter não me parece o tipo de pessoa que goste de lavar a roupa suja em público.

– Acho que não o faria – respondeu ela, pensativa. – Ele é muito sensível, isso já eu descobri.

– Tanto melhor para nós. Sabe, é uma óptima estratégia pormo-nos no lugar de outra pessoa e perguntarmo-nos como reagiríamos na mesma situação. Só há uma maneira de um homem salvar a sua honra numa situação destas e é fingir que não sabe de nada. Aposto consigo o que quiser como é precisamente isso que ele vai fazer.

Quanto mais Townsend falava, mais esfuziante ia ficando. Os seus olhos azuis estavam agora cintilantes e era de novo o homem alegre e jovial de

sempre irradiando uma encorajadora confiança.

– Deus sabe que não quero dizer nada de desagradável a respeito dele, mas, se quisermos ser objectivos, um bacteriologista não tem grande peso. O mais certo é eu ser nomeado secretário colonial quando o Simmons se for embora, e o Walter só tem a ganhar se não me antagonizar. Tem de pensar no pão nosso de cada dia, como todos nós: pensa que o Gabinete do Governador apoiaria um tipo que faz um escândalo? Acredite, ele tem tudo a ganhar se ficar de boca fechada e tudo a perder se fizer um escarcéu.

Kitty mexeu-se ligeiramente, inquieta. Conhecia bem a timidez de Walter e acreditava piamente que o receio de fazer uma cena e o pavor de atrair as atenções poderiam influenciá-lo; mas já não acreditava que os interesses materiais o condicionassem. Talvez ela não o conhecesse muito bem, mas Charlie não o conhecia de todo.

– Já pesou o facto de ele estar perdidamente apaixonado por mim?

Ele não respondeu, mas sorriu-lhe com aqueles olhos travessos que ela bem conhecia e de que tanto gostava.

– Bem, o que é? Sei que vai dizer alguma coisa terrível.

– Sabe, as mulheres têm muitas vezes a impressão de que os homens estão muito mais apaixonados por elas do que na realidade estão.

Pela primeira vez ela riu-se. A confiança dele era contagiante.

– Isso é uma monstruosidade.

– Pense bem, ultimamente não tem dado tanta atenção ao seu marido. Talvez ele já não esteja tão apaixonado como dantes.

– Seja como for, nunca terei a ilusão de que você está perdidamente apaixonado por mim – replicou ela.

– Aí é que se engana.

Ah, como era bom ouvi-lo dizer isto! Ela sabia-o e a confiança naquela paixão acalentava-lhe o coração. Enquanto falava, ele levantou-se da cama, foi sentar-se ao lado dela na arca de sândalo e enlaçou-a pela cintura.

– Não martirize mais essa sua cabecinha tonta – disse ele. – Prometo-lhe que não há nada a temer. Tenho a certeza absoluta de que ele vai fingir que não sabe de nada. Sabe, uma coisa destas é extremamente difícil de provar. Diz que ele está apaixonado por si; então talvez não a queira perder. Juro que se você fosse minha mulher eu aceitaria tudo menos isso.

Ela encostou-se a ele e o seu corpo tornou-se lânguido, rendido contra o braço dele. O amor que sentia por ele era quase uma tortura. As últimas palavras que ele dissera tinham-na marcado: talvez Walter a amasse tão intensamente que estivesse preparado para aceitar qualquer humilhação se,

de vez em quando, ela permitisse que ele a amasse. Entendia perfeitamente que assim fosse, pois era o que ela sentia em relação a Charlie. Foi percorrida por um frémito de orgulho e, ao mesmo tempo, por uma vaga sensação de desprezo por um homem capaz de amar de forma tão abjecta.

Pôs ternamente a mão no pescoço de Charlie.

– Você é simplesmente maravilhoso. Eu tremia dos pés à cabeça quando aqui cheguei e agora, graças a si, está tudo bem.

Ele cingiu-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a nos lábios.

– Minha querida.

– Faz-me sentir tão bem – disse ela num suspiro.

– Tenho a certeza de que não tem motivos para estar nervosa. E sabe que estarei sempre a seu lado. Não a decepcionarei.

Ela afastou os receios, mas, por um momento e sem razão aparente, lamentou que os seus planos para o futuro estivessem desfeitos. Agora que o perigo tinha passado quase desejava que Walter acabasse por pedir o divórcio.

– Sabia que podia contar consigo – disse ela.

– Assim espero.

– Não devia ir almoçar?

– Ora, que se dane o almoço.

Ele puxou-a mais para si até a cingir nos braços, e a boca dele procurou a dela.

– Oh, Charlie, tem de me deixar ir embora.

– Nunca.

Ela deu uma risadinha, uma risada triunfal de quem vive um amor feliz; os olhos dele estavam carregados de desejo. Ele obrigou-a a levantar-se e, mantendo-a bem cingida contra o peito, sem afrouxar o abraço, fechou a porta à chave.

Ela passou a tarde a pensar no que Charlie lhe tinha dito a respeito de Walter. Iam jantar fora essa noite e, quando ele chegou do clube, ela estava a vestir-se. Ele bateu à porta.

– Entre.

Ele não a abriu.

– Vou já vestir-me. Quanto tempo demora?

– Dez minutos.

Ele não disse mais nada e foi para o quarto. A voz dele tinha aquela nota de constrangimento que ela tinha sentido na noite anterior. Mas agora sentia-se bastante segura de si. Ficou pronta antes dele e, quando ele desceu, já ela estava sentada no carro.

– Desculpe tê-la feito esperar – disse ele.

– Acho que vou sobreviver – retorquiu ela, conseguindo esboçar um sorriso.

Depois fez uma ou duas observações enquanto desciam a rua, mas ele respondeu-lhe secamente. Ela encolheu os ombros; começava a ficar ligeiramente impaciente: se ele queria amuar, que amuasse, tanto lhe fazia. Mantiveram-se calados até chegarem ao destino. Era um banquete de gala. Demasiadas pessoas e demasiados pratos. Enquanto tagarelava animadamente com os seus companheiros de mesa, Kitty pôde observar Walter. Estava de uma palidez cadavérica e de semblante fechado.

– O seu marido está com um ar muito abatido. Pensava que não se ressentia do calor. Se calhar tem trabalhado muito?

– Ele trabalha sempre muito.

– Suponho que irão viajar em breve?

– Ah, sim, penso que irei ao Japão, como o ano passado – disse ela. – O

médico diz que preciso de me afastar do calor se não quiser ficar completamente enfraquecida.

Walter, ao contrário do que era seu hábito quando jantavam fora, não lhe enviou um pequeno sorriso de vez em quando. Nunca olhou para ela. Quando se dirigiam para o carro, ela tinha reparado que ele mantinha o olhar desviado, fazendo o mesmo quando, com a delicadeza habitual, lhe deu a mão para a ajudar a sair. E agora continuava a não sorrir enquanto conversava com as mulheres que o ladeavam, olhando-as com o olhar fixo, sem pestanejar; os seus olhos pareciam enormes, dois carvões na palidez do rosto e a expressão era rígida e severa.

«Deve ser um rico companheiro de mesa» pensou Kitty, com ironia.

Porém, ver aquelas pobres senhoras a tentar falar de trivialidades com aquela máscara carrancuda não a divertia nem um pouco.

Claro que ele sabia; disso não tinha a mínima dúvida, e estava furioso com ela. Mas porque é que não tinha dito nada? Seria na verdade porque, embora zangado e ferido, a amava tanto que temia que ela o deixasse? O pensamento provocava-lhe sempre um leve, mas terno, sentimento de desprezo: afinal era marido dela, era quem lhe dava um tecto e a sustentava; desde que não interferisse na vida dela e a deixasse fazer o que quisesse tratá-lo-ia com toda a cordialidade. Por outro lado, talvez o seu silêncio se devesse apenas a uma mórbida timidez. Charlie tinha razão quando dizia que ninguém detestava escândalos mais do que Walter. Nunca falava em público se pudesse evitá-lo. Tinha-lhe contado uma vez que, ao ser notificado como testemunha num caso onde tinha de dar um parecer técnico, quase não tinha conseguido dormir na semana anterior. A sua timidez era uma doença.

E havia ainda outra coisa: os homens eram muito vaidosos e, desde que ninguém soubesse o que se tinha passado, podia ser que Walter se desse por satisfeito em ignorá-lo. Depois pensou se não haveria a mínima possibilidade de Charlie estar errado ao sugerir que Walter sabia bem de que lado soprava o vento. Charlie era a personalidade mais popular da colónia e em breve seria secretário colonial. Poderia ser muito útil a Walter: em contrapartida, poderia prejudicá-lo muito se Walter o enfrentasse. O coração dela exultava ao pensar na força e determinação do seu amor; como se sentia indefesa nos seus braços viris. Os homens eram tão estranhos: nunca lhe teria passado pela cabeça que Walter fosse capaz de tal baixaza, mas nunca se sabia, talvez a sua seriedade não passasse de uma máscara para encobrir uma natureza mesquinha e cavilosa. Quanto mais pensava

nisto mais lhe parecia que Charlie tinha razão. Dirigiu novamente a atenção para o marido. Sem indulgência.

Acontece que, nesse momento, as mulheres que o ladeavam estavam a conversar com os convidados do outro lado deixando-o entregue a si próprio, a olhar em frente, alheado da festa, com os olhos perpassados por uma tristeza mortal. Kitty ficou chocada.

No dia seguinte, quando estava deitada depois do almoço a dormir, acordou sobressaltada com pancadas na porta.

– Quem é? – exclamou irritada.

Não estava habituada a que a incomodassem a essa hora.

– Sou eu.

Reconheceu a voz do marido e sentou-se muito depressa.

– Entre.

– Acordei-a? – perguntou ele ao entrar.

– De facto acordou – respondeu ela no tom natural que tinha adoptado para falar com ele de há dois dias para cá.

– Importa-se de vir ali à saleta? Quero ter uma conversa consigo.

O coração dela bateu forte contra as costelas.

– Vou só vestir o robe.

Ele deixou-a. Ela enfiou os pés descalços nuns chinelos e enfiou um quimono. Viu-se ao espelho; estava muito pálida e pôs um pouco de *rouge*. Parou à porta um instante, para ganhar forças para a conversa, e depois, com um ar desassombrado, foi juntar-se a ele.

– Como é que conseguiu sair do Laboratório nesta altura? – disse ela. – É raro vê-lo a esta hora.

– Não se quer sentar?

Disse-o gravemente, sem olhar para ela. Ela fez de bom grado o que ele lhe pedia: tinha os joelhos algo trémulos e, incapaz de manter o tom jocoso, calou-se. Ele sentou-se também e acendeu um cigarro. Os olhos dele vaguearam inquietos pela sala. Parecia ter dificuldade em começar.

Subitamente olhou-a nos olhos e, como tinha evitado os olhos dela durante tanto tempo, esse olhar frontal meteu-lhe tanto medo que teve de

abafar um grito.

– Já ouviu falar em Mei-tan-fu? – perguntou ele. – Ultimamente tem aparecido muito nos jornais.

Ela olhou-o, perplexa. Hesitou.

– Não é aquele lugar onde há cólera? Ainda a noite passada Mr. Arbuthnot falou nisso.

– Há lá uma epidemia. Creio que é a mais grave dos últimos anos. Havia lá um médico missionário, mas morreu de cólera há três dias. Há um convento francês e, claro, o funcionário da alfândega. Os outros vieram-se todos embora.

Os olhos dele continuavam fixos nos dela e ela não era capaz de baixar os seus. Tentou ler-lhe a expressão, mas estava muito nervosa e só conseguiu discernir uma estranha acuidade. Como podia ele olhá-la tão fixamente, sem pestanejar?

– As freiras francesas fazem o que podem. Transformaram o orfanato em hospital, mas as pessoas morrem como moscas. Ofereci-me para ir para lá dirigir as operações.

– Você?

Ela sentiu um choque violento. A primeira coisa em que pensou foi que, se ele fosse, ficaria livre para se encontrar com Charlie sem impedimentos. Mas a ideia chocou-a e sentiu-se ruborizar. Porque a olhava ele daquela maneira? Envergonhada, desviou o olhar.

– É mesmo necessário? – titubeou.

– Não há lá um único médico estrangeiro.

– Mas você não é médico, é bacteriologista.

– Sou médico diplomado, sabe, e antes de me especializar prestei serviço num hospital. O facto de ser acima de tudo e antes de mais bacteriologista é uma vantagem. Será uma oportunidade fantástica para fazer investigação.

Ele falava quase com entusiasmo e, ao olhá-lo, foi com surpresa que ela vislumbrou um brilho de escárnio nos seus olhos. Não estava a entender.

– Mas isso não é terrivelmente perigoso?

– Terrivelmente.

Ele sorriu. Um sorriso que era um esgar de ironia. Ela baixou a cabeça e encostou a testa à mão. Suicídio. Nada menos do que isso. Um pavor! Nunca tinha imaginado que ele reagisse daquela maneira. Não podia deixá-lo fazer um coisa dessas. Era cruel. Não era culpa dela se não o amava. Não suportava a ideia de ele se matar por sua causa. As lágrimas rolaram-lhe mansamente pelas faces.

– Está a chorar para quê?

A voz dele era gélida.

– Não é obrigado a ir, pois não?

– Não, vou de livre vontade.

– Por favor não vá, Walter. Seria terrível se lhe acontecesse alguma coisa. E se morresse?

Embora o rosto dele permanecesse impassível, a sombra de um sorriso cruzou-lhe outra vez os olhos, mas não respondeu.

– Onde fica esse lugar? – perguntou ela após uma breve pausa.

– Mei-tan-fu? Nas margens de um afluente do rio Oeste. Subimos o rio Oeste e depois vamos de liteira.

– Vamos, quem?

– Você e eu.

Ela olhou para ele bruscamente. Julgava ter ouvido mal. Mas agora o sorriso tinha-lhe descido dos olhos até aos lábios e os seus olhos negros estavam fixos nela.

– Está à espera que eu vá também?

– Pensei que iria gostar.

A respiração dela começou a ficar acelerada. Um frémito percorreu-a.

– Mas certamente isso não é lugar para uma mulher. O missionário mandou embora a mulher e os filhos há várias semanas e o agente da companhia de navegação já se veio embora com a mulher. Encontrei-a num chá. Lembro-me agora de ela ter dito que se tinham vindo embora dum sítio qualquer por causa da cólera.

– Estão lá cinco freiras francesas.

O pânico apoderou-se dela.

– Não estou a entender. Seria uma loucura eu ir. Sabe bem como sou frágil. O Dr. Hayward disse que eu devia sair de Hong-Kong por causa do calor. Nunca suportaria o calor que faz no Norte. E há a cólera: ia enlouquecer de tanto medo. Só íamos arranjar problemas. Não há motivo nenhum para eu ir. Ia morrer de certeza.

Ele não respondeu. Ela olhou para ele, desesperada, e só a custo conteve um grito. O rosto dele exibía uma espécie de palidez sombria que de repente a aterrorizou. Era ódio o que nele via. Seria possível que ele quisesse que ela morresse? Ela própria respondeu a tão ultrajante pensamento.

– Isso é absurdo. Se acha que deve ir, o problema é seu. Mas, francamente, não pode esperar que eu vá também. Odeio doenças. Uma

epidemia de cólera. Não quero armar-me em valente e não me importo nada de lhe dizer que não tenho estômago para isso. Vou ficar aqui até chegar a altura de ir para o Japão.

– Pois eu pensava que ia querer acompanhar-me no momento em que vou partir para uma missão tão perigosa.

Agora ele escarnecia dela abertamente. Ela estava confusa. Não sabia bem se ele estava a falar mesmo a sério ou apenas a tentar assustá-la.

– Penso que ninguém no seu juízo perfeito poderia recriminar-me por me recusar a ir para um lugar perigoso onde não sou necessária e onde não poderia ser útil.

– Podia ser da maior utilidade; poderia animar-me e confortar-me.

Ela empalideceu ainda mais.

– Não entendo nada do que está a dizer.

– Eu devia ter percebido que para isso seria necessária uma inteligência acima da média.

– Eu não vou, Walter. O que você me propõe é monstruoso.

– Então eu também não vou. E vou pedir o divórcio imediatamente.

Ela fitou-o de olhos vazios. O que ele acabara de dizer era tão inesperado que nos primeiros momentos mal lhe captou o sentido.

– De que diabo está você a falar? – disse, titubeante.

Até aos seus próprios ouvidos a resposta soava a falso, e viu a expressão de desdém que ela trouxera ao rosto severo de Walter.

– Receio que me tenha tomado por mais parvo do que sou.

Ela não sabia bem o que dizer. Estava indecisa entre protestar indignada a sua inocência ou explodir em recriminações. Ele pareceu ler-lhe os pensamentos.

– Tenho todas as provas necessárias.

Ela começou a chorar. As lágrimas jorravam-lhe dos olhos sem grande consternação e ela não as limpava: chorar dava-lhe tempo para se recompor. Mas sentia a cabeça vazia. Ele observava-a sem mostrar preocupação, e essa calma apavorava-a. Ele começou a ficar impaciente.

– Sabe, chorar não lhe vai servir de nada.

A voz dele, tão fria e tão dura, tinha o condão de despertar nela uma certa indignação. Começava a recuperar a coragem.

– Quero lá saber. Suponho que não porá nenhuma objecção a que eu me divorcie de si. Isso não significa nada para um homem.

– Permite que lhe pergunte por que razão havia eu de me sujeitar ao mais pequeno incómodo por sua causa?

– Para si não vai fazer diferença nenhuma. Não será de mais pedir-lhe que se comporte como um cavalheiro.

– Preocupa-me de mais o seu bem-estar.

Ela sentou-se e limpou os olhos.

– O que quer dizer com isso? – perguntou.

– O Townsend só casa consigo se também for acusado e o caso for tão vergonhoso que a mulher seja forçada a dar-lhe o divórcio.

– Você não sabe o que está a dizer – exclamou ela.

– Você sempre é muito estúpida!

Havia tanto desprezo na voz dele que a fez corar de raiva. Talvez a raiva dela fosse ainda maior porque, até à data, só o tinha ouvido dizer-lhe coisas meigas, lisonjeiras e inebriantes, e tinha-se habituado a vê-lo satisfazer-lhe todos os caprichos.

– Se é a verdade que quer, aqui a tem. Ele está é ansioso por casar comigo. A Dorothy Townsend vai dar-lhe o divórcio sem problemas e nós vamos casar assim que estivermos livres.

– Ele disse-lhe isso com todas as palavras ou é essa a impressão que a atitude dele lhe causou?

Os olhos de Walter brilhavam com amargurado escárnio, o que deixou Kitty algo contrafeita. Não tinha bem a certeza de que Charlie alguma vez lhe tivesse dito exactamente isso com tantas palavras.

– Disse-mo vezes sem conta.

– Isso é mentira e você sabe que é.

– Ele ama-me com todas as forças, de corpo e alma. Ama-me tão apaixonadamente como eu o amo. Agora que já descobriu tudo não vou negar nada. Para que o faria? Há um ano que somos amantes e tenho muito orgulho nisso. Para mim ele é tudo no mundo e estou contente por ter ficado a saber. Estamos fartos de tantos segredos, concessões e tudo o mais. Foi um erro ter casado consigo, nunca o devia ter feito, fui uma idiota. Nunca gostei de si. Nunca tivemos nada em comum. Não gosto das pessoas de quem gosta e tudo o que lhe interessa me enfastia. Dou graças por ter terminado.

Ele observava-a sem um gesto, sem um trejeito. Escutava-a com atenção sem que nada na sua expressão demonstrasse que o que ela dizia o afectava.

– Não sabe porque casei consigo?

– Porque queria estar casada antes da sua irmã Doris.

Era verdade, mas ela sentiu algum regozijo quando viu que ele sabia. Por mais estranho que parecesse, ele espicaçava-lhe a compaixão mesmo naquele momento de medo e raiva. Ele esboçou um sorriso ténue.

– Nunca tive ilusões a seu respeito – disse. – Sabia que era pateta, frívola, uma cabecinha oca. Mas amava-a. Sabia que os seus objectivos e ideais eram triviais, lugares comuns. Mas amava-a. Sabia que não era lá grande coisa. Mas amava-a. É engraçado quando penso no esforço que fazia

para achar graça às mesmas coisas e na ansiedade com que lhe escondia que não era ignorante, banal, maledicente e estúpido. Sabia como a inteligência lhe metia medo e fazia tudo o que podia para que pensasse que eu era tão idiota como o resto dos homens que conhecia. Sabia que só tinha casado comigo por conveniência. Mas amava-a tanto que não me importava. Tanto quanto sei, a maior parte das pessoas, quando estão apaixonadas por alguém e esse amor não é correspondido, sentem-se ofendidas e ficam cada vez mais zangadas e amargas. Mas eu não era assim. Nunca esperei que me amasse, não via razão para que o fizesse, nunca me considerei muito amável. Bastava-me poder amá-la e entrava em êxtase quando, de vez em quando, pensava que lhe agradava ou quando captava nos seus olhos um lampejo de sorridente afeição. Tentava não a importunar com o meu amor, mas, como sabia que não podia evitá-lo, estava sempre atento ao primeiro sinal de impaciência ante o meu afecto. O que a maior parte dos maridos espera ter como um direito eu estava preparado para receber como um favor.

Kitty, acostumada uma vida inteira à lisonja, nunca até aí tinha ouvido ninguém dizer-lhe tais coisas e no seu coração explodiu uma ira cega que rechaçou o medo, uma ira que parecia sufocá-la, fazendo-lhe as veias das têmporas inchar e latejar. A vaidade ferida pode tornar uma mulher mais vingativa do que uma leoa a quem roubaram as crias. O queixo de Kitty, sempre um tudo-nada quadrado de mais, projectava-se agora com simiesca disformidade e os seus belos olhos estavam enegrecidos de malícia. Mas conteve a fúria.

– Se um homem não tem o que é necessário para fazer uma mulher amá-lo, a culpa é dele, não dela.

– Evidentemente.

O seu tom mordaz aumentou-lhe a irritação. Sentia, no entanto, que podia feri-lo mais mantendo a calma.

– Não sou muito culta nem muito inteligente. Sou apenas uma mulher jovem perfeitamente normal. Gosto das coisas de que gostam as pessoas com quem convivi toda a vida. Gosto de dançar, de jogar ténis e de ir ao teatro, e gosto de homens que gostem de jogar. É inteiramente verdade que sempre o achei tão enfadonho como as coisas de que gosta. Não têm qualquer valor para mim nem quero que tenham. Arrastou-me por aquelas intermináveis galerias de Veneza e eu tinha-me divertido muito mais a jogar golfe em Sandwich.

– Eu sei.

– Lamento se não fui tudo aquilo que esperava que eu fosse. Infelizmente sempre o achei fisicamente repulsivo. Mas não pode culpar-me por isso.

– E não culpo.

Kitty teria lidado melhor com a situação se ele se tivesse enfurecido e descarregado nela toda a sua cólera. Teria sabido responder à violência com violência. Mas tanto autodomínio era inumano e ela odiava-o agora como nunca o tinha odiado antes.

– Acho que você não é um homem. Porque não entrou pelo quarto dentro quando descobriu que eu estava lá com o Charlie? Podia pelo menos ter tentado dar-lhe uma sova. Ou será que teve medo?

Mas mal o disse corou de imediato, envergonhada. Ele não respondeu, mas ela leu-lhe nos olhos um gélido desdém e nos lábios bailou-lhe a sombra de um sorriso.

– Pode ser que, tal como as personagens históricas, eu seja orgulhoso de mais para lutar.

Kitty encolheu os ombros, incapaz de pensar numa resposta, enquanto ele a envolvia por mais alguns momentos no seu olhar imobilizado.

– Penso que disse tudo o que tinha a dizer: se se recusar a ir para Mei-tan-fu ponho-lhe um processo de divórcio.

– Porque não deixa que seja eu a divorciar-me de si?

Finalmente, ele desviou os olhos. Recostou-se no cadeirão, acendeu um cigarro e fumou-o até ao fim sem dizer uma palavra. Depois, deitando fora a ponta, esboçou um leve sorriso e olhou novamente para ela.

– Se Mrs. Townsend me garantir que dá o divórcio ao marido e se ele me prometer por escrito que casa consigo no prazo de uma semana após o juiz assinar os dois acórdãos, assim farei.

Havia na sua maneira de falar algo que a desconcertava, mas o respeito que devia a si mesma obrigava-a a aceitar a oferta dele em grande estilo.

– É muito generoso da sua parte, Walter.

Para espanto dela, ele desatou a rir às gargalhadas. Ela corou, enfurecida.

– Está a rir de quê? Não vejo motivo nenhum para risos.

– Desculpe, mas há que reconhecer que tenho um sentido de humor peculiar.

Ela olhou-o de sobrolho carregado. Gostaria de lhe ter dito alguma coisa cruel, que o ferisse, mas não lhe ocorreu nenhum remoque. Ele olhou para o relógio de pulso.

– É melhor tratar de se pôr bonita se quer apanhar o Townsend no gabinete. Se resolver vir comigo para Mei-tan-fu temos de partir depois de

amanhã.

– Quer que vá falar com ele hoje?

– Como se costuma dizer, não há tempo melhor do que o presente.

O coração dela começou a bater um pouco mais depressa. Não era inquietação o que sentia, era... não sabia bem o que era. Só queria ter mais tempo; gostaria de ter preparado Charlie. Mas depositava nele total confiança, ele amava-a tanto como ela o amava a ele, e era uma deslealdade deixar que lhe cruzasse a mente a dúvida de ele poder não aceitar a necessidade do que lhes era imposto. Virou-se muito séria para Walter.

– Não creio que saiba o que é o amor. Não faz sequer ideia de como o Charlie e eu estamos desesperadamente apaixonados. Isso é realmente a única coisa que conta e cada sacrifício que o nosso amor nos exigir será a coisa mais fácil do mundo.

Ele baixou a cabeça num leve cumprimento, sem dizer uma palavra, e os seus olhos seguiram-na até ela sair da sala em passo calculado.

Ela mandou entregar a Charlie um bilhete onde tinha escrito: «Por favor receba-me. É urgente.» Um mandarete chinês pediu-lhe que esperasse e, quando voltou, disse-lhe que Mr. Townsend a receberia daí a cinco minutos. Ela estava indescritivelmente nervosa. Quando, finalmente, a conduziram à sala dele, Charlie avançou para ela de mão estendida, mas assim que o mandarete fechou a porta e os deixou a sós ele abandonou a solícita formalidade inicial.

– Minha querida, na verdade não deve vir aqui nas horas de serviço. Tenho montes de coisas para fazer e não queremos dar às pessoas pretextos para falarem de nós.

Ela fitou-o longamente com os seus olhos belíssimos e tentou sorrir, mas os lábios mantiveram-se rigidamente cerrados e não foi capaz.

– Não teria vindo se não fosse necessário.

Ele sorriu e pegou-lhe no braço.

– Bem, já que aqui está, o melhor é sentar-se.

O gabinete era estreito, de tecto alto, com as paredes pintadas em dois tons de terracota e completamente despojado. A única mobília era uma grande secretária, uma cadeira rotativa onde Townsend se sentava e um cadeirão de couro para os visitantes, que Kitty achou intimidante. Ele sentou-se à secretária. Ela nunca antes o tinha visto de óculos e nem sabia que os usava; mas ele tirou-os assim que sentiu os olhos dela a fixá-los.

– Uso-os só para ler – explicou.

Ela era de lágrima fácil e agora, sem saber muito bem porquê, começou a chorar. Não o fez deliberadamente por fingimento, mas antes movida pelo desejo instintivo de o comover. Ele olhava-a inexpressivo.

– Passa-se alguma coisa? Oh, minha querida, não chore.

Ela tirou um lençinho da bolsa e tentou abafar os soluços. Ele tocou a campainha e quando o mandarete bateu à porta ele próprio foi abrir.

– Se alguém perguntar por mim, saí.

– Sim senhor.

O mandarete fechou a porta. Charlie sentou-se no braço do cadeirão e pôs o braço à volta dos ombros de Kitty.

– Agora, minha querida Kitty, conte-me lá o que se passa.

– O Walter quer o divórcio.

Ela sentiu a pressão do braço dele cessar e o corpo ficar rígido. Seguiu-se um momento de silêncio e, depois, Townsend saiu da cadeira dela e sentou-se outra vez na dele.

– O que quer isso dizer, exactamente?

Ela olhou-o de relance, pois a voz soara áspera, e viu que ele tinha a cara sombriamente afoguada.

– Tivemos uma conversa. Vim directamente para cá. Ele diz que tem todas as provas que quer.

– Mas você não se comprometeu, pois não? Não admitiu absolutamente nada?

O coração morreu-lhe no peito.

– Não – respondeu ela.

– Tem a certeza? – perguntou ele, com um olhar penetrante.

– A certeza absoluta – mentiu ela.

Ele encostou-se para trás e fitou com o olhar vazio o mapa da China que estava pendurado na parede à sua frente. Ela observava-o ansiosa. Estava algo desconcertada com a maneira como ele tinha reagido às notícias. Tinha previsto que ele a tomaria nos braços e lhe diria como estava grato, pois agora podiam ficar juntos para sempre; mas claro que os homens eram uns seres muito estranhos. Ela chorava baixinho, já não para o comover, mas porque lhe parecia a reacção mais natural.

– Metemo-nos numa bela embrulhada – disse ele por fim. – Mas perder a cabeça não serve de nada. Sabe, chorar não nos vai ajudar.

Ela detectou a irritação na voz dele e limpou os olhos.

– A culpa não é minha, Charlie. É mais forte do que eu.

– Claro que não é sua. Foi o maldito azar. A culpa foi tanto minha como sua. Agora o que há a fazer é ver como nos podemos safar desta. Penso que estará tão pouco interessada num divórcio quanto eu.

Ela abafou um grito de surpresa e perscrutou-o com o olhar. Ele não estava minimamente preocupado com ela.

– Gostava de saber que provas é que ele tem. Não estou a ver como pode realmente provar que estávamos os dois naquele quarto. Bem vistas as coisas, tomámos todas as precauções que se podiam tomar. E tenho a certeza de que o velho do bazar não nos denunciou. Mesmo que ele nos tivesse visto entrar, nada nos impedia de termos ido comprar antiguidades juntos.

Ele falava mais para si mesmo do que para ela.

– É muito fácil fazer acusações, mas é extremamente difícil prová-las; qualquer advogado lhe dirá isso. A nossa defesa é negar tudo e, se ele nos ameaçar com um processo, dizemos-lhe que vá para o inferno e vamos à luta.

– Eu não posso ir a tribunal, Charlie.

– Essa agora, porque não? Receio bem que tenha mesmo de ir. Deus sabe que não quero desavenças, mas não podemos ficar calados.

– Porque é que temos de nos defender?

– Mas que pergunta. Isto não a atinge só a si, atinge-me também a mim. Mas, na verdade, penso que não precisa de ter medo. Havemos de arranjar maneira de dar a volta ao seu marido. A única coisa que me preocupa é saber qual a melhor maneira de o fazer.

Ele parecia estar a ter uma ideia, pois olhou-a com o seu sorriso encantador, e o seu tom de voz, momentos antes abrupto e formal, tornou-se insinuante.

– Coitadinha, receio que tudo isto a tenha deixado terrivelmente perturbada. Que maçada! – E, estendendo a mão, agarrou na dela. – Metemo-nos num sarilho, mas havemos de sair dele. Não é... – Calou-se e Kitty desconfiou que o que ele ia dizer era que já não era a primeira vez. – O mais importante é manter a cabeça fria. Sabe que nunca a abandonarei.

– Não estou com medo. Não me interessa o que ele possa fazer.

Ele continuava a sorrir, mas agora o sorriso era talvez um tudo nada forçado.

– Se acontecer o pior, vou ter de comunicar ao governador. Ele vai dizer-me as últimas, mas é bom tipo e um homem vivido. Há-de arranjar uma solução. Um escândalo seria péssimo para ele.

– O que pode ele fazer? – perguntou Kitty.

– Pode fazer pressão sobre o Walter. Se não conseguir dobrá-lo pela ambição, dobra-o pelo sentido do dever.

Kitty estava gelada. Não estava a ser capaz de fazer Charlie entender que a situação era desesperadamente grave, e a leviandade com que ele a

abordava deixava-a impaciente. Já estava arrependida de ter vindo falar com ele ao gabinete. Aquele ambiente intimidava-a. Ter-lhe-ia sido muito mais fácil dizer-lhe o que queria se tivesse podido fazê-lo nos seus braços com os dela à volta do pescoço dele.

– Você não conhece o Walter – disse ela.

– Sei que todo o homem tem o seu orgulho.

Ela amava Charlie de alma e coração, mas a resposta dele desconcertou-a. Para um homem tão inteligente, era uma coisa bem estúpida de se dizer.

– Penso que não tem bem noção do tamanho da fúria do Walter. Não viu a cara dele nem a expressão dos seus olhos.

Ele não respondeu logo, mas olhou-a com um meio sorriso. Ela sabia o que lhe ia na mente. Walter era bacteriologista e ocupava um cargo subalterno, pelo que dificilmente teria a desfaçatez de se tornar num estorvo para os altos funcionários da colónia.

– Não vale a pena enganar-se, Charlie – disse ela com toda a sinceridade.

– Se o Walter estiver mesmo decidido a pôr uma acção em tribunal, nada que você ou qualquer outra pessoa possa dizer terá a menor influência.

A expressão dele tornou-se novamente mais carregada e carrancuda.

– Ele está a pensar processar-me também como co-responsável?

– A princípio estava. Mas eu consegui convencê-lo a deixar que fosse eu a divorciar-me dele.

– Ah, bom, isso já não é tão terrível. – A expressão dele tornou-se outra vez mais relaxada e ela leu-lhe o alívio nos olhos. – Essa parece-me uma excelente saída. Afinal é o mínimo que um homem pode fazer, a única coisa decente.

– Mas ele impõe uma condição.

Ele lançou-lhe um olhar inquisitivo ao mesmo tempo que parecia reflectir.

– Claro que não sou um homem muito rico, mas farei tudo o que estiver ao meu alcance.

Kitty manteve-se em silêncio. Charlie estava a dizer coisas que ela jamais teria esperado ouvi-lo dizer e que a impediam de lhe dizer toda a verdade. Tinha imaginado que lha diria de chofre, aconchegada nos seus braços apaixonados, com a cara a escaldar escondida no seu peito.

– Ele aceita que seja eu a pedir o divórcio se a sua mulher lhe garantir que se divorcia de si.

– Mais alguma coisa?

Kitty mal tinha forças para continuar.

– E... custa-me tanto dizê-lo, Charlie, é terrível... se você prometer casar comigo uma semana depois de os divórcios serem decretados.

Ele ficou-se uns momentos em silêncio e, depois, pegou na mão dela e apertou-a suavemente.

– Sabe, minha querida, aconteça o que acontecer temos de manter a Dorothy fora de tudo isto.

Ela olhou-o perplexa.

– Não estou a entender. Como é que podemos?

– Bem, neste mundo não podemos pensar só em nós. Sabe, se as circunstâncias o permitissem, nada me daria maior prazer neste mundo do que casar consigo; mas isso está completamente fora de questão. Conheço a Dorothy, e nada a fará pedir o divórcio.

Kitty estava a ficar terrivelmente assustada e começou de novo a chorar. Ele levantou-se e foi sentar-se ao lado dela enlaçando-a pela cintura.

– Tente não ficar muito transtornada, querida. Temos de manter a cabeça fria.

– Julgava que você me amasse...

– Claro que a amo – disse ele com ternura. – Certamente não é agora que vai ter dúvidas a esse respeito.

– Se ela não pedir o divórcio, o Walter vai processá-lo como co-responsável.

Ele demorou um tempo apreciável a responder e, quando o fez, o tom era seco.

– Claro que isso iria arruinar a minha carreira, mas receio que não fosse adiantar muito para si. Se acontecesse o pior, eu teria de abrir o jogo com a Dorothy; ela ia ficar terrivelmente magoada e destroçada, mas acabaria por me perdoar. – Ocorreu-lhe uma ideia. – Não sei se o melhor não seria abrir o jogo de qualquer maneira. Se ela fosse falar com o seu marido creio que

conseguiria persuadi-lo a ficar calado.

– Isso quer dizer que você não quer que ela se divorcie de si?

– Bem, tenho de pensar nos meus filhos, não tenho? E naturalmente não quero vê-la infeliz. Sempre nos demos muito bem. Ela tem sido uma esposa fantástica, sabe.

– Então porque é que me disse que ela não significava nada para si?

– Eu nunca disse isso. Disse que não estava apaixonado por ela. Há anos que não dormimos juntos, a não ser de vez em quando, como por exemplo no dia de Natal ou na véspera de ela partir para Inglaterra ou no dia em que regressa. Ela não é mulher que se interesse por esse tipo de coisas. Mas fomos sempre grandes amigos e não me importo nada de lhe dizer que dependo dela mais do que alguém possa imaginar.

– Nesse caso não acha que teria sido melhor deixar-me em paz?

Para ela era estranho que, com o pânico a paralisar-lhe a respiração, conseguisse mesmo assim falar tão calmamente.

– Você foi a coisa mais encantadora que vi em todos estes anos. Apaixonei-me por si perdidamente. Não pode culpar-me por isso.

– Mas disse que nunca me abandonaria.

– Mas, meu Deus, eu não a vou abandonar. Metemo-nos num grande sarilho e eu vou fazer tudo o que for humanamente possível para a livrar dele.

– Excepto a única coisa óbvia e natural.

Ele levantou-se e voltou para a sua cadeira.

– Minha querida, tem de ser razoável. É muito melhor enfrentarmos a situação com frontalidade. Não quero magoá-la, mas sou obrigado a dizer-lhe a verdade. A minha carreira significa tudo para mim. Não há motivo nenhum para que eu não possa ser governador um dia destes, e ser governador das colónias é uma maravilha; mas não tenho a mínima hipótese se não conseguirmos pôr uma pedra sobre este assunto. Posso não ser obrigado a deixar a função pública, mas ficarei para sempre marcado por essa mancha negra. E, se tiver de deixar a função pública, vou estabelecer-me na China, onde conheço várias pessoas. Em qualquer dos casos, só poderei ter êxito com o apoio da Dorothy.

– Precisava de me ter dito que não queria mais nada neste mundo além de mim?

Os cantos da boca dele descaíram com impaciência.

– Oh, minha querida, não deve tomar à letra as coisas que um homem diz quando está apaixonado por si.

– Então não foi sincero?
– Fui, no momento.
– E o que vai ser de mim se o Walter pedir o divórcio?
– Se não tivermos mesmo escapatória, claro que não vamos defender-nos. Assim evita-se demasiada publicidade e hoje em dia as pessoas têm mentes mais arejadas.

Pela primeira vez, Kitty pensou na mãe e estremeceu. Olhou de novo para Townsend. A sua dor estava agora marcada pelo ressentimento.

– Tenho a certeza de que para si seria fácil suportar as consequências que eu tivesse de sofrer – disse ela.

– Dizer coisas desagradáveis um ao outro não vai adiantar muito – replicou ele.

Ela soltou um grito desesperado. Era terrível amá-lo tão incondicionalmente e, no entanto, sentir tanta amargura. Era impossível que ele tivesse consciência do quanto significava para ela.

– Oh, Charlie, não sabe quanto o amo?

– Minha querida, eu também a amo. Só que não vivemos numa ilha deserta e temos de enfrentar da melhor maneira possível as circunstâncias que nos foram impostas. Realmente, tem de ser razoável.

– Como posso ser razoável? Para mim o nosso amor era tudo e você era toda a minha vida. Não é muito agradável chegar à conclusão de que para si tudo não passou de um caso pontual.

– Claro que não foi um caso pontual. Mas, sabe uma coisa, quando me pede que force a minha mulher, a quem estou fortemente ligado, a pedir o divórcio, e que arruine a minha carreira casando consigo, está a pedir de mais.

– Não mais do que estou disposta a fazer por si.

– As circunstâncias são muito diferentes.

– A única diferença é que você não me ama.

– Um homem pode estar muito apaixonado por uma mulher sem querer passar o resto da vida com ela.

Ela olhou-o de relance e deixou-se tomar pelo desespero. As lágrimas rolavam-lhe agora grossas pelas faces.

– Ah, como isso é cruel! Como pode ser tão desalmado?

Começou a soluçar histericamente. Ele lançou à porta um olhar ansioso.

– Minha querida, tente controlar-se.

– Não faz ideia de como o amo – disse ela, entre soluços. – Não posso viver sem si. Será que não tem piedade?

Não pôde dizer mais nada. Chorava convulsivamente.

– Não quero ser insensível, e Deus sabe que não quero magoá-la, mas tenho de lhe dizer a verdade.

– Isto vai arruinar toda a minha vida. Porque não me deixou em paz? Que mal é que eu lhe fiz?

– Claro que, se lhe faz bem deitar as culpas todas para cima de mim, pode fazê-lo.

Kitty explodiu, tomada de uma raiva súbita.

– Até parece que fui eu que me atirei a si. Até parece que fui eu que não o deixei em paz enquanto não cedeu às minhas investidas.

– Não estou a dizer isso. Mas certamente nunca teria pensado em fazer amor consigo se você não tivesse deixado perfeitamente claro que estava preparada para ser amada.

Ah, que vergonha! Ela sabia que o que ele estava a dizer era verdade. A expressão dele era agora soturna e preocupada, as mãos mexiam-se inquietas e ele lançava-lhe de vez em quando um breve relance exasperado.

– O seu marido não lhe perdoa mesmo? – disse ele ao fim de algum tempo.

– Não lhe perguntei.

Instintivamente, ele entrelaçou as mãos e ela viu-o suprimir a exclamação de aborrecimento que lhe aflorou aos lábios.

– Porque não vai ter com ele e lhe implora misericórdia? Se ele está tão apaixonado por si como diz, tem de lhe perdoar.

– Bem se vê que não o conhece!

Ela limpou os olhos e tentou recompor-se.

– Charlie, se você me abandonar eu morro.

Estava agora apostada em apelar à compaixão dele. Devia ter-lhe contado logo. Quando ele tivesse conhecimento da pavorosa alternativa que lhe tinha sido colocada, a sua generosidade, o seu sentido de justiça e a sua virilidade manifestar-se-iam com tal veemência que ele não pensaria em mais nada a não ser no perigo que ela corria. Ah, como desejava desesperadamente sentir os seus braços amados e protectores a estreitá-la.

– O Walter quer que eu vá para Mei-tan-fu.

– Ah, mas esse é o lugar onde há cólera. A pior epidemia dos últimos cinquenta anos. Não é lugar para uma mulher. Não pode ir para lá de maneira nenhuma.

– Se me abandonar tenho de ir.

– Como diz? Não estou a entender.

– O Walter vai ocupar o lugar do médico missionário que morreu e quer que eu vá com ele.

– Quando?

– Já. Imediatamente.

Townsend empurrou a cadeira para trás e fitou-a com os olhos perplexos.

– Posso ser muito estúpido, mas não estou a perceber nada do que me está a dizer. Se ele quer que vá com ele para esse lugar, para quê o divórcio?

– Ele deu-me a escolher. Ou vou para Mei-tan-fu ou ele põe o processo em tribunal.

– Ah, estou a ver. – O tom de voz de Townsend sofreu uma ligeiríssima alteração. – Penso que é bastante louvável da parte dele, não acha?

– Louvável?

– Bem, é muita disponibilidade da parte dele. Não era coisa que me agradasse. Claro que isso vai valer-lhe ser feito comendador quando regressar.

– E eu, Charlie? – gritou ela, com a voz embargada pela angústia.

– Bem, se ele quer mesmo que vá, nas actuais circunstâncias não vejo muito bem como poderá recusar.

– Mas isso significa a morte. Uma morte certa, sem alternativa.

– Ora, ora, que disparate, isso é um exagero. Se ele pensasse assim não a levava para lá. O risco é tão grande para si como para ele. De facto, o risco nem é assim tão grande se tiver cuidado. Já passei aqui por epidemias de cólera e não me preocupei nada. O principal é não comer nada que não esteja cozinhado, nada de fruta crua nem saladas ou coisas do género, e certificar-se de que só bebe água fervida. – Ele ia ganhando confiança à medida que discorria e o discurso brotava fluente. Mostrava-se cada vez menos carrancudo e mais animado, jovial até. – Afinal é o trabalho dele, não é? Interessa-se por micróbios. Bem vistas as coisas, é uma excelente oportunidade para ele.

– E eu, Charlie? – repetiu ela, já não com angústia, mas consternação.

– Bem, a melhor maneira de compreender um homem é pôr-se no lugar dele. Do ponto de vista dele você foi uma menina muito malcomportada e ele quer tirá-la do caminho da perdição. Sempre achei que ele nunca se quis divorciar de si, não me parece esse tipo de pessoa; fez-lhe o que pensava ser uma oferta generosa e você provocou-o ao recusá-la. Não quero recriminá-la, mas, francamente, acho que, para bem de todos nós, devia tê-la considerado com mais atenção.

– Mas não vê que isso vai ser a minha morte? Não sabe que ele vai levar-me para lá porque sabe que isso vai ser a minha morte?

– Oh, minha querida, não diga isso. Nós estamos numa situação diabolicamente complicada e realmente não é altura para tiradas melodramáticas.

– Você está apostado em não entender. – Ah, aquela pontada no coração, e o medo! Só lhe apetecia gritar. – Você não pode enviar-me para uma morte certa. Se não tem por mim amor nem piedade, deve ter pelo menos alguma humanidade.

– Acho que está a ser muito severa comigo. Tanto quanto me apercebo, o seu marido está a ser muito generoso. Está disposto a perdoar-lhe se você deixar. Quer tirá-la daqui e surgiu-lhe esta oportunidade de a levar para um

lugar onde ficará durante vários meses longe das tentações. Não estou a dizer que Mei-tan-fu seja uma estância termal, nunca vi nenhuma cidade chinesa que o fosse, mas não vale a pena entrar em pânico. Na verdade, isso é a pior coisa que pode fazer. Estou convencido de que o medo mata tanta gente numa epidemia como a própria infecção.

– Mas eu estou apavorada. Quando o Walter falou nisso quase desmaiei.

– Admito que nos primeiros momentos tenha sido um choque, mas quando olhar para as coisas calmamente vai ver que isso passa. Será o tipo de experiência que nem toda a gente tem.

– Eu pensei, eu pensei...

Ela oscilava para trás e para a frente em agonia. Ele estava calado e o seu semblante exibía mais uma vez aquela expressão carregada que ela não conhecera até então. Kitty já não chorava. Tinha os olhos secos, estava calma e a voz, embora fraca, era firme.

– Então quer que eu vá?

– É escolher entre a cruz e a caldeirinha, não é?

– Acha?

– Tenho de ser honesto e dizer-lhe que, se o seu marido lhe pusesse uma acção de divórcio e ganhasse, eu não estaria em posição de casar consigo.

Deve ter-lhe parecido uma eternidade o tempo que ela levou a responder. Lentamente, ela pôs-se de pé.

– Não creio que o meu marido alguma vez tenha pensado em pôr-me uma acção.

– Meu Deus, então porque é que me assustou desta maneira? – perguntou ele.

Ela olhou-o friamente.

– Ele sabia que você me ia abandonar.

Ela calou-se. Vagamente, como quando estudamos uma língua estrangeira e lemos uma página que a princípio não faz qualquer sentido até uma palavra ou uma frase nos dar uma pista e, de repente, uma súbita suspeita do sentido real nos cruzar num lampejo a mente fervilhante, ela captou vagamente, de relance, o funcionamento da mente de Walter como uma paisagem obscura e ominosa, subitamente iluminada por um relâmpago e logo tragada de novo pelas trevas. E o que viu fê-la estremecer.

– Ele só fez essa ameaça porque sabia que você se ia acobardar, Charlie. É estranho que ele o tenha avaliado com tanta precisão. É mesmo típico dele expor-me a tão cruel desilusão.

Charlie baixou os olhos para a folha de papel à sua frente, com a testa ligeiramente franzida e a boca crispada de irritação, mas não respondeu.

– Ele sabia como você era vaidoso, covarde e egocêntrico e quis que eu enxergasse a verdade com os meus próprios olhos. Sabia que você fugiria como um coelho assustado ao primeiro sinal de perigo. Sabia como eu estava enganada ao julgar que você estava apaixonado por mim, porque ele sabia que você é incapaz de amar outra pessoa além de si próprio. Sabia que me sacrificaria sem remorsos para salvar a pele.

– Se na verdade lhe dá prazer dizer-me essas enormidades, suponho que não tenho o direito de me queixar. As mulheres são sempre injustas e arranjam geralmente maneira de atribuir as culpas ao homem. Mas existe o outro lado dos factos.

Ela não ligou à interrupção.

– E agora eu sei tudo o que ele sabia. Sei que é insensível e desalmado, sei que é egoísta, indizivelmente egoísta, e sei que não tem nem a coragem de um coelho, sei que é um mentiroso e um impostor, sei que é o mais desprezível que se pode ser. E o mais trágico – o rosto dela contorceu-se subitamente de dor –, o mais trágico é que, apesar de tudo, eu amo-o de todo o meu coração.

– Kitty.

Ela soltou uma risada amargurada. Ele tinha pronunciado o seu nome naquele tom dolente e aveludado que lhe saía tão naturalmente e significava tão pouco.

– Seu palerma – disse ela.

Ele recuou bruscamente, ruborizado e ofendido, sem conseguir entendê-la. Ela lançou-lhe um olhar tingido por um laivo de sarcasmo.

– Está a deixar de gostar de mim, não está? Pois bem, deixe de gostar de uma vez por todas. Agora já não me faz diferença nenhuma.

Começou a calçar as luvas.

– O que vai fazer? – perguntou ele.

– Ah, não tenha medo, não lhe vai acontecer nada. Você está perfeitamente seguro.

– Por amor de Deus, não fale assim, Kitty – disse ele, com a voz grave timbrada pela ansiedade. – Deve saber que tudo o que a afecta também me afecta a mim. Vou ficar numa ansiedade terrível para saber o que se passa. O que vai dizer ao seu marido?

– Vou dizer-lhe que estou preparada para ir com ele para Mei-tan-fu.

– Talvez ele deixe de insistir quando você concordar.

Ele não conseguia entender porque é que, ao dizer isto, ela o olhou tão estranhamente.

– Não está mesmo com medo? – perguntou ele.

– Não – disse ela. – Você deu-me confiança. Ir para o meio de uma epidemia de cólera será uma experiência única e, se morrer... morri.

– Estava a tentar animá-la o mais que podia.

Ela fitou-o outra vez. As lágrimas afloraram-lhe de novo aos olhos e sentiu o coração a rebentar. Era quase irresistível o impulso de se lhe atirar contra o peito e esmagar os seus lábios contra os dele. Mas de nada serviria.

– Se quer saber – disse ela, esforçando-se para manter firmeza na voz –, parto com a morte e o medo no coração. Não sei o que o Walter esconde naquela sua mente sinuosa e obscura, mas tremo de pavor. Penso que a morte poderá ser até uma libertação.

Sentia que não seria capaz de manter o autodomínio por mais tempo. Correu para a porta e saiu antes mesmo de ele ter tempo de se levantar da cadeira. Townsend soltou um longo suspiro de alívio. Precisava urgentemente de um *brandy* com soda.

Walter estava em casa quando ela chegou. Teria preferido subir directamente para o quarto, mas ele estava no vestíbulo a dar ordens a um dos criados. Sentia-se tão infeliz que quase desejava a humilhação a que tinha de se expor. Por isso, parou e disse-lhe, olhos nos olhos:

- Vou consigo para aquele lugar.
- Ótimo.
- Quando devo estar pronta?
- Amanhã à noite.

Nem ela sabia que destemor era aquele que sentia. A indiferença dele espicaçava-a como uma lança e disse algo que a surpreendeu:

– Suponho que não preciso de levar mais do que meia dúzia de roupas de Verão e uma mortalha, pois não?

Observou-o enquanto o dizia e percebeu que a sua irreverência o irritou.

– Já disse à sua *amah* o que vai querer levar.

Ela concordou com um aceno e subiu para o quarto. Estava muito pálida.

Estavam finalmente a chegar ao seu destino. Tinham vindo a ser transportados em liteiras, dia após dia, por um caminho estreito entre intermináveis arrozais. Partiam de madrugada e viajavam até o calor do dia os forçar a refugiar-se numa estalagem de beira de estrada, e depois continuavam até à cidade onde estava programado pernoitarem. A liteira de Kitty abria o cortejo logo seguida pela de Walter; depois, em ziguezagueante correnteza, vinham os *coolies*³ que transportavam as roupas, os mantimentos e o equipamento. Kitty atravessava os campos de olhar vazio. Ao longo das infundáveis horas em que o silêncio era apenas quebrado por um ou outro comentário de um dos carregadores ou o trautear canhestro de alguma cantiga, ela ia revolvendo na mente torturada os detalhes da cena lancinante no gabinete de Charlie. Ao recordar o que ele lhe tinha dito a ela e o que ela lhe tinha dito a ele, era com mágoa que se apercebia da secura e da formalidade por que a conversa se tinha pautado. Não tinha dito o que queria dizer e não tinha falado no tom que pretendia. Tivera ela sido capaz de o fazer ver o seu amor sem limites, a paixão que lhe assolava o coração e a precaridade da sua situação, e ele jamais poderia ter sido desumano ao ponto de a deixar entregue ao seu destino. Tinha sido apanhada desprevenida e mal podia acreditar no que ouvia quando ele lhe disse, mais claramente do que por palavras, que não queria saber dela para nada. Era por isso que na altura nem tinha chorado muito, tal fora o atordoamento. Mas tinha chorado desde então, chorado desesperadamente.

À noite, nas estalagens, ao partilhar o quarto principal com o marido, consciente de que Walter, deitado na cama de campanha a curta distância dela, estava acordado, cravava os dentes na almofada para que nem um gemido pudesse escapar. Durante o dia, porém, protegida pelas cortinas da

liteira, podia dar-se ao luxo de chorar à vontade. A dor que sentia era tão grande que só lhe apetecia gritar a plenos pulmões; nunca tinha imaginado que alguém pudesse sofrer tanto e perguntava-se em desespero o que teria feito para o merecer. Não conseguia entender por que razão Charlie não a amava: por culpa dela, supunha, mas ela tinha feito tudo o que sabia para o fazer gostar dela. Tinham-se dado sempre tão bem, rindo todo o tempo que estavam juntos, não eram apenas amantes, mas bons amigos. Não conseguia compreender; estava desfeita. Dizia a si mesma que o odiava e deprezava, mas não fazia ideia de como ia viver se nunca mais o visse. Se Walter estava a levá-la para Mei-tan-fu para a castigar, estava a fazer figura de parvo, pois que lhe interessava a ela agora o que pudesse acontecer-lhe? Já não tinha razão para viver. Era muito duro ver a vida chegar ao fim aos vinte sete anos.

3 Trabalhadores chineses assalariados. (*N. da T.*)

No vapor que os levava rio Oeste acima, Walter lia ininterruptamente, mas à hora das refeições esforçava-se por manter um simulacro de conversa. Falava com ela como se de uma estranha se tratasse, como se fosse alguém com quem, por acaso, estivesse a fazer a viagem. Falava de coisas sem importância, por educação, imaginava Kitty, ou então para tornar ainda mais profundo o abismo que os separava.

Num golpe de génio dissera a Charlie que Walter a tinha mandado ir transmitir-lhe a ameaça de divórcio como alternativa à ida dela para a cidade empestada, para que ela pudesse ver com os seus próprios olhos como ele era insensível, cobarde e egoísta. E era verdade. Aquele estratagema condizia muito bem com o seu humor sardónico. Walter sabia exactamente o que iria acontecer e tinha dado as instruções necessárias à *amah* antes de ela voltar. Ela tinha captado nos olhos dele um desprezo que parecia incluir não só o amante, mas também ela própria. Talvez ele dissesse a si próprio que, se estivesse no lugar de Townsend, nada no mundo o impediria de fazer qualquer sacrifício para satisfazer o mínimo capricho dela. Ela sabia que também isso era verdade. Mas depois, quando abriu os olhos para a realidade, perguntava-se como podia ele obrigá-la a fazer algo tão perigoso e que decerto sabia que a deixaria apavorada? A princípio pensou que ele estivesse a brincar com ela e até terem mesmo partido, ou melhor, até bem depois disso, até deixarem o rio e passarem para as liteiras para a viagem por terra, esperou sempre que ele desse aquela sua gargalhada tão característica e lhe dissesse que não havia necessidade de o acompanhar. Não fazia a mais pálida ideia do que ele tinha em mente. Não era possível que desejasse mesmo a morte dela depois de a ter amado tão desesperadamente. Agora que ela sabia o que era o amor, recordava mil

sinais da adoração que ele tinha por ela. Para ele, como na expressão francesa, ela comandava a chuva e o bom tempo. Era impossível que já não a amasse. Será que se deixa de amar uma pessoa só porque se foi tratado por ela de forma cruel? Ela não o fizera sofrer como Charlie a fizera sofrer a ela e, no entanto, se Charlie fizesse um sinal que fosse, mesmo nas actuais circunstâncias, e mesmo conhecendo-o agora como conhecia, ela deixaria tudo o que o mundo tivesse para lhe oferecer e voaria para os seus braços. Mesmo tendo-a ele sacrificado e não se preocupando minimamente com ela, mesmo sendo insensível e cruel como era, ela amava-o.

A princípio pensava que tinha apenas de dar tempo ao tempo e que, mais cedo ou mais tarde, Walter lhe perdoaria. Confiara de mais no poder que sobre ele exercia para acreditar que pudesse ter acabado para sempre. Nem todas as águas conseguiriam extinguir o fogo do amor. Ele seria fraco se a amasse e ela sentia que ele deveria amá-la. Mas agora já não tinha tanto a certeza. Quando à noite, na hospedaria, ele estava sentado a ler na cadeira de pau-preto de espaldar, com a luz da lanterna a bater-lhe no rosto, ela pôde observá-lo à vontade. Estava escondida na sombra, deitada na enxerga onde em breve lhe fariam a cama. Os traços rectos e regulares davam-lhe ao rosto um ar severo. Era difícil de acreditar que tais feições pudessem transformar-se em determinados momentos num sorriso tão doce. Ele conseguia ler tão tranquilamente como se ela estivesse a mil quilómetros de distância; ela via-o voltar a página e via os seus olhos mover-se com regularidade, passando de uma linha para a outra. Não estava a pensar nela. E, quando a mesa foi posta e o jantar servido, e ele colocou o livro de lado e lhe lançou um olhar (não se apercebendo de que a luz, incidindo no seu rosto, lhe reflectia com clareza a expressão) ela assustou-se ao ver nele tamanha aversão física. Sim, ficou assustada. Seria possível que o amor que ele sentia o tivesse abandonado por completo? Seria possível que ele estivesse mesmo a perpetrar a sua morte? Era um absurdo. Isso seria a atitude de um louco. Foi estranho, o pequeno arrepio que a percorreu quando lhe ocorreu que talvez Walter não fosse completamente equilibrado.

De repente, os carregadores, há muito em silêncio, começaram a falar e um deles, virando-se, tentou captar-lhe a atenção com gestos e palavras que ela não entendia. Ela olhou na direcção em que ele apontava e, no cimo de um monte, viu uma arcada que já sabia ser um memorial em honra de algum sábio afortunado ou de alguma viúva virtuosa, pois já tinham passado por muitas desde que haviam deixado o rio. Mas aquela, recortada em silhueta contra o sol poente, era mais fantástica e mais bela do que todas as outras que tinha visto. No entanto, e não sabia porquê, inspirava-lhe algum desconforto, tinha um qualquer significado que ela conseguia captar, mas não traduzir por palavras. Seria uma ameaça aquilo que vagamente discernia ou mera alucinação? Nesse momento atravessava uma pequena moita de bambus que, estranhamente, tombavam sobre o caminho como se quisessem impedi-la de passar. Apesar de não correr qualquer brisa na noite estival, as folhas finas e verdes tremulavam levemente e ela teve a sensação de que havia alguém escondido nelas a espiá-la. Tinham chegado ao sopé do monte e os campos de arroz tinham terminado. Os carregadores começaram a subir com passo incerto. O monte estava coberto de pequenos cômoros verdes, tão próximos uns dos outros que o terreno parecia estriado como a areia quando a onda recua; e esses montículos já ela os conhecia, pois tinham passado por lugares assim cada vez que se aproximavam de uma cidade populosa e cada vez que dela saíam. Era o cemitério. Percebia agora por que razão os carregadores lhe tinham chamado a atenção para a arcada situada no cimo do monte: tinham chegado ao fim da viagem.

Passaram por baixo da arcada e os carregadores da liteira fizeram uma pausa para mudar a vara de ombro. Um deles limpou o rosto suado com um trapo. A calçada descia sinuosa, ladeada de casebres de um e outro lado. A

noite caía. Nisto os carregadores irromperam numa excitada algaraviada e, com um solavanco que a abalou, alinharam-se todos o mais perto possível da parede. Ela não tardou a perceber o que os assustara pois, enquanto ali estavam a tagarelar uns com os outros, passaram quatro camponeses em passo estugado e silencioso carregando um caixão novo e sem pintura cuja madeira verde brilhava com a aproximação da noite. Kitty sentiu o coração bater aterrorizado contra as costelas. O caixão passou, mas os carregadores continuaram imóveis, como se incapazes de reunir forças para continuar. Soou porém um grito vindo lá de trás e retomaram a marcha. Mas agora já não falavam.

Continuaram a avançar por mais alguns minutos, posto o que viraram bruscamente na direcção de um portão aberto. A liteira foi pousada. Kitty tinha chegado.

Era um *bungalow* e ela entrou para a sala e sentou-se enquanto os *coolies*, um a um e em contínuo vaivém, iam trazendo a bagagem para dentro. Walter, no pátio, dava instruções sobre onde colocar isto ou aquilo. Ela sentia-se profundamente cansada, tão cansada que uma voz desconhecida a assustou:

– Posso entrar?

Ela enrubesceu e em seguida ficou pálida. Estava totalmente exausta e deixava-a nervosa conhecer um estranho. Um homem surgiu da escuridão – pois a sala, comprida e baixa, estava iluminada apenas por um candeeiro com quebra-luz – e estendeu-lhe a mão.

– O meu nome é Waddington. Sou o comissário-adjunto.

– Ah sim, da alfândega. Eu sei. Ouvi dizer que estava cá.

À luz difusa ela conseguia ver apenas que era magro e baixo, não mais alto do que ela, calvo, de rosto miúdo e sem barba.

– Vivo no vale, mas como subiu por este lado não poderia ter visto a minha casa. Calculei que iriam chegar demasiado cansados para virem jantar comigo e, por isso, mandei servir aqui o jantar e fiz-me convidado.

– Fico encantada.

– Vai ver que o cozinheiro não é mau. Conservei os criados do Watson, para ficarem a servir-vos.

– O Watson era o missionário que cá estava?

– Sim. Era um colega muito simpático. Posso mostrar-lhe a campa dele amanhã, se pretender.

– É muito simpático da sua parte – disse Kitty, com um sorriso.

Walter entrou nesse momento. Waddington já tinha ido cumprimentá-lo antes de entrar para conhecer Kitty.

– Estava a acabar de dizer à sua esposa que vou jantar convosco. Desde que o Watson morreu não tenho tido mais ninguém com quem falar a não ser as freiras, e nunca consigo manter uma conversa interessante em francês. Além disso, os assuntos sobre os quais se pode falar com elas são em número muito limitado.

– Pedi ao criado para trazer umas bebidas – disse Walter.

O criado trouxe *whisky* e soda, e Kitty reparou que Waddington se serviu generosamente. A sua maneira de falar e os seus risinhos fáceis e abafados deram-lhe a entender, quando ele entrou, que não estaria muito sóbrio.

– Vejam que sorte – disse ele. E, depois, virando-se para Walter: – Aqui vai encontrar um trabalho à sua medida. Morrem como moscas. O magistrado perdeu a cabeça e o coronel Yü, o oficial que comanda as tropas, está a ter um trabalhão dos diabos para evitar as pilhagens. Se não se fizer alguma coisa rapidamente, vamos ser todos assassinados nas nossas próprias camas. Tentei convencer as freiras a partir, mas claro que não aceitaram. Querem todas ser mártires, as malditas.

Falava com despreocupação e havia na sua voz uma espécie de risada fantasmagórica que tornava impossível ouvi-lo sem esboçar um sorriso.

– Por que razão ainda não se foi embora? – perguntou Walter.

– Bem, perdi metade do meu pessoal e os outros estão prontos para cair à cama e morrer a qualquer momento. Alguém tem de ficar e manter as coisas sob controlo.

– Foi inoculado?

– Sim. O Watson inoculou-me. Mas também se inoculou a si próprio e não lhe serviu de muito, pobre diabo. – Waddington virou-se para Kitty e o seu rosto miúdo e caricato estava jovialmente franzido numa careta. – Acho que não correm nenhum risco se tomarem as devidas precauções. Fervam o leite e a água e não comam frutos frescos nem vegetais crus. Trouxeram discos de gramofone?

– Não, penso que não – respondeu Kitty.

– Que pena. Tinha esperança que tivessem trazido. Já não tenho um novo há muito tempo e estou farto dos antigos.

O criado entrou para perguntar se queriam jantar.

– Não se vão vestir a rigor esta noite, pois não? – perguntou Waddington.

– O meu criado morreu a semana passada e o que tenho agora é parvo, por isso não me tenho vestido para o jantar.

– Vou só tirar o chapéu – disse Kitty.

O quarto dela ficava junto à sala onde se encontravam. Tinha pouca

mobília. Uma *amah* ajoelhada no chão com o candeeiro pousado ao seu lado estava a desfazer as malas de Kitty.

A sala de jantar era pequena e grande parte dela estava ocupada com uma mesa enorme. Nas paredes havia gravuras de cenas bíblicas e textos com iluminuras.

– Os missionários sempre tiveram mesas de jantar enormes – explicou Waddington. – Recebem mais um tanto por ano por cada filho que têm e, quando casam, já compram as mesas de forma a terem lugar para os pequenos estranhos que hão-de vir.

Do tecto pendia um grande candeeiro a parafina, pelo que Kitty podia agora observar melhor que tipo de homem era Waddington. A careca tinha-a enganado, levando-a a pensar que já não era novo, mas via agora que ainda lhe faltava muito para os quarenta. O seu rosto, pequeno e de testa muito alta e arredondada, era viçoso e isento de rugas. Era um rosto feio como o de um macaco, mas de uma fealdade não totalmente desprovida de charme – era até um rosto com uma certa graça. As feições, o nariz e a boca, pouco maiores eram do que as de uma criança e tinha os olhos pequenos e muito azuis. As sobrancelhas eram claras e ralas. Parecia um menino velho muito engraçado. Não parava de beber e à medida que o jantar decorria foi-se tornando cada vez mais evidente que estava longe de estar sóbrio. Mas, se estava bêbado, era sem se tornar inconveniente e com muita alegria, como um sátiro que tivesse roubado um odre de vinho a um pastor adormecido.

Falou de Hong-Kong; tinha lá muitos amigos e queria saber notícias deles. Tinha ido lá para as corridas no ano anterior e falava dos pôneis e dos seus proprietários.

– A propósito, e o Townsend? – perguntou de repente. – Vai ser o próximo secretário colonial?

Kitty sentiu-se enrubescer, mas o marido não olhou para ela.

– Não me admirava nada – respondeu Walter.

– Ele é do tipo que sobe na vida.

– Conhece-o? – perguntou Walter.

– Sim, conheço-o muito bem. Já viajámos juntos uma vez para fora do país.

Do outro lado do rio chegava-lhes aos ouvidos a batida dos gongos e o estalar dos foguetes. Ali, a tão curta distância, a cidade grandiosa jazia aterrorizada e a morte, súbita e impiedosa, espalhava-se pelas ruas tortuosas. Mas Waddington começou a falar de Londres. Falou dos teatros. Sabia tudo o que estava em cartaz no momento e falou-lhes de todas as peças que tinha visto a última vez que tinha ido a casa de licença. Riu-se ao recordar o humor brejeiro de um certo comediante e suspirou ao meditar na beleza de determinada estrela da comédia musical. E foi com satisfação que se gabou de ter um primo casado com uma das mais conhecidas dessas estrelas. Tinha almoçado com ela e ela tinha-lhe oferecido uma fotografia. Mostrar-lha-ia quando fossem jantar com ele à alfândega.

Walter fixava no seu convidado um olhar frio e irónico, mas era evidente que não estava minimamente divertido com o que ele dizia e que fazia um esforço para aparentar um interesse civilizado por assuntos sobre os quais Kitty sabia que ele nada conhecia. Um sorriso débil bailava-lhe nos lábios. Mas Kitty, sem saber porquê, estava cheia de medo. Na casa do missionário morto, sobranceira à cidade devastada, pareciam estar infinitamente longe do resto do mundo. Três criaturas solitárias e estranhas entre si.

O jantar terminou e ela levantou-se da mesa.

– Importa-se que me despeça? Vou-me deitar.

– Eu retiro-me, acho que o doutor também há-de querer ir para a cama – respondeu Waddington. – Amanhã temos de nos levantar cedo.

Apertou a mão a Kitty. O seu andar era firme, mas os olhos brilhavam mais do que nunca.

– Eu venho buscá-lo para o levar a conhecer o magistrado e o coronel Yü – disse, virando-se para Walter. – E daí seguimos para o convento. Trabalho é o que não lhe vai faltar, posso garantir-lhe.

A noite de Kitty foi atormentada por estranhos sonhos. Parecia-lhe estar a ser carregada na liteira e sentia o movimento oscilante dos carregadores a avançar com passos longos e incertos. Entrava em cidades, imensas e sombrias, onde a multidão de olhos curiosos se apinhava à sua volta. As ruas eram estreitas e tortuosas e nas lojas abertas, cheias de artigos estranhos, todo o movimento parava quando ela passava, e tanto os que compravam como os que vendiam ficavam a olhá-la. Depois, chegou à arcada memorial e a sua silhueta fantástica pareceu de repente ganhar uma vida monstruosa; os seus contornos caprichosos eram como os braços ondulantes de um deus hindu e, quando passou por baixo dela, ouviu o eco de risadas escarninhas. E então Charlie Townsend dirigiu-se para ela e tomou-a nos braços, tirando-a da liteira e dizendo que tudo não passara de um equívoco, que nunca tinha tencionado tratá-la como a tratara, pois amava-a e nunca poderia viver sem ela. Ela sentiu na boca os beijos dele e chorou de alegria, perguntando-lhe porque fora tão cruel, embora soubesse que isso não importava nada. Ouviu-se então um grito abrupto e enrouquecido que os fez afastar um do outro e, entre ambos, correndo em silêncio, passaram criados chineses andrajosos carregando um caixão.

Ela acordou com um sobressalto.

O *bungalow* ficava situado a meio de uma encosta íngreme e, da janela, podia ver o rio estreito lá em baixo e, no lado oposto, a cidade. A madrugada tinha acabado de despontar e do rio elevava-se uma neblina branca que envolvia como numa mortalha os juncos ancorados ao lado uns dos outros como ervilhas numa vagem. Havia centenas deles, silenciosos, misteriosos, naquela luz fantasmagórica, e a sensação era a de que as suas tripulações estavam sob um qualquer encantamento, pois parecia não ser o

sono, mas alguma coisa estranha e terrível, que os mantinha tão quietos e mudos.

A manhã avançava e o sol começou a banhar a neblina que brilhava esbranquiçada como o fantasma da neve numa estrela mortiça. Apesar de haver no rio alguma claridade que permitia distinguir os contornos pálidos dos barcos amontoados e a densa floresta dos seus mastros, à frente deparava-se-lhe uma parede brilhante que os olhos não conseguiam penetrar. Mas, de repente, do meio dessa nuvem branca emergiu um bastião enorme, maciço e ameaçador. Dir-se-ia que não se tinha meramente tornado visível graças ao sol que tudo descobre, mas surgido do nada ao toque de uma varinha de condão. Avançava ao longo do rio com as suas torres, qual fortaleza de alguma raça cruel e bárbara. Mas o mágico que o construíra trabalhava veloz e, agora, um pedaço de uma parede colorida coroava o bastião. De um momento para o outro, agigantando-se no meio da neblina e tocado aqui e ali por um raio de sol, surgiu um aglomerado de telhados verdes e amarelos. Pareciam enormes e era impossível divisar-lhes um padrão; a ordem, se é que ordem havia, escapava aos sentidos; eram irregulares e extravagantes, mas de inimaginável riqueza. Não se tratava de nenhuma fortaleza nem de um templo, mas sim do palácio mágico de algum imperador dos deuses onde nenhum homem poderia entrar. Era demasiado grácil, fantástico e imaterial para ser um trabalho executado por mãos humanas; era uma construção retirada de um sonho.

As lágrimas corriam pelo rosto de Kitty e ela contemplava-o, estarecida, com as mãos apertadas sobre o peito e a boca entreaberta, pois estava um pouco ofegante. Nunca tinha sentido o coração tão leve e tinha a sensação de que o seu corpo era uma concha pousada aos seus pés e de que ela era puro espírito. A Beleza estava ali e ela guardou-a como o crente guarda na boca a hóstia que é Deus.

Como Walter saía de manhã cedo, voltava à hora do almoço apenas por meia hora e à noite só regressava quando o jantar já estava pronto, Kitty passava a maior parte do tempo muito sozinha. Durante alguns dias nem saiu do *bungalow*. O tempo estava muito quente e ela passava a maior parte do dia deitada numa espreguiçadeira junto à janela aberta, tentando ler. A luz intensa do meio-dia roubara todo o mistério ao palácio mágico, que agora não passava de um templo na muralha da cidade, aparatoso, mas decadente. No entanto, e porque o tinha visto uma vez em tal êxtase, nunca mais poderia ser para ela apenas trivial; e muitas vezes, de madrugada ou ao crepúsculo ou de novo à noite, sentia-se capaz de reassimilar alguma dessa beleza. O que lhe parecera um grandioso bastião nada mais era do que a muralha da cidade, na qual, escura e maciça, os seus olhos repousavam continuamente. Por detrás das ameias estendia-se a cidade sob a terrífica alçada da peste.

Ela sabia, de forma muito vaga, que coisas terríveis estavam a acontecer na cidade; claro que não o sabia através de Walter, que, quando ela lho perguntava (pois de outra forma ele raramente falava com ela), lhe respondia com uma indiferença zombeteira que lhe provocava um arrepio pela espinha abaixo, mas através de Waddington e da *amah*. As pessoas morriam a um ritmo de cem por dia e era raro aqueles que eram atacados pela doença conseguirem recuperar; os deuses tinham sido trazidos dos templos abandonados para a rua; eram feitas oferendas e sacrifícios, mas nada conseguia deter a praga. As pessoas morriam a um ritmo tão acelerado que era praticamente impossível enterrá-las. Em algumas casas, famílias inteiras tinham sido dizimadas e não havia ninguém para levar a cabo os serviços fúnebres. O oficial que estava a comandar as tropas era um homem

autoritário e, se a cidade ainda não estava entregue aos motins e aos incêndios, isso devia-se à sua determinação. Obrigava os soldados a enterrar as pessoas até não haver mais ninguém para enterrar e tinha matado a tiro um oficial que levantara objecções a entrar numa casa atacada pela peste.

Por vezes Kitty ficava tão assustada que sentia o coração afundar-se dentro do peito e tremia dos pés à cabeça. Era muito fácil dizer que o risco era mínimo se fossem tomadas as devidas precauções: ela estava dominada pelo pânico. Na sua cabeça revolteavam loucos planos de fuga. Fugir, só queria fugir; estava preparada para partir, e partir sozinha, para algum lugar seguro sem mais nada além da roupa que trazia vestida. Pensou em entregar-se à misericórdia de Waddington, contar-lhe tudo e suplicar-lhe que a ajudasse a voltar para Hong-Kong. Se ela se prostrasse de joelhos diante do marido e admitisse que estava assustada, muito assustada, apesar de ele agora a odiar certamente teria ainda a humanidade suficiente para se apiedar dela.

Porém, isso estava fora de questão. Se partisse, para onde poderia ir? Não para casa da mãe; a mãe rápida e claramente lhe faria ver que, tendo-a casado, contava ver-se livre dela; e, além disso, ela não queria voltar para casa da mãe. Queria voltar para Charlie e ele não a queria. Sabia o que ele iria dizer se ela aparecesse de repente diante dele. Viu o olhar taciturno no seu rosto e a dureza subtil por trás dos seus olhos fascinantes. Seria difícil para ele encontrar palavras que soassem bem. Kitty entrelaçou as mãos. Daria tudo para o humilhar da forma que ele a humilhara. Por vezes sentia-se possuída de tamanho delírio que desejava que Walter se tivesse divorciado dela, arruinando-a, se pelo menos ela pudesse arruiná-lo também. Havia coisas que ele lhe tinha dito que a faziam corar de vergonha ao recordá-las.

A primeira vez que ficou sozinha com Waddington conduziu a conversa para Charlie. Waddington falara dele na noite em que eles tinham chegado, mas ela fingira que não passava de uma pessoa conhecida do marido.

– Nunca gostei muito dele – disse Waddington. – Sempre o considereei um maçador.

– O senhor deve ser uma pessoa muito difícil de cativar – replicou Kitty, com aquele ar tão vivo e ao mesmo tempo tão travesso que ela conseguia pôr de um momento para o outro. – Suponho que ele é, de longe, o homem mais popular de Hong-Kong.

– Eu sei. Esse é o seu ofício. Ele fez da popularidade uma ciência. Tem o dom de fazer que cada pessoa que conhece sinta que é a única pessoa no mundo com quem ele quer estar. Está sempre pronto para fazer alguma coisa que não lhe crie problemas e, mesmo que não faça o que a pessoa quer, arranja forma de dar a impressão de que é pura e simplesmente por ser humanamente impossível.

– É sem dúvida um traço muito atractivo.

– O charme, só por si, acaba por se tornar um pouco maçador, na minha opinião. Por isso, é um alívio lidar com um homem que não seja tão agradável, mas um pouco mais sincero. Eu conheço o Charlie Townsend já há uns bons anos e por uma ou duas vezes já o apanhei sem a máscara... veja bem, eu nunca tive grande importância, sou apenas um funcionário subalterno da alfândega... e sei que ele, lá bem no fundo, não se interessa por ninguém a não ser por si próprio.

Kitty, indolentemente reclinada na cadeira, olhava-o com um sorriso nos olhos ao mesmo tempo que rodava a aliança à volta do dedo.

– Claro que ele vai longe. Conhece todos os meandros da administração.

Acredito piamente que, antes de morrer, ainda me vou dirigir a ele como Sua Excelência e levantar-me quando ele entrar na sala.

– A maior parte das pessoas é de opinião que ele merece chegar longe. De uma maneira geral, as pessoas acreditam que ele é de grande competência.

– Competência? Que disparate! Ele é um homem muito estúpido. Dá a impressão de despachar rapidamente o seu trabalho e de resolver tudo de forma brilhante. Mas nada disso. Ele é tão industrioso como os funcionários euro-asiáticos.

– Então como é que ele ganhou esta reputação de ser tão inteligente?

– Há muitos tolos no mundo e quando um homem numa posição relativamente elevada não se dá ares de superioridade, trata as pessoas com paladinhas nas costas e lhes diz que faria qualquer coisa no mundo por elas, muito provavelmente essas pessoas vão falar dele como sendo uma pessoa muito inteligente. E depois, claro, não nos podemos esquecer da mulher. Essa sim, pode dizer-se que é uma mulher muito competente. Tem a cabeça bem assente nos ombros e os conselhos dela valem a pena ser seguidos. Enquanto o Charlie Townsend puder contar com ela estará seguro e nunca fará disparates. E esse é o primeiro requisito para um homem entrar para o Governo. Eles não querem homens inteligentes; os homens inteligentes têm ideias e as ideias causam problemas; querem homens com charme e tacto e que lhes dêem a garantia de não virem a fazer nenhum disparate. Sim, senhora, o Charlie Townsend vai chegar ao topo, olá se vai.

– Pergunto-me por que razão não gosta dele?

– Não se trata de não gostar.

– Mas gosta mais da mulher dele? – disse Kitty com um sorriso.

– Eu sou um homenzinho à moda antiga e gosto de uma mulher com educação.

– Quem me dera que a maneira como ela se veste fosse tão requintada como a sua educação.

– Ela não se veste bem? Nunca reparei.

– Sempre ouvi dizer que eram um casal muito devotado um ao outro – disse Kitty, observando-o por entre as pestanas.

– Ele gosta muito dela. Esse crédito eu concedo-lho. Acho mesmo que é a sua característica mais decente.

– Graças a Deus.

– Tem os seus pequenos devaneios, mas nunca são sérios. É demasiado astuto para os deixar atingir proporções que possam causar-lhe

inconvenientes. E, claro, não é um homem apaixonado, é apenas um homem presunçoso. Gosta de ser admirado. Agora está gordo e já tem quarenta anos, alimenta-se muito bem, mas era muito atraente quando veio para a colônia. Já ouvi muitas vezes a mulher dele rir-se das suas conquistas.

– Ela não leva os devaneios dele a sério?

– Não, claro que não, ela sabe que nunca vão muito longe. Diz que gostaria de travar amizade com as pobrezinhas que se apaixonam pelo Charlie, mas que elas são sempre tão vulgares... Diz que, na verdade, não é muito lisonjeiro para ela que todas as mulheres que se apaixonam pelo marido sejam tão invulgarmente de segunda classe.

Quando Waddington saiu, Kitty reflectiu sobre tudo o que ele, tão descuidadamente, tinha dito. Não fora muito agradável de ouvir e tivera de fazer um esforço sobre-humano para não demonstrar o quanto a tinha afectado. Era amargo concluir que tudo o que ele dissera era verdade. Sabia que Charlie era estúpido e pretensioso, desejoso de adulação, e recordou a satisfação com que ele lhe contara pequenas histórias para provar como era inteligente. Orgulhava-se da sua mínima astúcia. Como ela devia ser indigna por ter dado o coração de forma tão apaixonada a um homem assim, só porque... só porque ele tinha uns lindos olhos e uma aparência agradável! Desejou desprezá-lo, porque enquanto apenas o odiasse sabia estar muito próximo de o amar. A forma como ele a tratara devia ter-lhe aberto os olhos. Walter sempre o desprezara. Ah, se pelo menos conseguisse tirá-lo da cabeça de uma vez por todas! Será que a mulher dele tinha troçado dela e da sua óbvia paixão por ele? Dorothy gostaria de se ter tornado amiga dela, mas considerava-a de classe baixa. Kitty sorriu: como a mãe ficaria indignada se soubesse que a filha era vista dessa forma!

Porém, à noite voltou a sonhar com ele. Sentiu os seus braços a apertá-la contra o peito e, nos lábios, os seus beijos quentes e apaixonados. Que importava que estivesse gordo e já tivesse quarenta anos? Riu com afável ternura por ele se importar tanto com isso. Amava-o sobretudo pela sua vaidade pueril, e conseguia sentir pena dele e confortá-lo. Quando acordou, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto.

Não percebia por que razão lhe parecia tão trágico chorar durante o sono.

Ela via Waddington todos os dias, pois ele subia a encosta até ao *bungalow* dos Fane quando o seu dia de trabalho chegava ao fim. Assim, no espaço de uma semana, já tinham atingido uma intimidade que, noutras circunstâncias, dificilmente teriam atingido num ano. Uma vez, quando Kitty lhe disse que não sabia o que faria ali sem ele, respondeu, rindo:

– É que a Kitty e eu somos as únicas pessoas que caminham sobre terreno firme com calma e tranquilidade. As irmãs caminham no céu e o seu marido... nas trevas.

Apesar de ter dado uma gargalhada irreflectida, ela perguntou-se o que queria ele dizer com aquilo. Sentiu que os seus olhos azuis, joviais e pequeninos lhe perscrutavam o rosto com amável, mas desconcertante atenção. Já tinha descoberto que ele era bastante perspicaz e tinha a sensação de que a relação entre ela e Walter lhe despertava uma cínica curiosidade. Achava divertido confundi-lo um pouco. Gostava dele e sabia que ele simpatizava muito com ela. Não sendo espirituoso nem brilhante, tinha uma forma seca e incisiva de expor as coisas que era muito divertida. Além disso, o seu rosto engraçado de menino, encimado pela careca e combinado com as risadas, tornava os seus comentários verdadeiramente hilariantes. Já vivia há muitos anos nas colónias, muitas vezes sem um único homem da sua cor com quem falar, pelo que a sua personalidade acabara por redundar numa excêntrica liberdade. Era uma pessoa cheia de manias e caprichos, mas de uma franqueza reconfortante. Parecia encarar a vida com humor e era cáustico no modo como ridicularizava a colónia de Hong-Kong; mas também troçava dos oficiais chineses de Mei-tan-fu e da cólera que dizimava a cidade. Não conseguia contar uma história, fosse sobre uma tragédia ou sobre um acto heróico, sem a tornar vagamente

absurda. Tinha muitas histórias sobre as suas aventuras nos vinte anos que passara na China e delas podia concluir-se que a terra era um lugar grotesco, bizarro e ridículo.

Embora negasse ser um erudito da cultura chinesa (jurava que os sinólogos eram tão loucos como o coelho de *Alice no País das Maravilhas*), falava a língua com grande facilidade. Lia pouco e o que sabia tinha-o aprendido com as conversas. No entanto, contava muitas vezes a Kitty os enredos dos romances chineses e episódios da história da China, e apesar de o fazer naquele tom brincalhão e algo petulante que lhe era tão peculiar, fazia-o também de uma forma bem-humorada e até carinhosa. Ela achava que ele tinha adoptado, talvez inconscientemente, o ponto de vista chinês segundo o qual os Europeus eram uns bárbaros e a vida que levavam inútil e ridícula: só na China era levada de forma que um homem sensato pudesse discernir nela alguma espécie de realidade. Ora aqui estava um tema para reflexão: Kitty nunca tinha ouvido dizer que os Chineses fossem outra coisa que não decadentes, sujos e indescritíveis. Era como se a ponta de uma cortina tivesse sido por momentos levantada deixando-a entrever de relance um mundo rico, cheio de cor e de significado com o qual nunca sequer sonhara.

Ele estava ali sentado, a falar, a rir e a beber.

– Não acha que bebe de mais? – perguntou-lhe Kitty, sem papas na língua.

– É o meu grande prazer na vida – respondeu ele. – Além disso, protego-nos da cólera.

Quando ele se foi embora estava já bastante embriagado, mas reagia bem ao álcool – deixava-o muito alegre, mas não inconveniente.

Uma noite, tendo voltado para casa mais cedo do que o costume, Walter convidou-o para jantar e deu-se um curioso incidente. Comeram a sopa e o peixe e, depois, com o frango, o criado trouxe uma salada verde para Kitty.

– Meu Deus, não vai comer isso pois não? – gritou Waddington quando viu Kitty servir-se.

– Claro que vou, comemos todas as noites.

– A minha mulher gosta – disse Walter.

A salada foi oferecida a Waddington, mas ele abanou a cabeça.

– Muito obrigado, mas ainda não estou a pensar cometer suicídio.

Walter sorriu de forma sinistra e serviu-se. Waddington nada mais disse. Aliás, ficou de repente estranhamente taciturno e foi-se embora pouco depois de terem terminado.

Na verdade comiam salada todas as noites. Dois dias após terem chegado, o cozinheiro, com a despreocupação própria dos Chineses, tinha mandado a salada para a mesa e Kitty, sem pensar, tinha comido um pouco. Walter inclinou-se imediatamente para a frente e disse:

- Não devia comer isso. O criado é louco para servir uma coisa destas.
- Porque não? – perguntou Kitty, olhando-o nos olhos.
- Por norma já é perigoso, e então agora é uma autêntica loucura. Vai-se matar.

- Julguei que era essa a ideia – disse Kitty, começando a comer calma e friamente.

Estava possuída por um qualquer espírito de fanfarronice que não conhecia. Observou Walter com um olhar de escárnio e reparou que ele ficou um tudo-nada mais pálido; mas, quando a salada lhe foi oferecida também, serviu-se. O cozinheiro, como eles não recusavam, todos os dias lhes mandava uma pequena salada para a mesa e todos os dias, atraindo a morte, eles a comiam. Era grotesco correr tamanho risco. Kitty, com o pavor que tinha de apanhar a doença, comia com a sensação de estar, desta forma, não só a vingar-se intencionalmente de Walter, mas também a escarnecer dos seus próprios e terríveis medos.

Foi no dia seguinte que Waddington, aparecendo durante a tarde no *bungalow*, perguntou a Kitty depois de já estar sentado há algum tempo se não gostaria de ir dar um passeio. Ela ainda não tinha saído do complexo residencial desde que havia chegado e ficou bastante contente.

– Receio que não haja muito por onde escolher – disse ele. – Mas podemos ir até ao cimo do monte.

– Sim, sim, onde está a arcada. Tenho-a visto muitas vezes do terraço.

Um dos criados abriu-lhes a pesada porta e saíram para a viela poeirenta. Tinham avançado apenas alguns metros quando Kitty, agarrando-se ao braço de Waddington, gritou assustada:

– Veja!

– Que se passa?

Junto ao muro do complexo estava um homem deitado de costas, com as pernas esticadas e os braços atirados para trás, acima da cabeça, vestido com os andrajos azuis cobertos de remendos e a grenha hirsuta dos pedintes chineses.

– Até parece que está morto – disse Kitty, sobressaltada.

– Está mesmo morto. Vamos, é melhor olhar para o outro lado. Vou mandar tirá-lo dali quando voltarmos.

Mas Kitty tremia de forma tão violenta que não conseguia mexer-se.

– Eu nunca tinha visto ninguém morto.

– Então é melhor que se habitue, e depressa, porque ainda vai ver muitos antes de terminar a sua estada neste lugar alegre e paradisíaco.

Pegando-lhe na mão, enfiou-a no seu braço. Caminharam em silêncio durante algum tempo.

– Ele morreu de cólera? – perguntou ela por fim.

– Penso que sim.

Continuaram a subir o monte até chegarem à arcada recoberta de entalhes de grande riqueza que se erguia, fantástica e irônica, como um marco na paisagem circundante. Sentados no pedestal, contemplaram a vasta planura. A encosta estava cravejada dos pequenos cômodos verdes dos defuntos, não devidamente alinhados, mas espalhados de forma desordenada, o que levava a pensar que os mortos estariam a acotovelar-se debaixo da terra. O caminho estreito serpenteava por entre os verdes arrozais. Um rapazito montado num búfalo-da-índia conduzia-o lentamente para casa e três agricultores, com grandes chapéus de palha, arrastavam-se com o seu passo esgueilhado debaixo das pesadas cargas. Depois do calor do dia era agradável estar naquele lugar a apanhar a brisa leve do fim da tarde, e a ampla vastidão da paisagem trazia uma sensação de serena melancolia ao coração torturado de Kitty. Porém, ela não conseguia afastar do pensamento o pedinte morto.

– Como pode falar, rir e beber *whisky* com pessoas a morrer à sua volta? – perguntou ela de repente.

Waddington não respondeu. Virou-se e olhou para ela, colocando-lhe a mão sobre o braço.

– Sabe uma coisa, isto não é lugar para uma mulher – disse ele, com gravidade. – Por que não se vai embora?

Ela olhou-o de lado por baixo das longas pestanas e aos seus lábios aflorou a sombra de um sorriso.

– Devo ter pensado que, dadas as circunstâncias, o lugar da mulher era ao lado do marido.

– Quando me mandaram um telegrama a dizer que a Kitty viria com o Fane, fiquei bastante surpreso. Mas depois ocorreu-me que devia ser enfermeira e que todas estas coisas fariam parte do seu dia-a-dia. Estava à espera que fosse uma daquelas mulheres carrancudas que nos fazem passar uma vida de cão quando estamos no hospital. No momento em que entrei no *bungalow* e a vi sentada a descansar, tão frágil, pálida e cansada, fiquei tão perplexo que quase podia ser derrubado por uma pena.

– Não podia esperar que eu estivesse com bom aspecto depois de nove dias de viagem.

– Mesmo agora tem um ar frágil, pálido e cansado e, se me permite dizê-lo, desesperadamente infeliz.

Kitty corou, sem conseguir evitá-lo, mas conseguiu dar uma sonora gargalhada, pretensamente esfuziante.

– Sinto muito que não goste da minha expressão. A única razão que tenho para estar infeliz é o facto de, desde os doze anos, ter consciência de que o meu nariz é um pouco comprido de mais. No entanto, manter um ar de misteriosa tristeza é bem mais eficaz: nem imagina quantos jovens me quiseram consolar.

Os olhos azuis e cintilantes de Waddington pousaram nela, dando-lhe a entender que não acreditara numa só palavra que ela dissera. E ela pouco se importava, desde que ele fingisse que tinha acreditado.

– Sabia que não estava casada há muito tempo e cheguei à conclusão de que a Kitty e o seu marido deviam estar loucamente apaixonados. Não podia acreditar que ele tivesse querido trazê-la, mas antes que talvez você tivesse rejeitado taxativamente a ideia de ficar para trás.

– É uma explicação bastante razoável – disse ela, de forma ligeira.

– Pois é, mas não é a verdadeira.

Ela aguardou que ele continuasse, receosa do que diria a seguir, pois conhecia muito bem a sua perspicácia e tinha consciência de que ele nunca hesitava em dizer aquilo que lhe ia na alma, mas, ao mesmo tempo, incapaz de resistir ao desejo de ouvi-lo falar sobre si própria.

– Eu não acho, nem por um momento, que esteja apaixonada pelo seu marido. Acho que não gosta nem um pouco dele e não me admiraria nada que até o odiasse. Mas tenho a certeza de que tem medo dele.

Por um momento ela desviou o olhar. Não pretendia deixar Waddington perceber que qualquer coisa que dissesse a afectava.

– Desconfio que não gosta muito do meu marido – disse ela com frieza e ironia.

– Respeito-o. É inteligente e tem carácter, e isso, deixe que lhe diga, é uma combinação pouco usual. Não creio que saiba exactamente o que ele faz aqui, porque não me parece que ele se abra consigo. Se há homem capaz de travar sozinho esta assustadora epidemia é ele. Está a medicar os doentes, a limpar a cidade e a tentar tornar a água potável. Ele não se importa por onde vai nem o que faz. Arrisca a vida vinte vezes por dia. Tem o coronel Yü na mão e obrigou-o a colocar-lhe os soldados à disposição. E até deu um abanão ao magistrado... o velhote já está a tentar fazer alguma coisa. E as freiras do convento depositam nele uma fé inabalável. Consideram-no um herói.

– E você não?

– Afinal de contas este não é o trabalho dele, pois não? Ele é bacteriologista. Ninguém o chamou para vir para aqui. Não me parece que

se tenha transferido para aqui por compaixão por todos estes chineses moribundos. O Watson era diferente. Amava a raça humana. Apesar de ser missionário, era-lhe indiferente que fossem cristãos, budistas ou confucionistas, eram apenas seres humanos. O seu marido não está aqui porque o preocupa que cem mil chineses morram de cólera ou não; também não está aqui no interesse da ciência. Por que razão está ele aqui?

– É melhor perguntar-lho directamente.

– É interessante vê-los juntos. Por vezes pergunto-me como se comportarão quando estão sozinhos. Quando lá estou vocês representam... os dois, e por sinal representam muito mal. Se isso for o melhor que conseguem fazer, nenhum de vocês ganhava nem trinta xelins por semana numa companhia de teatro.

– Não sei o que quer dizer com isso – disse Kitty sorrindo, tentando fingir uma frivolidade que ela sabia não conseguir enganá-lo.

– Você é uma mulher muito bonita. É curioso que o seu marido nunca olhe para si. E, quando fala consigo, a voz parece não ser dele mas de outra pessoa qualquer.

– Acha que ele não me ama? – perguntou Kitty com voz baixa e rouca, pondo de repente de parte toda a sua frivolidade.

– Não sei. Não sei se você lhe causa tanta repulsa que o facto de estar perto de si lhe provoca pele de galinha ou se está inflamado de um amor enorme que, por qualquer razão, não se permite demonstrar. Já me perguntei se não estariam aqui os dois para cometer suicídio.

Kitty reparara no olhar, primeiro admirado e depois escrutinador, que Waddington lhes lançara aquando do incidente da salada.

– Acho que está a dar demasiada importância a meia dúzia de folhas de alface – disse ela, irreverente, levantando-se. – Vamos voltar para casa? Tenho a certeza de que está desejoso de tomar um *whisky* com soda.

– Você não é nenhuma heroína. Está assustadíssima. Tem a certeza de que não se quer ir embora?

– E o que é que isso tem a ver consigo?

– Eu ajudo-a.

– Vai render-se ao meu olhar de misteriosa tristeza? Olhe para o meu perfil e diga-me se o meu nariz não é um bocadinho comprido de mais.

Ele olhou-a de forma ponderada, com aquela expressão maliciosa e irónica nos olhos cintilantes, a que, no entanto, se misturava uma sombra, como o reflexo de uma árvore à beira-rio, uma expressão de singular afabilidade que, subitamente, rasou de lágrimas os olhos de Kitty.

– Tem de ficar?

– Tenho.

Passaram por baixo da arcada reluzente e começaram a descer a encosta. Quando chegaram ao complexo residencial, viram o corpo do pedinte morto. Ele segurou-lhe o braço, mas ela libertou-se, quedando-se paralisada.

– É arrepiante, não é?

– O quê? A morte?

– Sim. Faz tudo o resto parecer tão horrivelmente trivial. Ele nem parece humano. Quando olhamos para ele, mal nos conseguimos convencer de que alguma vez esteve vivo. É duro pensar que ainda não há muitos anos atrás era apenas um rapazinho a correr pelo monte com um papagaio a esvoaçar ao vento.

Ela não conseguiu evitar o soluço que a sufocou.

Alguns dias mais tarde, Waddington, sentado ao lado de Kitty com um copo alto de *whisky* com soda na mão, começou a falar-lhe do convento.

– A madre superiora é uma mulher admirável. As irmãs dizem que pertence a uma das melhores famílias de França, mas não dizem qual. Dizem que «a madre superiora não quer que se fale disso».

– Se isso é importante para si, porque não lhe pergunta? – perguntou Kitty com um sorriso.

– Se a conhecesse veria que é impossível fazer-lhe uma pergunta indiscreta.

– Ela deve ser realmente admirável, para conseguir infundir-lhe tanto temor.

– Sou portador de uma mensagem dela para si. Pediu-me que lhe dissesse que compreende perfeitamente que não queira arriscar-se a ir ao epicentro da epidemia, mas que, se não se importar, ela terá muito prazer em mostrar-lhe o convento.

– É muito simpático da parte dela. Nunca pensei que ela tivesse conhecimento da minha existência.

– Já lhe falei de si. Vou lá duas ou três vezes por semana, só para saber se há alguma coisa que eu possa fazer. E creio que o seu marido também lhes falou de si. Deverá estar preparada para descobrir que elas têm por ele uma admiração sem limites.

– É católico?

Os seus olhos maliciosos piscaram e o seu rosto cómico e pequenino estava até franzido de tanta vontade de se rir.

– Por que se ri? – perguntou Kitty.

– Será que da Galileia pode vir algo de bom? Não, não sou católico.

Descrevo-me a mim próprio como membro da Igreja Anglicana, que, no meu entender, é uma forma inofensiva de dizer que não se acredita muito em nada... Quanto à madre superiora, chegou cá há cerca de dez anos. Na altura trouxe consigo sete freiras e todas elas, excepto três, já morreram. Compreende, mesmo nas melhores alturas Mei-tan-fu não é um local saudável. Vivem mesmo no meio da cidade, no bairro mais pobre, trabalham muito e nunca tiram férias.

– Então agora só há três e a madre superiora?

– Não, claro que não; outras vieram ocupar os lugares deixados pelas que morreram. Agora há seis. Quando uma morreu de cólera no início da epidemia, vieram outras duas de Cantão.

Kitty estremeceu.

– Está com frio?

– Não, foi apenas um arrepio.

– Quando deixam a França, deixam-na para sempre. Não são como os missionários protestantes, que têm um ano de licença de vez em quando. Eu sempre achei que devia ser a coisa mais difícil de se fazer. Nós, os Ingleses, não temos um sentimento muito forte de ligação à nossa terra, podemos sentir-nos em casa em qualquer sítio do mundo; mas eles, os Franceses, acho que têm uma ligação com o seu país que é quase um laço físico. Nunca estão verdadeiramente à vontade fora dele. Sempre me pareceu bastante comovedor o facto de estas mulheres fazerem tal sacrifício. Suponho que, se eu fosse católico, consideraria isso muito natural.

Kitty olhou-o calma e friamente. Não conseguia compreender a emoção com que o homenzinho falava e perguntava-se se não seria fingimento. Ele tinha bebido bastante whisky e talvez não estivesse completamente sóbrio.

– Vá ver com os seus olhos – disse ele, com o seu sorriso irónico, lendo-lhe rapidamente o pensamento. – Não é nem de longe nem de perto tão arriscado como comer um tomate.

– Se você próprio não tem receio, não há razão para eu ter.

– Penso que vai achar engraçado. É como um bocadinho de França.

Atravessaram o rio numa sampana. No cais estava uma liteira à espera de Kitty para a levar colina acima até à comporta. Era por aí que os *coolies* vinham buscar água ao rio, correndo para trás e para a frente com enormes baldes pendurados no jugo que traziam ao ombro e borrifando o caminho todo, de modo que parecia tão molhado como se tivesse acabado de cair uma forte chuvada. Os carregadores da liteira davam gritos sincopados, mas agudos, para os obrigar a abrir caminho.

– É claro que os negócios estão todos parados neste momento – disse Waddington, caminhando ao lado dela. – Em circunstâncias normais teria de lutar para abrir caminho por entre os estivadores, a levar e a trazer cargas para os barcos.

A estrada era estreita e serpenteante, pelo que Kitty perdeu todo o sentido de orientação, não sabendo para que lado ia. A maior parte das lojas estavam fechadas. Durante a viagem habituara-se ao desmazelo das ruas chinesas, mas por ali viam-se detritos com várias semanas, lixo e entulho; e o fedor era tão horrível que ela tinha de colocar o lenço sobre o nariz. Ao atravessar outras cidades chinesas sentira-se incomodada com os olhares arregalados da multidão, mas agora reparava que o máximo que lhe lançavam eram olhares de indiferença. Os transeuntes, mais dispersos do que aglomerados em multidões como era costume, pareciam absorvidos nos seus próprios assuntos, intimidados e indiferentes. De vez em quando, ao passarem por uma casa, escutavam o bater dos gongos e o lamento agudo e continuado de instrumentos desconhecidos. Por detrás daquelas portas fechadas alguém jazia morto.

– Cá estamos – disse Waddington, por fim.

A liteira foi pousada junto a uma pequena porta encimada por uma cruz

numa enorme parede branca. Kitty apeou-se. Ele tocou à campainha.

– Não deve esperar nada muito imponente. Elas são miseravelmente pobres.

A porta foi aberta por uma rapariga chinesa que, depois de uma ou duas palavras de Waddington, os conduziu até uma salinha num dos lados do corredor. Lá dentro havia uma mesa enorme coberta com um oleado axadrezado e, a toda a volta da sala, encostadas às paredes, uma série de cadeiras de costas direitas. Numa das extremidades da sala havia uma estátua em gesso da Virgem Maria. Pouco depois apareceu uma freira, baixinha e rechonchuda, com um rosto singelo, bochechas rosadas e olhos alegres. Waddington, ao apresentar-lhe Kitty, tratou-a por Soeur S. José.

– *C'est la dame du docteur?* – perguntou ela, radiante, e acrescentou que a madre superiora viria cumprimentá-los imediatamente.

A irmã S. José não dizia uma palavra de inglês e o francês de Kitty era periclitante. Mas Waddington, fluente, loquaz e inexacto, lá conseguiu manter um fluxo de chistosos comentários que contagiaram a freira bem-humorada. As suas gargalhadas fáceis e alegres deixaram Kitty deveras admirada. Tinha a ideia de que as religiosas estavam sempre muito sérias e esta alegria tão doce e pueril impressionou-a.

A porta abriu-se, na imaginação de Kitty não com naturalidade, mas como se girasse sozinha sobre as dobradiças, e a madre superiora entrou na sala. Ficou uns instantes parada no limiar com um sorriso solene a bailar-lhe nos lábios, a olhar para a expressão esfuziante da irmã e para o rosto franzido e apalhaçado de Waddington. Depois avançou e estendeu a mão a Kitty.

– Mrs. Fane? – disse num inglês com bastante sotaque, mas com a pronúncia correcta, inclinando-se numa ligeira vénia. – É para mim uma grande honra conhecer a esposa do nosso bom e corajoso doutor.

Kitty sentiu que os olhos da superiora a fitavam num longo e desafrontado olhar de apreciação. Era um olhar tão franco que de modo algum poderia ser inconveniente; era um olhar que fazia sentir que estava ali uma mulher cuja função era formar uma opinião sobre os outros e a quem nunca ocorrera que qualquer subterfúgio fosse necessário. Com digna afabilidade, fez um gesto convidando os visitantes a sentar-se e tomando ela própria também assento. A irmã S. José, ainda a sorrir, mas em silêncio, ficou de pé ao lado da superiora, mas um pouco mais atrás.

– Sei que os Ingleses gostam muito de chá – disse a madre superiora – e pedi que nos trouxessem um chá. Mas devo apresentar as minhas desculpas se, por acaso, for servido à maneira chinesa. Sei que Mr. Waddington preferia *whisky*, mas isso receio não poder oferecer-lhe.

Sorriu, mas não sem uma ténue malícia nos olhos circunspectos.

– Então, *ma mère*, fala como se eu fosse um alcoólico inveterado.

– Quem me dera que o senhor pudesse dizer que nunca bebe, Mr. Waddington.

– Posso pelo menos dizer que nunca bebo a não ser em excesso.

A madre superiora riu-se e traduziu a irreverente observação para francês, para a irmã S. José. Depois endereçou a Waddington um olhar prolongado e amistoso.

– Temos de dar desconto a Mr. Waddington, porque já por duas ou três vezes, quando estávamos mesmo sem dinheiro nenhum e não sabíamos como alimentar as nossas órfãs, ele veio em nosso auxílio.

A jovem que se convertera ao catolicismo, a que lhes tinha aberto a porta, entrou com uma bandeja onde trazia chávenas chinesas, um bule e um pratinho com uns bolos franceses chamados *Madeleines*.

– Tem de provar as *Madeleines* – disse a madre superiora – porque a irmã S. José fê-las de propósito para si hoje de manhã.

Falaram de trivialidades. A madre superiora perguntou a Kitty há quanto tempo estava na China e se a viagem de Hong-Kong para ali a tinha realmente deixado exausta. Perguntou-lhe se já tinha estado em França e se não achava o clima de Hong-Kong fatigante. Era uma conversa trivial, mas amistosa, que ganhava um sabor particular por causa das circunstâncias. A saleta estava muito tranquila, pelo que mal se acreditava que estavam mesmo no meio daquela populosa cidade. Ali habitava a paz. E, no entanto, à volta do convento a epidemia era devastadora e as pessoas, agitadas e aterrorizadas, eram controladas apenas pela grande força de vontade de um soldado, que pouco mais era do que um salteador. Dentro das paredes do convento, a enfermaria estava a abarrotar de soldados doentes e moribundos, e mais de um quarto das órfãs entregues aos cuidados das freiras já tinha morrido.

Kitty, impressionada sem saber muito bem porquê, observava aquela senhora tão séria que lhe fazia estas perguntas tão amáveis. Estava toda vestida de branco e o único apontamento de cor no seu hábito era o coração vermelho que lhe ardia no peito. Era uma mulher de meia-idade, provavelmente entre os quarenta e os cinquenta – era impossível precisar, pois tinha ainda poucas rugas no rosto suave e pálido, mas ao mesmo tempo dava a impressão de estar longe de ser nova, principalmente pela dignidade e segurança do porte e pela magreza das mãos fortes e bonitas. O rosto era comprido, com uma boca rasgada e uns dentes grandes e uniformes; o nariz, apesar de não ser muito pequeno, era delicado e sensível; mas eram os olhos, por baixo de sobrancelhas finas e escuras, que concediam ao rosto o seu carácter intenso e trágico. Eram grandes, escuros e, se bem que não fossem frios, eram, pela sua calma estabilidade, estranhamente envolventes. A primeira coisa que se pensava ao olhar para a madre superiora era que,

quando nova, devia ter sido uma bonita rapariga, mas logo se percebia que estava ali uma mulher cuja beleza, dependendo do carácter, crescera com o avançar dos anos. A voz era grave, baixa e controlada e, quer falasse em inglês ou em francês, falava sempre devagar. Mas a coisa mais admirável nela era o seu ar de autoridade temperada pela caridade cristã; sentia-se nela o hábito da autoridade. Ser obedecida era natural para ela, mas aceitava a obediência com humildade. Era impossível não se perceber que tinha profunda consciência da autoridade da igreja que a sustentava. Mas Kitty suspeitava que, apesar da sua atitude austera, ela encarava as humanas fraquezas com humana tolerância. E era impossível olhar para o seu sorriso grave, quando, imperturbável, se punha a ouvir Waddington dizer um chorrilho de disparates, sem se ficar com a certeza de que ela tinha um apuradíssimo sentido do ridículo.

Havia nela, porém, uma outra qualidade que Kitty pressentia vagamente, mas não conseguia denominar. Era algo que, apesar da cordialidade e dos modos requintados da madre superiora, que faziam Kitty sentir-se como uma colegial desajeitada, a mantinha à distância.

— **M***onsieur ne mange rien* – disse a irmã S. José.

– O paladar de monsieur está arruinado por causa dos cozinhados manchus – respondeu a madre superiora.

O sorriso abandonou o rosto da irmã S. José que assumiu uma expressão um tudo-nada afectada. Waddington, com um olhar travesso, pegou noutro bolinho. Kitty não se apercebeu do incidente.

– Para lhe provar o quão injusta é, *ma mère*, vou arruinar o excelente jantar que me aguarda.

– Se Mrs. Fane quiser conhecer o convento, será um prazer mostrar-lho – disse a madre superiora, virando-se para Kitty com um sorriso de desaprovação. – Sinto muito que o veja nesta altura em que tudo está na mais completa desordem. Temos trabalho a mais e poucas irmãs para o fazer. O coronel Yü insistiu para que colocássemos a nossa enfermaria à disposição dos soldados doentes e tivemos de transformar o *réfectoire* numa enfermaria para as nossas órfãs.

Parou à porta, dando passagem a Kitty, e as duas juntas, seguidas pela irmã S. José e por Waddington, percorreram longos e frios corredores. Foram primeiro a uma sala ampla e vazia onde algumas raparigas chinesas estavam a executar elaborados bordados. As raparigas levantaram-se quando os visitantes entraram e a madre superiora mostrou a Kitty algumas amostras do trabalho.

– Continuamos a fazer os bordados, apesar da epidemia, porque o trabalho mantém-lhes as mentes afastadas do perigo.

Dirigiram-se a uma segunda sala, onde rapariguinhas mais novas estavam a fazer trabalhos de costura mais simples, a fazer bainhas e a costurar. Passaram depois a uma terceira, onde havia apenas crianças de

tenra idade à guarda de uma chinesa convertida. Estavam a brincar ruidosamente e, quando a madre superiora entrou, aglomeraram-se à volta dela em pequenos grupos de duas ou três, com os seus olhinhos pretos e o cabelo preto dos Chineses; agarravam-lhe as mãos e escondiam-se entre as suas longas vestes. Um sorriso encantador iluminou o rosto grave da Superiora enquanto as acariciava, dizendo palavras curtas que Kitty, embora completamente ignorante em relação à língua chinesa, percebia serem como carícias. Percorreu-a um leve estremecimento, pois com aquelas batas, a pele macilenta, os corpos enfezados e os narizes achatados, aquelas crianças mal lhe pareciam humanas e era repulsa o sentimento que nela provocavam. Contudo, a madre superiora estava ali entre elas como se fosse a própria Caridade. Quando quis sair da sala elas não queriam deixá-la ir e agarravam-se a ela de tal maneira que, com ligeiras repreensões, ela teve de usar um pouco de força para se libertar. Porém, em momento algum aquelas crianças viam a madre superiora como atemorizante.

– Como certamente sabe – disse ela, enquanto caminhavam ao longo de um outro corredor –, estas meninas só são órfãs no sentido em que os pais se quiseram ver livres delas. Damos-lhes algum dinheiro por cada menina que trazem, porque senão nem a esse trabalho se dariam e pura e simplesmente se livrariam delas. – Virou-se para a irmã e perguntou: – Chegou alguma hoje?

– Quatro.

– Agora, com a cólera, estão mais ansiosos do que nunca para não se verem sobrecarregados com filhas sem préstimo.

A madre superiora mostrou a Kitty os dormitórios e, depois, passaram por uma porta onde se lia *infirmérie*. Kitty ouviu gemidos, gritos e outros sons, como se seres não humanos estivessem a sofrer do outro lado.

– Não lhe vou mostrar a enfermaria – disse a madre superiora no seu plácido tom de voz. – Não é propriamente uma visão que alguém deseje. – De repente ocorreu-lhe um pensamento. – Será que o Dr. Fane está cá?

Interrogou a irmã com o olhar e ela, com o seu sorriso prazenteiro, abriu a porta e entrou. Kitty recuou quando a porta aberta lhe permitiu ouvir de forma mais horrível o tumulto interior. A irmã S. José voltou.

– Não, já estive e só volta mais tarde.

– E o número seis?

– *Pauvre garçon*, morreu.

A madre superiora benzeu-se e começou a mexer os lábios numa breve e silenciosa oração.

Atravessaram um pátio e os olhos de Kitty caíram sobre duas formas alongadas que jaziam no chão lado a lado, cobertas com panos azuis. A superiora virou-se para Waddington.

– Estamos tão necessitadas de camas que temos de deitar dois enfermos em cada uma e mal um doente morre temos de o retirar imediatamente para ter espaço para outro. – Depois sorriu para Kitty. – Agora vamos mostrar-lhe a nossa capela. Temos muito orgulho nela. Um dos nossos amigos de França mandou-nos ainda há pouco tempo uma estátua da Virgem Maria em tamanho natural.

A capela não passava de uma sala comprida e baixa com as paredes caiadas de branco e várias filas de bancos corridos; ao cimo erguia-se o altar, com a imagem. Era feita de gesso-de-paris e pintada a cores fortes – nova, garrida e rebrilhante. Por trás da imagem havia um quadro a óleo da cena da Crucificação, com as duas Marias aos pés da Cruz em extravagantes atitudes de sofrimento. O desenho era mau e os pigmentos escuros foram aplicados com olhos que nada conheciam da beleza da cor. À volta das paredes sucediam-se as Estações da Via Sacra, pintadas pela mesma mão pouco afortunada. A capela era tosca e hedionda.

Ao entrarem, as freiras ajoelharam-se para rezar uma oração e depois, levantando-se, a madre superiora continuou a conversar com Kitty.

– Tudo o que se pode partir e estragar vem partido quando aqui chega, mas a estátua oferecida pelo nosso benfeitor veio de Paris sem o mínimo arranhão. Não há dúvida de que foi um milagre.

Os olhos maliciosos de Waddington cintilaram, mas conteve a língua.

– A peça que está no altar e as Estações da Via Sacra foram pintadas por uma das nossas irmãs, a Soeur St. Anselme. – A madre superiora benzeu-se. – Era uma verdadeira artista. Infelizmente foi uma das vítimas da epidemia. Não acha que são realmente uma beleza?

Kitty balbuciou uma resposta afirmativa. No altar havia ramos de flores de papel e os candelabros eram perturbadoramente ornamentados.

– Temos o privilégio de conseguir manter aqui a hóstia consagrada.

– Ah sim? – disse Kitty, não entendendo.

– Tem sido um grande conforto para nós durante estes tempos tão terríveis.

Saíram da capela e voltaram para a saleta onde tinham estado sentados.

– Gostaria de ver os bebês que chegaram esta manhã antes de se ir embora?

– Gostaria muito – disse Kitty.

A madre superiora levou-os até uma pequena sala do outro lado do corredor. Em cima da mesa, por baixo de um pano detectavam-se movimentos singulares. A irmã afastou o pano, expondo quatro bebês pequeninos e nus. Estavam muito vermelhos e faziam movimentos incessantes e engraçados com os braços e pernas. Os seus rostos pequeninos e exóticos esboçavam estranhas caretas. Quase não pareciam humanos, mas bizarros animais de alguma espécie desconhecida; e, no entanto, havia em toda a cena algo de singularmente tocante. A madre superiora olhava-os com um sorriso divertido.

– Parecem tão cheios de vida. Por vezes trazem-nos para aqui para morrer. É claro que os baptizamos assim que chegam.

– O marido desta senhora vai ficar muito contente com eles – disse a irmã S. José. – Acho que ele era capaz de estar sempre a brincar com os bebês. Quando choram, ele só tem de pegar neles e aconchegá-los nos braços que eles começam logo a rir todos contentes.

Depois Kitty e Waddington foram acompanhados à porta. Kitty agradeceu solenemente à madre superiora pelo trabalho que tivera. A freira fez uma vénia com uma condescendência simultaneamente afável e dignificante.

– Foi um grande prazer. Não sabe como o seu marido tem sido bom e prestável. Já foi encomendado por nós para ir para o Céu. Fico muito contente que tenha vindo com ele para esta terra. Quando regressa a casa, deve ser para ele um grande conforto tê-la à espera com o seu amor e o seu... o seu rosto tão doce. Deve tomar conta dele e não deve deixá-lo trabalhar de mais. Deve tomar conta dele por todos nós.

Kitty corou. Não sabia o que dizer. A madre superiora segurou-lhe na mão e, enquanto isso, Kitty teve plena consciência daqueles olhos contidos e pensativos que nela pousavam com distanciamento, mas, ao mesmo tempo, com algo mais que parecia ser uma profunda compreensão.

A irmã S. José fechou a porta assim que eles saíram, Kitty entrou para a liteira e regressaram pelas ruas estreitas e serpenteantes. Waddington fez determinada observação; Kitty não respondeu. Ele procurou-a com o olhar, mas as cortinas da liteira estavam corridas e não conseguia vê-la. Continuou a caminhar em silêncio, mas, quando chegaram ao rio e ela saiu da liteira, ele viu, com surpresa, que ela tinha os olhos rasos de lágrimas.

- O que se passa? – perguntou, com o rosto franzido de preocupação.
- Nada – disse ela, tentando sorrir. – Patéticos.

De novo sozinha na sórdida sala de estar do falecido missionário, recostada na cadeira de repouso colocada em frente da janela, olhos abstractos fixos no templo do outro lado do rio (naquele momento em que, de novo, o crepúsculo etéreo e sedutor se aproximava), Kitty tentava ordenar os sentimentos que lhe fluíam no coração. Não podia acreditar que aquela visita ao convento a tivesse emocionado tanto. Apenas lá fora por curiosidade. Nada mais tinha para fazer e, depois de dias a fio passados a olhar para a cidade cercada de muralhas do outro lado do rio, nem de relance queria ver as suas ruas misteriosas.

Porém, ao entrar no convento, tivera a sensação de estar a ser transportada para um outro mundo que, estranhamente, não se situava nem no espaço nem no tempo. As salas vazias e nuas e os corredores brancos, austeros e singelos pareciam imbuídos de um espírito místico e remoto. A capelinha, tão feia e tão banal, chegava a ser patética em toda a sua crueza e possuía algo que era omissa na grandeza das catedrais, com os seus vitrais e os quadros que as enfeitavam: era muito humilde, mas a fé que a adornava e o afecto que a alegrava dotavam-na de uma delicada beleza de alma. A forma metódica como o trabalho do convento era efectuado no meio de toda aquela pestilência revelava um sangue-frio perante o perigo e um sentido prático da vida, quase irónico na realidade, que era deveras impressionante. Nos ouvidos de Kitty ressoavam ainda os sons fantasmagóricos que ouvira quando, por momentos, a irmã S. José abrira a porta da enfermaria.

Era completamente inesperada a forma como elas tinham falado de Walter. Primeiro a irmã e depois a própria madre superiora, e o seu tom de voz fora bastante amável ao elogiá-lo. Por estranho que pudesse parecer,

despertara nela uma ligeira sensação de orgulho o facto de terem dele tão boa imagem. Waddington também lhe falara um pouco do que Walter estava a fazer; mas não fora apenas a sua competência que as irmãs tinham elogiado (sabia que em Hong-Kong o consideravam inteligente) – tinham falado da sua atenção e amabilidade e da sua delicadeza. É claro que ele podia ser muito terno e delicado. Dava o seu melhor quando alguém estava doente; era inteligente de mais para se exasperar; e os seus cuidados eram agradáveis, frescos e calmantes. Como se por magia, parecia capaz de aliviar o sofrimento apenas com a sua presença. Ela sabia que nunca mais veria nos seus olhos aquele olhar de afecto a que dantes estava tão acostumada e que achava simplesmente exasperante. Percebia agora quão imensa era a sua capacidade de amar. Estranhamente, ele derramava agora esse amor sobre aqueles pobres enfermos que apenas o tinham a ele. Ela não sentia ciúmes, sentia sim uma sensação de vazio. Era como se um amparo, ao qual estava de tal maneira acostumada que nem se apercebia da sua presença, lhe tivesse sido retirado de repente, deixando-a a balançar para cá e para lá como um sempre-em-pé.

Só sentia desprezo por si própria, porque um dia tinha sentido desprezo por Walter. Ele devia ter percebido como ela o olhava e aceitado o seu juízo sem amargura. Ela era uma pateta e ele sabia-o, mas, porque a amava, esse facto não fizera qualquer diferença para ele. Agora ela já não o odiava nem sentia por ele qualquer ressentimento, mas sim medo e perplexidade. Não podia admitir outra coisa senão que ele tinha qualidades notáveis e por vezes considerava até que ele possuía uma grandeza de alma estranha e pouco atractiva; era curioso que ela não conseguisse amá-lo e continuasse a amar um homem cuja ausência de valor se lhe afigurava agora tão óbvia. Depois de muito pensar durante aqueles dias infundáveis, tinha classificado de forma muito precisa o valor de Charles Townsend: era um homem vulgaríssimo e as suas qualidades de segunda classe. Se pelo menos ela conseguisse arrancar do coração aquele amor que ainda por lá se detinha! Tentava não pensar nele.

Também Waddington tinha Walter em grande conta. Ela fora a única cega que não enxergara o seu mérito. Mas porquê? Porque ele a amava e ela não o amava. O que se passa no coração humano que faz uma mulher desprezar um homem que a ama? Mas Waddington confessara que não gostava de Walter. Os homens não gostavam dele. Era fácil de entender que aquelas duas freiras nutriam por ele um sentimento muito parecido com a afeição. Ele era diferente com as mulheres. Apesar da sua timidez,

presentia-se nele uma delicada amabilidade.

Mas, afinal de contas, tinham sido as freiras quem mais profundamente a tinha tocado. A irmã S. José, com o seu ar alegre e as maçãs do rosto vermelhinhas; fora umas das poucas que tinham vindo com a madre superiora para a China dez anos antes e vira praticamente todas as suas companheiras morrer umas atrás das outras de doença, privações e saudades; e, no entanto, continuava alegre e feliz. O que lhe concederia aquele humor tão ingênuo e encantador? E a madre superiora? Kitty, na sua imaginação, viu-se novamente na presença dela e, mais uma vez se sentiu humilde e envergonhada. Apesar de ser tão simples e genuína, ela possuía uma dignidade inata que inspirava um temor respeitoso e era inimaginável que alguém pudesse faltar-lhe ao respeito. A irmã S. José mostrara pela sua postura, pelos mais pequenos gestos e pela entoação das suas respostas a profunda submissão em que se mantinha; e Waddington, frívolo e impertinente, demonstrara pelo tom de voz que não estava totalmente à vontade. Kitty considerou que nem era preciso alguém ter-lhe dito que a madre superiora pertencia a uma das melhores famílias de França; havia no seu porte algo que sugeria uma linhagem antiga e ela possuía a autoridade de alguém que nunca tinha tido consciência de que era possível desobedecerem-lhe. Tinha a condescendência de uma grande senhora e a humildade de uma santa. O seu rosto forte, belo e marcado pelo tempo deixava transparecer uma austeridade apaixonada e, ao mesmo tempo, tanta solicitude e tanta docilidade que levavam a que aquelas crianças se acolhessem, barulhentas e sem medo, à segurança do seu profundo afecto. Ela era como um raio de sol a espalhar-se pelo matagal selvagem e desolado. O que a irmã S. José dissera impensadamente sobre Walter havia tocado Kitty de uma forma muito estranha. Ela sabia que ele tinha desejado

desesperadamente que ela engravidasse, mas nunca suspeitara, pela sua reticente maneira de ser, que fosse capaz de dar às crianças, sem qualquer rebuço, uma ternura tão cheia de desvelo e alegria. A maioria dos homens agiam como uns patetas desajeitados com os bebês. Como ele era estranho!

Porém, acima de toda aquela tocante experiência, pairara sempre, insistente e evidente, uma sombra (uma linha escura a contornar a nuvem prateada) que a desconcertava. Na alegria sóbria da irmã S. José e muito mais ainda na cortesia sublime da madre superiora, ela tinha sentido uma distância que a oprimia. Eram simpáticas, cordiais até, mas, ao mesmo tempo, mantinham uma certa reserva em relação a algo, não sabia o quê, para que ela tivesse consciência de que não passava de mais uma estranha. Havia uma barreira a separá-la delas. Falavam uma língua diferente, não só com a voz, mas também com o coração. E, quando a porta se fechou atrás dela, sentiu que a tinham arredado tão completamente dos seus pensamentos, voltando sem mais delongas ao trabalho negligenciado, que, para elas, era como se ela nem existisse. Sentiu-se posta fora não só do mísero convento, mas também do misterioso jardim espiritual por que ansiava com toda a sua alma. De repente sentira-se sozinha como nunca se havia sentido antes. E era por isso que tinha chorado.

E então, atirando a cabeça para trás com desalento, disse num suspiro: – Oh, como sou inútil.

Nessa noite Walter voltou ao *bungalow* um pouco mais cedo do que o habitual. Kitty estava deitada na cadeira de repouso junto à janela aberta. Era quase noite.

– Não quer um candeeiro? – perguntou ele.

– Eles trazem-no quando o jantar estiver pronto.

Ele falava com ela quase sempre de forma casual, de coisas triviais, como se fossem simples conhecidos, e nunca havia nada na sua maneira de agir que sugerisse que albergava algum tipo de malícia no coração. Nunca a olhava nos olhos e nunca sorria. Mas era escrupulosamente educado.

– Walter, o que propõe que façamos se conseguirmos sobreviver à epidemia? – perguntou ela.

Ele aguardou um momento antes de responder. Ela não conseguia ver-lhe o rosto.

– Ainda não pensei nisso.

No passado, ela, descuidada, diria a primeira coisa que lhe viesse à cabeça, pois nunca lhe ocorrera pensar antes de falar. Mas agora tinha medo dele, sentia os lábios a tremer e o coração a bater dolorosamente.

– Fui ao convento hoje à tarde.

– Sim, já ouvi dizer.

Ela obrigou-se a falar, embora mal conseguindo articular as palavras.

– A sua intenção era mesmo que eu morresse quando me trouxe para cá?

– Kitty, no seu lugar eu não tocaria mais nesse assunto. Não me parece benéfico falar de um assunto que devemos fazer o possível por esquecer.

– Mas, Walter, você nunca vai esquecer... nem eu. Tenho pensado muito desde que viemos para aqui. Não vai ouvir o que tenho para lhe dizer?

– Certamente que sim.

– Tratei-o muito mal. Fui-lhe infiel.

Ele manteve-se completamente imóvel, e a sua imobilidade era estranhamente aterradora.

– Não sei se irá compreender o que eu quero dizer. Este género de coisa não significa muito para uma mulher, quando acaba. Acho que as mulheres nunca conseguiram compreender as atitudes que os homens tomam. – Ela falava agora de forma abrupta, num tom de voz que mal conseguia reconhecer como seu. – Você sabia como era o Charlie e sabia o que ele ia fazer. Pois bem, estava certíssimo. Ele é uma criatura desprezível. E acho que nunca teria sido apanhada por ele se eu própria não fosse tão desprezível quanto ele. Não lhe peço que me perdoe. Não lhe peço que me ame como me amava. Mas será que não poderíamos ser amigos? Com todas estas pessoas a morrer aos milhares à nossa volta, e com aquelas freiras do convento...

– O que têm elas a ver com isto? – interrompeu-a Walter.

– Não consigo explicar-me muito bem. Tive uma sensação tão estranha quando lá fui hoje. Tudo parece significar tanto. É tudo tão terrível e o auto-sacrifício delas tão maravilhoso. Não consigo deixar de sentir que é absurdo e desproporcionado, se é que me entende, viver assim angustiado porque uma tonta qualquer lhe foi infiel. Sou tão desprezível e insignificante que não mereço sequer um pensamento seu.

Ele não respondeu, mas também não se mexeu. Parecia estar à espera que ela continuasse.

– Mr. Waddington e as freiras disseram-me coisas maravilhosas a seu respeito. Tenho muito orgulho em si, Walter.

– Não costumava ter, costumava era sentir desprezo por mim. Agora já não sente?

– Não sabe que tenho medo de si?

Mais uma vez, ele ficou-se em silêncio.

– Não a entendo – disse, por fim. – Não sei o que pretende com isso.

– Para mim, nada. Apenas quero vê-lo um pouco menos infeliz.

Ela sentiu-o ficar tenso e a sua voz soou gelida quando respondeu.

– Está muito enganada se pensa que sou infeliz. Tenho muito que fazer para pensar em si muitas vezes.

– Estava a pensar se as freiras me deixariam ir trabalhar no convento. Elas têm tanta falta de pessoal; se eu pudesse dar alguma ajuda ficar-lhes-ia muito grata.

– Não é um trabalho fácil, e muito menos agradável. Duvido que a

mantivesse entretida por muito tempo.

– Você despreza-me completamente, não é, Walter?

– Não. – Ele hesitou e a voz era estranha quando disse: – Desprezo-me a mim próprio.

Tinham terminado de jantar. Como era hábito, Walter sentou-se junto ao candeeiro e começou a ler. Costumava ler todas as noites até Kitty se ir deitar e, depois, ia para o laboratório que tinha montado num dos quartos vazios do *bungalow* e aí ficava a trabalhar até altas horas. Dormia pouco. Andava ocupado com umas experiências que ela nem fazia ideia do que seriam. Ele não lhe contava nada sobre o seu trabalho. Mesmo noutros tempos sempre fora reticente em relação ao que fazia. Não possuía uma natureza de forma alguma expansiva. Ela pensou profundamente naquilo que ele lhe dissera: a conversa não levava a nada. Conhecia-o tão pouco que não conseguia ter a certeza se ele estava a falar a sério ou não. Seria possível que, ao mesmo tempo que ele agora existia de forma tão ominosa para ela, ela tivesse pura e simplesmente deixado de existir para ele? A conversa dela, que outrora o entretinha, porque a amava, agora, que já não a amava, nada mais era para ele do que entediante? Kitty ficava mortificada só de pensar nisso.

Olhou para ele. A luz do candeeiro recortava-lhe o perfil como se de um camafeu se tratasse. De traços regulares e bem desenhados, era um perfil muito distinto, mas, mais do que severo, era sinistro. Aquela imobilidade, movendo apenas os olhos enquanto lia meticulosamente cada página, era vagamente aterradora. Quem poderia imaginar que aquele rosto tão duro poderia ser totalmente derretido pela paixão e transformar-se numa expressão de profunda ternura? Ela sabia-o e esse pensamento provocou-lhe um pequeno arrepio de aversão. Era estranho que, apesar de ele ser bem parecido, honesto, de confiança e talentoso, lhe tivesse sido tão impossível amá-lo. Tinha sido um alívio não mais ter precisado de se submeter às suas carícias.

Ele tinha-se recusado a responder quando ela lhe perguntara se, ao obrigá-la a vir para ali, era mesmo seu desejo matá-la. Esse mistério fascinava-a e horrorizava-a ao mesmo tempo. Ele era tão invulgarmente amável que era inacreditável que pudesse ter tido uma intenção tão demoníaca. Certamente ao alvitrá-lo fizera-o apenas para a assustar e para se vingar de Charlie (o que seria mesmo típico do seu humor sardónico) e, depois, por teimosia e medo de cair no ridículo, insistira para que as coisas fossem por diante.

Sim, ele dissera que se desprezava a si próprio. O que teria ele querido dizer com aquilo? Kitty olhou mais uma vez para o seu rosto calmo e controlado. Ele estava tão pouco consciente da presença dela que ela podia até ter saído da sala.

– Por que se despreza a si próprio? – perguntou ela, mal se apercebendo de que o fazia como se estivesse a continuar a conversa anterior sem qualquer interrupção.

Ele baixou o livro e observou-a, reflectindo. Parecia estar a reunir os pensamentos, que andavam por muito longe.

– Porque a amava.

Ela corou e desviou os olhos. Não conseguia suportar o seu olhar frio, fixo e avaliativo. Compreendia o que ele queria dizer. Passaram-se alguns minutos antes de ela voltar a falar.

– Acho que está a cometer uma injustiça em relação a mim – disse ela. – Não é justo culpar-me por ser pateta, frívola e vulgar. Fui educada assim. Todas as raparigas que conheço são assim... É como censurar alguém que não tem ouvido para a música por estar aborrecido num concerto sinfónico. É justo culpar-me por me ter atribuído qualidades que não possuo? Nunca tentei enganá-lo fingindo ser o que não era. Eu era apenas bonita e alegre. Não pode querer comprar um colar de pérolas nem um casaco de peles numa barraca de feira; aí tem de se limitar a pedir um trompete de estanho e um balão.

– Eu não a culpo.

A sua voz denotava fadiga. Ela começava a sentir-se um pouco impaciente. Por que razão não conseguia ele compreender o que de repente se tornara tão evidente para ela: que face ao terror da morte em que viviam permanentemente, e face ao êxtase da beleza que ela entrevira nesse dia, os problemas deles eram triviais? Realmente, que importância tinha que uma mulher tresloucada tivesse cometido adultério e porque deveria o marido dela, cara a cara com o sublime, pensar sequer nisso? Era estranho que

Walter, com toda a sua inteligência, tivesse tão pouco sentido das proporções. Só porque tinha vestido uma boneca com os mais belos vestidos e a tinha colocado num altar para a adorar e, depois, tinha descoberto que afinal a boneca era de pau carunchoso, não conseguia perdoar nem a si próprio nem a ela? A alma dele estava completamente dilacerada. Ele vivia num mundo de fingimento e, quando a verdade destruiu esse mundo, achou que a própria realidade tinha sido destruída. A verdade é que ele nunca lhe perdoaria porque não conseguia perdoar-se a si próprio.

Ela julgou tê-lo ouvido soltar um breve suspiro e lançou-lhe um olhar fugaz. Um pensamento repentino atingiu-a, deixando-a completamente sem fôlego. Conseguiu apenas sustentar um grito.

Será que ele estava a sofrer daquilo a que chamavam coração destruído?

Durante todo o dia seguinte Kitty pensou no convento e, bem cedo na manhã do outro dia, pouco depois de Walter sair, atravessou o rio levando a *amah* consigo para arranjar liteiras. Mal tinha amanhecido e os chineses que enchiam o *ferry-boat*, alguns com o macacão de sarja azul dos camponeses, outros com as vestes negras da respeitabilidade, tinham a expressão estranha dos mortos ao serem levados sobre as águas para a terra das sombras. E, quando desembarcaram, deixaram-se ficar por algum tempo no desembarcadouro, indecisos, como se não soubessem muito bem para onde ir, antes de, em grupos de dois e três, partirem erraticamente monte acima.

Àquela hora as ruas da cidade estavam muito vazias, pelo que, mais do que nunca, parecia uma cidade dos mortos. Os transeuntes tinham um ar tão abstracto que mais pareciam fantasmas. O céu estava desanuviado e o sol da manhã lançava sobre este cenário uma brandura quase celestial. Era difícil imaginar que numa manhã tão jovial, fresca e risonha como esta a cidade jazia entre estertores devido àquela peste, como um homem cuja vida lhe estivesse a ser roubada por estrangulamento às mãos de um maníaco qualquer. Era incrível como a natureza (o azul do céu era tão límpido como o coração de uma criança) se quedava indiferente enquanto os homens se contorciam em agonia e caminhavam para a morte completamente apavorados. Quando as liteiras foram pousadas à porta do convento, um mendigo levantou-se do chão e pediu uma esmola a Kitty. Cobriam-no andrajos desbotados e disformes, como se os tivesse arrancado de um monte de estrume, e os rasgões deixavam entrever a pele dura, áspera e curtida como o couro de uma cabra. As pernas desnudas eram macilentas e a cabeça, com o escasso cabelo hirsuto e grisalho, o rosto

chupado e os olhos dementes, era a cabeça de um louco. Kitty afastou-se dele horrorizada e os carregadores escorraçaram-no com palavras bruscas, mas, como ele continuasse a importuná-la, Kitty, estremecendo, e para se ver livre dele, deu-lhe algumas moedas.

A porta foi aberta e a *amah* explicou que Kitty queria falar com a madre superiora. Mais uma vez foi levada para a austera saleta onde parecia que nunca uma janela fora aberta e onde ficou sentada à espera durante tanto tempo que pensou que o seu recado não tinha sido entregue. Por fim, a madre superiora entrou.

– Tenho de lhe pedir desculpa por tê-la feito esperar – disse. – Não estava à sua espera e, por isso, estava ocupada.

– Perdoe-me ter vindo incomodá-la. Receio ter chegado num momento pouco conveniente.

A madre superiora dirigiu-lhe um sorriso, austero mas doce, e pediu-lhe que se sentasse. Mas Kitty reparou que os seus olhos estavam inchados. Tinha estado a chorar. Kitty ficou admirada, pois a madre superiora tinha-lhe dado a impressão de ser uma mulher a quem os problemas terrenos pouco comoviam.

– Sinto que aconteceu alguma coisa – disse Kitty, titubeante. – Quer que me vá embora? Posso voltar noutra altura.

– Não, não. Diga-me em que posso ajudá-la. É que... uma das nossas irmãs morreu a noite passada. – A sua voz perdeu a firmeza e os olhos rasaram-se-lhe de lágrimas. – É até pecado estar a chorar, pois sei que a sua alma boa e simples foi direitinha para o Céu, ela era uma santa, mas é sempre difícil controlarmos a nossa fraqueza. Receio nem sempre ser muito razoável.

– Sinto muito, sinto mesmo muito – disse Kitty.

A sua pronta solidariedade deixou a madre superiora a soluçar.

– Ela era uma das irmãs que veio comigo de França há dez anos. Agora, dessas todas só restamos três. Lembro-me que formávamos um pequeno grupo ao fundo do barco (como é que se chama, na proa?) e, enquanto o vapor se afastava do porto de Marselha e víamos a imagem dourada de Saint Marie la Grace, rezámos todas juntas. Sempre tinha sido o meu maior desejo, desde que abraçara o caminho da fé, permitirem-me vir para a China, mas, quando vi a terra a ficar cada vez mais longe, não pude deixar de chorar. Eu era a superiora. Não era um bom exemplo o que eu estava a dar às minhas filhas. E foi então que a irmã S. Francisco Xavier, é este o nome da irmã que morreu ontem à noite, me pegou na mão e me disse para

não chorar, pois onde quer que estivéssemos aí estaria a França e aí estaria Deus.

Aquele rosto belo e severo estava distorcido pela dor que a natureza humana lhe arrancava das entranhas e pelo esforço de retrain as lágrimas que a razão e a fé a faziam recusar. Kitty desviou os olhos. Sentiu que era indecoroso assistir àquela luta interior.

– Estive a escrever ao pai dela. Ela, tal como eu, era a única filha que a mãe tinha. Eram pescadores da Bretanha e será muito duro para eles. Oh, quando terminará esta epidemia? Duas das nossas raparigas foram atacadas esta manhã e só um milagre as poderá salvar. Estes chineses não têm qualquer resistência. A perda da irmã S. Francisco é muito grave. Há tanto para fazer e nunca fomos tão poucas como agora. Temos irmãs, nas nossas outras casas da China, que estão ansiosas por vir para cá, toda a nossa Ordem, acho eu, daria tudo no mundo (só que nada tem) para vir para cá, mas isto é quase morte certa. E enquanto nos conseguirmos arranjar com as irmãs que temos, não quero que outras sejam sacrificadas.

– Isso encoraja-me, *ma mère* – disse Kitty. – Estava a sentir que tinha vindo num momento muito infeliz. No outro dia disse-me que havia muito mais trabalho do que aquele que as irmãs conseguiam fazer e eu pergunto-me se não me deixaria vir para cá para as ajudar. Não me importa o que tenha de fazer, desde que seja útil. Eu devia até agradecer nem que me mandasse esfregar o chão.

A madre superiora dirigiu-lhe um sorriso divertido e Kitty ficou deveras espantada com aquele temperamento versátil que tão facilmente conseguia passar de um estado de espírito a outro.

– Não há necessidade de esfregar o chão. De certo modo, isso é feito pelas órfãs. – Fez uma pausa e olhou para Kitty com afabilidade. – Minha querida filha, não acha que já fez muito em vir para cá com o seu marido? Isso é muito mais do que muitas esposas teriam a coragem de fazer. E, além disso, que melhor ocupação pode ter do que dar-lhe paz e conforto quando ele volta para casa e para junto de si após um dia de trabalho? Acredite, nessa altura ele precisa de todo o seu amor e de toda a sua atenção.

Não era fácil para Kitty sustentar aqueles olhos que nela pousavam com curiosidade distante e afável ironia.

– Não tenho nada para fazer de manhã até à noite – disse Kitty. – Sinto que há tanta coisa para ser feita que não consigo suportar a ideia de ser uma inútil. Não quero tornar-me um estorvo, e sei que não posso exigir nem a sua bondade nem o seu tempo, mas estou a falar a sério e seria uma esmola

que me faria se me deixasse ajudá-la de alguma maneira.

– Não me parece muito forte. Quando anteontem nos deu o prazer de nos vir visitar, pareceu-me muito pálida. A irmã S. José até pensou que talvez estivesse à espera de bebé.

– Não, não – exclamou Kitty, corando até à raiz dos cabelos.

A madre superiora soltou uma risada breve e argentina.

– Não é nada de que tenha de se envergonhar, minha querida filha, nem há nada de improvável nesta suposição. Há quanto tempo está casada?

– Eu estou muito pálida, porque sou pálida por natureza, mas sou muito forte e juro-lhe que não tenho medo nenhum do trabalho.

Agora a madre superiora já estava completamente senhora de si. Assumiu, inconscientemente, o ar autoritário que lhe era tão habitual e submeteu Kitty a um meticoloso exame. Kitty estava indescritivelmente nervosa.

– Fala chinês?

– Receio bem que não – respondeu Kitty.

– Ah, que pena. Poderia colocá-la como responsável pelas raparigas mais velhas. O momento é muito difícil e tenho medo que elas acabem por ficar... como é que se diz? Fora de controlo? – concluiu a madre com entoação expectante.

– Será que eu não podia ajudar as irmãs na enfermagem? Não tenho medo nenhum da cólera. Podia tratar das raparigas ou dos soldados.

A madre superiora, agora sem sorrir e com um olhar pensativo, abanou a cabeça.

– Não sabe o que é a cólera. É uma coisa horrível de se ver. O trabalho na enfermaria é feito por soldados e precisamos apenas de uma irmã para o supervisionar. E, no que diz respeito às raparigas... não, não, tenho a certeza de que o seu marido não vai deixar; é uma visão terrível e assustadora.

– Eu habituava-me.

– Não, isso está fora de questão. É nossa obrigação e nosso privilégio tratar dessas coisas; não há qualquer necessidade de vir para aqui fazê-las.

– Faz-me sentir tão inútil e impotente. Parece incrível que não haja nada que eu possa fazer.

– Já falou com o seu marido sobre este seu desejo?

– Sim, já falei.

A madre superiora olhou para ela como se estivesse a remexer nos segredos do seu coração, mas, quando viu o olhar ansioso e suplicante de

Kitty, sorriu.

– Claro que é protestante, não é? – perguntou.

– Sou.

– Isso não interessa. O Dr. Watson, o missionário que morreu, era protestante e isso não fazia qualquer diferença. Ele era do mais encantador que havia connosco. Temos uma grande dívida de gratidão para com ele.

Nesse momento, o lampejo de um sorriso atravessou o rosto de Kitty, mas ela não disse nada. A madre superiora parecia estar a reflectir. Nisto levantou-se.

– É muita bondade da sua parte. Penso que poderei arranjar-lhe alguma coisa para fazer. É verdade que agora, que a irmã S. Francisco nos foi levada, é impossível para nós dar conta de todo o trabalho. Quando acha que estará pronta para começar?

– Agora mesmo.

– *A la bonne heure*. Fico contente por ouvi-la dizer isso.

– Prometo-lhe que vou dar o meu melhor. Estou-lhe muito grata pela oportunidade que me está a dar.

A madre superior abriu a porta da saleta, mas, ao sair, hesitou e, mais uma vez, dirigiu a Kitty um olhar longo, penetrante e sagaz. Depois colocou-lhe a mão gentilmente sobre o braço.

– Sabe, minha filha, ninguém consegue encontrar a paz no trabalho nem no prazer, seja no mundo lá fora seja num convento, apenas na alma de cada um.

Kitty esboçou um gesto, mas a madre superiora afastou-se rapidamente.

Kitty encontrava no trabalho repouso para o espírito. Ia para o convento todas as manhãs, pouco depois do nascer do sol, e só regressava ao *bungalow* quando o sol, já voltado para oeste, inundava de luz dourada o rio estreito e os densos juncais. A madre superiora tinha colocado ao seu cuidado as crianças mais pequenas. A mãe de Kitty tinha trazido para Londres, da sua Liverpool natal, um sentido prático dos trabalhos domésticos e Kitty, apesar do seu ar de frivolidade, sempre tivera alguns dons aos quais se referia em tom de gracejo. No entanto, sabia cozinhar muito bem e costurar. Quando revelou este talento, foi colocada a supervisionar a costura das rapariguinhas mais novas. Elas sabiam um pouco de francês e todos os dias ela aprendia algumas palavras em chinês, pelo que não lhe era difícil desempenhar essa função. Outras vezes tinha de tomar conta das mais pequeninas para que não fizessem asneiras, tinha de vesti-las e despi-las e verificar se repousavam quando precisavam de repouso. Havia um elevado número de bebés, que estavam à guarda de *amahs*, mas também lhe pediram que lhes deitasse o olho de vez em quando. Nenhuma destas tarefas era muito importante e ela teria gostado de algo mais árduo. Mas a madre superiora não prestava atenção às suas súplicas e Kitty receava que ela não quisesse ser importunada.

Nos primeiros dias teve de fazer um grande esforço para ultrapassar a ligeira repugnância que sentia por estas rapariguinhas, com os seus pavorosos uniformes, o cabelo preto muito espesso, os rostos redondos e amarelos e os olhos parados e muito negros. Mas, ao recordar o olhar doce que transfigurara de forma tão sublime o semblante da madre superiora ao ser rodeada por aquelas coisinhas horrorosas quando Kitty visitara o convento pela primeira vez, não se permitia ceder ao instinto. E naquele

momento, quando, tomando nos braços uma ou outra daquelas criaturinhas, que chorava por ter caído ou por ter um dente a romper, Kitty descobriu que algumas palavras ternas, mesmo numa língua que a criança não conhecia, a pressão dos seus braços e a suavidade do seu rosto contra o rostinho amarelo e choroso podiam confortá-la e consolá-la, começou a perder toda a sensação de estranheza que elas lhe causavam. As meninas, sem sentir qualquer receio, vinham até ela com os seus problemas infantis e era motivo de especial alegria perceber que confiavam nela. O mesmo acontecia com as mais velhas, aquelas a quem ensinava a costurar. Os seus sorrisos radiosos e inteligentes e o prazer que lhes dava uma simples palavra sua de louvor tocavam-na profundamente. Sentia que gostavam dela e, lisonjeada e orgulhosa, retribuía-lhes o sentimento.

Havia, porém, uma criança a que não conseguia habituar-se. Era uma pequenita de seis anos, pateta, com uma cabeça hidrocéfala descomunal que balançava como um sempre-em-pé em cima de um corpo pequeno e atarracado, com uns olhos enormes e inexpressivos e uma boca constantemente a babar-se. A criatura conseguia balbuciar meia dúzia de palavras com voz rouca. Era revoltante e horrível e, sabe-se lá porquê, tinha uma afeição disparatada por Kitty, seguindo-a constantemente quando ela mudava de lugar e passava de um lado da enorme sala para o outro. Agarrava-se-lhe à saia, esfregava o rosto nos seus joelhos e procurava constantemente as suas mãos para as acariciar. Kitty estremecia de repugnância. Sabia que ela ansiava por carinhos, mas não conseguia sequer tocar-lhe.

Uma vez, falando disso com a irmã S. José, disse que era uma pena aquela criança estar viva. A irmã S. José sorriu, estendeu a mão na direcção daquela coisa deformada e ela aproximou-se e esfregou a cabeça protuberante na mão estendida.

– Pobrezinha – disse a freira. – Foi aqui deixada praticamente morta. Graças à Divina Providência eu estava à porta nesse momento. Pensei que não havia um momento a perder e baptizei-a logo. Não vai acreditar nas dificuldades por que passámos para a manter entre nós. Por três ou quatro vezes pensámos que a sua alminha se escaparia para o Céu.

Kitty ficou-se em silêncio. A irmã S. José, à sua maneira loquaz, começou a tagarelar sobre outras coisas. E, no dia seguinte, quando a criança veio até ela e lhe tocou na mão, Kitty forçou-se a estendê-la e a acariciar-lhe o crânio descomunal. Forçou-se a sorrir também. Mas, de repente, a criança, com uma perversidade idiota, afastou-se dela. Pareceu

perder todo o interesse e nesse dia e nos seguintes não voltou a procurá-la. Kitty não sabia o que tinha feito de mal e tentava atraí-la com sorrisos e gestos, mas ela virava a cara e fingia não a ver.

Como as freiras estavam ocupadas de manhã à noite com centenas de tarefas para executar, Kitty mal as via. Encontrava-as apenas durante as missas, na capela humilde e despojada. No primeiro dia, a madre superiora, vendo-a sentada ao fundo atrás das raparigas, distribuídas pelos bancos de madeira de acordo com a idade, parou e disse-lhe:

– Não se sinta na obrigação de vir à capela sempre que nós vimos. Como protestante tem as suas próprias convicções.

– Mas eu gosto de vir, madre. Acho que me ajuda a ficar mais tranquila.

A madre superiora dirigiu-lhe um olhar quase prolongado e inclinou ligeiramente a cabeça.

– É claro que poderá fazer aquilo que quiser. Só queria que soubesse que não é obrigada a nada.

Porém, com a irmã S. José, Kitty rapidamente entrou num relacionamento, se não de intimidade, pelo menos de familiaridade. A economia do convento estava sob a responsabilidade dela e tomar conta de todo o bem-estar material daquela grande família mantinha a irmã sempre muito ocupada o dia todo. Dizia que o único tempo de que dispunha para descansar era o que dedicava à oração. Mas à tardinha, quando Kitty estava a orientar as rapariguinhas mais crescidas no seu trabalho, gostava de vir para junto dela e, declarando-se estafada e sem um momento a perder, sentar-se por alguns minutos a tagarelar. Quando não estava na presença da madre superiora, a irmã S. José era uma criatura faladora e alegre que gostava de gracejar e não desgostava totalmente de um pouco de má-língua. Kitty não sentia por ela o mínimo temor, o hábito que usava não impedia a irmã S. José de ser uma mulher simples e de bom coração, e conversava com ela alegremente. Não se importava nada que ela estivesse sempre a

dizer-lhe como falava mal francês e riam-se juntas dos erros de Kitty. Todos os dias a irmã lhe ensinava algumas palavras úteis em chinês. Era filha de agricultores e, lá no fundo, continuava a ser uma camponesa.

– Costumava guardar vacas quando era pequena – disse ela –, como Santa Joana d’Arc. Mas eu era ruim de mais para ter visões. E ainda bem, penso eu, pois se as tivesse o meu pai ia de certeza bater-me com o chicote. O pobre coitado costumava bater-me muitas vezes com o chicote porque eu era uma menina muito travessa. Hoje em dia até sinto vergonha quando me lembro das partidas que eu costumava pregar.

Kitty ria-se só de pensar que aquela freira corpulenta e de meia-idade pudesse alguma vez ter sido uma criança desobediente. E, no entanto, havia ainda nela alguma coisa de infantil que atraía o coração de toda a gente: parecia envolvida no aroma do campo no Outono, quando as macieiras estão carregadas e as colheitas bem guardadas nos celeiros. Não possuía a santidade trágica e austera da madre superiora, mas irradiava uma alegria simples e feliz.

– Nunca sente vontade de voltar para casa, *ma soeur*? – perguntou Kitty.

– Oh, não. Seria muito duro voltar. Adoro estar aqui e nunca me sinto tão feliz como quando estou no meio das órfãs. Elas são tão boazinhas, tão agradecidas. É muito bom ser freira (*on a beau être religieuse*), mas não conseguimos esquecer que temos mãe nem que bebemos o leite dos seus seios. Ela é velha, a minha mãe, e é duro nunca mais voltar a vê-la; mas ela gosta muito da nora e o meu irmão é muito bom para ela. O filho dele já está crescido e acho que lhes vai dar jeito mais um par de braços fortes na quinta. Era apenas uma criança quando deixei a França, mas prometia ter bom pulso, capaz de derrubar um touro.

Era quase impossível, ao escutar a freira naquela sala tão serena, lembrar-se que do outro lado daquelas quatro paredes a cólera devastava tudo e todos. A irmã S. José possuía uma capacidade de despreocupação que se transmitia a Kitty.

Possuía também uma curiosidade ingénua sobre o mundo e os seus habitantes. Fazia a Kitty todo o tipo de perguntas sobre Londres e Inglaterra, um país onde, pensava ela, o nevoeiro era tão cerrado que em pleno dia não se conseguiam ver as próprias mãos. Quis ainda saber se Kitty ia a bailes, se morava numa casa grande e quantos irmãos e irmãs tinha. Falava muitas vezes de Walter. A madre superiora dizia que ele era maravilhoso e todos os dias rezavam por ele. E que afortunada que Kitty era por ter um marido tão bom, tão corajoso e tão inteligente.

Mas, mais cedo ou mais tarde, a irmã S. José voltava ao assunto da madre superiora. Kitty teve consciência, desde o início, de que a personalidade desta mulher dominava o convento. Todos os que ali habitavam olhavam-na com amor, sem dúvida, e com admiração, mas também com temor e até algum receio. Apesar da sua afabilidade, até a própria Kitty se sentia como uma menina de escola na presença dela. Nunca estava completamente à vontade junto dela, pois sentia-se possuída por um sentimento tão estranho que a deixava constrangida: reverência. A irmã S. José, com o ingênuo desejo de a impressionar, contava a Kitty como era importante a família da madre superiora, que contava entre os seus antepassados com figuras de importância histórica e era ainda *un peu cousine* de metade dos reis da Europa. Afonso de Espanha tinha caçado nos domínios do seu pai e tinham *châteaux* por toda a França. Devia ter sido muito duro deixar tamanha grandeza. Kitty ouvia-a com um sorriso, mas nem um bocadinho impressionada.

– *Du reste*, basta olhar para ela – disse a irmã – para ver que, *comme famille, c’est le dessus du panier*.

– Ela tem as mãos mais belas que eu já vi – disse Kitty.

– Ah, mas se soubesse como ela as usou. Ela não tem medo de trabalhar, *notre bonne mère!*

Quando chegaram àquela cidade não havia nada. Tinham construído o convento. A madre superiora traçara a planta e supervisionara o trabalho. Logo que chegaram começaram a salvar as pobres meninas indesejadas da torre dos bebés e das mãos cruéis da parteira. No início não tinham camas onde dormir nem vidros nas janelas para se protegerem do frio da noite («e não há nada mais prejudicial do que isso» disse a irmã S. José); e muitas

vezes nem dinheiro tinham para pagar aos construtores ou sequer para comprar comida. Viviam como camponeses, que dizia ela? os camponeses em França, *tenez*, os homens que trabalhavam para o pai dela, teriam deitado aos porcos a comida que elas comiam. E então a madre superiora reunia as filhas à sua volta, ajoelhavam-se todas a rezar e a Virgem Santíssima enviava-lhes dinheiro. Chegavam mil francos pelo correio no dia seguinte ou então algum estranho, um inglês (e ainda por cima protestante), ou mesmo um chinês, batia à porta quando elas ainda estavam ajoelhadas e trazia-lhes um presente. Uma vez estavam numa situação tão difícil que todas prometeram à Virgem Santíssima que fariam uma *neuvaine* em sua honra se as socorresse. E, acredita?, aquele Mr. Waddington, tão engraçado, veio visitar-nos no dia seguinte e, dizendo que estávamos todas com cara de quem estava a precisar de um bom prato de carne assada, deu-nos cem dólares.

Que homenzinho cómico que ele era, calvo e com aqueles olhinhos marotos (*ses petits yeux malins*), e as piadas que ele dizia... *Mon Dieu*, como ele assassinava a língua francesa e, no entanto, não podíamos deixar de rir. Estava sempre de bom humor. Durante toda esta terrível epidemia ele comportava-se como se estivesse a gozar férias. Tinha um coração tão francês e uma perspicácia tal que dificilmente se diria que era inglês. Excepto pelo sotaque. Mas às vezes a irmã S. José achava que ele falava mal de propósito para as fazer rir. É claro que a sua moral não era de forma nenhuma desejável, mas isso também era lá com ele (com um suspiro, um encolher de ombros e um abanar de cabeça) e ele era jovem e solteiro.

– Que tem de mal a moral dele, *ma soeur*? – perguntou Kitty, sorrindo.

– Será possível que não saiba? É pecado eu contar-lhe. Não tenho nada que falar dessas coisas. Ele vive com uma chinesa, ou melhor, não propriamente uma chinesa, mas sim uma manchu. Uma princesa, ao que dizem, e que o ama perdidamente.

– Isso parece-me impossível – disse Kitty com um gritinho.

– Não, não, juro-lhe que é a mais pura verdade. Muito incorrecto da parte dele. Essas coisas não se fazem. Não ouviu, naquela primeira vez que veio ao convento e que ele não comeu as *madeleines* que eu tinha feito de propósito para ele, que a *notre bonne mère* disse que o estômago dele estava estragado por causa da comida manchu? Era a isso que ela se referia. Devia ter visto a cara que ele fez. É uma história curiosa. Parece que ele estava colocado em Hankow durante a revolução em que massacraram os Manchus e o bom do Waddington salvou a vida de uma das famílias mais

importantes da terra. Ainda aparentados com a família imperial. A rapariga apaixonou-se perdidamente por ele e... bem, o resto consegue imaginar, não consegue? E, quando ele saiu de Hankow, ela veio atrás dele a correr, e agora segue-o para todo o lado e ele não teve outro remédio senão ficar com ela, coitado; mas tenho de reconhecer que gosta muito dela. Estas mulheres manchus são por vezes fascinantes. Mas onde tenho eu a cabeça? Com milhares de coisas para fazer e eu aqui sentada a dar à língua. Sou uma péssima religiosa. Tenho vergonha de mim própria.

Kitty tinha a estranha sensação de estar a crescer. A ocupação constante distraía-lhe a mente e os vislumbres que captava de outras vidas e de outros pontos de vista estimulavam-lhe a imaginação. Começou a recuperar o ânimo, sentia-se melhor e mais forte. Tinha-lhe parecido que nada mais podia fazer senão chorar, mas, para surpresa sua, e que a deixava até um pouco confusa, dava por si a rir disto e daquilo. Começou a parecer-lhe muito natural viver no meio de uma epidemia terrível. Sabia que havia pessoas a morrer por todos os lados, mas deixou de estar sempre a pensar nisso. A madre superiora tinha-a proibido de ir às enfermarias e as portas fechadas despertavam-lhe a curiosidade. Gostaria de espreitar, mas não poderia fazê-lo sem ser vista e não sabia que castigo a madre superiora lhe aplicaria. Seria horrível ser mandada embora. Por esta altura já estava totalmente dedicada às crianças e elas também sentiriam a sua falta se se fosse embora. Na verdade, não sabia o que fariam sem ela.

Até que um dia reparou que não tinha pensado em Charles Townsend nem sonhado com ele durante uma semana. O coração bateu forte de repente contra o peito: estava curada. Agora já conseguia pensar nele com indiferença. Já não o amava. Ah, como era boa esta sensação de alívio e de libertação! Era estranho olhar para trás e lembrar-se de como tinha ansiado por ele de forma tão apaixonada. Pensava que ia morrer quando ele a abandonou e achava que a partir dessa altura a vida nada tinha para lhe oferecer senão infelicidade. E agora já ria outra vez. Uma criatura sem qualquer valor. Que idiota fora. E, agora, ao pensar nele com serenidade, perguntava-se que raio teria visto nele. Ainda bem que Waddington não sabia de nada. Ela nunca conseguiria suportar o seu olhar malicioso nem as suas insinuações irónicas. Estava livre, finalmente estava livre, livre! Quase

não conseguia evitar rir bem alto.

As crianças estavam entretidas com um qualquer jogo barulhento e era seu hábito ficar a olhar para elas com um sorriso indulgente, repreendendo-as quando faziam demasiado barulho e tomando cuidado para que nenhuma se magoasse na confusão. Mas agora, que tinha recuperado a boa disposição, sentindo-se tão jovem como qualquer uma delas, juntou-se também ao jogo. As meninas receberam-na com alegria. Corriam sala acima e sala abaixo, gritando no máximo das suas vozes estridentes com uma alegria fantástica, quase bárbara. Estavam tão excitadas que até saltavam de tanta alegria. O barulho era terrível.

De repente a porta abriu-se e a madre superiora apareceu no limiar. Kitty, atrapalhadíssima, tentava libertar-se das garras de uma dúzia de meninas que a tinham agarrado no meio de grande alarido.

– É assim que mantém as crianças sossegadas e caladinhas? – perguntou a madre superiora, com um sorriso nos lábios.

– Estávamos a fazer um jogo, madre, e elas entusiasmaram-se. A culpa é minha, fui eu que as incentivei.

A madre superiora entrou e, como era hábito, as crianças juntaram-se à volta dela. Ela abraçou-as e fez de conta que lhes puxava as orelhitas amarelas. Olhou para Kitty com um olhar longo e doce. Kitty estava muito corada e a respirar muito depressa. Tinha os olhos brilhantes e o seu belo cabelo, todo despenteado da luta e da risota, estava num adorável desalinho.

– *Que vous êtes belle, ma chère enfant* – disse a madre superiora. – Faz bem ao coração olhar para si. Não admira que estas crianças a adorem.

Kitty corou profundamente e, sem saber porquê, as lágrimas afloraram-lhe de repente aos olhos. Cobriu o rosto com as mãos.

– Oh, madre, deixa-me envergonhada.

– Então, não seja tonta. A beleza também é um dom de Deus, um dos mais raros e preciosos, e devemos agradecer-Lhe se tivermos a sorte de o possuir e, se não tivermos essa sorte, devemos agradecer na mesma por os outros a possuírem para nosso prazer.

Sorriu de novo e, como se Kitty também fosse uma criança, deu-lhe ao de leve uma palmadinha na face.

Desde que tinha começado a trabalhar no convento, Kitty via Waddington menos vezes. Ele tinha vindo duas ou três vezes ter com ela à margem do rio e tinham subido juntos a encosta. Entrava para tomar um *whisky* com soda, mas raramente ficava para jantar. Um domingo, no entanto, ele sugeriu que levassem o almoço e fossem de liteira até ao mosteiro budista. Estava situado a cerca de quinze quilómetros da cidade e tinha alguma reputação como local de peregrinação. A madre superiora, insistindo que Kitty deveria ter um dia de folga, não a deixava trabalhar ao domingo e, claro, Walter estava nesse dia ocupadíssimo como sempre.

Partiram cedo para chegar antes que o dia comesse a aquecer demasiado e foram transportados ao longo de um caminho estreito pelo meio de campos de arroz. De vez em quando passavam por casas de quinta com um ar muito confortável, aninhadas com amistosa intimidade nas pequenas matas de bambus. Kitty apreciava a indolência. Era agradável, depois de se sentir engaiolada na cidade, ver à sua volta toda aquela vastidão de campos. Chegaram ao mosteiro, uma série de edifícios baixos dispersos pela margem do rio e agradavelmente sombreados pela folhagem, e foram conduzidos por monges sorridentes através de pátios vazios, mas de um vazio solene, e levados a ver os templos e os deuses com esgares estampados nos rostos. No santuário estava sentado o Buda, distante e triste, melancólico, absorto e com um ténue sorriso no rosto. Havia em tudo um certo desânimo; a magnificência era decrépita e decadente; os deuses estavam cobertos de pó e a fé que os criara a esmorecer. Os monges pareciam resignados, como se esperassem uma ordem para se irem embora; e o sorriso do abade, com a sua doce delicadeza, era a ironia da resignação. Um dia os monges afastar-se-iam da mata sombreada e aprazível, e os

edifícios, abandonados e a desfazer-se, seriam fustigados por impiedosas tempestades e cercados pela natureza circundante. As trepadeiras selvagens iriam entrelaçar-se nas imagens mortas e cresceriam árvores nos pátios. E então os deuses deixariam esse local para dar lugar aos espíritos malignos das trevas.

Sentaram-se nas escadas de um pequeno edifício (quatro colunas lacadas e um telhado alto, de telhas, por baixo do qual havia um grande sino de bronze) e ficaram a ver o rio a correr indolente, curvando na direcção da cidade atingida. Conseguiram ver as muralhas guarnecidas de ameias. O calor pairava sobre a cidade como um manto de morte. O rio, porém, apesar de fluir tão devagar, dava ainda assim a sensação de movimento e transmitia-lhes a melancolia da fugacidade das coisas. Tudo passava, mas onde estavam os vestígios dessa passagem? Para Kitty parecia que todos os que compunham a raça humana eram como gotas de água naquele rio e que continuavam a fluir, cada um tão perto dos outros e, ao mesmo tempo, tão longe, num fluxo sem nome, rumo ao mar. Quando tudo durava tão pouco e nada tinha grande importância, era uma pena que as pessoas, dando um valor absurdo a objectos triviais, se fizessem a si próprias e aos outros tão infelizes.

– Conhece os Harrington Gardens? – perguntou ela a Waddington, com um sorriso a bailar-lhe nos olhos belíssimos.

– Não. Porquê?

– Por nada, só que fica muito longe daqui. É onde vive a minha família.

– Está a pensar voltar para casa?

– Não.

– Suponho que deverá partir dentro de poucos meses. A epidemia parece estar a ceder e o tempo frio deverá ver-lhe o fim.

– Quase penso que vou ter pena de partir.

Por um momento pensou no futuro. Não sabia que planos Walter tinha em mente. Ele não lhe dizia nada. Era frio, educado, silencioso e impenetrável. Duas gotinhas naquele rio que corria silencioso rumo ao

desconhecido; duas gotinhas, em si próprias tão individualistas, mas que, para os que as viam de fora, não passavam de uma parte indistinguível da água.

– Cuidado com as freiras, não as deixe começar a convertê-la – disse Waddington, com o seu sorrisinho malicioso.

– Elas andam demasiado ocupadas. E, além disso, não se importam. São maravilhosas, tão simpáticas e, no entanto, quase não sei como explicar, há uma muralha entre nós. Não sei o que é. É como se elas possuíssem um segredo que faz toda a diferença nas suas vidas e que eu não mereço partilhar. Não é a fé, é alguma coisa mais profunda e mais... mais significativa. Elas vagueiam por um mundo diferente do nosso e, para elas, nós seremos sempre uns estranhos. Todos os dias, cada vez que a porta do convento se fecha atrás de mim, tenho a sensação de que para elas deixei de existir.

– Compreendo que isso seja um grande choque para a sua vaidade – disse ele em tom zombeteiro.

– A minha vaidade.

Kitty encolheu os ombros. Depois, sorrindo de novo, virou-se para ele, indolente.

– Por que razão nunca me disse que vivia com uma princesa manchu?

– O que é que aquelas mexeriqueiras lhe andaram a contar? Tenho a certeza de que é pecado as freiras andarem a falar da vida particular dos funcionários da alfândega.

– Por que se mostra tão sensível nesta matéria?

Waddington olhou para o chão de soslaio, o que lhe dava um certo ar velhaco, e encolheu ligeiramente os ombros.

– Não é coisa que se ande por aí a apregoar. Não sei se vai ajudar as minhas probabilidades de promoção.

– Gosta muito dela?

Nesse momento ele levantou os olhos e o seu rosto feio e pequenino tinha o ar maroto de um colegial.

– Ela abandonou tudo por minha causa: a casa, a família, a segurança e o respeito por si própria. Já lá vão muitos anos que lançou tudo ao vento para vir comigo. Mande-i-a embora duas ou três vezes, mas ela voltou sempre. Eu próprio já fugi dela, mas ela ia sempre atrás de mim. Mas agora deixei-me disso; é como um mau emprego, acho que vou ter de a aturar para o resto da vida.

– Ela deve mesmo amá-lo perdidamente.

– É uma sensação bastante estranha, sabe? – respondeu ele, enrugando a testa perplexa. – Não tenho a menor dúvida de que, se eu realmente a deixasse de vez, ela cometeria suicídio. Não por qualquer má vontade contra mim, mas sim naturalmente, porque sem mim não tem vontade de viver. Saber isso desperta em nós uma sensação curiosa. Não pode deixar de ter algum significado.

– Mas o importante é amar e não ser-se amado. Nem sequer ficamos gratos às pessoas que nos amam. Se não as amarmos, apenas nos aborrecem.

– Não tenho experiência no plural – replicou ele. – A minha é apenas no singular.

– Ela é mesmo uma princesa imperial?

– Não, esse é um exagero romântico das freiras. Ela pertence a uma das famílias importantes dos Manchus, mas claro que ficaram arruinados com a revolução. De qualquer forma, é uma grande senhora.

Disse-o num tom de voz orgulhoso que fez luzir um sorriso nos olhos de Kitty.

– Então vai ficar aqui para o resto da sua vida?

– Na China? Sim. O que iria ela fazer noutro lugar qualquer? Quando me reformar devo comprar uma casinha chinesa em Pequim e passar lá o resto dos meus dias.

– Têm filhos?

– Não.

Kitty olhou para ele com curiosidade. Era estranho que aquele homenzinho calvo com cara de macaco tivesse despertado uma paixão tão devastadora na estrangeira. Não conseguia explicar por que razão a forma como ele falava dela, apesar da sua atitude informal e das expressões irreverentes, lhe dava a forte impressão de uma devoção única e intensa; e isso perturbava-a um pouco.

– Parece que o caminho até Harrington Gardens é mesmo muito longo – disse ela com um sorriso.

– Por que diz isso?

– Não percebo nada. A vida é tão estranha. Sinto-me como alguém que viveu toda a sua vida junto a um lago com patos e a quem de repente é mostrado o mar. Deixa-me um pouco sem fôlego, mas, ao mesmo tempo, enche-me de júbilo. Não quero morrer, quero viver. Começo a sentir uma alma nova. Sinto-me como um daqueles velhos marinheiros que desfraldam velas rumo aos mares desconhecidos e sinto que a minha alma anseia

ardentemente pelo desconhecido.

Waddington olhava-a pensativo. O seu olhar abstraído repousava sobre a suavidade do rio. Duas gotinhas que corriam silenciosas rumo ao mar escuro e eterno.

– Posso ir visitar a senhora manchu? – perguntou Kitty, levantando de repente a cabeça.

– Ela não fala uma palavra de inglês.

– Você foi sempre muito simpático comigo, fez muito por mim. Talvez eu consiga, com a minha atitude, mostrar-lhe que tenho um sentimento de amizade em relação a ela.

Waddington esboçou um sorrisinho zombeteiro, mas respondeu com bom humor.

– Um dia vou buscá-la e levá-la até ela. Ela oferecer-lhe-á uma chávena de chá de jasmim.

Kitty não lhe ia dizer que aquela história de um amor estrangeiro lhe tinha intrigado estranhamente a imaginação desde o primeiro momento, e que a princesa manchu era agora o símbolo de algo que, vaga mas insistentemente, a atraía, algo que apontava de forma enigmática para um mundo místico do espírito.

Mas um ou dois dias mais tarde Kitty fez uma inesperada descoberta.

Foi para o convento como normalmente e deu início à sua primeira tarefa que era verificar se as crianças se tinham lavado e vestido. Visto que as irmãs tinham como convicção que o ar da noite era prejudicial, a atmosfera no dormitório era abafada e fétida. Depois da frescura da manhã, esse ar deixava sempre Kitty um pouco desconfortável, e apressava-se a abrir as janelas. Nesse dia, porém, sentiu-se de repente extremamente enjoada e com tonturas, e ficou junto da janela tentando recompor-se. Nunca se tinha sentido tão mal. Depois, a náusea invadiu-a e vomitou. Como deu um grito, as meninas assustaram-se e a rapariguinha mais velha que estava a ajudá-la correu para ela, mas, vendo-a tão pálida e a tremer, estacou e soltou uma exclamação. Cólera! Esta ideia cruzou a mente de Kitty, fulminante, e apoderou-se dela uma sensação de morte; tomada pelo terror, lutou por um momento contra a noite que parecia correr-lhe agonizante pelas veias; sentia-se terrivelmente mal; e, depois, as trevas.

Quando abriu os olhos, não se apercebeu logo onde estava. Parecia-lhe estar deitada no chão e, virando um pouco a cabeça para o lado, pareceu-lhe que tinha uma almofada por baixo. Não conseguia lembrar-se de nada. A madre superiora estava ajoelhada a seu lado a chegar-lhe saís ao nariz e a irmã S. José estava de pé a olhar para ela. Depois, tudo lhe voltou à mente. Cólera! Viu a consternação estampada no rosto das freiras! A irmã S. José parecia gigantesca e ligeiramente desfocada. Mais uma vez o terror a invadiu por completo.

– Oh, madre, madre – disse entre soluços –, eu vou morrer? Não quero morrer.

– Claro que não vai morrer – disse a madre superiora.

Estava bastante calma e os seus olhos pareciam até divertidos.

– Mas é cólera. Onde está o Walter? Já o mandaram chamar? Oh, madre, madre!

Desfez-se em lágrimas. A madre superiora deu-lhe a mão e Kitty agarrou-a como se, assim, pudesse prender a vida que temia perder.

– Vá lá, minha filha, não seja tontinha. Não é cólera nem nada que se pareça.

– Onde está o Walter?

– O seu marido está ocupado de mais para ser incomodado. Dentro de cinco minutos vai ver que já está bem.

Kitty fixou-a com um olhar hostil. Por que razão encarava ela as coisas com tanta calma? Chegava a ser cruel.

– Deixe-se ficar quietinha por um minuto – disse a madre superiora. – Não há motivos para alarme.

Kitty sentia o coração bater como louco. Estava tão acostumada a pensar na cólera que tinha deixado de lhe parecer possível contraí-la. Que tola tinha sido! Sabia agora que ia morrer! Estava assustada. As raparigas trouxeram uma espreguiçadeira de junco-da-índia e colocaram-na junto à janela.

– Vamos, deixe-nos levá-la para lá – disse a madre superiora. – Estará mais confortável na *chaise longue*. Acha que consegue pôr-se de pé?

Segurou Kitty por baixo dos braços e a irmã S. José ajudou-a a levantar-se. Completamente exausta, Kitty afundou-se na cadeira.

– É melhor fechar a janela – disse a irmã S. José. – O ar da manhã não deve ser bom para ela.

– Não, não – disse Kitty. – Por favor, deixe-a aberta.

Inspirava-lhe confiança poder olhar o céu azul. Ainda estava a tremer, mas começava a sentir-se melhor. As duas freiras ficaram a olhar para ela em silêncio por alguns momentos e a irmã S. José disse qualquer coisa à madre superiora que Kitty não conseguiu perceber. Depois, sentando-se ao lado da espreguiçadeira, a madre superiora pegou-lhe na mão.

– Oiça, *ma chère enfant*...

Fez-lhe uma ou duas perguntas. Kitty respondeu sem saber o que significavam. Os lábios tremiam-lhe, pelo que mal podia articular as palavras.

– Não há dúvida nenhuma – disse a irmã S. José. – Eu não me engano nestas coisas.

Deu uma risadinha, na qual Kitty pareceu entrever algum entusiasmo e

nem um pingo de preocupação. A madre superiora, ainda com a mão de Kitty entre as suas, sorriu com terna doçura.

– A irmã S. José tem mais experiência destas coisas do que eu, minha filha, e disse logo o que se passava consigo. E, como é evidente, estava absolutamente certa.

– Como assim? – disse Kitty, ansiosa.

– É mais do que evidente. Será que esta possibilidade nunca lhe passou pela cabeça? Está à espera de bebé, minha querida.

O sobressalto sacudiu Kitty da cabeça aos pés, e ela fincou-os no chão como se fosse dar um salto.

– Deixe-se estar quietinha, deixe-se estar quietinha – disse a madre superiora.

Kitty sentiu-se corar violentamente e colocou as mãos sobre os seios.

– É impossível. Não é verdade.

– *Qu'est-ce qu'elle dit?* – perguntou a irmã S. José.

A madre superiora traduziu. O rosto largo e genuíno de faces vermelhuscas da irmã S. José resplandecia.

– Não há engano possível. Dou-lhe a minha palavra de honra.

– Há quanto tempo está casada, minha filha? – perguntou a madre superiora. – Porque não, se a minha cunhada que está casada há tanto tempo como a Kitty já tem dois bebés?

Kitty afundou-se na cadeira com a morte na alma.

– Estou tão envergonhada – murmurou.

– Por ir ter um bebé? O que pode haver de mais natural?

– *Quelle joie pour le docteur* – disse a irmã S. José.

– Sim, pense só que felicidade para o seu marido. Vai ficar a transbordar de alegria. Basta ver como ele trata as bebés, e a expressão do seu rosto quando brinca com elas, para se imaginar como ficará encantado por ter o seu próprio filho.

Kitty quedou-se em silêncio algum tempo. As duas freiras olhavam-na com terno interesse e a madre superiora afagou-lhe a mão.

– Foi tolice da minha parte não ter suspeitado disto antes – disse Kitty. – De qualquer forma estou contente por não ser cólera. Sinto-me muito melhor. Vou voltar ao trabalho.

– Hoje não, minha querida filha. Sofreu um choque, é muito melhor ir para casa descansar.

– Não, não, eu preferia ficar a trabalhar.

– Insisto. O que diria o nosso bom doutor se eu a deixasse ser tão

imprudente? Venha amanhã, se quiser, ou depois de amanhã, mas hoje tem de descansar. Vou mandar chamar uma liteira. Quer que deixe uma das nossas pequenas ir consigo?

– Oh, não, eu vou bem sozinha.

Kitty estava deitada em cima da cama com as persianas fechadas. Era o início da tarde e os criados estavam a dormir. O que tinha ficado a saber nessa manhã (e agora tinha a certeza de que era verdade) enchia-a de consternação. Desde que tinha voltado para casa que tentava pensar; mas a sua mente estava completamente em branco e não conseguia raciocinar. De repente ouviu passos, passos de pés com botas, pelo que não podia ser nenhum dos criados. Com um sobressalto de apreensão percebeu que só poderia ser o marido. Ele estava na sala de estar e ouviu-o chamá-la. Não respondeu. Seguiu-se um momento de silêncio e depois uma batida na porta.

– Sim?

– Posso entrar?

Kitty levantou-se da cama e enfiou um roupão.

– Sim.

Ele entrou. Ela ficou contente por as persianas fechadas lhe ensombrarem o rosto.

– Espero não a ter acordado. Bati muito, muito levemente.

– Eu não estava a dormir.

Ele aproximou-se de uma das janelas e abriu a persiana. O quarto foi invadido pelos quentes raios de sol.

– Que se passa? – perguntou ela. – Porque voltou tão cedo?

– As irmãs disseram-me que não estava a sentir-se muito bem. Pensei que seria melhor vir ver o que se passava.

Um lampejo de raiva percorreu-a.

– Que teria dito se fosse cólera?

– Se fosse, certamente não teria conseguido voltar para casa esta manhã.

Ela dirigiu-se ao toucador e passou o pente pelo cabelo curto. Queria ganhar tempo. Depois, sentando-se, acendeu um cigarro.

– Não estava a sentir-me muito bem esta manhã e a madre superiora achou melhor eu voltar para casa. Mas já estou perfeitamente bem. Amanhã devo ir para o convento como de costume.

– O que é que lhe aconteceu?

– Elas não lhe disseram?

– Não. A madre superiora disse que eu devia saber por si.

Naquele momento ele fez algo que raramente fazia: olhou-a nos olhos. Os seus instintos profissionais eram mais fortes do que os pessoais. Ela hesitou. Depois obrigou-se a olhá-lo também nos olhos.

– Vou ter um bebé – disse ela.

Já estava habituada a que ele reagisse com o silêncio a qualquer frase ou expressão que faria outra pessoa soltar uma exclamação, mas nunca essa reacção lhe parecera tão devastadora. Ele não disse nada; não esboçou qualquer gesto; nenhuma contracção do rosto ou a mínima alteração da expressão dos seus olhos negros indicou que tivesse ouvido. De repente ela sentiu vontade de chorar. Se um homem amasse a sua mulher e a mulher o amasse, num momento como aquele seriam ambos arrebatados por uma pungente emoção. O silêncio era intolerável e ela quebrou-o.

– Não sei como isto nunca me ocorreu. Foi estupidez da minha parte, mas... com uma coisa e outra...

– Há quanto tempo está... quando pensa que vai ser?

As palavras pareciam brotar-lhe dos lábios com dificuldade. Ela sentiu que ele tinha a garganta tão seca como ela própria. Era um disparate que os lábios lhe tremessem tanto quando falou. Se ele não fosse feito de pedra, aquilo deveria despertar-lhe um sentimento de piedade.

– Penso que devo estar assim há dois ou três meses.

– Sou eu o pai?

Ela susteve a respiração. Na voz dele havia apenas a sombra de um tremor; era assustador aquele gélido autocontrolo que tornava o mínimo sinal de emoção tão esmagador. Ela não sabia por que razão se lembrou de repente de um aparelho que lhe tinham mostrado uma vez em Hong-Kong, sobre o qual oscilava uma agulha. Na altura tinham-lhe dito que aquilo representava um tremor de terra que tinha ocorrido a mais de mil quilómetros de distância e durante o qual talvez umas mil pessoas tivessem perdido a vida. Olhou para ele. Estava pálido como um fantasma. Ela já tinha visto nele aquela palidez uma ou duas vezes. Ele estava a olhar para

baixo, um pouco de viés.

– E então?

Ela entrelaçou as mãos. Sabia que, se dissesse que sim, isso seria a coisa mais importante do mundo para ele. Ele acreditaria nela, claro que acreditaria, porque queria acreditar e, depois, perdoar-lhe-ia. Ela sabia como era profunda a sua ternura e como estava preparado, apesar da sua timidez, para a manifestar. Sabia que ele não era rancoroso, perdoar-lhe-ia desde que ela lhe desse uma desculpa para o fazer, uma desculpa que lhe tocasse o coração, e ele perdoar-lhe-ia completamente. Sabia que nunca lhe atiraria o passado à cara. Podia ser cruel, frio e mórbido, mas não era mau nem mesquinho. Se ela dissesse que sim, isso alteraria tudo.

E ela precisava urgentemente de compreensão. A descoberta imprevista de que estava à espera de bebé enchera-a de estranhas esperanças e inesperados desejos. Sentia-se fraca, um pouco assustada, sozinha e muito longe dos amigos. Nessa manhã, apesar de não se dar bem com a mãe, sentira uma necessidade enorme de estar com ela. Precisava de ajuda e consolo. Não amava Walter, sabia que nunca conseguiria amá-lo, mas naquele momento desejava com todas as forças do seu coração que ele a tomasse nos braços para ela poder encostar a cabeça no seu peito; agarrada a ele, poderia então chorar de felicidade; queria que ele a beijasse e queria entrelaçar-lhe as mãos atrás do pescoço.

Começou a choramingar. Tinha mentido tanto e conseguia mentir tão facilmente. O que poderia importar uma mentira se só podia trazer o bem? Uma mentira, uma mentira, o que era uma mentira? Era tão fácil dizer que sim. Viu os olhos de Walter enternecerem-se e os braços estenderem-se na sua direcção. E não conseguia dizê-lo; não sabia porquê, mas não conseguia dizê-lo. Tudo aquilo por que tinha passado durante aquelas amargas semanas: o Charlie e a sua insensibilidade, a cólera e toda aquela gente a morrer, as freiras e, por estranho que parecesse, até aquele dois palmos de gente do Waddington, sempre tão bêbado e tão divertido, tudo parecia tê-la transformado de tal forma que já nem ela própria se reconhecia. Apesar da profunda emoção que a dominava, havia na sua alma um espectador que parecia olhá-la com terror e surpresa. *Tinha* de dizer a verdade. Não parecia valer a pena mentir. Os seus pensamentos vagueavam estranhamente: de repente viu aquele pedinte morto junto ao muro do complexo residencial. Por que razão tinha de pensar nele? Agora não soluçava, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto devagar, brotando dos olhos abertos. Por fim respondeu à pergunta. Ele tinha-lhe perguntado se era o pai da criança.

– Não sei – disse ela.

Ele esboçou o espectro de um sorriso e Kitty estremeceu.

– É um bocado estranho, não é?

A resposta dele era característica, exactamente a que ela esperava ouvir, mas mesmo assim fez-lhe soçobrar o coração. Ela perguntava-se se ele teria percebido como lhe tinha sido difícil dizer a verdade (ao mesmo tempo que reconhecia que não tinha sido de todo difícil, mas inevitável) e se lhe daria algum crédito por isso. A sua resposta, *não sei... não sei*, continuava a martelar-lhe na cabeça. Agora era impossível retirar a resposta dada. Tirou o lençinho da mala e enxugou os olhos. Ficaram os dois em silêncio. Havia uma garrafa ao lado da cama e ele trouxe-lhe um copo de água. Deu-lhe o copo com água, mas segurou-o enquanto ela bebia. Ela reparou como a mão dele estava magra – era uma mão fina e esguia, de dedos longos, mas agora não passava de pele e osso. E como estava trémula. Ele conseguia controlar o rosto, mas a mão traía-o.

– Não ligue ao meu choro – disse ela. – Isto não é nada, mas não consigo evitar que a água me brote dos olhos.

Acabou de beber a água e ele voltou a colocar o copo no sítio. Sentou-se numa cadeira e acendeu um cigarro. Deu um pequeno suspiro. Ela já o tinha ouvido suspirar daquela maneira uma ou duas vezes e cada vez que isso acontecia o coração apertava-se-lhe. Ao olhar para ele naquele momento, em que os seus olhos fixavam abstraídos o horizonte para lá da janela, ficou surpreendida por ainda não ter reparado como ele tinha emagrecido terrivelmente nas últimas semanas. As têmporas estavam encovadas e os ossos do rosto transpareciam por baixo da pele. As roupas pendiam largueironas como se tivessem sido feitas para um homem muito maior. Por baixo do bronzeado da pele notava-se uma palidez esverdeada. Parecia completamente exausto. Andava a trabalhar de mais, a dormir de menos e a não comer nada. No meio da sua dor e perturbação ela ainda encontrou espaço para sentir pena dele. Era cruel pensar que nada podia fazer por ele.

Ele levou a mão à testa, como se lhe doesse a cabeça, e ela sentiu que também no seu cérebro aquelas palavras martelavam como loucas: *não sei, não sei*. Era estranho que aquele homem frio, taciturno e tímido nutrisse um afecto tão natural por bebés. A maior parte dos homens não ligavam muito, nem mesmo aos deles, mas as freiras, sensibilizadas e divertidas, tinham já comentado isso mais do que uma vez. Se ele se sentia assim em relação àquelas estranhas bebés chinesas, o que sentiria se tivesse um filho? Kitty mordeu o lábio para evitar chorar de novo.

Ele olhou para o relógio.

– Tenho de voltar para a cidade. Tenho muito que fazer hoje... Tem a certeza que fica bem?

– Claro que sim. Não se preocupe comigo.

– Acho melhor não esperar por mim esta noite. Devo chegar muito tarde e o coronel Yü arranja-me qualquer coisa para comer.

– Muito bem.

Ele levantou-se.

– Se eu fosse a si não tentava fazer nada hoje. É melhor descansar. Quer que lhe faça alguma coisa antes de eu sair?

– Não, obrigada. Fico bem assim.

Ele parou um instante, como se não soubesse o que fazer e, depois, abruptamente e sem olhar para ela, pegou no chapéu e saiu. Ela ouviu-o afastar-se e sentiu-se terrivelmente sozinha. Já não tinha necessidade de se controlar e entregou-se a uma paixão de lágrimas.

A noite estava abafada e Kitty estava sentada à janela a olhar para os fantásticos telhados do templo chinês, recortados a negro no céu estrelado, quando finalmente Walter chegou. Ela tinha os olhos inchados de tanto chorar, mas já estava recomposta. Talvez devido à exaustão, sentia-se estranhamente em paz apesar de tudo o que a perturbava.

– Pensei que já estivesse deitada – disse Walter quando entrou.

– Não tinha sono. Julguei que sentiria mais fresco se estivesse de pé. Jantou bem?

– Tudo o que me apeteceu.

Ele começou a percorrer a enorme sala para trás e para a frente, sinal de que tinha algo para lhe dizer. Ela percebeu que ele estava atrapalhado e esperou despreocupadamente que ele reunisse a coragem necessária para lhe dizer de forma abrupta:

– Estive a pensar sobre o que me disse esta tarde. Parece-me que seria melhor se se fosse embora. Falei com o coronel Yü e ele providenciará uma escolta. Pode levar a *amah* consigo. Estará em segurança.

– E para onde vou?

– Pode ir para casa da sua mãe.

– Acha que ela ficaria contente de me ver?

Ele fez uma pausa, hesitando, como se a reflectir.

– Então pode ir para Hong-Kong.

– E o que vou para lá fazer?

– Vai precisar de muitos cuidados e atenção. Acho que não é justo pedir-lhe que fique aqui.

Ela não pôde evitar o sorriso, não apenas de amargura, mas também de verdadeiro divertimento, que lhe atravessou o rosto. Olhou-o de relance e

quase deu uma gargalhada.

– Não percebo por que razão deva estar tão apreensivo em relação à minha saúde.

Ele aproximou-se da janela e ficou parado a olhar a noite. Nunca houvera tantas estrelas no céu sem nuvens.

– Isto não é lugar para uma mulher no seu estado.

Ela olhou para ele, todo branco nas suas roupas leves, recortado na escuridão. Havia algo de sinistro no seu perfil delicado, que, no entanto, por mais estranho que parecesse, não despertou nela qualquer receio naquele momento.

– Quando insistiu para que eu viesse para aqui, queria ver-me morta? – perguntou ela de repente.

Ele demorou tanto tempo a responder que ela pensou que se tivesse recusado a ouvir.

– No início, sim.

Ela estremeceu, pois era a primeira vez que ele admitia as suas intenções. Mas não lhe desejava nenhum mal por isso. Este sentimento, misto de uma certa admiração e vago divertimento, surpreendeu-a até a si própria. Não sabia exactamente porquê, mas, de repente, ao pensar em Charlie Townsend, via-o apenas como um idiota abjecto.

– Era um risco terrível que estava a assumir – respondeu ela. – Com a sua consciência tão sensível, pergunto-me se alguma vez se perdoaria a si próprio se eu tivesse morrido.

– Bem, mas não morreu. Até lhe fez bem.

– Nunca me senti tão bem em toda a minha vida.

Um súbito instinto mandava-a entregar-se à mercê do seu sentido de humor. Depois de tudo por que tinham passado, a viver no meio de todas estas cenas de horror e desolação, parecia-lhe um disparate dar qualquer importância ao ridículo acto da fornicação. Quando a morte estava ali ao virar da esquina, a ceifar vidas como um agricultor a cavar batatas, era loucura importar-se com as coisas porcas que esta ou aquela pessoa fazia com o seu corpo. Se ao menos ela pudesse fazê-lo entender como Charlie significava agora muito pouco para ela, tão pouco que mal conseguia recordar os seus traços fisionómicos, sinal de que o amor que sentira por ele lhe tinha definitivamente abandonado o coração! Já não sentia nada por Townsend, todos os actos que com ele praticara tinham perdido o significado. Ela tinha recuperado o coração e o que tinha dado do seu corpo não parecia ter a mínima importância. Sentia-se tentada a dizer a Walter:

«Oíça, não acha que já nos portámos como uns idiotas por tempo de mais? Temos andado amuados um com o outro como duas crianças. Porque não damos um beijo e voltamos a ser amigos. Não há razão para não sermos amigos só porque não somos amantes.»

Ele mantinha-se muito quieto e a luz do candeeiro fazia brilhar a palidez do seu rosto impassível. Ela não confiava nele; se ela dissesse a coisa errada ele voltar-se-ia para ela com aquela sua austeridade gelada. Ela agora já conhecia a sua extrema sensibilidade, para a qual toda aquela ácida ironia era uma protecção, e sabia como ele podia fechar rapidamente o coração se se sentisse magoado. Por um momento irritou-se com a estupidez dele. De certeza que o que mais o preocupava era a ferida aberta no seu orgulho. Ela apercebera-se vagamente de que essa era uma das feridas mais difíceis de curar. Era surpreendente que os homens dessem tanta importância à fidelidade das suas mulheres. Quando fora a primeira vez com o Charlie, esperava sentir-se diferente, uma mulher mudada. Mas sentira-se exactamente a mesma, experimentara apenas um grande bem-estar e mais vitalidade. Desejava agora ter sido capaz de dizer a Walter que a criança era dele; a mentira seria tão insignificante para ela, e essa certeza seria tão reconfortante para ele. Além do mais, até podia nem ser mentira. Era engraçado como alguma coisa dentro do seu coração a impedia de dar a si própria o benefício da dúvida. Como os homens eram idiotas! O seu contributo para a procriação era tão pouco importante. Eram as mulheres que carregavam a criança durante longos e desconfortáveis meses e a davam à luz com dor. E, no entanto, os homens, por causa de uma relação momentânea, arrogavam-se o direito de fazer as mais disparatadas reivindicações. Por que razão faria assim tanta diferença em relação aos seus sentimentos pela criança? Depois, os pensamentos de Kitty começaram a derivar para a criança que ela própria daria à luz. Pensou na criança não com a emoção nem a paixão da maternidade, mas com indolente curiosidade.

– Penso que gostaria de pensar um pouco – disse Walter, quebrando o longo silêncio.

– Pensar sobre o quê?

Ele virou-se ligeiramente, como se surpreso.

– Sobre quando quer partir.

– Mas eu não quero partir.

– E porque não?

– Gosto do meu trabalho no convento. Penso que estou a ser útil. Preferia

ficar aqui enquanto você aqui ficar.

– Acho que devo avisá-la de que no estado em que se encontra actualmente está mais susceptível a apanhar qualquer infecção.

– Gosto da forma discreta como expõe as coisas – disse ela com um sorriso irónico.

– Não fica por minha causa, pois não?

Ela hesitou. Ele nem percebia que, naquele momento, a emoção mais forte, e mais inesperada, que nela despertava era pena.

– Não. Você não me ama. Muitas vezes penso até que o aborreço.

– Nunca pensei que fosse o tipo de pessoa que se incomodasse por causa de meia dúzia de freiras enfadonhas e uma série de pirralhas chinesas.

Os lábios dela delinearam-se num sorriso.

– Acho que é muito injusto desprezar-me tanto por se ter enganado no juízo que fez a meu respeito. Não é culpa minha que tivesse sido tão burro.

– Se está determinada a ficar, é com certeza livre de o fazer.

– Sinto muito por não lhe poder dar a oportunidade de ser magnânimo. – Estranhamente, ela considerava que era bastante difícil falar a sério com ele. – Na verdade, tem toda a razão, não é só pelas órfãs que fico. É que, veja bem, estou numa posição singular em que não tenho uma única alma no mundo com a qual possa ir ter. Não conheço ninguém que não me considerasse um estorvo. Não conheço ninguém que se importe minimamente com o facto de eu estar viva ou morta.

Ele franziu o sobrolho, mas não de raiva.

– Metemos os pés pelas mãos, não foi? – disse ele.

– Ainda quer divorciar-se de mim? Acho que já não me importo.

– Deve saber que ao trazê-la para aqui perdoei a ofensa.

– Não sabia. É que não fiz nenhum estudo sobre infidelidade, percebe. O que vamos fazer quando sairmos daqui? Vamos continuar a viver juntos?

– Não acha que podemos deixar o futuro tomar conta de si próprio?

Havia na sua voz um tédio de morte.

Dois ou três dias mais tarde Waddington foi buscar Kitty ao convento (para seu descontentamento, obrigou-a logo a fazer um resumo do seu trabalho) e levou-a a tomar o prometido chá com a sua amante. Kitty já tinha por mais de uma vez jantado em casa de Waddington. Era um edifício quadrado, branco e pretensioso, como aliás o são os edifícios que os serviços alfandegários oferecem aos seus funcionários por toda a China. E a sala de jantar onde comeram e a sala de visitas onde depois se foram sentar estavam mobiladas com móveis pesados e formais. Pareciam em parte escritório e em parte hotel. Nada havia nelas de caseiro e percebe-se que aquelas casas mais não fossem do que meros locais de passagem para os seus sucessivos ocupantes. Nunca ocorreria a ninguém que, no andar de cima, o mistério, quiçá o romance, habitassem clandestinos. Subiram um lance de escadas e Waddington abriu uma porta. Kitty entrou numa sala ampla e despojada, caiada de branco e decorada com papiros pendurados com várias caligrafias. Junto a uma mesa quadrada, numa cadeira rígida de braços, ambas de pau-preto e ricamente trabalhadas, estava sentada a manchu. Ela levantou-se quando Kitty e Waddington entraram, mas não avançou um passo que fosse.

– Aqui está ela – disse Waddington, acrescentando alguma coisa em chinês.

Kitty deu-lhe um aperto de mão. Parecia ainda mais magra com o longo vestido bordado, e era um pouco mais alta do que Kitty, habituada às pessoas do Sul, estava à espera. Tinha um casaco de seda verde-pálido com mangas muito justas que desciam até aos pulsos e o cabelo negro elaboradamente penteado estava cingido pelo toucado das mulheres manchus. Tinha a cara coberta de pó-de-arroz e as faces, dos olhos até à

boca, ostensivamente pintadas com *rouge*; as sobrancelhas, depiladas, eram apenas uma linha fina e escura, e a boca estava pintada de escarlate. Sobressaindo desta máscara, os seus grandes olhos negros ligeiramente oblíquos ardiam como lagos de âmbar negro liquefeito. Parecia mais um ídolo do que uma mulher. Os seus movimentos eram lentos e seguros. Kitty teve a impressão de que ela era um pouco tímida, mas muito curiosa. Acenou duas ou três vezes com a cabeça, olhando para Kitty enquanto Waddington falava dela. Kitty reparou nas mãos dela, excepcionalmente longas, muito finas e cor de marfim, com unhas belíssimas e pintadas. Kitty pensou que nunca na vida tinha visto nada tão gracioso como aquelas mãos lânguidas e elegantes. Sugeriam a perfeição atingida ao fim de séculos incontáveis.

A manchu articulou algumas palavras num tom de voz estridente como o chilrear dos pássaros num pomar e Waddington, traduzindo, disse a Kitty que ela estava muito contente por conhecê-la; que idade tinha e quantos filhos. Sentaram-se em três cadeiras à volta da mesa quadrada e um criado trouxe taças com um chá claro a cheirar a jasmim. A manchu estendeu a Kitty uma latinha verde de cigarros *Three Castles*. Além da mesa e das cadeiras, a sala pouco mais mobília tinha: havia um divã largo com um travesseiro bordado e duas arcas de sândalo.

– O que faz ela durante todo o dia? – perguntou Kitty.

– Pinta um pouco e, por vezes, escreve poemas. Mas passa a maior parte do tempo sentada. Fuma, mas com moderação, o que é uma sorte, porque um dos meus deveres é evitar o tráfico do ópio.

– Você fuma? – perguntou Kitty.

– Raramente. Para lhe dizer a verdade prefiro muito mais o *whisky*.

Pairava na sala um cheiro ligeiramente acre; não era desagradável; era peculiar e exótico.

– Diga-lhe que sinto muito não poder falar com ela. Tenho a certeza de que teríamos muita coisa para dizer uma à outra.

Quando Waddington traduziu, a manchu lançou a Kitty um relance que deixava entrever um sorriso. Ela era impressionante, ali sentada, sem qualquer complexo, com as suas belas vestes e, sobressaindo do rosto pintado, os seus olhos prudentes, tranquilos e impenetráveis. Tinha um ar irreal, como uma pintura e, no entanto, uma elegância que fazia Kitty sentir-se desajeitada. Kitty nunca tinha prestado muita atenção à China, ao país para onde o destino a tinha atirado, olhando-o até por vezes com algum desdém. Não tinha nada que ver com ela. Mas, agora, parecia pressentir

subitamente a sua natureza remota e misteriosa. Estava ali o Oriente, imemorial, obscuro e impenetrável. As crenças e os ideais do Ocidente pareciam toscos se comparados com as crenças e os ideais que conseguia vislumbrar fugazmente nesta criatura sublime. Estava perante uma vida diferente, vivida num plano diferente. Kitty teve a estranha sensação de que a visão deste ídolo, com o rosto pintado e os olhos prudentes e oblíquos, tornava ligeiramente absurdos os esforços e os sofrimentos do mundo quotidiano que ela tão bem conhecia. Aquela máscara colorida parecia esconder o segredo de uma experiência abundante, profunda e significativa; aquelas mãos esguias e delicadas de dedos finos escondiam a chave de enigmas por desvendar.

– Em que pensa ela todo o dia? – perguntou Kitty.

– Em nada – disse Waddington, sorrindo.

– Ela é maravilhosa. Diga-lhe que nunca vi umas mãos tão bonitas.

Pergunto-me o que verá ela em si, Waddington?

Ele, sorrindo, traduziu a pergunta.

– Ela diz que sou bom.

– Como se uma mulher pudesse alguma vez amar um homem pelas suas virtudes – ironizou Kitty.

A manchu só se riu uma única vez. Foi quando Kitty, apenas para dizer alguma coisa, expressou admiração por uma pulseira de jade que ela usava. Ela tirou-a e Kitty, tentando colocá-la, descobriu que, apesar de as suas mãos serem bastante pequenas, a pulseira não passava nos nós dos dedos. Nessa altura a manchu riu a bom rir como uma criança. Depois, disse qualquer coisa a Waddington e chamou uma das suas *amahs*, dando-lhe uma ordem. Passado um instante a *amah* trouxe um par de sapatos manchus muito bonitos.

– Ela quer oferecer-lhe estes sapatos, se lhe servirem – disse Waddington. – Verá que dão uns chinelos de quarto muito bons.

– Servem-me perfeitamente – disse Kitty, com satisfação.

Mas notou um sorriso maroto no rosto de Waddington.

– São muito grandes para ela? – perguntou Kitty rapidamente.

– Enormes.

Kitty riu-se e, quando Waddington traduziu, também a manchu e a *amah* se riram.

Quando, um pouco mais tarde, Kitty e Waddington subiam juntos a encosta, ela virou-se para ele e sorriu-lhe com afabilidade.

– Não me tinha dito que tinha um grande afecto por ela.

– E o que a faz pensar que tenho?

– Vi-o nos seus olhos. É estranho, deve ser como amar um fantasma ou um sonho. Os homens são mesmo imperscrutáveis. Eu pensava que você era como toda a gente e agora sinto que não o conheço de todo.

Ao chegarem ao *bungalow*, ele perguntou de forma abrupta:

– Por que razão quis conhecê-la?

Kitty hesitou um momento antes de responder.

– Ando à procura de alguma coisa e não sei exactamente de quê. Mas sei que é muito importante para mim conhecer essa coisa e sei que se a conhecesse tudo seria diferente. Talvez as freiras saibam o que é; quando estou com elas sinto que escondem um segredo que não querem partilhar comigo. Não sei por que razão me passou pela cabeça que se visse a mulher manchu teria um indício do que procuro. Talvez ela mo dissesse se pudesse.

– O que a leva a pensar que ela sabe o que é?

Kitty olhou-o longamente de viés, mas não respondeu. Em contrapartida, fez-lhe uma pergunta:

– Você sabe?

Ele sorriu e encolheu os ombros.

– O Tao. Alguns de nós procuram o Caminho no ópio, outros em Deus, outros no *whisky* e outros ainda no amor. Mas é sempre o mesmo Caminho e não leva a lado nenhum.

Kitty voltou a cair na rotina confortável das suas tarefas e, se bem que de manhã se sentisse longe de estar bem, tinha presença de espírito suficiente para não deixar que isso a abalasse. Estava admirada com o interesse que as freiras começavam a sentir por ela. Anteriormente havia irmãs que, quando a viam nos corredores, se limitavam a dar-lhe os bons-dias, inclinando-se ligeiramente. Agora, ao mínimo pretexto, entravam na sala onde ela estava sempre ocupada e tagarelavam um pouco, olhando-a com uma excitação doce e infantil. A irmã S. José passava o tempo a repetir-lhe, o que por vezes se tornava entediante, como tinha passado dias e dias a dizer a si própria: – «Pergunto-me se...» ou: «Não me admiraria se...» e, depois, quando Kitty desmaiou: «Não pode haver dúvida, salta aos olhos.» Contava a Kitty longas histórias sobre os partos da cunhada, os quais só mesmo para o pronto sentido de humor de Kitty não seriam nem um pouco alarmantes. A irmã S. José combinava de forma agradável a perspectiva realista da sua educação (um rio serpenteando por entre os campos da quinta do pai e os choupos plantados nas margens agitados pela mais ténue brisa) com a encantadora intimidade que tinha com as coisas religiosas. Um dia, firmemente convencida de que uma herética nada podia saber desses assuntos, descreveu a Kitty a Anunciação.

– Nunca consigo ler essas linhas das Sagradas Escrituras sem chorar – disse ela. – Não sei porquê, mas provoca-me uma sensação tão estranha.

E, depois, em francês, por palavras pouco familiares aos ouvidos de Kitty e, pela sua precisão, também um pouco frias, começou a citar:

«E o Anjo, aproximando-se dela, disse: Avé ó Cheia de Graça, o Senhor está contigo; abençoada sejas entre as mulheres.»

O mistério do nascimento espalhou-se pelo convento como um ventinho

caprichoso a brincar por entre as flores das árvores de um pomar. Saber que Kitty estava à espera de bebé perturbou aquelas mulheres estereis e provocou uma tremenda excitação. Naquele momento ela assustava-as e, ao mesmo tempo, fascinava-as. Olhavam para o lado físico da sua condição com vigoroso senso comum, pois eram filhas de agricultores e pescadores, mas nos seus corações infantis havia temor. Estavam preocupadas com a ideia do seu fardo e, no entanto, felizes e estranhamente empolgadas. A irmã S. José disse-lhe que todas rezavam por ela e a irmã S. Martinho tinha dito que era uma pena ela não ser católica; mas a madre superiora tinha reprovado essa opinião e dito que era possível ser-se uma mulher virtuosa – *une brave femme*, era o que ela tinha dito – mesmo sendo protestante e que *le Bon Dieu* iria de uma forma ou de outra tratar de tudo.

Kitty sentia-se, por um lado, comovida e, por outro, divertida com todo o interesse que despertava, mas ficou muito surpreendida quando descobriu que até a madre superiora, tão austera na sua santidade, a tratava com uma nova delicadeza. Ela sempre fora simpática para Kitty, mas de uma forma distante; agora tratava-a com uma ternura que tinha até algo de maternal. Na sua voz existia uma nova e dócil inflexão e nos seus olhos uma repentina jovialidade, como se Kitty fosse uma criança que tivesse feito algo de inteligente e divertido. Era estranhamente comovedor. A sua alma era como um mar calmo e cinzento que rolava em toda a sua majestade, e que, pela sua melancólica grandiosidade, inspirava um temor respeitoso. De repente, um raio de sol tornara-a viva, afável e alegre. Era agora muito usual ela vir ter com Kitty e ficar a conversar com ela.

– Tenho de estar atenta para que não se canse, *mon enfant* – disse ela, arranjando uma desculpa transparente para si própria –, senão o Dr. Fane nunca me perdoará. Ah, este autodomínio inglês! Aí anda ele mais feliz do que nunca e, quando lhe falamos no assunto, até fica pálido.

Pegou na mão de Kitty e deu-lhe umas palmadinhas afectuosas.

– O Dr. Fane disse-me que queria que se fosse embora, mas que a Kitty não ia, porque não suportava deixar-nos. Foi muito simpático da sua parte, minha querida filha, e quero que saiba que agradecemos muito a ajuda que nos tem prestado. Mas eu penso que também não queria era deixá-lo, e isso é muito melhor, pois o seu lugar é ao lado dele e ele precisa de si. Ah, não sei o que teríamos feito sem aquele homem admirável.

– Fico muito contente por saber que ele foi capaz de as ajudar – disse Kitty.

– Deve amá-lo com todo o seu coração, minha querida. Ele é um santo.

Kitty sorriu e, no refúgio do seu coração, suspirou. Havia apenas uma coisa que podia fazer por Walter neste momento, mas não conseguia pensar como. Queria que ele lhe perdoasse, já não por ela, mas por si próprio, pois ela tinha a certeza de que só isso lhe traria paz de espírito. Era inútil pedir-lhe perdão e, se ele suspeitasse, ao de leve que fosse, de que ela ansiava por isso para o próprio bem dele, e não dela, a sua obstinada vaidade fá-lo-ia recusar a todo o custo (era curioso como agora a vaidade dele já não a irritava, lhe parecia natural e só a fazia sentir mais pena dele), e a única hipótese seria que algum acontecimento inesperado o fizesse baixar a guarda. Ela tinha a impressão de que ele veria com bons olhos um extravasar inesperado de emoções que o libertasse do seu pesadelo de ressentimento, mas de que, na sua patética loucura, lutaria com todas as forças contra isso.

Não era uma pena que os homens, que permaneciam tão pouco tempo num mundo onde havia tanta dor, se torturassem daquela forma?

A pesar de a madre superiora não ter conversado com Kitty mais de três ou quatro vezes, e por uma ou duas vezes não mais de dez minutos, a impressão deixada em Kitty era muito profunda. O seu carácter era como um país que ao primeiro contacto parece grandioso, mas inóspito, mas no qual, aos poucos, se começam a descobrir pequenas aldeias sorridentes entre árvores de fruto nos recessos das majestosas montanhas, e rios tranquilos que correm mansamente por entre campos verdejantes. No entanto, essas paisagens confortáveis, apesar de surpreenderem e inspirarem segurança, não são suficientes para nos fazer sentir em casa nesta terra de fulvos montes e ventosos descampados. Era impossível ficar íntima da madre superiora. Possuía algo de impessoal que a envolvia, algo que Kitty também sentira com as outras freiras, mesmo com a bem-humorada e tagarela irmã S. José, mas que com a madre se tornava uma barreira quase palpável. Transmitia a sensação um pouco estranha, arrepiante até, mas que infundia respeito, de que ela podia pisar a mesma terra que nós, tratar, tal como nós, das mundanas questões e, não obstante, viver tão obviamente num plano inatingível. Uma vez dissera a Kitty:

– Não é suficiente uma religiosa estar em contínua oração com Jesus; ela própria deve ser uma oração.

Apesar de a sua conversa se misturar intimamente com a religião, Kitty sentia que nela isso era natural e que não fazia nenhum esforço para influenciar os heréticos. Parecia-lhe estranho que a madre superiora, com o seu profundo sentido de caridade, ficasse satisfeita em deixar Kitty numa condição que para ela deveria parecer de pecaminosa ignorância.

Um entardecer sentaram-se as duas lado a lado. Os dias eram agora cada vez mais curtos e a luz aveludada do crepúsculo era muito agradável e até

algo melancólica. A madre superiora parecia muito cansada. O seu rosto trágico estava abatido e pálido, e os seus belos olhos escuros tinham perdido toda a sua fogueira. A fadiga talvez a tivesse empurrado para um estado de espírito propício a confidências.

– Este é um dia memorável para mim, minha filha – disse ela, despertando de um longo estado de devaneio – pois é o aniversário do dia em que, finalmente, tomei a decisão de me tornar religiosa. Andei a pensar nisso durante dois anos, mas sofria muito com medo deste chamamento, pois temia ser reconquistada pelo espírito mundano. Mas nessa manhã, quando comunguei, fiz o voto de que, antes de a noite cair, anunciaria o meu desejo à minha querida mãe. Depois de ter recebido a Sagrada Comunhão pedi a Nosso Senhor para me dar paz de espírito: Só alcançarás o que queres, quando tiveres deixado de o desejar, parecia ser a resposta que chegava até mim.

A madre superiora parecia perdida nas memórias do passado.

– Nesse dia, uma das nossas amigas, a Madame de Viernot, tinha partido para o Carmelo sem avisar a família. Sabia que se opunham à sua decisão, mas era viúva e pensava que isso lhe dava o direito de fazer aquilo que quisesse. Uma das minhas primas tinha ido despedir-se da nossa querida fugitiva e só tinha regressado à noite. Estava muito comovida. Eu ainda não tinha falado com a minha mãe e tremia só de pensar em dizer-lhe o que tinha em mente. No entanto, queria manter a decisão que tinha tomado durante a Sagrada Comunhão. Coloquei à minha prima todo o tipo de questões. A minha mãe, que parecia absorvida no seu trabalho de tapeçaria, não disse uma palavra. Enquanto eu falava ia dizendo para mim mesma: Se é para falar hoje, não tenho um minuto a perder.

«É estranho como me lembro dessa cena com tanta nitidez. Estávamos sentadas à volta da mesa, uma mesa redonda coberta com uma toalha vermelha, a trabalhar à luz de um candeeiro de tonalidade esverdeada. As minhas primas estavam a passar uns tempos connosco e estávamos todas a trabalhar nas tapeçarias para restaurar as cadeiras da sala de visitas. Imagine que nunca tinham sido restauradas desde os tempos de Luís XIV, quando tinham sido compradas, e estavam tão puídas e desbotadas que a minha mãe dizia que era uma vergonha.

«Tentei formar as palavras, mas os meus lábios não se mexiam e então, de repente, depois de alguns minutos de silêncio, a minha mãe disse-me: ‘Realmente não consigo entender a conduta da tua amiga. Não gosto desta partida sem uma palavra sequer àqueles para quem ela é tão querida. A sua

atitude é teatral e fere o meu bom gosto. Uma mulher bem-educada nunca faz nada que possa levar as pessoas a falar dela. Espero bem que, se algum dia nos causares a grande dor de nos deixares, não fujas como se estivesses a cometer um crime.’

«Era o momento de falar, mas a minha fraqueza era tal que só consegui dizer: ‘Ah, pode ficar descansada, *maman*, eu não ia ter forças para isso.’

«A minha mãe nem se dignou responder e eu arrependi-me de imediato por não me ter atrevido a explicar-me. Parecia que ouvia as palavras de Nosso Senhor para São Pedro: ‘Pedro, tu amas-me?’ Oh, que fraqueza, que ingratidão a minha! Adorava o meu conforto, a vida que levava, a minha família e as minhas diversões. Estava perdida nesses pensamentos amargos quando, um pouco mais tarde e como se a conversa não tivesse sido interrompida, a minha mãe me disse: ‘No entanto, minha querida Odette, acho que tu não vais morrer sem fazer algo que perdure.’

«Eu estava ainda perdida na minha ansiedade e nas minhas reflexões enquanto as minhas primas, sem se aperceberem das batidas do meu coração, trabalhavam calmamente, quando de repente a minha mãe, deixando cair o seu trabalho e olhando para mim com muita atenção, disse: ‘Oh, minha querida filha, eu tenho a certeza absoluta de que tu te vais tornar religiosa.’

«‘Está a falar a sério, minha boa mãe?’ disse eu. ‘Pois está a expor os mais profundos pensamentos e desejos do meu coração.’

«‘*Mais oui*’, gritaram as minhas primas sem me dar tempo de terminar. ‘Há dois anos que a Odette não pensa noutra coisa. Mas não vai dar a sua permissão, *ma tante*, não pode dar permissão.’

«‘Com que direito, minhas queridas, vamos nós recusar-lhe isso se é essa a vontade de Deus?’’, disse a minha mãe.

«Então as minhas primas, querendo brincar com a situação, perguntaram-me o que pretendia fazer com as coisas que me pertenciam e começaram a guerrear alegremente sobre quem ficaria com isto e com aquilo. Mas estes primeiros momentos de alegria duraram pouco e começámos todas a chorar. Foi então que ouvimos o meu pai a subir as escadas.

A madre superiora fez uma pequena pausa e suspirou.

– Foi muito duro para o meu pai. Eu era a sua única filha e, normalmente, os homens têm um sentimento mais profundo pelas filhas do que pelos filhos.

– É muito pouca sorte ter coração – disse Kitty com um sorriso.

– É boa sorte consagrar esse coração ao amor de Jesus Cristo.

Nesse momento, uma menina aproximou-se da madre superiora e, confiante no seu interesse, mostrou-lhe um brinquedo fantástico que, sabe-se lá como, lhe tinha ido parar às mãos. A madre superiora colocou-lhe a mão elegante e delicada sobre os ombros e a menina aninhou-se. Kitty ficou comovida ao ver como era belo o sorriso da madre, apesar de impessoal.

– É maravilhoso ver a adoração que todas as suas órfãs têm por si, madre – disse ela. – Penso que ficaria muito orgulhosa se eu conseguisse despertar tão grande devoção.

A madre superiora dirigiu-lhe novamente um sorriso distante, mas belo.

– Há apenas uma forma de conseguirmos ganhar corações e essa forma é assemelharmo-nos àqueles que nos amam.

Walter não voltou para casa para jantar. Kitty esperou um pouco por ele, pois quando ficava retido na cidade arranjava sempre forma de lhe dar conhecimento, mas por fim sentou-se à mesa. Mais não fez do que fingir comer os muitos pratos que o cozinheiro chinês, fazendo jus ao seu orgulho profissional, apesar da peste e da dificuldade em obter provisões, invariavelmente colocava diante dela; e depois, afundando-se na espreguiçadeira de junco-da-índia junto à janela aberta, rendeu-se à beleza da noite estrelada. O silêncio acalmava-a.

Nem sequer tentou ler. Os pensamentos esvoaçavam-lhe pela superfície da mente como pequenas nuvens brancas reflectidas num lago sereno. Estava cansada de mais para eleger um, seguiu-o e deixar-se envolver nas suas implicações. Perguntava-se vagamente que benefício poderia tirar das várias impressões que as conversas com as freiras lhe haviam deixado. Era estranho que, apesar de o modo de vida delas a comover tão profundamente, a fé que motivava esse modo de vida a deixasse tão indiferente. Não conseguia admitir a possibilidade de poder algum dia ser conquistada pelo ardor da crença. Deu um pequeno suspiro: talvez tudo ficasse mais fácil se aquela grande luz branca lhe iluminasse a alma. Uma ou duas vezes desejara contar à madre superiora a sua infelicidade e a causa da mesma, mas nunca se atrevera. Não conseguia suportar a ideia de que aquela mulher austera pudesse pensar mal dela. Para ela o que Kitty tinha feito pareceria naturalmente um pecado gravíssimo. O estranho era ela própria não conseguir considerar o que fizera tão mau quanto o considerava estúpido e nojento.

Talvez isso se devesse a um embotamento do seu próprio espírito, que a levava a encarar a relação com Townsend como algo de lamentável e até

chocante, mas como uma coisa mais para esquecer do que para dela se arrepender. Era como cometer uma gafe numa festa, não havia nada a fazer, era assustadoramente mortificante, mas mostrava uma total falta de sensatez dar-lhe demasiada importância. Estremeceu ao pensar em Charlie com a sua estrutura avantajada e muito bem revestida, a indefinição da linha do queixo e o hábito que tinha, quando estava de pé, de projectar o peito para fora para parecer que não tinha barriga. O seu temperamento sanguíneo revelava-se nas pequenínissimas veias vermelhas que rapidamente formavam uma rede nas suas faces coradas. Ela tinha gostado das suas sobrancelhas espessas, mas agora via nelas algo de animalesco e repulsivo.

E o futuro? Era curioso como lhe era indiferente; não tinha a mínima ideia de como seria. Talvez ela morresse quando o bebé nascesse. A sua irmã Doris sempre fora muito mais forte do que ela e quase morrera durante o parto. (Essa já tinha cumprido o seu dever e produzido um herdeiro para o novo título de baronete; Kitty sorriu ao pensar na satisfação da mãe.) Se o futuro era tão vago, talvez isso quisesse dizer que ela não iria assistir a esse futuro. Walter pediria provavelmente à mãe dela para tomar conta do bebé – se o bebé sobrevivesse. E ela conhecia-o suficientemente bem para ter a certeza de que, apesar de não estar certo da paternidade, trataria o bebé com carinho. Podia confiar que Walter se comportaria de forma admirável em qualquer circunstância. Era uma pena que com as suas qualidades, a sua generosidade, a sua honra, inteligência e sensibilidade, fosse tão pouco atraente. Ela agora já não o receava minimamente; sentia apenas pena e, ao mesmo tempo, não conseguia deixar de pensar nele como um pouco absurdo. A intensidade da sua emoção tornava-o vulnerável e ela tinha o pressentimento de que, de alguma forma e a seu tempo, conseguiria trabalhar essa emoção e induzi-lo a perdôá-la. Era constantemente assaltada pelo pensamento de que apenas dando-lhe paz de espírito estaria a fazer a única coisa que podia remediar a angústia que lhe tinha causado. Era uma pena que ele tivesse tão pouco sentido de humor: podia vê-los aos dois, um dia, a rirem juntos da forma como se tinham atormentado um ao outro.

Estava cansada. Levou o candeeiro para o quarto, despiu-se, meteu-se na cama e adormeceu de imediato.

Porém, foi despertada por fortes pancadas numa porta. A princípio, e uma vez que se confundiam com o sonho a que tinha sido arrancada, não conseguiu ligar o som à realidade. As pancadas continuaram e ela percebeu que estava alguém a bater ao portão. Estava muito escuro. Tinha um relógio com ponteiros fosforescentes e viu que eram duas e um quarto. Devia ser o Walter que voltava para casa – tardíssimo – e não conseguia acordar o criado. As pancadas continuaram, cada vez mais fortes, e no silêncio da noite eram mais do que levemente assustadoras. As pancadas cessaram e ela ouviu correr o pesado ferrolho. Walter nunca tinha voltado tão tarde. Coitado, devia estar exausto! Ela esperava que ele tivesse o bom senso de ir directamente para a cama em vez de ficar a trabalhar como de costume naquele seu laboratório.

Ouviu vozes e pessoas a entrar. Era muito estranho, pois quando Walter chegava tarde fazia os possíveis por não fazer barulho para não a incomodar. Duas ou três pessoas subiram a correr os degraus de madeira e entraram no quarto ao lado. Kitty estava ligeiramente assustada. Lá no fundo, estava sempre latente o receio de uma revolta contra os estrangeiros. Teria acontecido alguma coisa? O coração de Kitty disparou, mas, antes que tivesse tempo de gerir o vago sentimento de apreensão, alguém atravessou o outro quarto e bateu à porta.

– Mrs. Fane.

Ela reconheceu a voz de Waddington.

– Sim. O que é?

– Tem de se levantar imediatamente. Tenho uma coisa para lhe dizer.

Ela levantou-se, vestiu um robe e abriu a porta. O que os seus olhos viram foi Waddington vestido com umas calças chinesas e um casaco de

ponjé, o criado a segurar uma lanterna e, um pouco mais atrás, três soldados chineses de uniforme. Ela estremeceu ante a consternação do rosto de Waddington; o cabelo estava desganhado, como se tivesse acabado de saltar da cama.

– O que aconteceu? – perguntou Kitty com a voz entrecortada.

– Procure manter-se calma. Não há um momento a perder. Vista-se e venha comigo imediatamente.

– Mas o que é que se passa? Aconteceu alguma coisa na cidade?

A presença dos soldados tinha-a feito suspeitar imediatamente de algum motim e de que tinham vindo para a proteger.

– O seu marido adoeceu. Queremos que venha imediatamente.

– O Walter? – exclamou ela.

– Não deve afligir-se. Ainda não sei do que se trata. O coronel Yü mandou este oficial pedir-me que a levasse imediatamente para o Yamen.

Kitty fitou-o por uns segundos com o coração subitamente gelado, e depois retirou-se.

– Fico pronta em dois minutos.

– Eu vim exactamente como estava – disse ele. – Estava a dormir, vesti só o casaco e calcei uns sapatos.

Ela nem o ouviu. Vestiu-se à luz das estrelas, pegando nas primeiras coisas que lhe vieram à mão; de repente os seus dedos ficaram tão inábeis que lhe pareceu levar uma eternidade para apertar os pequenos colchetes do vestido. Colocou sobre os ombros o xaile cantonês que tinha usado nessa noite.

– Não pus chapéu. Não é preciso, pois não?

– Não.

Desceram apressadamente as escadas com o criado à frente, com a lanterna, e saíram.

– Tenha cuidado para não cair – disse Waddington. – É melhor agarrar-se ao meu braço.

Os soldados seguiam imediatamente atrás deles.

– O coronel Yü mandou liteiras. Estão à nossa espera do outro lado do rio.

Desceram a encosta rapidamente. Kitty não conseguia formular a pergunta que tão horrivelmente lhe tremia nos lábios. Tinha um medo de morte da resposta. Chegaram à margem onde uma sampana os aguardava com uma luzinha na proa.

– É a cólera? – perguntou ela finalmente.

– Receio bem que sim.

Ela soltou um pequeno grito e estacou.

– Acho que deve ir o mais depressa que puder. – Deu-lhe a mão para a ajudar a entrar no barco. A travessia era curta e o rio estava quase estagnado; iam em pé na proa, todos juntos, enquanto uma mulher com uma criança amarrada à anca impelia a sampana com um remo.

– Ele adoeceu esta tarde, ou melhor, ontem à tarde – disse Waddington.

– Porque não me mandaram logo chamar?

Embora não houvesse necessidade, falavam em surdina. Na escuridão, Kitty podia apenas sentir como era intensa a ansiedade do seu companheiro de viagem.

– O Coronel Yü quis avisá-la, mas ele não deixou. O coronel Yü tem estado à cabeceira dele o tempo todo.

– Devia ter-me mandado chamar na mesma. Que insensibilidade.

– O seu marido sabia que a Kitty nunca tinha visto ninguém com cólera. É um quadro terrível e chocante, e ele não queria que assistisse.

– Afinal ele é o meu marido – disse ela com a voz sufocada.

Waddington não respondeu.

– Minha querida, tem de ser muito corajosa. Tem de estar preparada para o pior.

Ela soltou um lamento angustiado e virou-se ligeiramente ao perceber que os três soldados chineses estavam a olhar para ela quando captou a visão estranha e repentina do branco dos seus olhos.

– Ele está a morrer?

– Só conheço a mensagem que o coronel Yü entregou ao outro oficial que veio buscar-me. Tanto quanto pude perceber, está muito mal.

– Existe alguma réstia de esperança?

– Lamento profundamente, mas receio que, se não chegarmos lá depressa, não o encontraremos vivo.

Ela estremeceu e as lágrimas começaram a rolar-lhe pelas faces.

– Sabe, ele tem trabalhado de mais e não tem resistência para tanto.

Ela libertou-se da pressão do braço de Waddington com um gesto de irritação. Exasperava-a ouvi-lo falar naquele tom baixo e angustiado.

Chegaram à outra margem, onde dois homens, dois *coolies* chineses à espera na margem, a ajudaram a subir para terra. As liteiras estavam à espera. Quando Kitty entrou na dela, Waddington disse-lhe:

– Procure controlar os nervos. Vai precisar de todo o seu autodomínio.

– Diga aos carregadores que andem depressa.

– Eles receberam ordens para irem o mais depressa possível.

O oficial, já na sua liteira, passou por ela e, nesse momento, chamou os carregadores de Kitty. Eles levantaram a liteira, expeditos, ajustaram as pegas nos ombros e partiram em passo estugado. Waddington seguia logo atrás. Subiram o monte num instante, com um homem de lanterna na mão à frente de cada liteira, e, ao chegarem à comporta, estava lá um guarda à espera com um archote. O oficial gritou-lhe uma ordem ao aproximar-se e o homem escancarou a porta de um dos lados para eles passarem. O guarda soltou uma espécie de interjeição enquanto passavam e os carregadores retribuíram. No silêncio da noite, aqueles sons guturais numa língua estranha eram misteriosos e assustadores. Patinavam nas pedras molhadas e escorregadias da calçada e um dos carregadores do oficial chegou mesmo a tropeçar. Kitty ouviu a voz do oficial elevar-se em fúria, a resposta estridente do carregador e, depois, a liteira da frente acelerar de novo. As ruas eram estreitas e tortuosas. Aqui na cidade a noite era de breu. Era uma cidade dos mortos. Meteram velozes por uma ruela estreita, dobraram uma esquina e, em passo de corrida, subiram um lance de escadas; os carregadores já iam a arfar; avançavam em silêncio com passadas longas e rápidas; um deles pegou num lenço esfarrapado e, sem abrandar, limpou a testa e o suor que lhe escorria para os olhos; ziguezagueavam para um lado e para outro, pelo que tudo indicava que iam a percorrer um labirinto; na sombra das lojas de persianas corridas parecia por vezes haver uma forma deitada, mas não se sabia se era um homem a dormir para acordar de madrugada ou um homem a dormir para nunca mais acordar; as ruas estreitas eram fantasmagóricas no seu desértico silêncio e quando, de repente, um cão ladrou bem alto, uma onda de terror percorreu os nervos torturados de Kitty. Não sabia para onde iam. O percurso parecia não ter fim. Será que não podiam ir mais depressa? Mais depressa. Mais depressa. O tempo passava e a qualquer momento podia ser tarde de mais.

De repente, ao fundo de um muro interminável, chegaram a um portão ladeado de guaritas e os carregadores pousaram as liteiras. Waddington correu para junto de Kitty, que já tinha saltado para o chão. O oficial bateu com força ao portão e chamou. Uma portinhola abriu-se e entraram para um grande pátio quadrado. Encolhidos em grupos junto às paredes, por baixo dos telheiros, estavam soldados deitados no chão embrulhados em mantas. Eles pararam uns segundos enquanto o oficial falava com um homem que poderia ser o sargento da guarda e que se voltou e disse qualquer coisa a Waddington.

– Ainda está vivo – disse Waddington em voz baixa. – Tenha cuidado onde põe os pés.

Sempre precedidos pelos homens das lanternas, atravessaram o pátio, subiram alguns degraus, passaram por uma porta grande e desceram depois para outro grande pátio. De um dos lados havia uma sala comprida com as luzes acesas; as luzes, brilhando através do papel de arroz, delineavam o padrão elaborado do tabique. Os homens das lanternas guiaram-nos através do pátio até ao dito quarto. O oficial bateu à porta, que foi aberta de imediato, e, olhando de relance para Kitty, afastou-se da porta.

– Quer entrar? – disse Waddington.

Era um quarto baixo e comprido, e os candeeiros fumarentos que o alumiam tornavam a penumbra ominosa. Espalhados pelo quarto havia três ou quatro ordenanças. Numa enxerga encostada à parede em frente da porta estava deitado um homem todo encolhido por baixo de um cobertor. Aos pés da cama estava postado um oficial.

Kitty correu para lá e debruçou-se sobre a enxerga. Walter estava deitado de olhos fechados e, na penumbra, o seu rosto tinha a cor macilenta da

morte. E mantinha-se terrivelmente imóvel.

– Walter, Walter – balbuciou ela numa voz baixa e aterrada.

O corpo denotou um ténue movimento, ou o espectro de um movimento; foi tão ténue que mais parecia a aragem leve que não se sente, mas que, no entanto, enrugava por um instante a superfície da água estagnada.

– Walter, Walter, fale comigo.

Os olhos dele abriram-se lentamente, como se fosse preciso um esforço sobre-humano para levantar as pálpebras pesadas, mas ele não olhou para ela, fitando a parede a alguns centímetros do rosto dela com os olhos desmedidamente abertos. E falou; a sua voz, baixa e débil, tinha o vislumbre de um sorriso.

– Meti-me num lindo sarilho – disse ele.

Kitty nem se atrevia a respirar. Ele não emitia mais nenhum som, não esboçou mais nenhum gesto, mas os seus olhos, aqueles seus olhos escuros e frios (a contemplar agora sabe-se lá que mistérios) continuavam a fitar a parede caiada de branco. Kitty pôs-se de pé e fitou desvairada o homem que lá se encontrava.

– Certamente há-de ser possível fazer alguma coisa. Não vai ficar aí parado sem fazer nada?

Entrelaçou as mãos. Waddington falou com o oficial que estava aos pés da cama.

– Infelizmente eles fizeram tudo o que era possível. O cirurgião do regimento tem estado a tratar dele. O seu marido é que o treinou para esta doença e ele fez tudo o que o seu marido teria feito.

– Aquele é o cirurgião?

– Não, é o coronel Yü. Nunca saiu da cabeceira do seu marido.

Abstraída, Kitty olhou-o de relance. Era um homem sobre o alto, mas encorpado, e parecia pouco à vontade no uniforme de caqui. Estava a olhar para Walter e ela reparou que havia lágrimas nos seus olhos. Isso chocou-a. Porque havia aquele homem de rosto chapado e amarelo estar de lágrimas nos olhos? Era algo que a exasperava.

– É terrível não se poder fazer nada.

– Pelo menos ele já não está em sofrimento – disse Waddington.

Ela debruçou-se outra vez sobre o marido. Aqueles olhos fantasmagóricos continuavam a fitar em frente, vazios. Ela não percebia se ele conseguia ver. Não sabia se ele tinha ouvido o que diziam. Aproximou os lábios do ouvido dele.

– Walter, não há nada que a gente possa fazer?

Pensava ela que devia haver alguma droga que lhe pudessem dar que conseguisse travar aquele terrível escoar da vida. Mas agora, que os seus olhos já estavam mais adaptados à penumbra, viu com horror que o rosto dele estava desfigurado. Dificilmente o teria reconhecido. Era impensável que passadas poucas horas ele parecesse um outro homem, ele que agora mal parecia ser um homem, ele que agora era a imagem da morte.

Parecendo-lhe que ele estava a fazer um esforço para falar, Kitty aproximou mais o ouvido.

– Não faça cenas. Passei um mau bocado, mas agora estou bem.

Kitty aguardou uns instantes, mas ele remeteu-se ao silêncio. A sua imobilidade lacerava-lhe de angústia o coração; era aterrador vê-lo ali deitado tão imóvel. Parecia já preparado para o imobilismo da sepultura. Aproximou-se alguém, o cirurgião ou um auxiliar, e afastou-a para o lado; depois debruçou-se sobre o moribundo e humedeceu-lhe os lábios com um trapo imundo. Kitty endireitou-se mais uma vez e voltou-se em desespero para Waddington.

– Não há qualquer réstia de esperança? – murmurou.

Ele abanou a cabeça.

– Quanto tempo poderá durar?

– Ninguém sabe. Talvez uma hora.

Kitty percorreu com os olhos o quarto vazio e pousou-os por um instante na forma corpulenta do coronel Yü.

– Posso ficar a sós com ele por uns momentos? – pediu. – Só um minuto.

– Certamente, se é isso que deseja.

Waddington dirigiu-se ao coronel e falou com ele. O coronel fez uma pequena vénia e depois deu uma ordem em voz baixa.

– Nós ficamos à espera na escada – disse Waddington quando saíam. – Só precisa de chamar.

Agora que o inacreditável lhe tinha avassalado a consciência como uma droga a correr-lhe nas veias, e que ela percebia que Walter ia morrer, tinha apenas um pensamento, que era tornar-lhe o fim mais leve arrancando-lhe da alma o rancor que a envenenava. Se ele pudesse morrer em paz com ela, parecia-lhe que morreria em paz consigo mesmo. Pensava agora não em si mesma, mas apenas nele.

– Walter, suplico-lhe que me perdoe – disse ela, debruçando-se sobre ele, mas tendo o cuidado de não lhe tocar, com medo de que ele não suportasse a pressão. – Estou tão desesperadamente arrependida do mal que lhe fiz! Lamento-o tão amargamente!

Ele não disse nada. Parecia não estar a ouvi-la. Ela viu-se obrigada a repetir. Estranhamente, parecia-lhe que a alma dele era uma borboleta esvoaçante com as asas carregadas de ódio.

– Querido.

Uma sombra perpassou-lhe o rosto pálido e desfigurado. Não chegou a ser um movimento e, no entanto, produziu o efeito de uma convulsão aterradora. Ela nunca lhe tinha dito essa palavra antes. Talvez pelo seu cérebro moribundo tivesse passado o pensamento, confuso e difícil de captar, de que só a tinha ouvido usá-la, como termo habitual do seu vocabulário, para cães, bebés e automóveis. E então uma coisa horrível aconteceu. Ela entrelaçou as mãos, tentando controlar-se a todo o custo, pois viu duas lágrimas rolar-lhe lentamente pelas faces devastadas.

– Oh, meu querido, meu tesouro, se alguma vez me amou... sei que me amou e que eu fui detestável... imploro-lhe que me perdoe. Agora não posso provar-lhe o meu arrependimento. Tenha piedade de mim. Suplico-lhe que me perdoe.

Ela calou-se. Olhou para ele, sem fôlego, ansiosamente à espera de uma resposta. Percebeu que ele queria falar. O coração de Kitty saltou-lhe no peito. Parecia-lhe que seria de certo modo uma reparação para o sofrimento que lhe tinha causado se, neste momento derradeiro, conseguisse aliviá-lo desse fardo de amargura. Os lábios dele moveram-se. Ele não estava a olhar para ela. Os seus olhos fitavam, sem ver, a parede caiada de branco. Ela debruçou-se sobre ele para ouvir melhor. Mas ele disse com bastante clareza:

– O cão foi que morreu.

Ela ficou tão imóvel como se estivesse petrificada. Não conseguia entender e fitava-o com aterrada perplexidade. Não fazia sentido. Delírio. Ele não tinha compreendido uma palavra do que ela dissera.

Era impossível estar tão imóvel e continuar vivo. Ela não parava de o fitar. Ele tinha os olhos abertos, mas não conseguia perceber se ainda respirava. Começou a ficar assustada.

– Walter – murmurou. – Walter.

Por fim levantou-se bruscamente, tomada de súbito pânico, virou-lhe as costas e correu para a porta.

– Venham, por favor. Parece que ele já não...

Os outros entraram. O cirurgião chinês aproximou-se da cama. Tinha na mão uma lanterna eléctrica, acendeu-a e examinou os olhos de Walter. Em seguida cerrou-os. Depois disse qualquer coisa em chinês. Waddington pôs

o braço à volta de Kitty.

– Infelizmente está morto.

Kitty soltou um suspiro profundo e dos seus olhos correram algumas lágrimas. Sentia-se mais desorientada do que prostrada. Os chineses estavam à volta da cama, impotentes, como se não soubessem bem o que fazer a seguir. Waddington estava em silêncio. Passado um minuto os chineses começaram a falar uns com os outros em voz baixa.

– É melhor deixar-me levá-la de volta ao *bungalow* – disse Waddington.

– Ele será levado para lá.

Kitty passou a mão pela testa num gesto de desalento. Aproximou-se da enxada, debruçou-se e beijou Walter docemente nos lábios. Agora não estava a chorar.

– Desculpem toda a maçada que lhes dei.

Os oficiais perfilaram-se em continência quando ela passou e ela respondeu baixando a cabeça gravemente numa vénia. Voltaram a atravessar o pátio e a entrar para as liteiras. Kitty viu Waddington acender um cigarro. Um fiapo de fumo perdido no ar, assim era a vida de um homem.

A alvorada começava a despontar e aqui e ali um chinês corria as persianas da sua loja. Na penumbra de um recanto, à luz de uma lamparina, uma mulher lavava a cara e as mãos. Numa casa de chá, numa esquina, um grupo de homens tomava a primeira refeição. A luz cinzeia e fria do dia que despontava esgueirava-se pelas vielas como um larápio. Sobre o rio pairava uma neblina pálida e os mastros dos juncos apinhados trespassavam-na como as lanças de um exército fantasmagórico. O ar estava gelado quando atravessaram o rio e Kitty enrolou-se no xaile alegre e colorido. Subiram a encosta e ficaram acima da neblina, onde o Sol brilhava num céu sem nuvens. Brilhava como se este fosse um dia como outro qualquer e nada tivesse acontecido que o distinguisse dos restantes.

– Não gostaria de se ir deitar? – disse Waddington, quando entraram no *bungalow*.

– Não, vou sentar-me à janela.

Kitty tinha-se sentado à janela tantas vezes, e durante tanto tempo, nas semanas anteriores e os seus olhos estavam agora tão acostumados ao belo e misterioso templo, tão fantástico e aparatoso no seu imponente bastião, que era uma visão apaziguante para o espírito. Era tão irreal, mesmo à luz desabrida do meio-dia, que a afastava da realidade.

– Vou mandar o criado fazer-lhe um chá. Receio que seja absolutamente necessário enterrá-lo esta manhã. Eu trato de tudo.

– Obrigada.

Enterraram-no três horas depois. A ela parecia-lhe horrível que ele tivesse de ir a enterrar num caixão chinês, como se não pudesse descansar em paz em tão estranha cama, mas não havia alternativa. Quando souberam da morte de Walter, como sabiam de tudo o que acontecia na cidade, as freiras mandaram entregar uma cruz de dalias, rígida e formal, mas que parecia feita pelas mãos experientes de uma florista; porém, sozinha em cima do caixão chinês, a cruz parecia grotesca e desenquadrada. Quando já estava tudo a postos, tiveram de esperar pelo coronel Yü, que tinha mandado avisar Waddington que desejava assistir ao funeral. Chegou acompanhado por um ajudante-de-campo. Subiram a encosta a pé, com o caixão transportado por meia dúzia de *coolies*, até um pequeno terreno onde estava sepultado o missionário que Walter tinha vindo substituir. Waddington tinha encontrado um livro de orações em inglês entre as coisas do missionário e leu as orações fúnebres em voz baixa e com um constrangimento que lhe era pouco habitual. Talvez ao recitar aquelas palavras solenes, mas terríveis, o assaltasse o pensamento de que, se ele próprio fosse vitimado pela epidemia, não ia ter ninguém que lhas lesse. O caixão desceu à sepultura e os coveiros começaram a cobri-lo de terra.

O coronel Yü, que se tinha mantido ao lado da campa de cabeça descoberta, pôs o boné na cabeça, cumprimentou Kitty com gravidade, disse uma ou duas palavras a Waddington e foi-se embora seguido pelo seu ajudante-de-campo. Os *coolies*, curiosos para ver um funeral cristão, tinham-se deixado ficar por ali e dispersavam agora cada um para seu lado com as cangas a arrastar. Kitty e Waddington esperaram até a campa estar coberta e depois colocaram em cima do montículo a cheirar a terra fresca as cerimoniais dalias das freiras. Ela não tinha vertido uma lágrima, mas

quando a primeira pazada de terra ribombou sobre o caixão, sentiu uma dor tremenda trespassar-lhe o coração.

Percebeu que Waddington estava à espera de que ela se viesse embora.

– Está com pressa? – perguntou-lhe. – Não me apetece voltar já para o *bungalow*.

– Não tenho nada para fazer. Estou inteiramente ao seu dispor.

Subiram lentamente a calçada até ao cimo do monte, onde se erguia o tal arco, o memorial a uma viúva virtuosa que tinha desempenhado um papel tão importante na imagem que Kitty formara do lugar. Era um símbolo, de quê ela não sabia dizer; tal como não sabia dizer por que razão estava imbuído de tão sardónica ironia.

– E se nos sentássemos um bocadinho? Há séculos que não nos sentamos aqui. – A planície estendia-se ante os seus olhos em toda a sua vastidão; estava tranquila e serena à luz matinal. – Só cá estou há algumas semanas e parece-me uma vida.

Ele não respondeu e, por momentos, ela deixou vaguear o pensamento. Depois deu um suspiro.

– Acha que a alma é imortal? – perguntou.

Ele não pareceu surpreendido com a pergunta.

– Como hei-de saber?

– Agora mesmo, quando lavaram o Walter, antes de o meterem no caixão, olhei para ele. Parecia muito jovem. Jovem de mais para morrer. Lembra-se daquele pedinte que encontrámos a primeira vez que me levou a dar um passeio? Fiquei assustada, não por ele estar morto, mas porque ninguém diria que aquele homem tinha sido um ser humano. Não passava de um animal morto. E agora, de novo, com o Walter, parecia mais uma máquina que se avariou. É isso que me assusta tanto. E, se é só uma máquina, como é fútil tanto sofrimento, tanta dor e infelicidade.

Ele não respondeu, mas os seus olhos perambularam pela paisagem aos seus pés. A vastidão circundante naquela manhã alegre e ensolarada fazia exultar os corações. Os arrozais estendiam-se em perfeita esquadria até onde a vista alcançava e em muitos deles os camponeses vestidos de azul

labutavam laboriosamente com os seus búfalos. Era uma cena de paz e serenidade. Kitty quebrou o silêncio.

– Nem tenho palavras para descrever como fiquei tocada por tudo o que vi no convento. Aquelas freiras são admiráveis, fazem-me sentir completamente inútil. Elas prescindem de tudo, da casa, da pátria, do amor, de terem filhos, da liberdade; e de todas aquelas pequenas coisas de que eu por vezes penso que deve ser ainda mais difícil prescindir, as flores e os campos, ir dar um passeio num dia de Outono, os livros e a música, o conforto, elas prescindem de tudo, de tudo. E fazem-no para poderem dedicar-se a uma vida de sacrifício, de pobreza, obediência, trabalho extenuante e oração. Para todas elas este mundo é realmente, com toda a propriedade, um lugar de exílio. A vida é uma cruz que elas carregam de boa vontade, mas o desejo está sempre vivo nos seus corações... ah, é tão mais forte que o desejo, é um anseio, um anseio ávido e apaixonado pela morte que as há-de levar à vida eterna.

Kitty entrelaçou as mãos e olhou para ele angustiada.

– E então?

– E se não existe vida eterna? Pense no que significa se a morte for mesmo o fim de todas as coisas. Elas prescindiram de tudo para nada. Foram enganadas. São umas tontas.

Waddington reflectiu por um instante.

– Não sei. Não sei se é assim tão importante que aquilo por que ansiaram seja uma ilusão. As vidas delas são belas em si mesmas. Tenho a impressão de que a única coisa que nos permite olhar este mundo em que vivemos sem asco é a beleza que, de vez em quando, os homens fazem brotar do caos. Os quadros que pintam, as músicas que compõem, os livros que escrevem e a vida que levam. De todas estas coisas a mais rica em beleza é a vida, quando é bela. É a obra de arte suprema.

Kitty suspirou. O que ele disse parecia-lhe demasiado duro. Queria mais.

– Já alguma vez foi a um concerto sinfónico? – continuou Waddington.

– Já – disse ela, sorrindo. – Não entendo nada de música, mas gosto muito.

– Cada elemento da orquestra toca o seu instrumento, e o que lhe parece a si que ele sabe das complicadas harmonias que se desprendem no ar indiferente? Ele preocupa-se apenas com o seu pequeno contributo; mas sabe que a sinfonia é maravilhosa e, mesmo que não haja ninguém para a ouvir, continua a ser maravilhosa e ele está satisfeito por dar o seu contributo.

– No outro dia mencionou o Tao – disse Kitty, após uma breve pausa. – Explique-me o que isso é.

Waddington olhou-a de relance, hesitou por um instante e, depois, com um sorriso ténue a bailar-lhe no rosto cómico, respondeu:

– É o Caminho e o Caminhante. É a estrada da eternidade, percorrida por todos os seres, mas nenhum ser a fez, pois ela própria é ser. É tudo e é nada. Dela brotam todas as coisas, todas as coisas estão em conformidade com ela, e, no fim, todas as coisas a ela tornam. É um quadrado sem ângulos, um som que os ouvidos não podem captar, uma imagem sem forma. É uma vasta rede que, apesar de ter as malhas tão grandes como o mar, não deixa passar nada. É o santuário onde todas as coisas encontram refúgio. O lugar não existe, mas conseguimos vê-lo sem ir à janela. Deseja não desejares, é o que o Tao nos ensina, e deixa que todas as coisas sigam o seu curso. Aquele que se humilha será preservado. Aquele que se curva será levantado. O fracasso é a base do sucesso e o sucesso é o preâmbulo do fracasso; mas quem poderá dizer quando se dá a viragem? Aquele que investe na ternura pode tornar-se puro como uma criança. A brandura dá a vitória a quem ataca e segurança a quem defende. Poderoso é aquele que se conquista a si mesmo.

– Isso faz sentido?

– Às vezes, quando olho as estrelas depois de ter tomado meia dúzia de *whiskies*, penso que faz.

O silêncio abateu-se sobre eles e, quando foi quebrado, foi novamente por Kitty.

– Diga-me, «o cão foi que morreu» é uma citação?

Os lábios de Waddington delinearam um sorriso e a resposta estava pronta. Mas talvez nesse momento a sua sensibilidade estivesse anormalmente apurada. Kitty não estava a olhar para ele, mas havia algo na expressão dela que o fez mudar de ideias.

– Se é, não conheço – respondeu ele prudentemente. – Porquê?

– Por nada. Veio-me à cabeça. Soou-me familiar.

Seguiu-se novo silêncio.

– Quando ficou sozinha com o seu marido – disse Waddington – falei com o cirurgião do regimento. Pensei que devíamos saber mais pormenores.

– E...?

– Ele estava num estado de grande nervosismo e não entendi bem o que queria dizer. Tanto quanto pude perceber, o seu marido foi infectado

durante as experiências que estava a fazer.

– Ele estava sempre a fazer experiências. Ele não era mesmo médico, era bacteriologista; por isso é que estava tão ansioso por vir para aqui.

– Só não consegui perceber pelo que o cirurgião me disse se ele foi infectado acidentalmente ou se estava a experimentar em si próprio.

Kitty empalideceu. A sugestão fê-la estremecer. Waddington pegou-lhe na mão.

– Perdoe-me por voltar a tocar neste assunto – disse ele suavemente –, mas pensei que poderia confortá-la, sei como é difícil nestas ocasiões dizer alguma coisa que tenha a mínima utilidade e pensei que para si poderia ser importante saber que o Walter morreu como um mártir, ao serviço da ciência e da sua missão.

Kitty encolheu os ombros com uma réstia de impaciência.

– Na verdade, o que matou o Walter foi um coração destroçado – disse ela.

Waddington não respondeu. Ela virou-se e olhou-o devagar. O seu rosto estava branco e impassível.

– O que quis ele dizer com: o cão foi que morreu? O que é isso?

– É o último verso da *Elegia à Morte de um Cão Danado*, de Oliver Goldsmith.

Na manhã seguinte Kitty foi para o convento. A rapariga que veio abrir a porta pareceu surpreendida ao vê-la e, quando Kitty já estava há uns minutos ocupada com as suas tarefas, a madre superiora entrou, dirigiu-se a ela e pegou-lhe na mão.

– Estou contente por vê-la aqui, minha querida filha. Mostra uma coragem admirável ao retomar tão depressa o trabalho depois de tão grande desgosto; e sensatez também, pois tenho a certeza de que o trabalho não a vai deixar entregar-se à tristeza.

Kitty baixou os olhos, levemente ruborizada; não queria que a madre superiora lhe entrasse no coração.

– Não preciso de lhe dizer da sinceridade com que todas nós partilhamos o seu desgosto.

– É muito amável – disse Kitty.

– Todas nós rezamos por si constantemente e pela alma daquele que acabou de perder.

Kitty não respondeu. A madre superiora soltou-lhe a mão e, no seu tom frio e autoritário, deu-lhe várias tarefas para fazer. Afagou a cabeça de duas ou três crianças, ofereceu-lhes o seu sorriso altivo, mas cativante, e voltou aos seus afazeres mais prementes.

Passou-se uma semana. Kitty estava a costurar. A madre superiora entrou na sala e sentou-se ao seu lado, lançando um olhar arguto ao trabalho de Kitty.

– Tem muito jeito para a costura, minha querida. É um talento raro nas jovens de hoje.

– Devo-o à minha mãe.

– Tenho a certeza de que a sua mãe vai ficar muito contente de a ver outra vez.

Kitty levantou os olhos para ela. Havia algo na entoação da madre superiora que impedia o comentário de ser interpretado como mera cortesia. Ela prosseguiu.

– Permiti que voltasse para aqui depois da morte do seu marido porque pensei que estar ocupada a ajudaria a distrair-se. Pensei que nessa altura não estava de modo nenhum em condições de enfrentar sozinha a longa viagem de regresso a Hong-Kong, e também não a queria sozinha em casa sem nada para fazer além de recordar a sua perda. Mas agora já passaram oito dias. Está na hora de se ir embora.

– Não quero ir-me embora, madre. Quero ficar aqui.

– Não há motivo nenhum para ficar. Veio para acompanhar o seu marido. O seu marido morreu. Encontra-se num estado que brevemente irá exigir cuidados e atenções que é impossível receber aqui. O seu dever, minha querida filha, é fazer tudo o que estiver ao seu alcance pelo bem-estar do ser que Deus pôs à sua guarda.

Kitty quedou-se em silêncio por um momento e baixou os olhos.

– Tinha a impressão de ter aqui alguma utilidade. Foi para mim um grande prazer pensar que assim era. Tinha esperança de que me deixasse

continuar com o meu trabalho até a epidemia acabar.

– Estamos-lhe todas muito gratas pelo que fez por nós – respondeu a superiora com um leve sorriso – mas agora que a epidemia está a passar o risco de vir para cá já não é tão grande e estou à espera de duas irmãs de Cantão. Devem estar a chegar a todo o momento e penso que, quando vierem, vou deixar de precisar dos seus serviços.

O coração de Kitty caiu-lhe aos pés. O tom da madre superiora não admitia contestação; ela conhecia-a o suficiente para saber que seria insensível a rogos. O facto de ter considerado necessário dar explicações a Kitty tinha posto na sua voz uma nota, se não de irritação, pelo menos o tom peremptório que a ela poderia conduzir.

– Mr. Waddington teve a amabilidade de me pedir conselho.

– Era melhor que não se tivesse metido onde não era chamado – interpôs Kitty.

– Se ele não mo tivesse pedido, eu ter-me-ia sentido na mesma na obrigação de lho dar – disse docemente a madre superiora. – Neste momento o seu lugar não é aqui, mas junto da sua mãe. Mr. Waddington já falou com o coronel Yü para lhe disponibilizar uma forte escolta para fazer a viagem em perfeita segurança, e já contratou carregadores e restante pessoal. A *amah* vai consigo e tudo estará preparado para a receber nas cidades por onde passar. Na verdade, foi feito tudo o que era possível para lhe proporcionar o máximo conforto.

Os lábios de Kitty comprimiram-se. Pensou que podiam pelo menos tê-la consultado sobre um assunto que só a ela dizia respeito e teve de se controlar para não dar uma resposta agreste.

– E quando parto?

A madre superiora manteve toda a sua placidez.

– Quanto mais depressa puder regressar a Hong-Kong e partir para Inglaterra melhor, minha querida filha. Pensámos que gostaria de partir depois de amanhã ao alvorecer.

– Tão depressa.

Kitty sentia vontade de chorar. Mas era inteiramente verdade, ela não tinha lugar ali.

– Parecem todos ansiosos por se verem livres de mim – disse ela, amargamente.

Depois apercebeu-se de uma certa descontracção na atitude da madre superiora. Vendo que Kitty estava preparada para ceder, tinha adoptado inconscientemente um tom mais afável. Kitty tinha um apurado sentido de

humor e os seus olhos cintilaram ao reflectir que até as santas gostavam de levar a sua avante.

– Não pense que não reconheço a bondade do seu coração, minha querida filha, e a admirável caridade que a leva a não querer abandonar as tarefas que chamou a si.

Kitty olhava em frente, fixamente, e encolheu levemente os ombros. Sabia que não podia atribuir-se tão excelsas virtudes. Só queria ficar porque não tinha mais sítio nenhum para onde ir. Bem curiosa esta sensação de que ninguém no mundo se importava minimamente que estivesse viva ou morta.

– Não entendo a sua relutância em voltar para casa – prosseguiu a Superiora com afabilidade. – Há muitos estrangeiros neste país que dariam tudo por uma oportunidade como a sua!

– Mas a senhora não, madre?

– Bem, connosco é diferente, minha querida. Quando vimos para aqui sabemos que abandonámos as nossas casas para sempre.

Dos seus sentimentos feridos emergiu na mente de Kitty o desejo, malicioso talvez, de procurar o ponto fraco da armadura da fé que tornava as freiras tão altivamente imunes a todos os pensamentos naturais. Queria ver se ainda restava na superiora alguma da fraqueza da humanidade.

– Devia ter imaginado que por vezes é muito duro nunca mais poder ver aqueles que nos são queridos e os locais onde crescemos.

A madre superiora hesitou um momento, mas Kitty, atenta, não detectou qualquer alteração na serenidade do seu rosto belo, mas austero.

– É duro para a minha mãe, que já tem muita idade, porque sou a sua única filha e ela adoraria ver-me mais uma vez antes de morrer. Só queria poder dar-lhe essa alegria. Mas não pode ser e temos de esperar até nos encontrarmos no Paraíso.

– Seja como for, quando pensamos naqueles a quem somos tão queridos, deve ser difícil não perguntar a nós mesmas se fizemos bem em separarmos-nos deles.

– E a Kitty pergunta-me se alguma vez me arrependi do passo que dei? – De repente o semblante da madre superiora iluminou-se. – Nunca, nunca. Troquei uma vida que era trivial e inútil por uma vida de sacrifício e oração.

Fez-se um breve silêncio e depois, numa atitude mais ligeira, a madre superiora sorriu.

– Vou pedir-lhe que me leve um pequeno embrulho e o meta no correio por mim quando chegar a Marselha. Não quero confiá-lo aos correios

chineses. Vou já buscá-lo.

– Pode dar-mo amanhã – disse Kitty.

– Amanhã vai estar atarefada de mais para vir aqui, minha querida. Será mais conveniente despedir-se de nós esta noite.

A madre levantou-se e, com uma dignidade natural que o hábito volumoso não conseguia esconder, saiu da sala. Logo a seguir entrou a irmã S. José. Vinha despedir-se. Desejou a Kitty uma viagem agradável; estaria perfeitamente em segurança, pois o coronel Yü ia providenciar uma forte escolta; e as irmãs faziam constantemente esta viagem sozinhas e não lhes acontecia mal nenhum. E ela gostava do mar? *Mon Dieu*, que doente que ela ficou quando houve uma tempestade no oceano Índico, a senhora sua mãe ia ficar satisfeita por ver a filha, e Kitty devia ter muito cuidado consigo; afinal, ela tinha agora uma alma pequenina ao seu cuidado, e todas as irmãs rezariam por ela; ela própria rezaria constantemente por ela, pelo bebé e pela alma do malgrado doutor, sempre tão corajoso. Ela era volúvel, amável e afectuosa; e, no entanto, Kitty tinha a profunda convicção de que, para a irmã S. José (de olhos postos na eternidade), ela não passava de um fantasma sem corpo nem substância. Kitty sentiu um impulso desenfreado de agarrar pelos ombros a freira robusta e bonacheirona e de a abanar, gritando-lhe: «Não sabe que eu sou um ser humano, infeliz e sozinho, e que preciso de consolo, solidariedade e coragem? Não será capaz de deixar Deus por um segundo e dar-me um pouco de compaixão? Não a compaixão cristã que dá a todas as coisas que sofrem, mas apenas compaixão humana, por mim?» Este pensamento trouxe um sorriso aos lábios de Kitty: como a irmã S. José iria ficar surpreendida! E ficaria certamente convencida daquilo de que agora apenas suspeitava, de que os Ingleses eram todos malucos.

– Felizmente sou uma excelente marinheira – respondeu Kitty. – Até agora nunca enjoiei.

A madre superiora voltou com um embrulho pequeno e muito bem feito.

– São uns lencinhos que mandei fazer com o nome da santa onomástica da minha mãe – disse ela. – As iniciais foram bordadas pelas nossas pequenas.

A irmã S. José sugeriu que Kitty gostaria de ver como o trabalho era esmerado e, com um sorriso indulgente e contrariado, a madre superiora desatou o embrulho. Os lenços eram de cambraia muito fina e as iniciais estavam sobrepostas, bordadas numa complicada cifra encimada por uma coroa de folhas de morangueiro. Depois de Kitty ter admirado a perfeição

do trabalho, os lenços foram de novo embrulhados e o embrulho colocado nas suas mãos. Com um «*eh bien, Madame, je vous quitte*», seguido de uma reedição das suas cortesias, mas impessoais despedidas, a irmã S. José retirou-se e Kitty percebeu que era também o momento de se despedir da superiora. Agradeceu-lhe toda a sua amabilidade para com ela e a madre acompanhou-a através dos corredores caiados e desnudos.

– Seria muito incómodo pedir-lhe que registasse o embrulho quando chegar a Marselha? – disse a superiora.

– Claro que não, eu faço isso.

Kitty deu uma olhadela ao endereço. O nome parecia muito importante, mas o local chamou-lhe a atenção.

– Mas este é um dos *châteaux* que eu visitei quando dei uma volta de carro pela França com uns amigos.

– É muito possível – disse a madre superiora. – Os turistas podem visitá-lo dois dias por semana.

– Creio que se alguma vez tivesse vivido num sítio tão bonito nunca teria tido coragem para o abandonar.

– É sem dúvida um monumento histórico. Mas falta-lhe intimidade. Se eu tivesse saudades de alguma coisa não seria desse castelo, mas do pequeno *château* onde morávamos quando era criança. Nos Pirenéus. Nasci a ouvir o mar e não nego que às vezes gostaria de ouvir as ondas a bater nas rochas.

Kitty teve a impressão de que a madre superiora, adivinhando-lhe os pensamentos e a razão do seu comentário, estava sub-repticiamente a rir-se dela. Mas tinham chegado à pequena e desprestigiada porta do convento. Para surpresa de Kitty, a madre superiora abraçou-a e beijou-a. A pressão daqueles lábios descorados nas duas faces – a madre beijou-a primeiro numa e depois na outra – foi tão inesperada que a deixou ruborizada e com vontade de chorar.

– Adeus e que Deus a proteja, minha querida filha – disse a madre, prolongando o abraço por um momento. – Lembre-se de que cumprir o nosso dever não é nada, pois é o que nos compete e não é mais meritório do que lavar as mãos quando estão sujas; a única coisa que conta é o amor ao dever; quando o amor e o dever se fundem, então sim, atinge-se o estado de graça e desfruta-se de uma felicidade que ultrapassa o entendimento.

E a porta do convento fechou-se pela última vez atrás de Kitty.

Waddington subiu a encosta com Kitty e voltaram-se para trás por um momento para olhar a campa de Walter; ele despediu-se dela junto ao arco memorial e, olhando o arco pela última vez, ela sentiu que podia retribuir a enigmática ironia do seu aspecto com igual ironia, e subiu para a liteira.

Um dia sucedia ao outro. A paisagem ao longo da estrada era o pano de fundo dos seus pensamentos. Via-a, por assim dizer, em duplicado, como se num estereoscópio, e, desta feita, com significado acrescido, pois a tudo o que via somava-se a recordação do que tinha visto quando, há apenas umas escassas semanas, tinha feito a mesma viagem em sentido inverso. Os *coolies* avançavam com as suas cargas em passo desordenado, em grupos de dois ou três, e depois, cem metros mais atrás, um isolado, e a seguir mais dois ou três; os soldados da escolta arrastavam os pés numa marcha atabalhoada, fazendo quarenta quilómetros por dia; a *amah* era transportada por dois carregadores e Kitty, não por ser mais pesada, mas por uma questão de prestígio, por quatro. Ora encontravam uma fila de *coolies* arrastando-se sob pesadas cargas, ora um automóvel com um alto funcionário chinês que olhava para a mulher branca com curiosidade; aqui cruzavam-se com camponeses de fato azul desbotado e grandes chapéus a caminho do mercado, ali com uma mulher, nova ou velha, que caminhava vacilante ao ritmo dos seus pés enfaixados. Subiam e desciam pequenos outeiros cobertos de arrozais e casas rústicas aconchegadas nas matas de bambus; passavam por lugarejos e urbes populosas e muralhadas como as cidades dos missais. O sol do início do Outono era agradável e se, ao raiar do dia, quando a madrugada cintilante dava à esquadria dos campos o encanto de um conto de fadas, ainda estava frio, o calor que se seguia era bem gratificante. Kitty deixava-se inundar por ele com uma sensação de

beatitude a que não fazia qualquer esforço para resistir.

Estas cenas plenas de cor e harmonia, inesperada excelência e profunda estranheza, eram como um pano de arrás diante do qual, em formas misteriosas e sombrias, brincavam os fantasmas criados pela fantasia de Kitty. Pareciam completamente irreais. Mei-tan-fu, com as suas muralhas fortificadas, era como o cenário colocado no palco para representar uma cidade numa peça de outros tempos. As freiras, Waddington e a mulher manchu que o amava eram personagens fantásticas de uma pantomima; e o resto, as pessoas que se esgueiravam timidamente pelas calçadas tortuosas e as que morreram, eram heróis sem nome. Claro que tudo isso tinha – que todos eles tinham – alguma espécie de significado; mas qual? Era como se executassem uma dança ritual, ancestral e elaborada, sabendo nós que esses passos complicados tinham um significado que era importante conhecer; e, no entanto, não se vislumbrava qualquer pista, nenhuma pista.

A Kitty parecia-lhe incrível (vinha uma mulher a descer a calçada, vestida de azul, e o azul era como lápis-lazúli à luz do Sol; o seu rosto, com as suas mil pequenas rugas, era como uma máscara de marfim envelhecido, e a mulher apoiava-se a uma grande vara preta enquanto caminhava com os seus pés minúsculos enfaixados), que ela e Walter tivessem participado nesta dança tão estranha e irreal e, ainda por cima, desempenhado papéis de relevo. Ela podia ter perdido facilmente a vida: ele tinha. Seria uma brincadeira? Talvez tudo não passasse de um sonho do qual ela acordaria de repente com um suspiro de alívio. Tudo parecia ter acontecido há muito tempo e num lugar muito distante. Era curioso como os intervenientes desta pantomima se delineavam sombrios contra o pano de fundo ensolarado da vida real. E agora parecia-lhe uma história que ela andasse a ler; era algo surpreendente que parecesse preocupá-la tão pouco. Já tinha descoberto que não conseguia recordar com nitidez o rosto de Waddington, com o qual tanto tinha privado.

Esta noite deviam chegar à cidade nas margens do rio Oeste onde deveria apanhar o vapor. Daí a Hong-Kong era apenas uma noite de viagem.

A princípio sentira-se envergonhada por não ter chorado quando Walter morreu. Parecia-lhe de uma extrema insensibilidade. Mais ainda, porque os olhos do coronel Yü, o oficial chinês, tinham-se enchido de lágrimas. Kitty estava perplexa ante a morte do marido. Era-lhe difícil aceitar que ele não voltaria ao *bungalow* e que, quando se levantasse de manhã, não o ouviria a tomar banho na banheira Suchow. Antes estava vivo e agora estava morto. As irmãs maravilhavam-se com a sua cristã resignação e admiravam a coragem com que suportava a sua perda. Mas Waddington era perspicaz; não obstante toda a sua sentida solidariedade, ela percebia – como havia de expressá-lo? – que ele estava a ser irónico. Claro que a morte de Walter tinha sido um choque para ela. Não queria que ele morresse. Mas a verdade é que não o amava nem nunca o tinha amado; a única atitude decente era mostrar um desgosto adequado; seria feio e grosseiro deixar que alguém lhe lesse o coração; porém, tinha enfrentado demasiados revezes para fingir perante si própria. Parecia-lhe que pelo menos as últimas semanas lhe tinham ensinado que, se por vezes é preciso mentir aos outros, é sempre deplorável mentir a si própria. Tinha pena de Walter ter morrido de forma tão trágica, mas a pena que sentia era ditada por pura humanidade, a mesma que teria sentido se ele fosse apenas seu conhecido. Reconhecia que Walter tinha qualidades admiráveis; mas acontecia que não gostava dele; ele sempre a tinha entediado. Recusava-se a admitir que a sua morte fosse para ela um alívio, podia dizer com honestidade que, se uma palavra sua pudesse trazê-lo de novo à vida, ela não hesitaria, mas não podia ignorar o sentimento de que a sua morte lhe tornava de certa forma a vida um pouco mais fácil. Jamais teriam sido felizes juntos e, no entanto, separarem-se teria sido tremendamente difícil. Estava chocada consigo mesma por pensar

desta maneira; imaginava que as pessoas iriam achá-la cruel e desalmada se soubessem. Mas não ficariam a saber. Perguntava-se se todos os seus semelhantes também guardariam no coração segredos vergonhosos que passavam a vida a esconder dos olhares curiosos.

Olhava muito pouco para o futuro e não fazia planos. A única coisa que sabia era que queria ficar em Hong-Kong o mínimo de tempo possível. Antecipava já o sentimento de horror à sua chegada. O que aparentemente lhe apetecia era deambular para sempre por aquele país risonho e amistoso na sua liteira de bambu e, espectadora eterna e indiferente da fantasmagoria da vida, passar cada noite debaixo de um novo tecto. Mas claro que era preciso enfrentar o futuro imediato: ao chegar a Hong-Kong iria para o hotel, trataria de se desfazer da casa e vender a mobília; não tinha qualquer necessidade de se encontrar com Townsend. E ele teria a amabilidade de se manter afastado do seu caminho. Gostaria, apesar de tudo, de o ver mais uma vez para lhe dizer como o achava desprezível.

Mas o que interessava Charles Townsend?

Como uma melodia magnífica, saída de uma harpa que vibrava em exultantes arpejos através das complicadas harmonias de uma sinfonia, um pensamento vibrava-lhe insistentemente no coração. E era este pensamento que dava aos arrozais a sua beleza exótica, que trouxe um sorriso aos seus lábios pálidos quando um rapaz de rosto macio passou por ela a correr a caminho da cidade com exultação na postura e audácia no olhar, e que conferia a magia de uma vida tumultuosa às cidades por onde passava. A cidade empestada era uma prisão de onde tinha fugido, e até lá chegar nunca tinha percebido quão admirável era o azul do céu nem como eram alegres as moitas de bambus que se inclinavam com tanta graça e encanto sobre a calçada. Libertação! Era esse o pensamento que lhe bailava no coração, de tal maneira que, mesmo que o futuro fosse sombrio, ele se afigurava agora iridescente como a névoa sobre o rio banhada pelos matutinos raios de sol. Libertação! Não só libertação de um vínculo que a incomodava e de uma companhia que a deprimia; libertação, não só da morte que a tinha ameaçado, mas libertação do amor que a tinha degradado; libertação de todas as peias espirituais, a libertação de um espírito desencarnado; e, com esta libertação, a coragem e uma destemida despreocupação pelo que estava para vir.

Quando o barco atracou em Hong-Kong, Kitty, que tinha ido para o convés para ver o alegre tráfego do rio, sempre tão colorido e movimentado, voltou ao camarote para verificar se a *amah* não se tinha esquecido de nada e aproveitou para se ver ao espelho. Estava vestida de preto – as freiras tinham tingido um vestido para ela usar – mas não era um vestido de luto e ocorreu-lhe que a primeira coisa a fazer era tratar disso. O traje de luto seria o disfarce perfeito para os seus inesperados sentimentos. Alguém bateu à porta do camarote. A *amah* foi abrir.

– Mrs. Fane.

Kitty virou-se e viu um rosto que nos primeiros momentos não reconheceu. Nisto, o seu coração disparou sobressaltado e ela ruborizou-se. Era Dorothy Townsend. Kitty esperava tão pouco vê-la ali que não sabia o que fazer ou dizer. Mas Mrs. Townsend entrou no camarote e, num gesto impulsivo, abraçou-se a Kitty.

– Oh, minha querida, minha querida, estou com tanta pena de si.

Kitty deixou que ela a beijasse. Estava algo surpreendida com tanta efusividade numa mulher que sempre tinha considerado fria e distante.

– É muito amável da sua parte – murmurou Kitty.

– Venha para o convés. A *amah* trata das suas coisas e eu trouxe os meus criados.

Pegou na mão de Kitty que, deixando-se conduzir, reparou que o seu rosto bondoso e marcado pelos elementos exibía uma expressão de real preocupação.

– O seu barco chegou antes da hora, eu quase não chegava a tempo – disse Mrs. Townsend. – Ia custar-me muito não a ter encontrado.

– Mas não veio por minha causa? – exclamou Kitty.

- Claro que vim.
- Mas como soube que eu ia chegar?
- Mr. Waddington mandou-me um telegrama.

Kitty virou-se para o outro lado. Sentia um nó na garganta. Era estranho como este gesto simpático e inesperado podia afectá-la tanto. Não queria chorar e só desejava que Dorothy Townsend se fosse embora. Mas Dorothy pegou-lhe na mão que pendia ao lado do corpo e apertou-a. Era constrangedor para Kitty que esta mulher tão tímida fosse tão efusiva.

– Quero que me faça um grande favor. O Charlie e eu queremos que venha para nossa casa enquanto estiver em Hong-Kong.

Kitty retirou a mão bruscamente.

– É muitíssima amabilidade da vossa parte. Mas não posso aceitar.

– Tem de aceitar. Não pode ficar sozinha na sua casa. Seria terrível para si. E eu já preparei tudo. Vai ter a sua salinha de estar privativa. Se desejar, pode fazer lá as refeições caso prefira não as fazer connosco. Os dois queremos muito que venha.

– Eu não estava a pensar voltar para minha casa. Ia alugar um quarto no Hotel Hong-Kong. Não posso de maneira nenhuma dar-lhes essa maçada.

O convite tinha-a apanhado de surpresa. Estava confusa e contrariada. Se Charlie tivesse um resquício de decência jamais teria permitido que a mulher a convidasse. Kitty não queria ficar a dever esse favor a nenhum deles.

– Ah, mas eu não ia suportar a ideia de a ver a morar num hotel. Além disso, nas actuais circunstâncias ia destestar estar no Hotel Hong-Kong, com toda aquela gente à sua volta e a banda a tocar *jazz* a toda hora. Por favor, diga que vem para nossa casa. Prometo-lhe que o Charlie e eu não vamos incomodá-la.

– Não sei porque é tão amável comigo. – Kitty estava a esgotar as desculpas, mas não era capaz de dizer um rotundo e definitivo não. – Receio não ser neste momento muito boa companhia para estranhos.

– Mas então nós somos estranhos? Ai, eu queria tanto não ser, queria tanto que me deixasse ser sua amiga. – Dorothy entrelaçou as mãos, e a voz, a sua voz distinta, fria e deliberada, soou trémula e lacrimosa. – Quero tanto que venha. Veja bem, eu devo-lhe uma reparação.

Kitty não entendeu. Não sabia que reparação a mulher de Charlie lhe poderia dever.

– Receio não ter gostado muito de si a princípio. Achei-a demasiado desenvolta. Repare, eu sou antiquada e provavelmente intolerante.

Kitty olhou-a de relance. O que ela queria dizer era que a princípio tinha achado Kitty um tanto grosseira. Embora Kitty não deixasse transparecer no rosto o mais pequeno indício, por dentro ria a bom rir. Bem se ralava com o que as pessoas pensassem dela agora!

– E quando ouvi dizer que tinha ido com o seu marido para aquele antro de morte sem hesitar um momento que fosse, senti-me tão indigna, tão humilhada. Foi tão admirável, foi tão corajosa que nos faz parecer a todas tremendamente reles e de segunda classe. – As lágrimas corriam agora pelo seu rosto bondoso e afável. – Não tenho palavras para lhe dizer o quanto a admiro e a respeito. Sei que nada posso fazer para minorar a sua terrível perda, mas quero que saiba quão profundamente, quão sinceramente a lamento. E se ao menos me deixasse fazer alguma coisa por si, por pouco que fosse, seria um privilégio. Não guarde ressentimentos por tê-la julgado mal. A Kitty é uma heroína e eu não passo de uma tonta de uma mulherzinha.

Kitty olhou para o chão do convés. Estava muito pálida. Só queria que Dorothy não exteriorizasse as emoções de forma tão descontrolada. Estava sensibilizada, era verdade, mas não podia deixar de ver com alguma impaciência como esta criatura simplória acreditava em tais patranhas.

– Se fica realmente feliz por me levar para sua casa, claro que fico muito contente por ir – disse Kitty com um suspiro.

Os Townsends viviam na parte mais alta da cidade, numa casa com ampla vista sobre o mar. Por norma, Charlie não ia almoçar a casa, mas, no dia em que Kitty chegou, Dorothy (elas agora já se tratavam pelos nomes) disse-lhe que, se ela se sentisse com disposição para o ver, ele gostaria de vir a casa dar-lhe as boas-vindas. Kitty pensou que, uma vez que ia ter de o encontrar, mais valia que fosse logo, e aguardou com obscuro deleite o constrangimento que a sua presença lhe deveria causar. Era evidente que o convite tinha sido ideia de Dorothy e que ele tinha concordado imediatamente não obstante os sentimentos que nutrisse por ela. Kitty sabia como era grande o seu desejo de tomar sempre a atitude mais correcta e oferecer-lhe gentilmente hospitalidade era-o sem dúvida. No entanto, ele não podia deixar de se lembrar da última conversa entre ambos sem sentir vergonha: para um homem vaidoso como Townsend essa conversa devia continuar a mortificá-lo como uma úlcera que teima em não sarar. Ela só desejava tê-lo magoado tanto como ele a tinha magoado a ela. Agora devia odiá-la. Ela estava contente por constatar que não o odiava, mas que apenas o desprezava. Foi com irónica satisfação que chegou à conclusão de que, fossem quais fossem os seus sentimentos por ela, seria obrigado a tratá-la com toda a deferência. Quando ela saiu do gabinete dele naquela tarde distante, ele devia ter desejado de todo o coração nunca mais voltar a pôr-lhe os olhos em cima.

E agora ali estava ela com Dorothy à espera que ele chegasse. Kitty tinha consciência do prazer que lhe dava o luxo discreto da sala de estar. Estava sentada numa poltrona, havia graciosos ramos de flores espalhados por aqui e por ali e bonitas fotografias penduradas nas paredes; a sala, fresca e protegida do sol, era amistosa e acolhedora. Ela lembrou-se com um ténue

estremecimento da sala nua e vazia do *bungalow* do missionário, das cadeiras de bambu e da mesa da cozinha com a toalha de chita, das prateleiras manchadas repletas de todas aquelas edições baratas de romances e das cortinas vermelhas demasiado curtas e cobertas de pó. Ah, como era desconfortável! Imaginava que Dorothy nunca tinha pensado nisso.

Ouviram chegar um carro e Charlie entrou na sala.

– Estou atrasado? Espero não as ter feito esperar. Tive de ir falar com o governador e simplesmente não tive como escapar.

Dirigiu-se a Kitty e segurou-lhe ambas as mãos.

– Estou tão, tão contente por ter vindo para cá. Sei que a Dorothy já lhe disse que queremos que fique connosco o tempo que quiser e que queremos que considere a nossa casa como sua casa. Mas quero ser eu a dizer-lho também. Se houver alguma coisa que eu possa fazer por si, seja o que for, fá-la-ei com todo o prazer. – Os seus olhos expressavam a mais encantadora sinceridade e ela perguntava-se se ele veria a ironia nos dela. – Não tenho jeito nenhum para dizer certas coisas e não quero parecer um idiota desajeitado, mas quero que saiba o quanto sinto a morte do seu marido. Ele era um tipo fantástico e todos sentiremos a falta dele mais do que consigo expressar por palavras.

– Pronto, Charlie – disse a mulher. – Tenho a certeza de que a Kitty compreende... Aí vêm os aperitivos.

De acordo com a faustosa tradição dos estrangeiros residentes na China, dois criados fardados a rigor entraram na sala trazendo bebidas e acespipes. Kitty recusou.

– Ah, não, tem de tomar uma bebida – insistiu Townsend no seu estilo alegre e cordial. – Vai fazer-lhe bem e tenho a certeza de que não bebeu nenhum *cocktail* desde que saiu de Hong-Kong. A menos que eu esteja redondamente enganado, não se consegue arranjar gelo em Mei-tan-fu.

– Não, não está enganado – disse Kitty.

Por um momento surgiu-lhe na mente a imagem do pedinte de grenha hirsuta e andrajos azuis que deixavam transparecer o corpo descarnado que jazia morto rente ao muro do complexo residencial.

Foram almoçar. Charlie, sentado à cabeceira da mesa, monopolizou facilmente a conversa. Depois daquelas primeiras palavras de condolências tratava Kitty, não como se ela tivesse acabado de passar por uma experiência devastadora, mas como se tivesse chegado de Xangai para uma mudança de ares após uma operação ao apêndice. Ela precisava de quem a animasse e ele estava ali para a animar. A melhor maneira de a fazer sentir-se em casa era tratá-la como se fosse da família. Mas ele era um homem cauteloso e começou por falar do encontro da corrida do Outono, de pólo – que diabo, ia ter de deixar de jogar pólo se não conseguisse perder peso – e de uma conversa que tinha tido essa manhã com o governador. Falou de uma festa a que tinham ido no navio almirante, da situação em Cantão e das ligações que tinham em Lushan. Em poucos minutos Kitty tinha a sensação de que bem poderia não ter estado ausente mais do que um fim-de-semana. Era inacreditável que lá no Norte, apenas a novecentos quilómetros (a distância de Londres a Edimburgo, não era?), homens, mulheres e crianças tivessem morrido como moscas. Em breve deu por si a perguntar por sicrano que tinha partido a clavícula a jogar pólo, se fulana já tinha voltado para casa e se beltrana ia participar no torneio de ténis. Charlie ia dizendo os seus gracejos habituais e ela ia sorrindo. Dorothy, com o seu vago ar de superioridade (que agora incluía Kitty, já não sendo por isso levemente ofensivo, mas antes um elo de união) mostrava-se delicada, mas irónica acerca de várias pessoas da colónia. Kitty começou a ficar mais animada.

– Veja, ela já está com melhor aspecto – disse Charlie para a mulher. – Estava tão pálida antes do almoço que até me assustou; mas agora já está a ficar mais coradinha.

Porém, apesar de participar da conversa, se não com alegria (pois sentia

que nem Dorothy nem Charlie, com o seu admirável sentido do decoro, iriam aprovar) pelo menos com boa disposição, Kitty observava o seu anfitrião. Durante todas aquelas semanas em que a sua fantasia de vingança tinha sido preenchida por Charlie, tinha construído dele uma imagem mental muito nítida. O cabelo espesso e encaracolado estava demasiado comprido, demasiado escovado e com brilhantina a mais para disfarçar o facto de estar a ficar grisalho; o rosto estava demasiado vermelho, com uma rede de veias rosadas nas faces; e o queixo demasiado volumoso: quando não mantinha a cabeça bem levantada para o esconder, via-se que tinha duplo queixo; e havia nas suas sobrancelhas espessas e grisalhas algo de simiesco que a incomodava vagamente. Os movimentos eram pesados e nem o cuidado que tinha com a dieta nem o exercício que fazia conseguiam impedi-lo de ser gordo; os ossos estavam excessivamente recobertos de carne e as articulações apresentavam a rigidez típica da meia-idade. As roupas, sempre elegantes, ficavam-lhe ligeiramente apertadas e eram demasiado jovens para ele.

Mas quando ele entrou na sala de estar antes do almoço, Kitty recebeu um grande choque (talvez por isso a sua palidez fosse tão acentuada) ao descobrir que a imaginação lhe tinha pregado a partida: ele não correspondia minimamente à imagem que ela havia construído, e Kitty quase riu de si própria. O cabelo não estava nada grisalho, ou melhor, tinha alguns cabelos brancos nas têmporas, mas só lhe ficavam bem; e o rosto não estava vermelho, mas bronzeado; a cabeça e o pescoço estavam em perfeita harmonia; não estava gordo e não estava velho: na verdade quase se podia dizer que estava magro e tinha uma excelente figura – quem poderia criticá-lo por ter uma ponta de vaidade? Parecia um jovem. E claro que sabia escolher a roupa que vestia; era absurdo negá-lo: a aparência era perfeita, irrepreensível, impecável. O que é que lhe teria passado pela cabeça para o imaginar assim ou assado? Era um homem muito bonito. Era uma sorte para ela saber que ele não valia nada. Claro que ela sempre tinha considerado a voz dele sedutora e a voz dele era exactamente como ela a recordava, o que tornava a falsidade de cada palavra que ele dizia ainda mais exasperante; o seu tom aveludado e cálido soava-lhe agora aos ouvidos com insinceridade e ela perguntava-se como tinha podido deixar-se enganar por ele. Os olhos eram lindos: era aí que residia todo o seu charme; possuíam um brilho tão azul e tão suave e, mesmo quando ele estava a dizer disparates, uma expressão tão deliciosa que era quase impossível ficar-lhes indiferente.

Finalmente o café foi servido. Charlie acendeu o seu charuto. Olhou para o relógio e levantou-se da mesa.

– Bem, vou ter de deixar as meninas entregues aos seus passatempos. Está na hora de voltar ao trabalho. – Fez uma pausa e, depois, pousando em Kitty os seus olhos fascinantes, disse-lhe – Não vou maçar-la durante um ou dois dias até estar recomposta, mas depois temos de falar de negócios.

– Comigo?

– Temos de resolver o problema da sua casa, não é, e há também a mobília.

– Ah, mas eu posso ir falar com um advogado. Não há razão para o incomodar com essas coisas.

– Nem lhe passe pela cabeça que a vou deixar gastar o seu dinheiro com toda essa papelada legal. Eu trato de tudo. Sabe que tem direito a uma pensão: vou falar com Sua Excelência para ver se mexendo os cordelinhos certos conseguimos arranjar-lhe mais alguma coisa. Pode confiar em mim. Mas para já não pense em nada. Tudo o que queremos que faça neste momento é que recupere e fique em forma: não é assim, Dorothy?

– Exactamente.

Despediu-se de Kitty com um leve aceno e ao passar pela cadeira da mulher pegou-lhe na mão e beijou-a. A maior parte dos ingleses ficam um pouco ridículos quando beijam a mão de uma senhora, mas ele fê-lo com gracioso à-vontade.

Só depois de já estar completamente instalada em casa dos Townsends é que Kitty descobriu que estava esgotada. O conforto e a desusada amenidade desta nova vida quebraram a tensão em que tinha vivido. Tinha-se esquecido de quão prazeroso era relaxar, quão repousante estar rodeada de coisas bonitas e quão agradável ser cumulada de atenções. Por isso, refastelou-se com um suspiro de alívio na vida confortável do faustoso Oriente. Não era de todo desagradável sentir que, de forma discreta e educada, era objecto de consternado interesse. O seu luto era tão recente que não lhe podiam proporcionar qualquer tipo de divertimento, mas as senhoras mais importantes da colónia (a mulher de Sua Excelência e as mulheres do almirante e do juiz do Supremo) vinham tomar com ela uma discreta chávena de chá. A mulher de Sua Excelência disse que Sua Excelência estava ansioso por vê-la e seria muito agradável se ela aceitasse ir almoçar muito discretamente ao Palácio do Governo («não é uma festa, claro, só nós e os ajudantes-de-campo!»). Estas senhoras tratavam Kitty como se ela fosse uma peça de porcelana tão frágil quanto preciosa. E ela não podia deixar de perceber que a consideravam uma pequena heroína, e tinha o humor suficiente para desempenhar esse papel com modéstia e discrição. Por vezes desejava que Waddington ali estivesse; com a sua maliciosa perspicácia teria captado toda a ironia da situação e, quando estivessem sozinhos, poderiam ter dado juntos uma boa gargalhada. Dorothy tinha recebido uma carta dele onde eram tecidos os maiores elogios ao trabalho e à dedicação de Kitty no convento, à sua coragem e autodomínio. Claro que ele estava habilmente a brincar com eles, o mariola.

Kitty não sabia se era por acaso ou por desígnio que nunca ficava nem um momento a sós com Charlie. O seu tacto era inexcedível. Ele continuava a mostrar-se prestável, solidário, amável e bem-intencionado. Ninguém teria podido imaginar que eles tinham sido um dia mais do que meros conhecidos. Uma tarde, porém, quando ela estava a ler deitada no sofá junto à janela do quarto, ele passou na varanda e parou.

– O que está ler? – perguntou.

– Um livro.

Ela olhou-o com ironia. Ele sorriu.

– A Dorothy foi a uma festa no Palácio do Governo.

– Eu sei. Porque não foi também?

– Achei que não ia suportar uma coisa daquelas e preferi vir para casa fazer-lhe companhia. Tenho o carro lá fora, quer vir dar uma volta pela ilha?

– Não, obrigada.

Ele sentou-se no chão ao lado do sofá onde ela estava deitada.

– Ainda não tivemos oportunidade de conversar a sós desde que chegou.

Ela olhou-o nos olhos com sobranceira insolência.

– Pensa que temos alguma coisa a dizer um ao outro?

– Montes.

Ela desviou os pés alguns centímetros para não lhe tocar.

– Ainda está zangada comigo? – perguntou ele, com a sombra de um sorriso e um olhar derretido.

– Nem um pouco – disse ela a rir.

– Não creio que se risse se não estivesse.

– Engana-se; desprezo-o de mais para estar zangada consigo.

Ele ficou impassível.

– Penso que está a ser demasiado cruel. Olhando agora para trás com toda a calma, não acha honestamente que eu tinha razão?

– Do seu ponto de vista.

– Agora, que conhece a Dorothy, há-de reconhecer que ela é muito simpática.

– Claro que sim, e ficar-lhe-ei eternamente grata pela sua imensa generosidade para comigo.

– Em mil há uma como ela. Eu jamais teria tido um momento de paz se tivéssemos fugido. Teria sido uma partida vergonhosa que lhe pregávamos. E no fundo eu tinha de pensar nos meus filhos; para eles teria sido um problema terrível.

Ela envolveu-o por um minuto num olhar reflexivo. Sentia-se completamente senhora da situação.

– Tenho-o observado com muita atenção durante esta semana que aqui passei e cheguei à conclusão de que você gosta realmente da Dorothy. Nunca o teria imaginado capaz disso.

– Eu disse-lhe que gostava dela e que não faria nada que pudesse causar-lhe um momento de intranquilidade. Ela é a melhor esposa que algum homem pode ter.

– E não lhe passou pela cabeça que lhe devia lealdade?

– O que os olhos não vêem o coração não sente – disse ele com um sorriso.

Ela encolheu os ombros.

– Você é desprezível.

– Sou apenas humano. Não sei porque me acha tão abominável por me ter apaixonado loucamente por si. Não que eu estivesse particularmente interessado, sabe.

Ela sentiu um aperto no coração ao ouvi-lo dizer isto.

– Eu era presa fácil – respondeu ela em tom amargo.

– Naturalmente eu não podia prever que nos íamos meter naquela embrulhada dos diabos.

– Em todo o caso você tinha plena consciência de que se alguém sofresse não seria você.

– Isso parece-me um tanto simplista. Afinal, agora que tudo acabou, certamente percebe que agi no melhor interesse de ambos. Você perdeu a cabeça, mas devia era estar muito contente por eu ter conservado a minha fria. Pensa que teria dado bom resultado se eu tivesse feito o que você

queria? Se brincar com o fogo já doeu tanto, teria sido mil vezes pior atirarmo-nos para a fogueira. E você saiu incólume. Porque não podemos dar um beijo e fazer as pazes?

Ela quase deu uma gargalhada.

– Não espera decerto que me esqueça que me mandou para uma morte quase certa sem um pingote de remorso?

– Mas que disparate! Eu disse-lhe que não corria qualquer risco se tomasse as devidas precauções. Acha que alguma vez a deixaria ir se não estivesse perfeitamente convencido do que dizia?

– Estava convencido porque queria estar. Você é um desses cobardes que só pensam o que lhes é mais conveniente pensar.

– Bem, não há como ver para acreditar. Você voltou e, se me permite o atrevimento, voltou mais bela do que nunca.

– E o Walter?

Ele não conseguiu resistir à resposta jocosa que lhe ocorreu e disse, sorrindo:

– Nada lhe assenta tão bem como o preto.

Ela fitou-o por um momento. Os olhos rasaram-se de lágrimas e começou a chorar. O seu rosto belíssimo estava desfigurado com a dor, mas não tentou disfarçar e deixou-se ficar prostrada, deitada de costas com as mãos caídas ao lado do corpo.

– Por amor de Deus, não fique a chorar dessa maneira. Não tive a intenção de a magoar. Foi apenas uma brincadeira. Sabe bem o quanto lamento a sua perda.

– Ora, tenha tento nessa língua estúpida.

– Eu daria qualquer coisa para ver o Walter vivo outra vez.

– Ele morreu por sua e minha causa.

Ele pegou-lhe na mão, mas ela retirou-a bruscamente.

– Saia daqui, por favor – disse Kitty entre soluços. – É a única coisa que pode fazer por mim agora. Odeio-o e desprezo-o. O Walter valia dez vezes mais do que você e eu, estúpida, não percebi. Saia daqui. Saia daqui.

Ela percebeu que ele se preparava para dizer mais qualquer coisa e, então, pôs-se de pé num salto e voltou para o quarto. Ele foi atrás dela e, ao entrar, baixou a persiana com instintiva prudência, mergulhando-os quase na escuridão.

– Não posso deixá-la assim – disse ele, estreitando-a num abraço. – Sabe bem que não tive a intenção de a magoar.

– Não me toque. Por amor de Deus. Vá-se embora.

Ela tentou libertar-se, mas ele não deixou. Ela chorava agora histericamente.

– Minha querida, não sabe que sempre a amei – disse ele na sua voz grave e sedutora. – Amo-a mais do que nunca.

– Como pode dizer tamanha mentira? Deixe-me. Deixe-me, maldito.

– Não me trate mal, Kitty. Eu sei que fui um canalha, mas perdoe-me.

Ela tremia e soluçava, debatendo-se para se libertar, mas a pressão dos braços dele era estranhamente reconfortante. Ansiava há tanto tempo por senti-los a apertá-la mais uma vez, só mais uma, que todo o seu corpo estremecia. Sentia-se aterrorantemente fraca. Era como se os ossos estivessem prestes a derreter-se e a pena que sentia de Walter se transformasse em pena por si própria.

– Ah, como pôde ser tão cruel comigo? – disse ela num soluço.

– Não sabia que eu o amava com todo o meu coração? Nunca ninguém o amou como eu o amei.

– Minha querida.

Ele começou a beijá-la.

– Não, não – gritou ela.

Ele procurou-lhe o rosto, mas ela desviou-o; ele procurou-lhe os lábios; ela não sabia o que ele estava dizer, palavras de amor entrecortadas, apaixonadas; e os braços dele apertavam-na com tanta força que ela se sentia como uma criança perdida que agora se via finalmente de volta a casa sã e salva. Ela gemia baixinho. Tinha os olhos fechados e o rosto molhado de lágrimas. E, então, ele encontrou os lábios dela e a pressão exercida pelos dele consumiu-a como o fogo de Deus. Foi o êxtase e ela ardeu em cinzas e resplandeceu como se transfigurada. Nos seus sonhos, nos seus sonhos ela tinha experimentado este arrebatamento. O que estava ele a fazer com ela agora? Não sabia. Ela já não era uma mulher, a sua personalidade tinha-se dissolvido, ela era apenas desejo. Ele levantou-a no ar e ela sentiu-se muito leve nos seus braços; ele levou-a ao colo e ela agarrou-se a ele com força, desesperada, em adoração; a cabeça afundou-se-lhe na almofada e os lábios dele colaram-se aos seus.

Ela sentou-se na beira da cama com o rosto escondido entre as mãos.

– Quer um pouco de água?

Ela abanou a cabeça. Ele dirigiu-se ao lavatório, encheu o copo dos dentes e trouxe-lho.

– Vamos, beba um bocadinho e vai sentir-se melhor.

Ele aproximou o copo dos lábios dela e ela bebeu um pequeno gole. Depois fitou-o com olhos horrorizados. Ele estava de pé diante dela, a olhá-la lá de cima, e nos seus olhos bailavam lampejos de regozijo.

– Então, continua a achar que sou um canalha? – perguntou ele.

Ela baixou os olhos.

– Continuo. Mas sei que não sou nem um pouco melhor do que você. Ah, estou tão envergonhada.

– Bem, acho que está a ser muito ingrata.

– E agora quer fazer o favor de se ir embora?

– Para dizer a verdade, penso que está mesmo na hora. Vou só arranjar-me rapidamente antes de a Dorothy chegar – disse ele, saindo do quarto com passo desenvolto.

Kitty ficou sentada por mais algum tempo, ainda na beira da cama, curvada sobre si mesma como uma idiota. Tinha a cabeça vazia. Uma tremura percorreu-a. Levantou-se cambaleante e, dirigindo-se ao toucador, deixou-se cair na cadeira. Mirou-se no espelho. Tinha os olhos inchados de chorar, o rosto manchado e um vermelhão numa das faces, onde o rosto dele tinha repousado. Olhou para si mesma com horror. O rosto era o mesmo. Tinha esperado ver nele não sabia que mudança operada pela degradação.

– Sua porca – atirou de chofre ao próprio reflexo. – Sua porca.

Depois, deixando cair a cabeça entre os braços, chorou amargamente. Que vergonha, que vergonha! Não sabia o que lhe tinha passado pela cabeça. Era horrível. Odiava-o e odiava-se. Mas tinha sido o êxtase. Ah, como tudo aquilo era detestável! Nunca mais poderia encará-lo de frente. Ele tinha toda a razão. Tinha feito muito bem em não casar com ela, pois ela não valia nada; não era melhor do que uma prostituta. Ah, era pior, pois essas desgraçadas davam-se para ganhar a vida. E ainda por cima nesta casa onde Dorothy a tinha acolhido no auge do desgosto e da mais cruel desolação! Os ombros abanavam com os soluços. Agora estava tudo perdido. Tinha julgado que estava mudada, tinha-se julgado muito forte, tinha julgado que regressava a Hong-Kong como uma mulher com perfeito autodomínio; trazia o coração palpitante de novas ideias que esvoaçavam à sua volta como pequenas borboletas amarelas à luz do sol e tinha voltado esperançada de ser muito melhor pessoa no futuro; a liberdade, como um espírito de luz, tinha-a incentivado a continuar, e o mundo era como uma vasta planície através da qual podia passear com passo leve e cabeça erguida. Tinha-se julgado livre da luxúria e das vis paixões, livre para viver a vida limpa e saudável do espírito; tinha-se comparado às garças brancas que, ao entardecer, voam paulatinamente sobre os arrozais como pensamentos a pairar numa mente em paz consigo mesma; e, afinal, era uma escrava. Fraca, fraquíssima! Não havia nada a fazer, não valia sequer a pena tentar, era uma devassa.

Não quis fazer-lhes companhia ao jantar. Mandou o criado dizer a Dorothy que estava com uma enxaqueca e preferia ficar no quarto. Dorothy entrou e, ao ver os seus olhos vermelhos e inchados, conversou um pouco com ela de trivialidades com a sua habitual doçura e comiseração. Kitty sabia que Dorothy pensava que tinha estado a chorar por causa de Walter e, como esposa boa e amantíssima que era, entendia e respeitava essa mágoa tão natural.

– Sei que é muito difícil, minha querida – disse ela ao deixar Kitty sozinha. – Mas tem de ter coragem. Tenho a certeza de que o seu querido marido não ia querer que sofresse tanto por ele.

N a manhã seguinte Kitty levantou-se muito cedo e, depois de deixar um bilhete a Dorothy a dizer que tinha saído para ir tratar de uns assuntos, apanhou um eléctrico para a zona baixa da cidade. Atravessou as ruas apinhadas de carros, riquexós e liteiras, e da multidão variegada de europeus e chineses até aos escritórios da companhia de navegação. O primeiro barco partia daí a dois dias, e ela estava decidida a seguir nele a qualquer preço. Quando o funcionário lhe disse que os beliches já estavam todos reservados, ela pediu para falar com o director. Disse o nome e o director, que ela já tinha conhecido antes, veio cumprimentá-la e recebeu-a no gabinete. Sabia em que condições ela se encontrava e, quando ela lhe disse o que pretendia, mandou buscar a lista de passageiros; mas ficou perplexo a olhar para ela.

– Suplico-lhe que faça o que puder por mim – instou-o ela.

– Penso que não há ninguém na colónia que não fosse capaz de fazer os possíveis e os impossíveis por si, Mrs. Fane – respondeu ele.

Chamou um funcionário e fez-lhe algumas perguntas. Depois disse com um aceno:

– Vou transferir uma ou duas pessoas. Sei que quer chegar a casa o mais depressa possível e penso que devemos fazer por si tudo o que pudermos. Posso dar-lhe um pequeno camarote só para si. Creio que preferirá.

Ela agradeceu-lhe e veio-se embora com uma alma nova. Fugir era o seu único pensamento. Fugir! Enviou um cabograma ao pai a avisá-lo do regresso imediato – já lhe tinha enviado um outro cabograma a dizer que Walter tinha morrido – e voltou para casa dos Townsends para contar a Dorothy o que tinha feito.

– Vamos ter imensa pena de a perder – disse a bondosa criatura. – Mas

claro que compreendo que queira estar com a sua mãe e o seu pai.

Desde o regresso a Hong-Kong Kitty tinha passado os dias a hesitar voltar a casa. HorrORIZAVA-a a ideia de entrar e de se encontrar frente a frente com as recordações que a povoavam. Mas agora não tinha alternativa. Townsend tinha tratado da venda da mobília e encontrado alguém ansioso por ficar com o arrendamento, mas ainda lá estavam todas as suas roupas e as de Walter, pois não tinham levado quase nada para Meitan-fu, além de livros, fotografias e outros objectos pessoais. Kitty, indiferente a tudo e ansiosa por cortar completamente com o passado, percebeu que seria um escândalo na colónia se deixasse essas coisas irem a leilão com as restantes. Tinham de ser embaladas e enviadas para Inglaterra. Assim, depois do almoço preparou-se para ir a casa. Dorothy, ansiosa para lhe dar uma ajuda, ofereceu-se para a acompanhar, mas Kitty pediu-lhe que a deixasse ir sozinha. Aceitou, no entanto, que dois dos criados de Dorothy fossem ajudá-la a embalar as coisas.

A casa tinha ficado entregue aos cuidados do chefe dos criados que veio abrir a porta a Kitty. Era curioso entrar na sua própria casa como se fosse uma estranha. A casa estava limpa e arrumada, com tudo no seu lugar pronto para ser usado por ela; mas, embora o dia estivesse quente e soalheiro, nos quartos silenciosos o ambiente era gélido e desolado. Os móveis estavam colocados a rigor, exactamente onde deviam estar, e as jarras que deveriam conter flores também estavam nos seus lugares; e o livro que Kitty tinha pousado virado para baixo já não se lembrava quando continuava virado para baixo. Era como se a casa tivesse ficado vazia apenas há um minuto e, no entanto, esse minuto representasse uma eternidade; de tal maneira que era impossível imaginar que aquela casa voltasse alguma vez a ressoar com o eco de conversas e risadas. No piano, a partitura aberta de um *foxtrot* parecia aguardar que a tocassem, mas tinha-se a sensação de que, tocando nas teclas, nenhum som se ouviria. O quarto de Walter mantinha-se tão arrumado como quando ele lá estava. Em cima da cómoda estavam duas grandes fotografias de Kitty, uma com o vestido de debutante e outra vestida de noiva.

Os criados foram buscar os baús à arrecadação e ela ficou a vê-los emalar as coisas. Arrumaram tudo depressa e bem. Kitty calculou que nos dois dias que lhe restavam seria fácil ter tudo pronto. Não podia dar-se tempo para pensar; não tinha tempo para isso. Subitamente ouviu passos atrás de si e, virando-se, viu Charles Townsend. Um calafrio tocou-lhe o coração.

– O que quer? – disse ela.

- Não quer vir até à saleta? Tenho uma coisa para lhe dizer.
- Estou muito ocupada.
- São só cinco minutos.

Ela não disse mais nada, mas, dizendo aos criados para continuarem com o que estavam a fazer, entrou à frente de Charles na sala contígua. Não se sentou, para lhe mostrar que esperava que ele não a retivesse por muito tempo. Sabia que estava muito pálida e sentia o coração bater muito depressa, mas olhou-o friamente com olhos hostis.

- O que é que quer?

– Acabei de saber pela Dorothy que parte depois de amanhã. Ela disse-me que tinha vindo aqui para emalar as coisas e pediu-me que lhe telefonasse para saber se havia alguma coisa em que eu pudesse ajudá-la.

- Estou-lhe muito grata, mas dou muito bem conta do recado sozinha.

– Foi o que eu pensei. Mas não vim cá para lhe perguntar isso. Vim para lhe perguntar se a sua súbita partida se deve ao que aconteceu ontem.

– Você e a Dorothy têm sido muito bons para mim. Não quis que pensassem que estava a abusar da vossa generosidade.

- Isso não é uma resposta franca.

- E o que é que isso lhe interessa?

– Interessa-me, e muito. Não queria ficar a pensar que foi alguma coisa que eu fiz que a levou a partir.

Ela estava de pé ao lado da mesa. Baixou os olhos. Os seus olhos pousaram no *Sketch*. Já era de há vários meses. Era o jornal para que Walter tinha olhado fixamente durante toda aquela terrível noite, quando... e agora Walter estava... Kitty ergueu os olhos.

– Sinto-me absolutamente degradada. Você não pode de maneira nenhuma desprezar-me mais do que eu me desprezo a mim própria.

– Mas eu não a desprezo. Cada palavra que ontem lhe disse era verdade. Para que serve fugir desta maneira? Não sei porque não podemos ser bons amigos. Detesto a ideia de você pensar que abusei de si.

- Porque não me deixou em paz?

– Afinal eu não sou de pau nem de pedra. É tão pouco racional, a maneira como você analisa as coisas; e tão mórbida. Pensei que a partir de ontem me ia tratar com mais apreço. Ao fim e ao cabo, somos apenas humanos.

– Eu não me sinto humana. Sinto-me um animal. Um porco, um coelho ou um cão. Ah, não estou a recriminá-lo, eu portei-me tão mal como você. Cedi às suas investidas porque o queria a si. Mas aquela não era a

verdadeira Kitty. Eu não sou aquela mulher detestável, animalesca, devassa. Essa, renego-a. Não fui eu que me deitei naquela cama a arfar por si, quando o meu marido ainda não tinha arrefecido na cama e depois de a sua mulher ter sido tão generosa para comigo, tão indescritivelmente generosa. Foi o animal que existe dentro de mim, negro e temível como um espírito maligno, e esse, eu renego-o, odeio-o e desprezo-o. E desde essa altura, quando penso nisso, revolvem-se-me as entranhas e sinto vontade de vomitar.

Ele franziu ligeiramente o sobrolho e deixou escapar uma risadinha curta e contrafeita.

– Bem, eu tenho uma mentalidade bastante aberta, mas você às vezes diz coisas que me deixam positivamente chocado.

– Eu deveria lamentar que assim seja. E agora é melhor ir-se embora. Você é um homenzinho insignificante de mais e eu sou uma idiota por falar consigo a sério.

Ele ficou calado durante algum tempo e ela percebeu pela sombra nos olhos azuis que ele estava zangado. Daria um suspiro de alívio quando, diplomático e cortês como sempre, ele fosse finalmente despedir-se dela. Divertia-a pensar na delicadeza com que, enquanto se despediam com um aperto de mão e ele lhe desejava uma ótima viagem, ela lhe agradeceria pela hospitalidade. Mas de repente viu a expressão dele mudar.

– A Dorothy disse-me que vai ter um bebé.

Ela sentiu-se ruborizar, mas não se permitiu o mínimo gesto.

– Pois vou.

– E, por acaso, sou eu o pai?

– Não, não. É filho do Walter.

Ela disse-o com uma ênfase que não conseguiu evitar, mas mesmo enquanto o dizia sabia que aquele não era um tom que transmitisse convicção.

– Tem a certeza? – Ele sorria agora com desfaçatez. – Afinal, esteve casada com o Walter dois ou três anos e não aconteceu nada. E as datas parecem coincidir. Acho que tem muito mais probabilidades de ser meu do que do Walter.

– Preferia matar-me a ter um filho seu.

– Ora, deixe-se disso, que disparete. Pois eu ficaria tremendamente feliz e orgulhoso. Sabe, gostava que fosse uma menina. Só tive rapazes com a Dorothy. Mas, sabe uma coisa, não vai ficar na dúvida por muito tempo: os meus três rebentos são a minha cara, sem tirar nem pôr.

Ele tinha recuperado o bom humor e ela sabia porquê. Se a criança fosse dele, mesmo que ela não voltasse a vê-lo, nunca poderia escapar-lhe inteiramente. O seu poder sobre ela persegui-la-ia e ele continuaria, obscura mas definitivamente, a influenciar toda a sua vida.

– Você é mesmo o asno mais vaidoso e petulante que eu tive a desgraça de conhecer – disse ela.

Quando o vapor entrava no porto de Marselha, Kitty, contemplando a bela e escarpada linha da costa iluminada pelo Sol, avistou de repente a estátua dourada da Virgem Santíssima que encima a igreja de Sainte Marie de la Grace como símbolo de segurança para os marinheiros que andam no mar. Lembrou-se como as irmãs do convento de Mei-tan-fu, ao abandonarem para sempre a sua terra natal, se tinham ajoelhado enquanto a imagem se desvanecia na distância até não ser mais do que uma minúscula chama dourada no céu azul e procurado suavizar na oração a dor da separação. E Kitty entrelaçou as mãos numa súplica a uma força que não sabia qual era.

Durante a longa e tranquila viagem não tinha deixado de pensar na coisa horrorosa que lhe tinha acontecido. Não conseguia compreender a sua atitude. Fora tão inesperada. O que lhe teria dado para, desprezando-o, desprezando-o com todo o seu coração, se ter rendido apaixonadamente ao hediondo abraço de Charlie? A raiva invadiu-a e o nojo de si própria era uma obsessão. Sentia que jamais poderia esquecer tal humilhação. E chorou. Porém, à medida que Hong-Kong ia ficando mais distante, descobriu que o seu ressentimento estava insensatamente a perder a vividez de contornos. O que tinha acontecido parecia ter-se passado num outro mundo. Ela era como uma pessoa que foi acometida de um ataque súbito de loucura e, já a recuperar, se sente angustiada e envergonhada das coisas grotescas que só vagamente se lembra de ter feito quando não estava em si. Mas como sabe que não estava em si, sente que, pelo menos aos seus próprios olhos, tem o direito de pedir clemência. Kitty pensava que talvez um coração generoso pudesse apiedar-se dela em vez de a condenar, mas suspirava ao pensar quão calamitosamente a sua autoconfiança tinha sido

destróçada. O caminho parecia estender-se diante dela direito e aplainado, e agora descobria como era tortuoso e pejado de obstáculos. Os espaços amplos e os trágicos e belíssimos pores-do-sol do oceano Índico acalmavam-na. Nesses momentos parecia transportada a um país onde podia possuir a sua alma em liberdade. Se ao menos pudesse recuperar o respeito por si própria a troco de um conflito mais amargo, bem, teria de encontrar coragem para o enfrentar.

O futuro afigurava-se solitário e difícil. Em Port Said tinha recebido uma carta da mãe em resposta ao cabograma. Era uma longa carta escrita na caligrafia grande e elaborada que ensinavam às meninas quando a mãe era jovem. Os ornados eram tão perfeitos que davam a impressão de insinceridade. Mrs. Garstin expressava o seu pesar pela morte de Walter e manifestava adequadamente a sua solidariedade com o sofrimento da filha. Temia que Kitty tivesse ficado numa situação menos desafogada, mas naturalmente o Ministério das Colónias dar-lhe-ia uma pensão. Estava satisfeita por saber que a filha ia voltar para Inglaterra e claro que tinha de ficar em casa dos pais até o filho nascer. Dava depois certas instruções que Kitty deveria seguir à risca e vários pormenores sobre o parto de Doris, a irmã de Kitty. O menino pesava tantos quilos e o avô paterno dizia que nunca tinha visto uma criança mais perfeita. Doris estava outra vez de esperanças e desejavam que fosse outro rapaz, para garantir a sucessão ao título de baronete.

Kitty percebeu que o objectivo da carta era a definição rigorosa da duração do convite. Mrs. Garstin não tinha a mínima intenção de ficar sobrecarregada com uma filha viúva em má situação. Era surpreendente, quando ela recordava como a mãe a tinha idolatrado, que agora, desiludida com ela, a considerasse apenas um empecilho. Como era estranho o relacionamento entre pais e filhos! Quando eram pequenos os pais não viam outra coisa, passavam por agonias de apreensão a cada achaque dos filhos, e os filhos agarravam-se aos pais com amor e adoração; passavam-se alguns anos, os filhos cresciam e pessoas de outro sangue eram então mais importantes para a sua felicidade do que o pai ou a mãe. A indiferença destronava o amor cego e instintivo do passado. Os encontros eram fonte de tédio e irritação. Perturbados outrora só de pensar num mês de separação, eram agora capazes de ansiar com equanimidade por anos de separação. A mãe não precisava de se preocupar: assim que pudesse, trataria de arranjar a sua própria casa. Mas precisava de algum tempo; de momento era tudo muito vago e não conseguia ter nenhuma ideia do que o futuro lhe

reservava: talvez morresse de parto, o que seria a solução para muitos problemas.

Porém, quando atracaram, foram-lhe entregues duas cartas. Ficou surpreendida ao reconhecer a letra do pai: não se lembrava de ele lhe ter escrito alguma vez. Não se mostrava efusivo e começava: querida Kitty. Dizia-lhe que estava a escrever em vez da mãe que se tinha sentido mal e sido obrigada a ir para uma clínica para ser operada. Que Kitty não se preocupasse e mantivesse os planos de viajar por mar; era muito mais dispendioso viajar por terra e para ela seria menos confortável ficar na casa de Harrington Gardens com a mãe ausente. A outra carta era de Doris e começava: Minha querida Kitty, não porque Doris sentisse um afecto especial pela irmã, mas porque era essa a sua maneira de tratar todas as pessoas conhecidas.

Minha querida Kitty,

Espero que o pai te tenha escrito. A mãe teve de fazer uma operação. Parece que andou péssima todo o ano passado, mas tu sabes como ela odeia os médicos e andou a tomar todo o tipo de remédios. Não sei muito bem o que é que ela tem, pois ela insiste em guardar segredo e fica furiosa quando lhe fazemos perguntas. O aspecto é simplesmente terrível e se eu fosse a ti desembarcava em Marselha e vinha o mais depressa possível. Mas não lhe digas que eu te disse para vires, pois ela finge que não tem nada de grave e não quer que chegues antes de ela estar de novo em casa. Já obrigou os médicos a prometer-lhe que lhe dão alta dentro de uma semana. Com muita amizade,

Doris

Lamento profundamente o que aconteceu ao Walter. Coitadinha, deves ter passado por momentos terríveis. Estou morta por te ver de novo. Tem imensa graça termos os bebés ao mesmo tempo. Assim podemos segurar na mão uma da outra.

Perdida em reflexões, Kitty deixou-se ficar mais algum tempo no convés. Não conseguia imaginar a mãe doente. Não se lembrava de a ter visto de outra maneira que não fosse activa e resoluta; e nunca tinha tido paciência para as doenças das outras pessoas. Nisto um criado de bordo veio trazer-lhe um telegrama.

Lamento profundamente informar que a tua mãe faleceu esta manhã.
Pai.

Kitty tocou à campainha da casa de Harrington Gardens. Foi informada de que o pai estava no escritório e foi ter com ele. Abriu a porta devagarinho: ele estava sentado à lareira a ler a última tiragem do jornal da tarde. Ergueu os olhos quando a sentiu entrar, pousou o jornal e levantou-se de um salto, nervoso.

– Oh, Kitty, só esperava que chegasses num comboio mais tardio.

– Pensei que não ia querer ter a maçada de me ir esperar e por isso não mandei dizer a hora a que contava chegar.

Ele ofereceu-lhe a face para ela beijar, num gesto de que ela se lembrava muito bem.

– Estava só a dar uma vista de olhos ao jornal – disse ele. – Há dois dias que não leio o jornal.

Ela percebeu que ele estava a pensar que lhe devia uma explicação por se interessar pelos assuntos do quotidiano.

– Claro – disse ela. – Deve estar exausto. A morte da mãe deve ter sido um grande choque para si.

Estava mais velho e mais magro do que a última vez que o tinha visto – um homem pequenino, mirrado e enrugado, com gestos meticulosos.

– O cirurgião disse que nunca tinha havido qualquer esperança. Há mais de um ano que ela não era a mesma, mas recusava-se a ir ao médico. O cirurgião disse-me que ela devia ter dores permanentes e que era um milagre ter conseguido suportá-las.

– Ela nunca se queixava?

– Dizia que não andava bem, mas nunca se queixou de dores. – Ele calou-se e olhou para Kitty. – Estás muito cansada da viagem?

– Não muito.

- Gostarias de ir lá acima vê-la?
- Ela está aqui?
- Está, trouxeram-na para aqui da clínica.
- Vou sim, vou lá agora.
- Queres que vá contigo?

Havia algo no tom de voz do pai que a fez olhar para ele de repente. A cara dele estava ligeiramente desviada; ele não queria que ela lhe visse os olhos. Kitty tinha adquirido ultimamente muita prática em ler os pensamentos dos outros. Afinal, tinha aplicado dia a dia todas as suas aptidões para adivinhar a partir de uma palavra solta ou de um gesto descuidado os pensamentos ocultos do marido. Adivinhou por isso de imediato o que o pai lhe estava a esconder. Era alívio o que ele sentia, um alívio infinito, e estava com medo de si próprio. Por mais de trinta anos tinha sido um marido fiel e dedicado, nunca tinha pronunciado uma única palavra em detrimento da mulher e agora devia chorar por ela. Sempre fizera as coisas que se esperava que ele fizesse. Teria sido para ele deveras chocante trair-se por um piscar de olhos ou outro mínimo indício e mostrar que não sentia o que um marido inconsolável devia sentir nestas circunstâncias.

– Não, prefiro ir sozinha – disse Kitty.

Subiu as escadas e entrou no quarto espaçoso, frio e pretensioso onde a mãe tinha dormido durante tantos anos. Que bem se lembrava daqueles móveis de mogno, tão pesados, e das gravuras ao estilo de Marcus Stone que adornavam as paredes. Os objectos em cima do toucador estavam dispostos com a rígida precisão que Mrs. Garstin privilegiara a vida inteira. As flores pareciam deslocadas; Mrs. Garstin teria achado uma tolice, afectada e pouco saudável, ter flores no quarto. O seu perfume, no entanto, não encobria aquele cheiro acre e bafiento a lençóis acabados de lavar que Kitty recordava como característico do quarto da mãe.

Mrs. Garstin estava deitada na cama com as mãos cruzadas sobre o peito com uma resignação que em vida a faria ter perdido a paciência. Com as suas feições fortes e afiladas, as faces chupadas do sofrimento e as têmporas encovadas, estava bonita e até majestosa. A morte tinha roubado ao seu rosto toda a mesquinhez, deixando nele apenas uma impressão de carácter. Dir-se-ia uma imperatriz romana. Era estranho, pensava Kitty, que de todas as pessoas mortas que tinha visto esta fosse a única que parecia preservar na morte o ar de que aquele invólucro de barro tinha sido um dia a morada do espírito. Desgosto não conseguia sentir, pois tinha havido demasiado

azedume entre ela e a mãe para lhe ter deixado no coração o sentimento profundo do afecto; e, olhando agora para a jovem que fora outrora, sabia que tinha sido a mãe que tinha feito dela o que agora era. Porém, ao olhar para aquela mulher dura, dominadora e ambiciosa que ali jazia tão serena e silenciosa, com todos os seus mesquinhos objectivos frustrados pela morte, não pôde deixar de sentir uma vaga compaixão. A mãe tinha congeminado e intrigado a vinda inteira, sem nunca desejar algo que não fosse baixo e indigno, e Kitty indagava-se se, num outro plano, ela contemplaria o seu percurso terreno com consternação.

Doris entrou.

– Achei que vinhas neste comboio e apeteceu-me passar por aqui. Não é terrível? Coitadinha, querida mãe.

Irrompendo em lágrimas, Doris atirou-se para os braços de Kitty. Kitty beijou-a. Sabia como a mãe tinha preterido Doris em seu favor e como fora impiedosa por ela ser feia e apagada. Perguntava-se mesmo se Doris sentiria realmente o desgosto extremo que demonstrava. Mas Doris sempre tinha sido emotiva. Quem lhe dera ser capaz de chorar: Doria havia de achar terrivelmente insensível. Mas Kitty achava que tinha sofrido de mais para fingir um desgosto que não sentia.

– Queres vir ver o pai? – perguntou Kitty à irmã, quando o ataque de choro já tinha suavizado.

Doris limpou os olhos. Kitty reparou que a gravidez da irmã lhe tinha engrossado as feições e que, com aquele vestido preto, ela estava com um ar pesado e balofo.

– Não, acho que não. Só vou chorar mais. Coitadinho, está a aguentar-se extraordinariamente bem.

Kitty acompanhou a irmã à porta e voltou para junto do pai. Ele estava agora de pé frente à lareira e o jornal estava impecavelmente dobrado. Queria que ela visse que não tinha voltado a lê-lo.

– Não me vesti para o jantar – disse ele. – Achei que não era preciso.

Jantaram. Mr. Garstin contou a Kitty em pormenor a evolução da doença da mulher e falou da solidariedade dos amigos que lhe tinham escrito (havia pilhas de cartões de pêsames na sua mesa de trabalho e ele suspirava só de pensar na estopada de ter responder a todos) e dos preparativos que tinha feito para o funeral. Em seguida voltaram para o escritório, que era a única divisão da casa com lareira. Mecanicamente, ele tirou o cachimbo de cima da chaminé e começou a enchê-lo; mas depois lançou à filha um olhar céptico e voltou a pousá-lo.

– Não vai fumar? – perguntou ela.

– A tua mãe não gostava muito do cheiro do cachimbo depois do jantar e desde a guerra que não fumo charuto.

A resposta dele atingiu Kitty como uma pontada. Era horrível que um homem de sessenta anos hesitasse se devia ou não fumar o que queria no seu próprio escritório.

– Eu gosto do cheiro do cachimbo – disse ela com um sorriso.

Uma vaga expressão de alívio cruzou o rosto do pai e, pegando outra vez no cachimbo, acendeu-o. Sentaram-se frente a frente, um de cada lado da lareira. Ele sentiu que devia conversar com Kitty sobre os problemas dela.

– Recebeste a carta que a tua mãe te mandou para Port Said, suponho. A notícia da morte do Walter, coitado, foi um grande choque para nós. Eu achava-o um tipo muito simpático.

Kitty não sabia o que dizer.

– A tua mãe disse-me que ias ter um bebé.

– Pois vou.

– E para quando?

– Dentro de quatro meses.

– Vai ser para ti um lenitivo. Tens de ir ver o garoto da Doris. É um miúdo fantástico.

Estavam a conversar com mais distância do que dois estranhos que tivessem acabado de se conhecer, pois se o fossem ele ter-se-ia interessado por ela somente por isso, por mera curiosidade, mas o passado comum erguia-se entre eles como uma muralha. Kitty sabia perfeitamente que nunca tinha feito nada para grangear a afeição do pai, já que ele nunca tinha contado, nunca lhe tinham dado valor – ele era apenas o ganha-pão, sempre um pouco desprezado por não poder proporcionar à família uma vida mais luxuosa; ela tinha partido do princípio de que ele a amava só pelo facto de ser seu pai, e foi um choque descobrir que o seu coração estava vazio de sentimentos por ela. Ela tinha consciência de que todas elas se entediavam com ele, mas nunca lhe tinha ocorrido que ele se mostrasse igualmente entediado. Continuava, como sempre, amável e submisso, mas a melancólica perspicácia que o sofrimento lhe tinha conferido dizia-lhe que, embora ele provavelmente nunca o tivesse admitido e jamais viesse a admiti-lo, no fundo não gostava dela.

O cachimbo não estava a puxar e ele levantou-se para ir procurar qualquer coisa para o espevitar. Ou talvez fosse uma desculpa para esconder o nervosismo.

– A tua mãe queria que ficasses aqui até o bebé nascer e ia até preparar o teu antigo quarto.

– Eu sei. Mas prometo não o incomodar.

– Ah, não é isso. Nas actuais circunstâncias era evidente que o único lugar para vires morar era a casa do teu pai. Mas o que se passa é que acabaram de me oferecer o lugar de juiz do Supremo nas Bahamas e eu aceitei.

– Oh, pai, fico tão contente. Parabéns. Do fundo do coração.

– A oferta chegou tarde de mais para eu poder dar a notícia à tua pobre mãe. Teria sido a grande alegria dela.

Ironias do destino! Depois de tantos esforços, intrigas e humilhações, Mrs. Garstin tinha morrido sem saber que a sua grande ambição, apesar de modificada por anteriores desapontamentos, tinha sido finalmente alcançada.

– Parto no início do próximo mês. Naturalmente esta casa vai ser entregue ao agente imobiliário e a minha intenção era vender também a mobília. Lamento não poder dizer-te para ficares aqui, mas se quiseres alguns móveis para mobiliares o teu apartamento ofereço-tos com muito

prazer.

Kitty fixou as chamas. O coração batia acelerado; era curioso que de repente se estivesse a sentir tão nervosa. Mas, por fim, obrigou-se a falar. Fê-lo com um leve tremor na voz.

– Eu não podia ir consigo, pai?

– Tu? Oh, minha querida Kitty. – O semblante ensombrou-se-lhe. Ela tinha ouvido muitas vezes esta expressão, mas considerava-a apenas uma frase e agora, pela primeira vez na vida, viu o movimento que ela descrevia, e era tão marcado que a assustou. – Todos os teus amigos estão aqui. A Doris está aqui. Ia jurar que te sentirias muito mais feliz alugando um andar em Londres. Não sei exactamente em que circunstâncias ficaste, mas tenho muito prazer em pagar a renda.

– Tenho dinheiro suficiente para viver.

– Eu vou para um lugar desconhecido. Não sei que condições me esperam.

– Estou habituada a lugares desconhecidos. E Londres não significa nada para mim. Aqui até me custa respirar.

Ele fechou momentaneamente os olhos e ela pensou que ele fosse chorar. O seu rosto era a expressão da extrema infelicidade. Até lhe fez doer o coração. Ela é que tinha razão, a morte da mulher tinha sido para ele um grande alívio e agora a oportunidade de romper inteiramente com o passado tinha vindo oferecer-lhe a liberdade. Ele tinha visto uma nova vida à sua frente e, agora, ao fim de tantos anos, o descanso e uma miragem de felicidade. Kitty pôde vislumbrar todo o sofrimento que durante trinta anos lhe consumira o coração. Finalmente, ele abriu os olhos e não conseguiu evitar o suspiro que lhe escapou.

– Claro que se quiseses vir comigo, fico muito contente.

Era deplorável. A luta tinha sido curta e ele tinha-se rendido ao sentido do dever. Com aquelas breves palavras abandonava todas as suas esperanças. Ela levantou-se da cadeira e, aproximando-se dele, ajoelhou-se e pegou-lhe nas mãos.

– Não, meu pai, só quero ir se me quiser lá. Já se sacrificou de mais. Se quer ir sozinho, vá. Não pense em mim nem por um minuto.

Ele libertou uma mão e afagou-lhe os belos cabelos.

– Claro que te quero lá, minha querida. Afinal sou teu pai e tu estás viúva e sozinha. Se tu queres viver comigo, seria muito cruel da minha parte dizer que não.

– Mas é exactamente isso, eu não lhe exijo nada por ser sua filha, o pai

não me deve nada.

– Oh, minha querida filha.

– Nada – repetiu ela com veemência. – Sinto um aperto no coração quando penso como nos aproveitámos de si toda a vida sem lhe dar nada em troca, nem sequer um pouco de afecto. Receio que não tenha tido uma vida muito feliz. Não quer deixar-me agora recompensá-lo um pouco por tudo o que não lhe dei no passado?

Ele franziu ligeiramente o sobrolho. A emotividade dela deixava-o algo embaraçado.

– Não entendo o que queres dizer. Nunca tive queixas a teu respeito.

– Oh, pai, eu passei por tanta coisa, fui tão infeliz. Já não sou a Kitty que era quando me fui embora. Estou terrivelmente fraca, mas não creio que seja a pessoa desprezível que era nessa altura. Não me quer dar uma oportunidade? Não tenho mais ninguém no mundo a não ser o senhor. Não quer deixar-me fazer com que me ame? Oh, pai, estou tão sozinha e tão infeliz; e preciso tanto do seu amor.

Kitty enterrou a cara no colo e chorou como se lhe estivessem a rasgar o coração.

– Oh, minha Kitty, minha pequenina – murmurou ele.

Ela levantou os olhos e lançou os braços à volta do seu pescoço.

– Oh, pai, seja generoso comigo. Vamos ser generosos um com o outro.

Ele beijou-a, nos lábios, como um amante faria, e tinha as faces molhadas de lágrimas.

– Claro que vens comigo.

– Quer que eu vá? Quer mesmo que eu vá?

– Quero.

– Fico-lhe tão grata.

– Oh, minha querida, não digas uma coisa dessas, que fico sem saber o que dizer.

O pai pegou no lenço e limpou-lhe os olhos, sorrindo de uma maneira que ela nunca tinha visto antes. E mais uma vez ela lançou os braços à volta do seu pescoço.

– Vamos divertir-nos tanto, meu querido pai. Nem imagina como vai ser animada a nossa vida.

– Não te esqueceste que vais ter um bebé?

– Estou muito contente por ela ir nascer lá longe, a ouvir o mar e debaixo de um imenso céu azul.

– Quer dizer que já decidiste o sexo? – murmurou ele com o seu sorriso

seco e tímido.

– Quero uma menina, porque quero educá-la para não cometer os erros que eu cometi. Quando olho para trás, para a jovem que eu fui, odeio o que vejo. Mas eu nunca tive alternativa. Vou educar a minha filha para ser livre e capaz de caminhar pelos próprios pés. Não vou trazer uma criança ao mundo, amá-la e educá-la para que um homem qualquer queira tanto dormir com ela que esteja na disposição de lhe dar cama e mesa para o resto da vida.

Kitty sentiu o pai ficar tenso. Ele nunca tinha falado destas coisas e chocava-o ouvir tais palavras da boca da filha.

– Deixe-me ser franca ao menos uma vez, meu pai. Eu fui uma tonta perversa e detestável. E fui terrivelmente castigada. Estou determinada a salvar a minha filha de tudo isso. Quero que ela seja franca e destemida. Quero que seja uma pessoa, independente das outras, porque se basta a si própria, e quero que enfrente a vida como um homem livre e se saia dessa empreitada bem melhor do que eu.

– Esta agora, minha querida, falas como se tivesses cinquenta anos. Tens uma vida inteira à tua frente. Não podes ser tão pessimista.

Kitty abanou a cabeça e, lentamente, esboçou um sorriso.

– Não sou. Tenho esperança e coragem.

O passado estava acabado; os mortos que enterrassem os seus mortos. Seria isto ser terrivelmente insensível? Ela esperava de todo o coração ter aprendido a compaixão e a caridade. Não sabia o que o futuro lhe reservava, mas sentia-se com forças para aceitar o que quer que viesse de espírito leve e otimista. E então, subitamente e por qualquer razão desconhecida, das profundezas do seu inconsciente emergiu uma reminiscência da viagem que tinha feito, ela e o malogrado Walter, até à cidade empestada onde ele tinha encontrado a morte: uma manhã partiram nas liteiras quando ainda estava escuro e, à medida que o dia clareava, ela imaginou, mais do que realmente viu, uma cena de tão arrebatadora beleza que por breves instantes suavizou a angústia que lhe invadia o coração, reduzindo à insignificância todo o sofrimento humano. O sol ergueu-se, dissipando a neblina e ela viu, serpenteando pelo meio dos arrozais até onde a vista alcançava, atravessando um riacho e continuando por terrenos acidentados, o caminho que deveriam seguir: talvez os seus erros e loucuras, a infelicidade que sofrera, não fossem inteiramente em vão se ela fosse capaz de trilhar o caminho que agora vagamente discernia à sua frente, não o caminho de que o pândego do Waddington falara e que não

levava a lado nenhum, mas o caminho tão humildemente trilhado por aquelas queridas freiras do convento, o caminho que levava à paz.